JOE ABERCROMBIE



MEIA GUERRA

MAR DESPEDAÇADO 3

ARQUEIRO

Meia Guerra



O Arqueiro

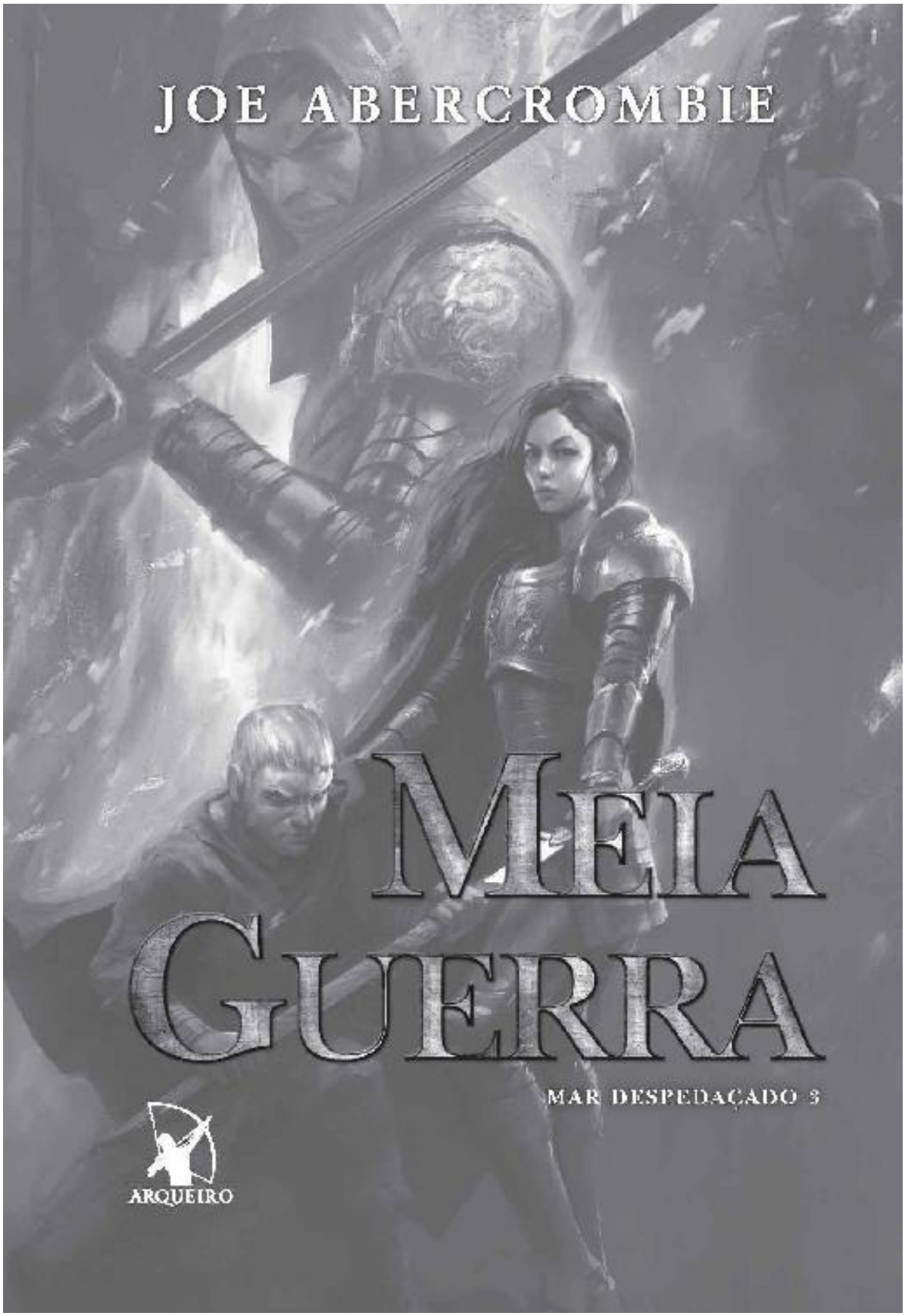
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


JOE ABERCROMBIE
MEIA GUERRA
MAR DESPEDAÇADO 3
ARQUEIRO

Título original: *Half a War*
Copyright © 2015 por Joe Abercrombie
Copyright do mapa e da ilustração do Promontório de Bail © 2015 por Nicolette Caven
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Mariana Rimoli e Rafaella Lemos

projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

imagem de capa: Jon McCoy Art

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

foto do autor: © Lou Abercrombie

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A126m

Abercrombie, Joe
Meia guerra [recurso eletrônico]/ Joe Abercrombie; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Mar despedaçado; 3)

Tradução de: Half a war
Sequência de: Meio mundo
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-743-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

17-42675

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Teddy

O homem que está numa soleira desconhecida
Deve ter cautela antes de atravessá-la,
Olhar para um lado e para o outro:
Quem sabe de antemão que inimigos
Podem estar esperando no salão?

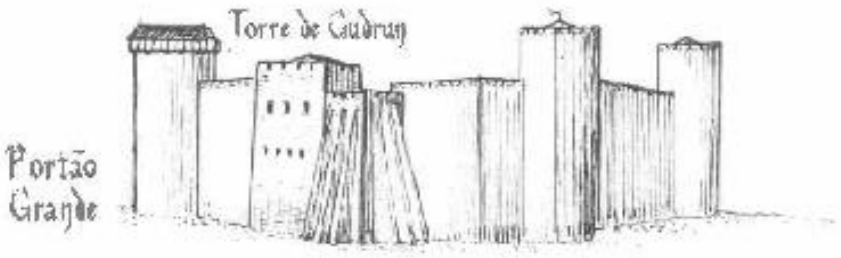
Hávamál, as Palavras do Altíssimo

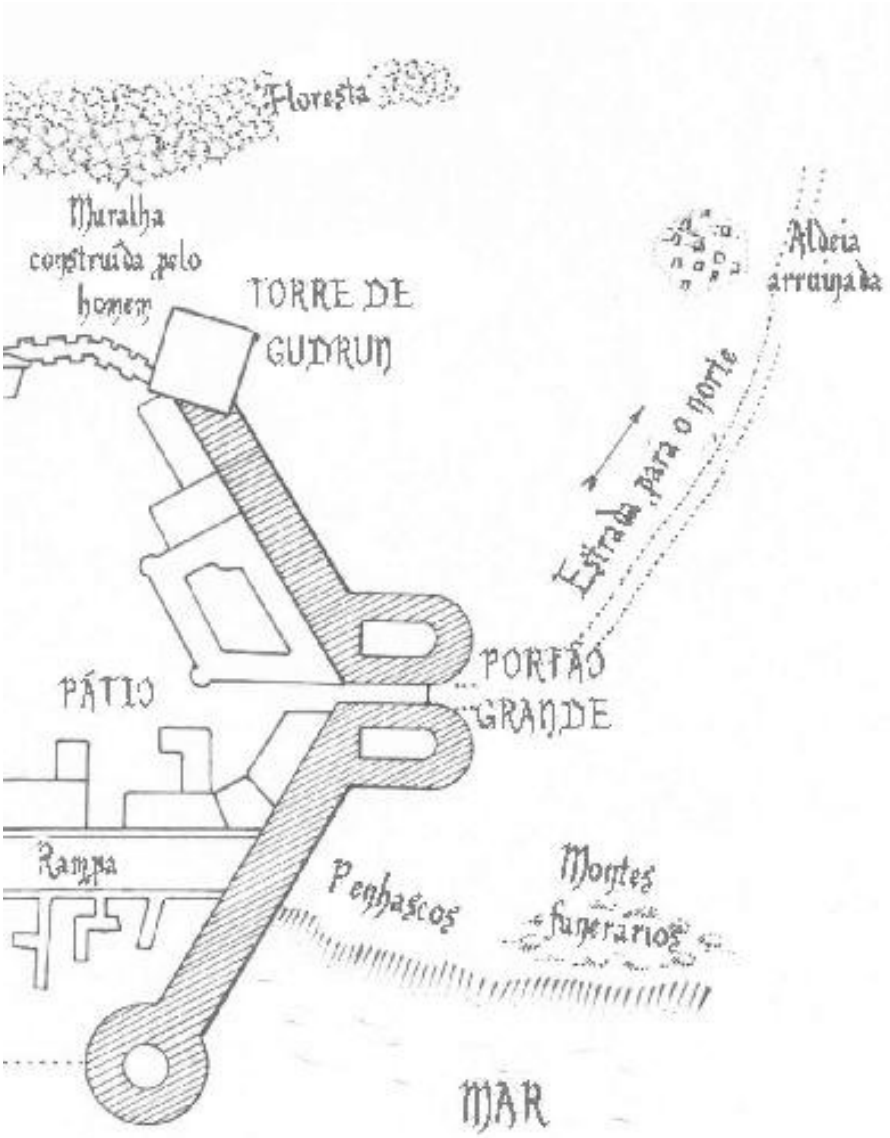
Planta do

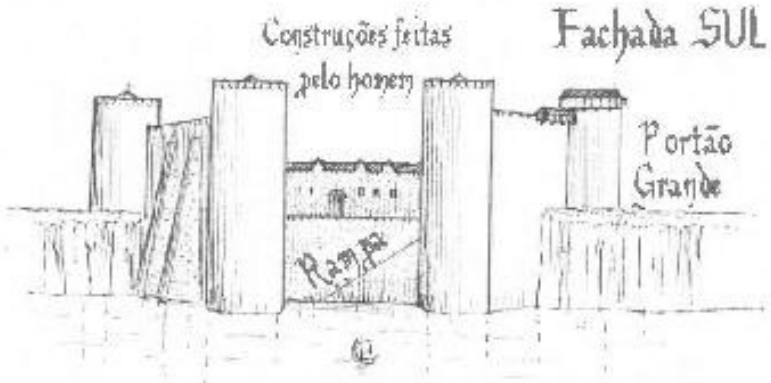
PROMONTÓRIO DE BAIL



Fachada NORTE

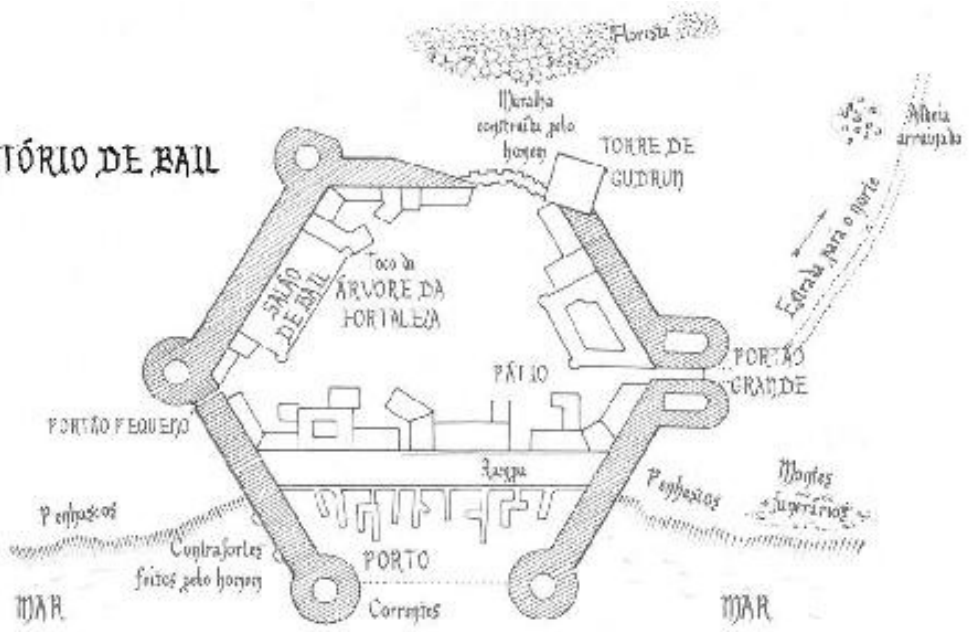



Floresta
Muralha construída pelo homem
TORRE DE GUDRUN
Aldeia arruinada
Estrada para o norte
PÁTIO
PORTÃO GRANDE
Rampa
Penhascos
Montes funerários
MAR

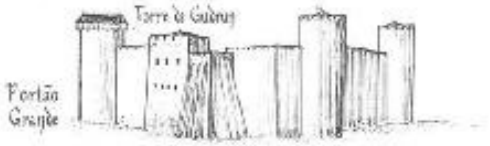

Construções feitas pelo homem
Fachada SUL
Portão Grande
Rampa

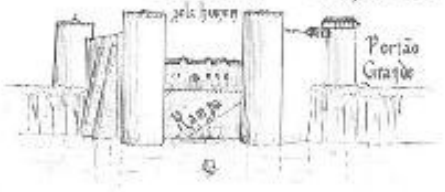
Planta do

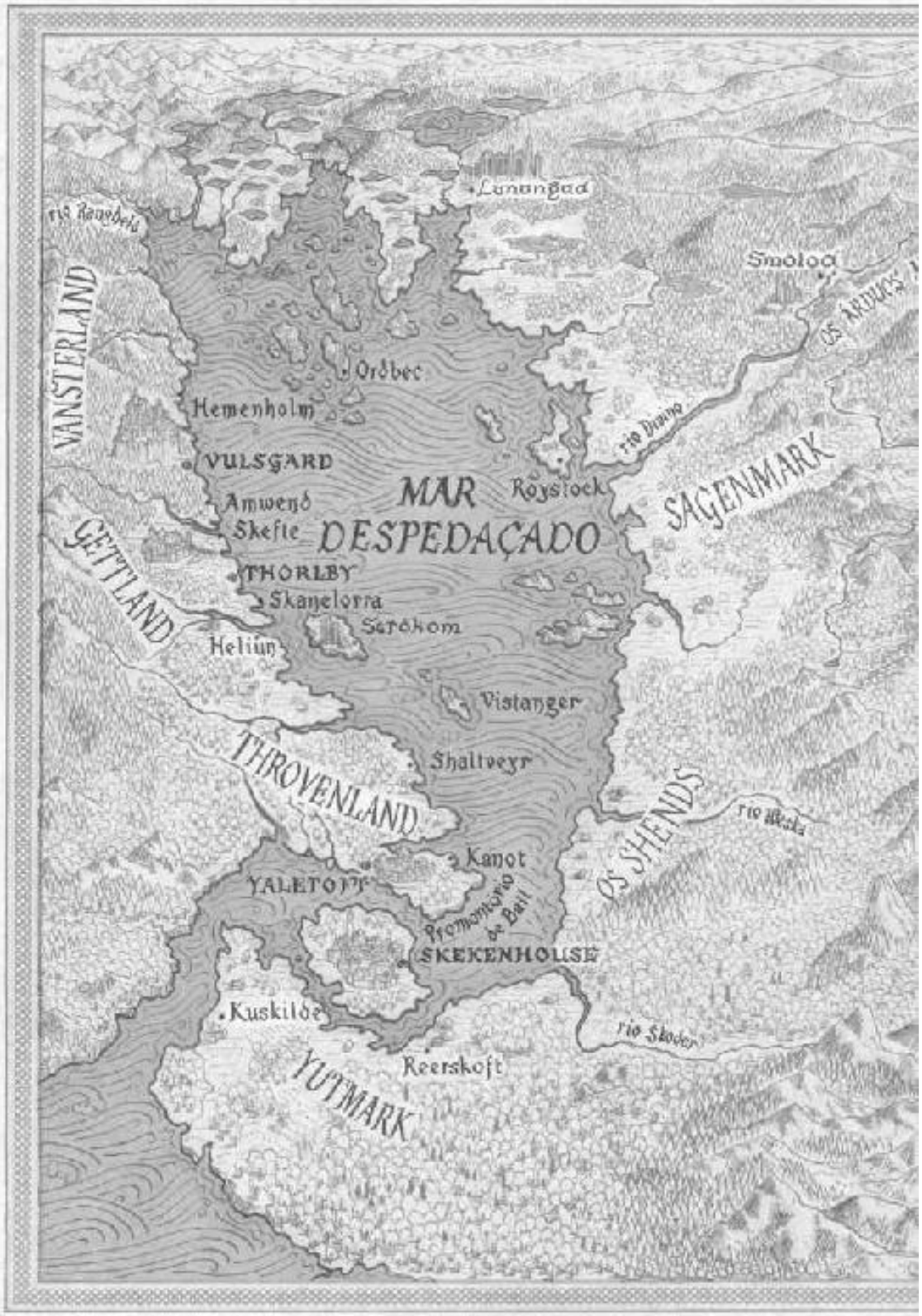
PROMONTÓRIO DE BAIL



Fachada NORTE






Lunangad
Smoloq
Orôbec
Hemenholm
VULSGARD
Amwenô
Skefle
THORLEY
Skanelorra
Heliun
Serokom
MAR
DESPEDAÇADO
Roystock
Vistanger
Shaltveyr
Kanot
YALETOTT
Promontorio de Bail
SKEKENHOUSE
Kuskilde
Reerskoft
VANSTERLAND
GETTLAND
THROVENLAND
YUTMARK
SAGENMARK
OS SHENDS
rio Dnano
rio Skoden


N
rio Renegado
Sernirio
rio Renegado
KALYIP
Hadorsi
Shomel
Zatyr
MAR
DOURADO
Akhman
Sankar
PRIMEIRA
CIDADE
Camnan
Istas
MAR DOS
SONHOS
Ulsareen
Jis
Ostrisa
IMPÉRIO DO SUL


MAR
DESPEDAÇADO
SÆGENMARK
MAR
DOURADO
VANSTERLAND
SKYTTLAND
THROVENLAND
YUTMARK
OS SHENUS
PRIMEIRA
CIDADE
MAR DOS
SONHOS
IMPÉRIO DO SUL
THORLEY
SKEKENHOLME
NAUTS
Hadorat

I

PALAVRAS SÃO ARMAS

A queda

– Perdemos – disse o rei Fynn, fitando sua cerveja.

Enquanto examinava o salão vazio, Skara soube que não havia como negar. No verão anterior, os heróis reunidos tinham se exaltado com suas fanfarronices sedentas de sangue, suas canções de glória, suas promessas de vitória sobre a turba do Rei Supremo.

Como acontece frequentemente com os homens, mostraram-se mais ferozes falando do que lutando. Depois de alguns meses preguiçosos, inglórios e sem lucro, foram se afastando um a um, deixando um punhado dos menos sortudos em volta do grande buraco do fogo, cujas chamas iam ficando tão baixas quanto as fortunas de Throvenland. Antigamente a Floresta de muitas colunas ficava apinhada de guerreiros, mas agora estava povoada por sombras, repleta de decepções.

Tinham perdido. E nem tinham chegado a travar uma batalha.

Mãe Kyre, claro, via tudo de modo diferente.

– Chegamos a um acordo, meu rei – corrigiu ela, mordiscando a carne meticulosamente como uma égua velha diante de um fardo de feno.

– Acordo? – Skara esfaqueou furiosamente a comida intocada. – Meu pai morreu para sustentar o Promontório de Bail e você entregou a chave a avó Wexen sem que um único soco fosse dado. Você prometeu passagem livre por nossas terras aos guerreiros do Rei Supremo! Como acha que seria “perder”?

Mãe Kyre encarou Skara com a calma enfurecedora de sempre.

– Seu avô morto e enterrado, as mulheres de Yaletoft chorando junto aos cadáveres dos filhos, este salão transformado em cinzas e você, princesa, usando uma argola de escrava presa por uma corrente ao trono do Rei Supremo. É *assim* que eu acho que seria “perder”. Por isso é que digo que *chegamos a um acordo.*

Despido de seu orgulho, o rei Fynn estava frouxo como uma vela sem mastro. Skara sempre havia pensado que o avô era invencível, tanto quanto o Pai Terra. Não suportava vê-lo assim. Ou talvez não suportasse ver como sua crença nele tinha sido infantil.

Observou-o tomar mais cerveja, arrotar e empurrar a taça dourada para o lado, para que a enchessem de novo.

– O que você diz, Jenner, o Azul?

– Diante de pessoas tão nobres, meu rei, o mínimo que eu puder.

Jenner era um velho pedinte astuto, mais adepto da pirataria do que do comércio, o rosto cinzelado e marcado tão grosseiramente quanto uma velha carranca de proa. Se Skara estivesse no comando, ele não teria permissão de atracar em seu cais, quanto mais de estar em sua mesa elevada.

Mãe Kyre, claro, via tudo de modo diferente.

– Um capitão é como um rei, mas de um navio, e não de um país. Sua experiência poderia beneficiar a princesa Skara.

Que indignidade!

– Uma lição de política vinda de um pirata – murmurou Skara. – E nem mesmo um pirata bem-sucedido.

– Não murmure. Quantas horas passei lhe ensinando o modo certo de uma princesa falar? De uma rainha falar? – Mãe Kyre ergueu o queixo e fez sua voz ecoar sem esforço nos caibros do teto. – Se acha que seus pensamentos devem ser ouvidos, pronuncie-os com orgulho, mande-os até cada canto da câmara, preencha o salão com suas esperanças e desejos e faça com que cada ouvinte os compartilhe! Se tem vergonha de seus pensamentos, é melhor ficar em silêncio. Um sorriso não custa nada. O que você estava dizendo mesmo? – perguntou ela ao pirata.

– Bom... – Jenner coçou os poucos fios grisalhos que ainda se agarravam ao crânio manchado de sol, evidentemente um lugar que os pentes desconheciam. – Avó Wexen esmagou a rebelião nas Terras Baixas.

– Com a ajuda daquele cão dela, Yilling, o Brilhante, que não adora nenhum deus a não ser a Morte. – O avô de Skara pegou sua taça enquanto o escravo ainda servia, fazendo a cerveja se derramar na mesa. – Dizem que ele pôs uma fileira de homens enforcados por toda a estrada até Skekenhouse.

– Os olhos do Rei Supremo se voltam para o norte – continuou Jenner. – Ele está decidido a fazer com que Uthil e Grom-gil-Gorm se ajoelhem, e Throvenland...

– Está no caminho – concluiu mãe Kyre. – Não afrouxe o corpo, Skara, não é adequado.

Skara fechou a cara, mas ainda assim elevou os ombros um pouco pelo encosto da cadeira, mais perto da pose horrivelmente artificial, rígida feito tábua, de pescoço esticado, que a ministra aprovava. *Sente-se como se tivesse uma faca no pescoço,* ela sempre dizia. *O papel de uma princesa é não estar confortável.*

– Sou um homem acostumado a viver livre e não amo avó Wexen nem sua Divindade Única, nem seus impostos, nem suas regras. – Jenner esfregou o maxilar torto, parecendo lamentar. – Mas, quando a Mãe Oceano instiga a tempestade, um capitão faz o que precisa para salvar o que puder. A liberdade não vale nada para os mortos. O orgulho vale pouco até mesmo para os vivos.

– Sábias palavras. – Mãe Kyre balançou o dedo para Skara. – Os derrotados podem vencer no futuro. Os mortos perderam para sempre.

– É difícil distinguir sabedoria de covardia – reagiu Skara rispidamente.

A ministra trincou os dentes.

– Juro que eu lhe ensinei modos mais sensatos, a não insultar um convidado. A nobreza não é demonstrada pelo respeito que damos aos mais elevados, mas pelo respeito que dedicamos aos mais baixos. Palavras são armas. Devem ser manuseadas com o cuidado adequado.

Jenner descartou gentilmente qualquer insinuação de ofensa.

– Sem dúvida a princesa Skara tem o direito de dizer isso. Conheci muitos homens mais corajosos do que eu. – Ele deu um sorriso triste, exibindo dentes tortos com várias falhas. – E vi a maioria ser enterrada, um a um.

– Coragem e vida longa raramente andam juntas – comentou o rei, esvaziando a taça de novo.

– Reis e cerveja também não deveriam andar – retrucou Skara.

– Não me resta nada além da cerveja, minha neta. Meus guerreiros me abandonaram. Meus aliados me deixaram. Fizeram juramentos de tempo bom, firmes como carvalho enquanto a Mãe Sol brilhava, e definharam quando as nuvens apareceram.

Isso não era segredo. Dia após dia, Skara tinha observado as docas, ansiosa para ver quantos navios o rei de ferro Uthil, de Gettland, traria, quantos guerreiros acompanhariam o famoso Grom-gil-Gorm, de Vansterland. Dia após dia, as folhas brotavam, depois lançavam uma sombra pintalgada, em seguida ficavam marrons e caíam. Eles nunca vieram.

– A lealdade é comum entre os cães, porém rara entre os homens – afirmou mãe Kyre. – Um plano que dependa da lealdade é pior do que plano nenhum.

– E um plano que dependa da covardia? – perguntou Skara.

O avô se virou para ela com olhos enevoados e hálito de cerveja, parecendo muito velho. Velho e derrotado.

– Você sempre foi corajosa, Skara. Mais do que eu. Sem dúvida o sangue de Bail corre nas suas veias.

– Seu sangue também, meu rei! O senhor sempre me disse que apenas meia guerra é travada com espadas. A outra metade é travada aqui.

Skara pressionou um dedo contra a lateral da cabeça com tanta força que doeu.

– Você sempre foi inteligente, Skara. Mais do que eu. Os deuses sabem que você pode convencer os pássaros a descerem do céu quando isso lhe interessa. Trave essa meia guerra, então. Use sua astúcia profunda para mandar os exércitos do Rei Supremo embora e salvar nossa terra e nosso povo da espada de Yilling, o Brilhante. Isso pode me poupar da vergonha das condições impostas por avó Wexen.

Com o rosto queimando, Skara olhou para o chão forrado de palha.

– Eu gostaria de poder fazer isso.

Mas, mesmo com o sangue de Bail, ela era uma garota de dezessete invernos e sua cabeça não tinha respostas de heroína.

– Sinto muito, vovô.

– Eu também, criança. – O rei Fynn arriou o corpo de novo e sinalizou pedindo mais cerveja. – Eu também.

– Skara.

A princesa foi arrancada dos sonhos perturbados direto para a escuridão, com o rosto fantasmagórico de mãe Kyre à luz de uma vela bruxuleante.

– Skara, levante-se.

Ela empurrou as peles para longe, desajeitada de sono. Havia sons estranhos lá fora. Gritos e risos.

Skara esfregou os olhos.

– O que é?

– Você precisa ir com Jenner, o Azul.

Então Skara viu o mercador espreitando junto à porta do quarto. Uma figura negra, de cabeça desgrenhada, olhos voltados para o chão.

– O quê?

Mãe Kyre puxou-a pelo braço.

– Você precisa ir *agora*.

Skara ia argumentar. Como sempre. Então viu a expressão da ministra, que a fez obedecer sem dizer uma palavra. Nunca tinha visto mãe Kyre com medo antes.

Não havia mais risos lá fora. Eram choros. Vozes exaltadas.

– O que está acontecendo? – conseguiu perguntar, rouca.

– Cometi um erro terrível. – Os olhos de mãe Kyre se viraram bruscamente na direção da porta e voltaram. – Confiei em avó Wexen.

Ela torceu o bracelete de ouro do braço de Skara, arrancando-o. O bracelete que Bail, o Construtor, tinha usado uma vez em batalha, o rubi escuro como sangue recém-derramado cintilando à luz da vela.

– Isso é para você. – Ela o estendeu para Jenner. – Se jurar levá-la em segurança a Thorlby.

O pirata olhou para cima, culpado, enquanto pegava a joia.

– Juro. Um juramento solar e um juramento lunar.

Mãe Kyre apertou as mãos de Skara com uma força dolorosa.

– Aconteça o que acontecer, você deve viver. Esse é o seu dever agora. Deve viver e deve liderar. Deve lutar por Throvenland. Deve defender o povo daqui se... se não houver mais ninguém.

A garganta de Skara estava tão apertada de medo que ela mal conseguia falar.

– Lutar? Mas...

– Eu lhe ensinei como. Tentei ensinar. Palavras são armas. – A ministra enxugou o rosto de Skara, lágrimas que ela nem tinha percebido que havia derramado. – Seu avô estava certo: você é corajosa e inteligente. Mas agora

precisa ser forte. Você não é mais criança. Lembre-se sempre: o sangue de Bail corre nas suas veias. Agora vá.

Skara foi andando descalça pela escuridão, atrás de Jenner, o Azul, tremendo na camisola fina. As lições de mãe Kyre estavam enraizadas tão profundamente que, mesmo enquanto temia pela vida, ela se preocupava, pensando se estava vestida de forma adequada. Chamas além das janelas estreitas lançavam sombras que golpeavam o chão coberto de palha. Ouviu gritos de pânico. Um cachorro latindo, interrompido de súbito. Uma pancada forte como a de uma árvore sendo derrubada.

Como de machados na porta.

Entraram no quarto de hóspedes, onde guerreiros tinham dormido ombro a ombro alguns meses antes. Agora só havia o cobertor puído de Jenner.

– O que está acontecendo? – sussurrou ela, mal reconhecendo a própria voz, que saía tão fina e falha.

– Yilling, o Brilhante, veio com seus Companheiros cobrar as dívidas para avó Wexen. Yaletoft já está pegando fogo. Sinto muito, princesa.

Skara se retraiu no momento em que Jenner passou alguma coisa em volta do pescoço dela. Uma argola de prata torcida, com uma corrente fina que tilintava debilmente. Do tipo que a garota ingling que costumava prender seu cabelo usava.

– Sou escrava? – sussurrou ela enquanto Jenner prendia a outra ponta em seu pulso.

– Deve parecer que é.

Skara se encolheu ao ouvir um estrondo lá fora, o choque de metal, e Jenner a comprimiu contra a parede. Ele soprou a vela, deixando-os na escuridão, e sacou uma lâmina, com o Pai Lua brilhando no gume.

Agora havia uivos do outro lado da porta, agudos e horríveis, ruídos de feras, e não vozes de homens. Skara fechou os olhos com força, as lágrimas ardendo nas pálpebras, e rezou. Orações murmuradas, gaguejantes, sem sentido. Orações para todos os deuses e para deus nenhum.

É fácil ser corajoso quando a Última Porta parece minúscula devido à distância, uma coisa remota que não preocupava. Agora Skara sentia no pescoço o hálito gelado da Morte, que congelava sua coragem. Com que liberdade tinha falado de covardia na noite anterior! Agora entendia o que era.

Um último berro longo, depois um silêncio quase pior do que o som havia sido. Sentiu-se puxada para a frente, com o bafo rançoso de Jenner no rosto.

– Precisamos ir.

– Estou com medo – sussurrou ela.

– Eu também. Mas, se os encararmos com ousadia, podemos convencê-los a nos deixar sair livres. Já se nos encontrarem escondidos...

Você só pode dominar os temores enfrentando-os, costumava dizer seu avô. *Esconda-se e eles a dominam*. Jenner abriu uma fresta na porta e Skara se obrigou a passar atrás dele, as pernas tremendo tanto que os joelhos quase se chocavam.

Os pés descalços da princesa escorregaram em algo úmido. Um homem morto estava sentado do lado de fora da porta, a palha ao seu redor negra de sangue.

Borid era o nome dele. Um guerreiro que tinha servido ao pai de Skara. Tinha carregado a jovem nos ombros quando ela era pequena para poder alcançar os pêssegos no pomar embaixo das muralhas do Promontório de Bail.

O olhar ardente de Skara se virou na direção do som de vozes. Enxergou armas quebradas e escudos rachados. E mais cadáveres, encurvados, esparramados, arreganhados em meio às colunas esculpidas que davam o nome de Floresta ao salão do avô.

Figuras se reuniam à luz da fogueira meio apagada. Guerreiros célebres, cotas de malha, armas e argolas-dinheiro reluzindo com as cores do fogo, as sombras grandes se estendendo pelo piso na direção dela.

Mãe Kyre estava entre eles e o avô de Skara também, com a malha mal ajustada, vestida às pressas, o cabelo grisalho ainda revolto da cama. Sorrindo afavelmente junto aos dois prisioneiros estava um guerreiro esguio, com o rosto suave e bonito despreocupado como o de uma criança. Ao seu redor, havia um espaço onde nem os outros matadores ousavam pisar.

Yilling, o Brilhante, que não adorava nenhum deus a não ser a Morte.

Sua voz ecoou vivamente no salão vasto.

– Eu esperava prestar meus respeitos à princesa Skara.

– Ela está com a prima Laithlin – disse mãe Kyre. A mesma voz que tinha calmamente ensinado, corrigido e censurado Skara em todos os dias de sua vida, mas agora com um tremor aterrorizado. – Onde você jamais vai alcançá-la.

– Ah, vamos alcançá-la, sim – afirmou um dos guerreiros de Yilling, um homem enorme com o pescoço largo como o de um touro.

– Logo, logo, mãe Kyre, logo, logo – falou outro, com uma lança alta e uma trombeta no cinto.

– O rei Uthil virá – disse ela. – Vai queimar seus navios e empurrar vocês de volta para o mar.

– Como ele vai queimar meus navios se eles estão em segurança atrás das grandes correntes do Promontório de Bail? – perguntou Yilling. – As correntes cuja chave você me deu.

– Grom-gil-Gorm virá – continuou ela, mas sua voz tinha se tornado quase um sussurro.

– Espero que sim. – Yilling estendeu as mãos e, com grande gentileza, empurrou os cabelos de mãe Kyre para trás, por cima dos ombros. – Só que já será tarde demais para vocês.

Yilling desembainhou uma espada que tinha um grande diamante preso a uma garra de ouro no lugar do botão, o aço espelhado cintilando tão brilhante na escuridão que deixou uma mancha branca na visão de Skara.

– A Morte espera por todos nós.

O rei Fynn respirou longamente pelo nariz e se empertigou com orgulho. Um vislumbre do homem que ele tinha sido. Perscrutou o salão em volta e, por entre as colunas, captou o olhar de Skara. Pareceu a ela que o avô deu o menor dos sorrisos. Depois se ajoelhou.

– Hoje você mata um rei.

Yilling deu de ombros.

– Reis, camponeses... Todos somos iguais para a Morte.

Então golpeou o avô de Skara no ponto em que o pescoço encontra o ombro, a lâmina se projetando até o punho e de volta, veloz e mortal como um raio. O rei Fynn soltou apenas um guincho seco e tombou com o rosto para a frente no buraco do fogo. Skara ficou imóvel, a respiração travada, a mente travada.

Mãe Kyre fitou o cadáver de seu senhor.

– Avó Wexen me p-prometeu – gaguejou ela.

Plic plac, *plic plac*, o sangue pingava da ponta da espada de Yilling.

– Só os fracos se sentem presos pelas promessas.

Ele girou, ágil como um dançarino, o aço reluzindo nas sombras. Houve um jorro negro e a cabeça de mãe Kyre rolou pelo chão, o corpo tombando como se não tivesse nenhum osso.

Skara ofegou, trêmula. Só podia ser um pesadelo. Um delírio febril. Queria se deitar. Suas pálpebras estremeceram, o corpo se afrouxou, mas a mão de Jenner estava em volta do seu braço, apertando-o dolorosamente.

– Você é uma escrava – sibilou ele, dando-lhe um puxão forte. – Não diz nada. Não entende nada.

Ela tentou acalmar a respiração chorosa enquanto passos leves vinham na direção dos dois. Ao longe, alguém tinha começado a gritar e não parava.

– Ora, ora – disse a voz suave de Yilling. – Esses dois não são daqui.

– Não, senhor. Meu nome é Jenner, o Azul.

Skara não conseguia compreender como ele era capaz de parecer tão amistoso, firme e razoável. Se ela tivesse aberto a boca, tudo que sairia seriam soluços.

– Sou mercador e tenho a licença do Rei Supremo – continuou Jenner. – Acabo de voltar pelo rio Divino. Estávamos indo para Skekenhouse e fomos tirados do curso por uma tempestade.

– Você deve ter feito amizade rápido com o rei Fynn, para ser hóspede no castelo.

– Um mercador sábio é amigo de todos, senhor.

– Você está suando, Jenner.

– Honestamente, o senhor me aterroriza.

– É mesmo um mercador sábio.

Skara sentiu um toque suave sob o queixo e sua cabeça foi inclinada para trás. Fitou o rosto do homem que tinha acabado de assassinar as duas pessoas que a haviam criado, com o sorriso ainda sujo do sangue deles, perto o suficiente para que ela conseguisse contar as sardas em seu nariz.

Yilling esticou os lábios grossos e soltou um assobio agudo.

– E comerciante de boas mercadorias.

O homem passou a mão pelo cabelo de Skara, enrolou uma mecha nos dedos compridos e puxou, de modo que seu polegar roçou no rosto dela.

Você deve viver e deve liderar. Ela sufocou o medo. Sufocou o ódio. Forçou o rosto a ficar inexpressivo. Um rosto de escrava, sem demonstrar nada.

– Você trocaria isso comigo, mercador? – perguntou Yilling. – Pela sua vida, talvez?

– Faria isso com alegria, senhor – respondeu Jenner.

Skara sabia que mãe Kyre era idiota em confiar nesse patife. Respirou fundo, prestes a xingá-lo, e os dedos nodosos dele apertaram seu braço com ainda mais força.

– Mas não posso – acrescentou Jenner.

– Pela minha experiência, e eu tenho muita experiência bem sangrenta... – Yilling ergueu a espada rubra e a encostou no rosto dele, como uma menina faria com sua boneca predileta, o diamante do botão flamejando em fagulhas vermelhas, cor de laranja e amarelas. – Uma lâmina afiada corta toda uma corda feita de “não posso”.

O calombo na garganta grisalha de Jenner subiu e desceu enquanto ele engolia em seco.

– Ela não é minha, não posso vendê-la. É um presente. Do príncipe Varoslaf de Kalyiv para o Rei Supremo.

– Eca. – Yilling baixou a espada lentamente, deixando uma mancha longa e vermelha no rosto de Jenner. – Ouvi dizer que Varoslaf é temido pelos homens sábios.

– Ele tem pouquíssimo senso de humor, é verdade.

– À medida que o poder do homem cresce, seu bom humor encolhe. – Yilling franziu a testa, fitando a trilha de pegadas sangrentas que tinha deixado entre as colunas. Entre os cadáveres. – O Rei Supremo também é assim. Não seria prudente pegar um presente trocado entre os dois.

– Foi exatamente o que pensei por todo o caminho desde Kalyiv – disse Jenner.

Yilling estalou os dedos com um ruído igual ao de uma chicotada, os olhos subitamente luminosos com entusiasmo juvenil.

– Eis o que penso! Vamos jogar uma moeda. Se der cara, você pode levar essa coisinha bonita para Skekenhouse e deixar que ela lave os pés do Rei Supremo. Se der coroa, eu mato você e faço um uso melhor dela. – Ele deu um tapa no ombro de Jenner. – O que diz, meu novo amigo?

– Digo que avó Wexen pode tomar essa atitude como uma ofensa.

– Ela toma tudo como ofensa. – Yilling deu um sorriso largo, a pele lisa em volta dos olhos se enrugando com vincos amistosos. – Mas eu me curvo à vontade de apenas uma mulher. Não de avó Wexen, nem da Mãe Oceano, nem da Mãe Sol, nem mesmo da Mãe Guerra. – Ele jogou uma moeda para o alto, no espaço abençoado da Floresta, o ouro reluzindo. – Só da Morte.

Ele pegou a moeda nas sombras.

– Rei ou camponês, alto ou baixo, forte ou fraco, sábio ou tolo. A Morte espera por todos nós.

Yilling abriu a mão, a moeda brilhando na palma.

– Hum... – Jenner olhou-a com as sobrancelhas erguidas. – Acho que ela pode esperar por mim um pouco mais.

Afastaram-se às pressas pelos destroços de Yaletoft, a palha em chamas balançando ao vento quente, a noite cheia de gritos, rogos e choros. Skara mantinha o olhar fixo no chão, como toda boa escrava devia fazer, agora sem ninguém para lhe dizer para não afrouxar os ombros, o medo se derretendo lentamente em culpa.

Pularam a bordo do navio de Jenner e zarparam, a tripulação murmurando preces de agradecimento ao Pai Paz por terem sido poupados da carnificina, os remos rangendo num ritmo constante enquanto deslizavam entre os barcos dos agressores, saindo ao mar. Skara se deixou cair no meio da carga, a culpa convertendo-se aos poucos em tristeza à medida que as chamas tomavam o lindo salão do rei Fynn e levavam junto sua vida anterior dentro dele, a grande empena esculpida se destacando negra contra o fogo, depois desabando num jorro de fagulhas em redemoinho.

O incêndio de tudo que ela conhecia foi se distanciando. Yaletoft era um ponto incandescente na distância escura, os panos das velas estalando enquanto Jenner ordenava que o navio virasse para o norte, em direção a Gettland. Skara ficou de pé olhando para trás, para o passado. As lágrimas secavam no rosto, a tristeza se congelava numa massa de fúria gélida, dura como ferro.

– Verei Throvenland livre – sussurrou, cerrando os punhos. – O salão de meu avô reconstruído e a carcaça de Yilling, o Brilhante, deixada para os corvos.

– Por enquanto vamos nos ater a mantê-la viva, princesa.

Jenner tirou a argola de escrava, depois enrolou sua capa em volta dos ombros trêmulos de Skara.

Ela o encarou, esfregando suavemente as marcas no pescoço.

– Julguei você mal, Jenner, o Azul.

– Seu julgamento é astuto. Já fiz coisa muito pior do que você achou que eu faria.

– Por que arriscar sua vida pela minha, então?

Jenner pareceu pensar um momento, coçando o queixo, depois deu de ombros.

– Porque não há como mudar o passado, só o futuro. – Ele colocou alguma coisa na mão dela. O bracelete de Bail, com o rubi reluzindo ao luar. – Acho que isso é seu.

Sem paz

– Quando eles estarão aqui?

Pai Yarvi estava sentado de maneira relaxada, encostado numa árvore, as pernas cruzadas, com um livro de aparência antiga sobre os joelhos. Podia até parecer que dormia se os olhos não se movessem para um lado e para o outro, acompanhando a escrita por baixo das pálpebras pesadas.

– Sou um ministro, Koll, não um vidente – murmurou.

Koll franziu a testa para as oferendas na clareira. Pássaros sem cabeça, jarros transbordando cerveja e feixes de ossos balançando amarrados em barbante. Um cachorro, uma vaca, quatro ovelhas, tudo pendurado de cabeça para baixo em galhos com runas escavadas, moscas se ocupando nas gargantas cortadas.

Havia um homem também. Um escravo, pelas marcas de atrito no pescoço, um círculo de runas escrito desajeitadamente nas costas, os nós dos dedos roçando o chão ensanguentado. Um belo sacrifício para Aquele que Germina a Semente, feito por alguma mulher rica e ansiosa por um filho.

Koll não gostava muito de lugares santos. Faziam-no se sentir vigiado. Gostava de pensar que era um sujeito honesto, mas todo mundo tem seus segredos. Todo mundo tem suas dúvidas.

– Que livro é esse? – perguntou.

– É um tratado sobre relíquias élficas escrito há duzentos anos pela irmã Slodd de Reerskoft.

– Mais ensinamentos proibidos, hein?

– De um tempo em que o Ministério se concentrava em obter conhecimento em vez de suprimi-lo.

– Só o que é conhecido pode ser controlado – murmurou Koll.

– E todo conhecimento, como todo poder, pode ser perigoso nas mãos erradas. O que importa é o uso feito dele.

Pai Yarvi lambeu a ponta do dedo único e torto na mão esquerda mirrada para virar a página.

Koll franziu os olhos na direção da floresta silenciosa.

– Precisávamos chegar tão cedo?

– Em geral a batalha é vencida por quem chega primeiro.

– Achei que vínhamos falar de paz.

– As discussões sobre paz são o campo de batalha do ministro.

Koll deu um suspiro que fez seus lábios tremelicarem. Empoleirou-se num toco na borda da clareira, a uma distância cautelosa de qualquer oferenda, e pegou a faca e o pedaço de madeira de freixo à qual já havia mais ou menos dado forma: Aquela que Golpeia a Bigorna, com o martelo levantado. Daria de presente a Rin quando voltasse a Thorlby. Se voltasse e não acabasse pendurado numa árvore nessa clareira. Tremelicou os lábios de novo.

– Os deuses lhe deram muitos dons – murmurou pai Yarvi, sem erguer os olhos do livro. – Mãos hábeis e inteligência aguçada. Uma bela cabeleira cor de areia. Um senso de humor ligeiramente exaltado. Mas você quer ser um grande ministro e estar junto ao ombro de reis?

Koll engoliu em seco.

– O senhor sabe que sim, pai Yarvi. Mais do que qualquer coisa.

– Então tem muito a aprender. Em primeiro lugar, paciência. Foque sua mente de mariposa e um dia você poderá mudar o mundo, como sua mãe queria.

Koll repuxou a tira de couro em volta do pescoço, sentiu os pesos pendurados batendo juntos sob a camisa. Os pesos que sua mãe, Safrit, usava como vendedora, para fazer medições justas. *Seja corajoso, Koll. Seja o melhor homem que você puder ser.*

– Pelos deuses, ainda sinto saudade dela – murmurou.

– Eu também. Agora fique quieto e preste atenção no que eu faço.

Koll soltou os pesos.

– Meus olhos estão enraizados no senhor, pai Yarvi.

– Feche-os. – O ministro fechou o livro com um estalo e se levantou, espanando as folhas mortas das costas do casaco. – E escute.

Passos, vindo até eles pela floresta. Koll guardou a escultura, mas ficou com a faca, despontando da manga. Palavras bem escolhidas resolvem a maior parte

dos problemas, só que, por sua experiência, o aço bem afiado é ótimo para lidar com os que sobram.

Uma mulher saiu do meio das árvores, vestindo o preto dos ministros. Seu cabelo vermelho-fogo era raspado nas laterais, com runas tatuadas na pele em volta das orelhas, o resto penteado com gordura, formando uma barbatana espetada. O rosto era duro, tornado mais duro ainda pelos músculos que se retesavam enquanto ela mastigava casca de sonhador, os cantos dos lábios manchados com o roxo da planta.

– Chegou cedo, mãe Adwyn.

– Não tão cedo quanto você, pai Yarvi.

– Mãe Gundring sempre me disse que era falta de educação ser o segundo a chegar a um encontro.

– Espero que você perdoe minha grosseria, então.

– Depende das palavras que você trouxer de avó Wexen.

Mãe Adwyn ergueu o queixo.

– Seu senhor, o rei Uthil, e o aliado dele, Grom-gil-Gorm, violaram os juramentos feitos ao Rei Supremo. Deram um tapa na mão de amizade que ele estendeu e desembainharam espadas contra ele.

– A mão de amizade dele pesava muito sobre nós. Dois anos depois de a afastarmos, descobrimos que podemos respirar com mais facilidade. Dois anos e o Rei Supremo não tomou nenhuma cidade, não venceu nenhuma batalha...

– E que batalhas Uthil e Gorm travaram? A não ser que você conte as que travam diariamente um contra o outro.

Adwyn cuspiu sumo com o canto da boca e Koll ficou remexendo inquieto um fio solto na manga da blusa. Ela havia acertado perto do alvo.

– Vocês desfrutaram de alguma sorte, irmão Yarvi, porque o olho do Rei Supremo esteve voltado para a rebelião nas Terras Baixas. Uma rebelião que, pelo que eu soube, você ajudou a provocar.

Yarvi pestanejou, cheio de inocência.

– E eu lá posso fazer homens se rebelarem a centenas de quilômetros de distância? Sou mago?

– Algumas pessoas dizem que é, mas a magia, a sorte ou a astúcia não vão mudar nada agora. A rebelião foi esmagada. Yilling, o Brilhante, duelou com os

três filhos de Hokon e os matou um a um. Sua habilidade com a espada é inigualável.

Pai Yarvi espiou a unha única em sua mão mirrada, como se quisesse verificar se sua aparência estava boa.

– O rei Uthil talvez discorde. Ele teria derrotado todos aqueles irmãos ao mesmo tempo.

Mãe Adwyn ignorou a fanfarronice.

– Yilling é um novo tipo de homem, com novas maneiras de agir. Ele passou a espada nos violadores de juramentos e seus Companheiros queimaram os salões deles com as famílias dentro.

– Famílias queimadas. – Koll engoliu em seco. – Que progresso.

– Talvez você tenha ouvido o que Yilling fez em seguida, não?

– Ouvi dizer que ele é um tremendo dançarino – falou Koll. Ele dançou?

– Ah, sim. Atravessando os estreitos até Yaletoft, onde fez uma visita ao infiel rei Fynn.

Silêncio, então, e uma brisa agitou as folhas, fazendo as oferendas rangerem nos galhos e provocando um arrepio no pescoço de Koll. A mastigação de mãe Adwyn provocava um leve som úmido enquanto ela sorria.

– Ah, seu bobo da corte não consegue fazer piada com isso. Yaletoft está em ruínas, o salão do rei Fynn virou cinzas e seus guerreiros estão espalhados aos ventos.

Yarvi franziu ligeiramente a testa.

– E o rei?

– Está do outro lado da Última Porta, com a ministra. A morte deles estava escrita desde o momento em que você os enganou para entrarem em sua pequena aliança dos condenados.

– No campo de batalha não existem regras – murmurou pai Yarvi. – São novos modos de agir, de fato.

– Yilling já está espalhando fogo por Throvenland, preparando o caminho para o exército do Rei Supremo. Um exército mais numeroso do que os grãos de areia na praia. O maior exército que já marchou desde que os elfos fizeram guerra contra a Divindade. Antes do solstício de verão eles estarão diante dos portões de Thorlby.

– O futuro é uma terra envolta em névoa, mãe Adwyn. Pode surpreender todos nós.

– Não é preciso ser profeta para ver o que virá. – Ela pegou um rolo de pergaminho e o abriu. Estava densamente rabiscado com runas. – Avó Wexen vai anunciar que você e a rainha Laithlin são feiticeiros e traidores. O Ministério vai declarar que esse dinheiro de papel dela é magia élfica e quem o usar será considerado pária e fora da lei.

Koll levou um susto quando ouviu um graveto se partir em algum lugar do mato.

– Vocês serão cortados do mundo, assim como Uthil, Gorm e quem ficar do lado deles.

E então os homens apareceram. Homens de Yutmark, pelo que indicavam as fivelas quadradas da capa e os escudos longos. Koll contou seis e ouviu pelo menos mais dois atrás dele, mas se obrigou a não se virar.

– Espadas desembainhadas? – perguntou pai Yarvi. – No terreno sagrado do Pai Paz?

– Nós rezamos à Divindade Única – rosnou o capitão, um guerreiro de elmo com acabamento em ouro. – Para nós isso não passa de sujeira.

Koll fitou os rostos severos e as lâminas afiadas apontadas para ele, sentindo a palma da mão escorregadia no cabo da faca escondida.

– Isso é que é apuro – guinchou ele.

Mãe Adwyn deixou o pergaminho cair.

– Mas mesmo agora, mesmo depois de suas tramas e traições, avó Wexen ofereceria a paz. – A sombra pontilhada das árvores deslizou pelo seu rosto enquanto ela erguia os olhos para o céu. – A Divindade Única de fato é misericordiosa.

Pai Yarvi bufou. Koll mal podia acreditar em como ele aparentava não ter medo.

– Mas imagino que a misericórdia dela tenha um preço, não é?

– Todas as estátuas dos Deuses Altos devem ser quebradas e a Divindade Única deve ser adorada por todo o Mar Despedaçado. Todo vansterlandês e gettlandês deve pagar um tributo anual ao Ministério. O rei Uthil e o rei Gorm deverão deixar as espadas aos pés do Rei Supremo em Skekenhouse, pedir perdão e fazer novos juramentos.

– Os antigos não se sustentaram.

– É por isso que você, mãe Scaer e o jovem príncipe Druin permanecerão como reféns.

– Hmmmmmm. – Pai Yarvi bateu no queixo com o dedo mirrado. – É uma linda oferta, mas o verão em Skekenhouse costuma ser meio calorento.

Uma flecha passou perto do rosto de Koll, tão perto que ele sentiu o vento na pele. Ela acertou silenciosamente o líder dos guerreiros no ombro, logo acima da borda do escudo.

Mais flechas voaram da floresta. Um homem gritou. Outro agarrou a flecha cravada no rosto. Koll saltou para pai Yarvi e o arrastou para trás do tronco grosso de uma árvore sagrada. Vislumbrou um guerreiro atacando-os com a espada erguida. Então Dosduvoi surgiu, enorme feito uma casa, e com um giro de seu grande machado arrancou o sujeito do chão e o fez voar para longe numa chuva de folhas mortas.

Sombras se retorceram, estocando, cortando, derrubando as oferendas e as fazendo balançar. Depois de alguns instantes sangrentos, os homens de mãe Adwyn tinham se juntado ao rei Fynn do outro lado da Última Porta. Seu capitão estava de joelhos, ofegante, com seis flechas alojadas na cota de malha. Ele tentou se levantar usando a espada como muleta, mas a força vital estava se esvaindo.

Fror adentrou a clareira segurando o machado pesado. Ele abriu gentilmente a fivela do elmo com acabamento de ouro do capitão. Era uma bela peça e renderia um bom dinheiro.

– Você vai lamentar isso – sussurrou o capitão, com sangue nos lábios, o cabelo grisalho grudado na testa suada.

Fror assentiu devagar.

– Já estou lamentando.

Ele golpeou o capitão no cocuruto, derrubando-o com os braços abertos.

– Pode me deixar ficar de pé agora – disse pai Yarvi, dando um tapinha na cintura de Koll.

O jovem percebeu que tinha coberto o ministro com o corpo, como uma mãe faria com um bebê numa tempestade.

– O senhor não podia ter me contado o plano? – perguntou, levantando-se.

– Você não pode revelar o que não sabe.

– O senhor não confia que eu seja capaz de representar um papel?

– A confiança é como vidro – interveio Rulf, prendendo seu grande arco de chifre no ombro e estendendo a mão enorme para ajudar Yarvi a se erguer. – É linda, mas só um idiota coloca muito peso em cima.

Guerreiros endurecidos de Gettland e Vansterland tinham cercado a clareira de todos os lados e mãe Adwyn era uma figura solitária no meio. Koll quase sentiu pena dela, mas sabia que isso não seria bom para nenhum dos dois.

– Parece que minha traição foi melhor do que a sua – comentou Yarvi. – Por duas vezes sua mestra tentou me ceifar, no entanto aqui estou.

– Você é conhecido pela traição, aranha. – Mãe Adwyn cuspiu um sumo roxo aos pés dele. – E quanto a seu terreno sagrado do Pai Paz?

Yarvi deu de ombros.

– Ah, ele é misericordioso. Mas pode ser sensato pendurar você nessas árvores e cortar sua garganta como oferenda, só para garantir.

– Faça isso, então – sibilou ela.

– A misericórdia tem mais poder do que o assassinato. Volte para avó Wexen. Agradeça a ela pelas informações que você me deu, pois serão úteis. – Ele indicou os mortos já sendo puxados pelos pés para serem pendurados nos galhos do bosque santo. – Agradeça a ela por essas ricas oferendas aos Deuses Altos. Eles sem dúvida vão apreciá-las.

Pai Yarvi se aproximou dela de repente, os lábios repuxados para trás. A máscara de mãe Adwyn caiu e Koll a viu sentir medo.

– Mas diga à Primeira dos Ministros que eu mijo na oferta dela! Fiz o juramento de me vingar dos assassinos do meu pai. Um juramento solar e um juramento lunar. Diga a avó Wexen que enquanto ela e eu vivermos não haverá paz.

Nunca sangrento o bastante

– Vou matar você, sua cadela meio careca! – rosnou Raith, espirrando cuspe enquanto avançava até ela.

Rakki segurou o braço esquerdo dele e Soryorn, o direito, e os dois conseguiram contê-lo. Tinham muita prática nisso, afinal de contas.

Thorn Bathu não se mexeu – a não ser que se considerasse os músculos do maxilar retesados no lado raspado da cabeça.

– Vamos todos nos acalmar – disse o marido dela, Brand, balançando as palmas das mãos abertas como um pastor tentando acalmar um rebanho nervoso. – Nós deveríamos ser aliados, não é? – Ele era um homem enorme e forte como um boi, nada ossudo. – Só vamos... nos manter na luz por um momento.

Raith fez todo mundo saber o que achava dessa ideia se retorcendo o suficiente para se livrar do irmão e cuspir na direção do rosto de Brand. Errou o alvo, mas o argumento estava claro.

Thorn repuxou o lábio com desdém.

– Acho que esse cachorro precisa ser sacrificado.

Todo mundo tem seu ponto fraco, e essa frase fez cócegas no de Raith. Ele relaxou o corpo, deixou a cabeça tombar de lado, exibindo os dentes num sorriso preguiçoso enquanto seu olhar ia até Brand.

– Talvez eu mate essa sua mulher covarde, em vez disso.

Ele sempre tivera um talento para começar brigas, e não era muito ruim em encerrá-las também, mas nada poderia prepará-lo para a rapidez com que Thorn partiu para cima dele.

– Você está morto, seu desgraçado de cabelo leitoso!

Raith saltou para longe, quase arrastando o irmão e Soryorn num emaranhado em choque. Foram necessários três gettlandeses para conter Thorn: o velho e azedo mestre de armas, Hunnan, o timoneiro velho e careca, Rulf, e

Brand, com seu braço cheio de cicatrizes enlaçando o pescoço dela. Todos eram homens grandes fazendo força, e mesmo assim o punho desgarrado de Thorn acertou um bom cascudo no topo da cabeça de Raith.

– Paz! – rosnou Brand enquanto lutava para arrastar sua mulher para trás. – Pelo amor dos deuses, paz!

Só que ninguém estava disposto a parar. Agora outros rosnavam insultos, tanto do lado de Gettland quanto de Vansterland. Raith viu nós de dedos pálidos nos punhos das espadas, ouviu o som de Soryorn desembainhando sua lâmina. Podia sentir o cheiro da violência iminente, muito pior do que tinha planejado. Mas assim é a violência: raramente segue o caminho demarcado. Não seria violência se seguisse.

Raith arreganhou os dentes num meio rosnado, meio sorriso, o fogo se inflamando no peito, a respiração ardente na garganta, todos os músculos tensos.

Poderia ter acontecido uma batalha digna das canções no cais molhado de chuva em Thorlby se Grom-gil-Gorm não tivesse aberto caminho pela turba como um touro enorme atravessando um rebanho de cabritos balindo.

– Chega! – berrou o rei de Vansterland. – Que algazarra de passarinhos vergonhosa é essa?

O burburinho morreu. Raith se livrou do irmão, dando seu sorriso lupino, e Thorn se desvencilhou do marido, soltando palavrões. Sem dúvida Brand teria uma noite desconfortável, mas tudo havia corrido bastante bem para a mente de Raith. Ele viera lutar, afinal de contas, e não estava muito preocupado em saber contra quem.

Os gettlandeses furiosos se moveram para deixar o rei Uthil passar carregando nos braços a espada desembainhada. Raith o odiava, claro. Um bom vansterlandês tinha que odiar o rei de Gettland. Mas, fora isso, Uthil parecia um homem digno de admiração, duro como uma barra de ferro e igualmente impossível de ser dobrado, famoso por muitas vitórias e poucas palavras, com um brilho louco nos olhos fundos dizendo que tinha apenas um espaço frio onde os deuses costumavam depositar a misericórdia num homem.

– Estou decepcionado, Thorn Bathu – disse o rei numa voz áspera como pedras de moinho. – Eu esperava mais de você.

– Estou completamente arrependida, meu rei – rosnou ela, fuzilando com o olhar Raith, depois Brand, que se encolheu, pois conhecia bem aquela expressão.

– Eu não esperava coisa melhor. – Grom-gil-Gorm arqueou uma sobrancelha negra para Raith. – Mas pelo menos tinha esperança.

– Deveríamos deixar que eles nos insultassem, meu rei? – perguntou Raith rispidamente.

– Um pouco de insulto deve ser tolerado se quisermos manter uma aliança – veio a voz seca de mãe Scaer.

– E nossa aliança é um navio em mar tempestuoso – completou pai Yarvi, com aquele seu sorriso meloso que implorava por uma cabeçada. – Se for afundado com discussões, sem dúvida vamos todos nos afogar.

Raith rosnou. Odiava os ministros e sua fala dissimulada sobre o Pai Paz e o bem maior. Em sua mente não havia problema que não pudesse ser resolvido com os punhos.

– Um vansterlandês jamais esquece um insulto. – Gorm enfiou os polegares entre as lâminas que se projetavam do cinto. – Mas estou com sede e, como nós somos os convidados... – Ele se empertigou, inchando o peito enorme e fazendo remexer a corrente feita com os botões das espadas de seus inimigos derrotados. – Eu, Grom-gil-Gorm, Quebrador de Espadas e Fazedor de Órfãos, rei de Vansterland e filho predileto da Mãe Guerra... serei o segundo a entrar na cidade.

Seus guerreiros resmungaram com amargura. Tinham desperdiçado uma hora discutindo quem entraria primeiro e, agora, a batalha estava perdida. Seu rei ocuparia o lugar de menor honra, por isso teriam menos honra e, pelos deuses, eles ficavam irritadiços com questões de honra.

– Sábia escolha – disse Uthil, estreitando os olhos. – Mas não espere presentes por isso.

– O lobo não precisa de presentes das ovelhas – retrucou Gorm, retribuindo a carranca.

Os guerreiros mais próximos do rei Uthil passaram presunçosos, com as fivelas douradas das capas, os punhos da espadas e as argolas-dinheiro reluzindo, inflados até novas alturas de arrogância imerecida. Raith arreganhou os dentes e cuspiu nos pés deles.

– De fato é um cachorro – zombou Hunnan.

Raith teria saltado sobre o velho desgraçado e espalhado seus miolos no cais se Rakki não o tivesse abraçado com força, murmurando docemente em seu ouvido: “Calma, irmão, calma.”

– Jenner, o Azul! Que surpresa!

Raith franziu os olhos por cima do ombro e viu pai Yarvi ser puxado por um velho marinheiro com rosto conservado por salmoura.

– Uma surpresa bem-vinda, espero – disse Jenner, apertando a mão de Rulf como se fossem velhos companheiros de remo.

– Isso depende – respondeu o ministro. – Você veio pegar o ouro da rainha Laithlin?

– Eu tento pegar todo ouro que seja oferecido. – Jenner olhou em volta como se fosse mostrar algum tesouro secreto. – Mas tenho um motivo melhor para estar aqui.

– Melhor do que ouro? – perguntou Rulf, sorrindo. – Você mudou.

– Muito melhor.

Jenner conduziu à frente uma pessoa que estivera às suas costas, e foi como se alguém esfaqueasse o crânio de Raith: toda a vontade de lutar se esvaiu.

Era uma garota pequena e magra, quase soterrada por uma capa manchada pelo tempo. O cabelo era um emaranhado louco, uma nuvem de cachos escuros que se movia à brisa salgada. A pele era clara e estava rosada em volta das narinas. Os ossos do rosto eram tão finos e aguçados que pareciam capazes de se partir diante de uma palavra áspera.

Ela olhou diretamente para Raith, com olhos grandes, escuros e verdes como a Mãe Oceano num dia de tempestade. Não sorriu. Não falou. Parecia triste e solene, cheia de segredos, e todos os pelos de Raith se eriçaram. Nem mesmo um golpe de machado na cabeça poderia deixá-lo tão sem sentidos quanto aquele único olhar.

Por um momento pai Yarvi ficou boquiaberto, como um idiota. Depois fechou a boca com um estalo.

– Rulf, leve Jenner e a convidada dele para a rainha Laithlin. Agora.

– Você estava pronto para assassinar quem fosse primeiro e agora não quer ir? – questionou Rakki, encarando-o, e Raith percebeu que os homens de Gorm iam atrás dos gettlandeses, todos estufados até quase estourar, para compensar o fato de serem os segundos.

– Quem era aquela garota? – indagou Raith, rouco, sentindo-se tonto como alguém sendo arrancado do sono após beber muito.

– Desde quando você se interessa por garotas?

– Desde que vi essa.

Ele pestanejou para a multidão, esperando provar para os dois que ela não era fruto de sua imaginação, mas a garota tinha sumido.

– Devia ser mesmo uma beldade para afastar seus olhos de uma briga.

– É diferente de tudo que já vi.

– Desculpe, irmão, mas quando se trata de mulheres, você não viu muita coisa. Você é o lutador, lembra? – Rakki sorriu, erguendo o grande escudo negro de Grom-gil-Gorm. – Eu sou o amante.

– E nunca se cansa de me dizer isso.

Raith pôs no ombro a pesada espada do rei e acompanhou o irmão, entrando em Thorlby. Até que sentiu a mão grande de seu senhor segurando-o.

– Você me decepcionou, Raith. – O Quebrador de Espadas o puxou para perto. – Este lugar está cheio de inimigos ruins, mas acho que você escolheu o pior de todos, o Escudo Escolhido da rainha Laithlin.

Raith fechou a cara.

– Ela não me dá medo, meu rei.

Gorm lhe deu um tapa forte no rosto. Bom, para Gorm era um tapa; para Raith foi como se o acertassem com um remo. Ele cambaleou, mas o rei o segurou e o puxou para mais perto ainda.

– O que me fere não é que você tenha tentado machucá-la, mas que tenha fracassado. – Em seguida, o acertou do outro lado e a boca de Raith ficou salgada com o sangue. – Não quero um cão que ladre. Quero um que morda. Um matador. – Deu um terceiro tapa em Raith, deixando-o tonto. – Acho que você tem uma partícula de misericórdia aí dentro, Raith. Esmague-a antes que ela esmague você.

Gorm afagou a cabeça de Raith em despedida. Como um pai faz com um filho. Ou talvez um caçador com seu cão.

– Você nunca vai ser sangrento o bastante para o meu gosto, garoto. E sabe disso.

Em segurança

O pente de osso de baleia polido chiava ao passar pelos cabelos de Skara.

A espada de brinquedo do príncipe Druin fazia *clic-clic* contra um baú no canto.

A voz da rainha Laithlin jorrava um blá-blá-blá. Era como se ela sentisse que, se houvesse silêncio, Skara poderia começar a gritar e gritar, não parando nunca.

– Além daquela janela, no lado sul da cidade, os guerreiros do meu marido estão acampados.

"Por que eles não nos ajudaram?", Skara queria berrar enquanto contemplava, entorpecida, a vastidão de barracas, mas de sua boca saíram as palavras apropriadas, como sempre:

– Devem ser muitos.

– Dois mil e quinhentos gettlandeses leais, convocados de cada canto do país.

Skara sentiu os dedos fortes da rainha Laithlin virarem sua cabeça, delicados mas firmes. O príncipe Druin soltou um grito de guerra infantil e atacou uma tapeçaria. O pente começou a chiar de novo, como se a solução para todos os problemas fosse o penteado correto.

– Além desta janela, ao norte, está o acampamento de Grom-gil-Gorm. – As fogueiras reluziam em meio ao crepúsculo que se intensificava, espalhadas nos morros escuros como estrelas no tecido do céu. – Dois mil vansterlandeses à vista das muralhas de Thorlby. Nunca pensei que veria uma coisa assim.

– Pelo menos não com as espadas nas bainhas – disparou Thorn Bathu dos fundos do cômodo, com a mesma aspereza com que um guerreiro dispararia um machado.

– Eu vi uma discussão no cais... – balbuciou Skara.

– Acho que não será a última. – Laithlin estalou a língua enquanto soltava um nó embaraçado. O cabelo de Skara sempre havia sido revolto, mas a rainha de Gettland não era mulher de ser impedida por um ou dois cachos teimosos. – Haverá uma grande assembleia amanhã. Cinco horas de discussões. Se conseguirmos passar por isso sem que ninguém morra, vou considerar que é uma vitória digna de ser cantada. Pronto.

Laithlin virou a cabeça de Skara para o espelho.

As escravas silenciosas da rainha tinham lhe dado banho, esfregado e trocado seu vestido imundo por um de seda verde trazido na longa viagem desde a Primeira Cidade, habilmente alterado para se ajustar a ela. Era bordado com fio de ouro na bainha, a vestimenta mais fina que ela já usara, e Skara já tinha usado algumas bem finas – tantas, e arrumadas com tanto cuidado por mãe Kyre, que às vezes ela sentia que as roupas é que a vestiam.

Estava cercada por muros sólidos, guerreiros fortes, escravos e luxo. Deveria sentir-se tonta de alívio. Porém, como um corredor que se detém para descansar e descobre que não consegue mais ficar de pé, o conforto deixara Skara tonta de fraqueza e dolorida, exaurida por fora e por dentro, como se estivesse de volta ao navio de Jenner, o *Cão Negro*, tremendo e contemplando a chuva, e três vezes por hora se arrastando nos joelhos ralados para vomitar por cima da amurada.

– Isto pertencia à minha mãe, a irmã do rei Fynn.

Laithlin arrumou cuidadosamente o brinco, correntes de ouro finas como teias de aranha que derramavam joias vermelhas quase no ombro de Skara.

– É lindo – comentou Skara, rouca, lutando para não vomitar no espelho.

Mal reconhecia a garota assombrada que via ali, de olhos róseos e aparência frágil. Parecia seu próprio fantasma. Talvez nunca tivesse escapado de Yaletoft. Talvez ainda estivesse presa, escrava de Yilling, o Brilhante, e sempre estaria.

Nos fundos do cômodo viu Thorn Bathu se agachar ao lado do príncipe, mudar a posição das mãozinhas dele no cabo da espada de madeira, murmurar instruções sobre como brandi-la direito. Quando ele a golpeou na perna, ela sorriu, franzindo a cicatriz em forma de estrela na bochecha, e desgrenhou o cabelo louro-claro do menino.

– Bom garoto!

Tudo em que Skara conseguia pensar era na espada de Yilling, aquele botão de diamante reluzindo na escuridão da Floresta. No espelho, o peito da garota

pálida começou a arfar e suas mãos a tremer...

– Skara. – A rainha Laithlin a segurou com firmeza pelos ombros, encarou-a com aqueles olhos duros, aguçados, azul-acinzentados, puxando-a de volta para o presente. – Pode me contar o que aconteceu?

– Meu avô esperava ajuda dos aliados. – As palavras saíram chapadas como um zumbido de abelha. – Nós esperamos os guerreiros de Uthil e Gorm. Eles não foram.

– Continue.

– Ele perdeu o ânimo. Mãe Kyre o persuadiu a fazer a paz. Ela mandou uma pomba e avó Wexen enviou uma águia de volta. Se o Promontório de Bail fosse entregue, os guerreiros de Throvenland mandados para casa, e o exército do Rei Supremo recebesse passagem livre por nossa terra, ela perdoaria.

– Mas avó Wexen não perdoa – disse Laithlin.

– Ela mandou Yilling, o Brilhante, a Yaletoft para cobrar a dívida.

Skara engoliu saliva azeda e, no espelho, o pescoço fino da garota pálida se moveu. O rostinho de Druin estava franzido com uma determinação de guerreiro enquanto ele golpeava Thorn com sua espada de brinquedo e ela a empurrava para longe com os dedos. Seus gritinhos de guerra pareciam os uivos de dor e fúria na escuridão, chegando mais perto, sempre mais perto.

– Yilling decapitou mãe Kyre. Cravou a espada no meu avô e ele caiu no buraco do fogo.

Os olhos de Laithlin se arregalaram.

– Você... viu isso acontecer?

As fagulhas, o brilho no sorriso dos guerreiros, o sangue espesso pingando da ponta da espada de Yilling. Skara respirou trêmula e assentiu.

– Eu fugi disfarçada de escrava de Jenner. Yilling jogou uma moeda para decidir se iria matá-lo também... mas a moeda...

Ela ainda podia vê-la girando nas sombras, brilhando com as cores do fogo.

– Os deuses estavam com você naquela noite – sussurrou Laithlin.

– Então por que mataram minha família?

Skara queria berrar, mas a garota no espelho deu um sorriso nauseado e murmurou uma oração de agradecimento para Aquele que Rola os Dados.

– Eles a mandaram para mim, prima. – A rainha apertou com força os ombros de Skara. – Aqui você está em segurança.

A Floresta, que estivera ao seu redor durante toda a vida, sólida como uma montanha, tinha virado cinzas. A alta empena que havia se sustentado durante duzentos anos caíra, em ruínas. Throvenland se dissipara como fumaça ao vento. Nenhum lugar seria seguro, nunca mais.

Skara descobriu que estava arranhando o rosto. Ainda podia sentir os dedos frios de Yilling nele.

– Vocês todos foram muito gentis – comentou, rouca, e tentou sufocar um arroto ácido.

Sempre tivera estômago fraco, mas, desde que tinha descido do *Cão Negro*, suas entranhas pareciam tão retorcidas quanto seus pensamentos.

– Você é da família, e a família é tudo que importa. – Com um último aperto no ombro, Laithlin a soltou. – Preciso falar com meu marido e meu filho... isto é, com pai Yarvi.

– Será que posso perguntar... Jenner ainda está aqui?

O desprazer da rainha era evidente.

– Aquele sujeito é pouco melhor do que um pirata...

– Pode mandá-lo vir me ver? Por favor?

Laithlin podia ter parecido dura como sílex, mas devia ter ouvido o desespero na voz de Skara.

– Vou mandá-lo. Thorn, a princesa passou por um momento difícil. Não a deixe sozinha. Venha, Druin.

O pequenino príncipe olhou solene para Skara.

– Tchau.

Em seguida, largou a espada de madeira e correu atrás da mãe.

Skara ficou olhando para Thorn Bathu. Olhando para cima, já que a Escudo Escolhido era bem mais alta. Sem dúvida ela também não usava pentes, o cabelo raspado em um dos lados e, no outro, embolado em nós, tranças e emaranhados amarrados com uma fortuna considerável em argolas-dinheiro de ouro e prata.

Ali estava uma mulher que diziam ter lutado sozinha com sete homens e vencido, com a pulseira élfica que tinha sido a recompensa brilhando num amarelo feroz em seu pulso. Uma mulher que usava espadas em vez de sedas e ostentava cicatrizes em vez de joias. Que esmagava propriedades sob os saltos das botas e jamais pedia desculpas por isso. Uma mulher que preferiria derrubar uma porta com o rosto a bater para entrar.

– Sou prisioneira?

Skara tentou dizer isso em tom de desafio, mas saiu parecendo um guincho de camundongo.

Era difícil decifrar a expressão de Thorn.

– A senhorita é uma princesa.

– Em minha experiência, não existe muita diferença entre as duas coisas.

– Suponho que a senhorita nunca tenha sido prisioneira.

A frase saiu carregada de desprezo, e quem poderia culpá-la? A garganta de Skara parecia tão fechada que ela mal conseguia falar.

– Você deve estar pensando como sou uma idiota mole, fraca, mimada.

Thorn respirou fundo.

– Na verdade eu estava pensando... na sensação de ver meu pai morto. – Seu rosto podia não ter suavidade, mas a voz tinha. – Estava pensando em como eu me sentiria se o visse morrer. Vê-lo morrer na minha frente, e eu não podendo fazer nada além de olhar.

Skara abriu a boca, porém nenhuma palavra saiu. Não era desprezo, mas pena, e isso a sufocou mais do que o escárnio.

– Sei como é fazer cara de coragem – disse Thorn. – Poucos sabem melhor.

Skara sentiu como se sua cabeça fosse explodir.

– Eu estava pensando... Se estivesse no seu lugar... eu estaria chorando um mar inteiro.

Skara soltou um soluço ruidoso, idiota. Seus olhos se fecharam com força e arderam, transbordaram. As costelas estremeceram. A respiração chiou e gorgolejou. Ficou parada com as mãos pendendo, o rosto inteiro doendo de tão violento que era o choro. Alguma parte minúscula sua pensava que esse comportamento não era nem um pouco adequado, mas o resto não conseguia parar.

Ouviu passos rápidos e foi acalentada feito uma criança, abraçada com força, segurada com firmeza, como seu avô a havia segurado enquanto os dois observavam seu pai queimar na pira. Agarrou-se a Thorn, chorando em sua camisa, uivando meias palavras que nem ela entendia.

Thorn não se mexeu, não emitiu nenhum som, apenas segurou Skara por um longo tempo. Até que os tremores pararam. Até que os soluços se acalmaram virando gemidos baixos, e os gemidos viraram respirações entrecortadas. Então,

com muita delicadeza, Thorn a soltou, pegou um pedaço de pano branco e, ainda que sua própria camisa estivesse encharcada de baba, enxugou um pingo minúsculo na frente do vestido de Skara e lhe ofereceu o pano.

– É para limpar minhas armas, mas acho que seu rosto é muito mais valioso. Talvez seja mais perigoso também.

– Desculpe – murmurou Skara.

– Não precisa se desculpar. – Thorn balançou a chave dourada pendurada no pescoço. – Choro mais do que isso todo dia de manhã quando acordo e lembro com quem estou casada.

Skara riu e soluçou ao mesmo tempo, soltando uma grande bolha de ranho pelo nariz. Pela primeira vez desde aquela noite sentia-se um pouco como ela mesma de novo. Talvez tivesse escapado de Yaletoft, afinal. Enquanto enxugava o rosto, ouviu uma batida hesitante à porta.

– É Jenner, o Azul.

Quando ele entrou na sala arrastando os pés, com os ombros encolhidos, havia algo tranquilizador em sua falta de jeito. No leme de um navio ou nos aposentos de uma rainha ele era o mesmo homem. Skara sentiu-se mais forte ao vê-lo. Era o homem de quem precisava.

– Você se lembra de mim? – perguntou Thorn.

– Você é uma mulher difícil de esquecer. – Jenner olhou para a chave pendurada no seu pescoço. – Parabéns pelo casamento.

Ela bufou.

– Desde que você não dê os parabéns ao meu marido. Ele ainda está lamentando.

– Mandou me chamar, princesa?

– Mandei. – Skara fungou, contendo as lágrimas, e empertigou os ombros. – Quais são os seus planos?

– Não posso dizer que eu seja muito de planejar. A rainha Laithlin me ofereceu uma boa quantia para lutar por Gettland, mas, bom, a guerra é trabalho dos jovens. Talvez eu leve o *Cão Negro* de volta pelo Divino... – Ele olhou para Skara e se encolheu. – Prometi a mãe Kyre que iria trazê-la à sua prima...

– E você cumpriu a promessa, apesar dos perigos. Eu não deveria pedir mais.

Ele se retraiu ainda mais.

– Mas vai pedir, então?

– Eu esperava que você pudesse ficar comigo.

– Princesa... eu sou um velho pirata que tive meu auge há vinte anos, e mesmo meu auge não foi grande coisa.

– Sem dúvida. Quando o vi pela primeira vez, achei que você estava gasto feito uma velha carranca de proa.

Jenner coçou o maxilar grisalho.

– É uma avaliação justa.

– Avaliação de uma idiota. – A voz de Skara falhou, mas ela pigarreou, respirou fundo e foi em frente: – Vejo isso agora. A carranca de proa gasta é a que enfrentou as piores tempestades e, mesmo assim, levou o navio em segurança para casa. Não preciso de beleza, preciso de lealdade.

Jenner se encolheu mais ainda.

– Durante toda a vida eu fui livre, princesa. Não olhei para ninguém a não ser o próximo horizonte, não me curvei diante de ninguém a não ser do vento...

– O horizonte agradeceu a você? O vento o recompensou?

– Não muito, confesso.

– Eu farei isso. – Ela segurou a mão dele, calejada, com as suas. – Para ser livre, um homem precisa de um objetivo.

Ele olhou para sua mão nas dela, depois encarou Thorn.

Ela deu de ombros.

– Um guerreiro que não tem pelo que lutar, a não ser por si mesmo, não é mais do que um bandido – comentou Thor.

– Já vi você ser testado e sei que posso confiar em você. – Skara atraiu de volta o olhar do velho pirata e o sustentou. – Fique comigo, por favor.

– Ah, pelos deuses. – A pele coriácea em volta dos olhos de Jenner se franziu enquanto ele sorria. – Como posso recusar?

– Não pode. Diga que vai me ajudar.

– Sou seu homem, princesa. Juro. Um juramento solar e um juramento lunar. – Ele se deteve. – Mas ajudá-la a fazer o quê?

A respiração de Skara saiu entrecortada.

– Eu disse que veria Throvenland livre, o salão do meu avô reconstruído e a carcaça de Yilling, o Brilhante, deixada para os corvos, lembra?

Jenner arqueou bem alto suas sobrancelhas hirsutas.

– Yilling tem o auxílio de toda a força do Rei Supremo. Cinquenta mil espadas, pelo que dizem.

– Apenas meia guerra é travada com espadas. – Ela pressionou a ponta do dedo na lateral da cabeça com tanta força que doeu, acrescentando: – A outra metade é travada aqui.

– Então... a senhorita tem um plano?

– Vou pensar em alguma coisa. – Ela soltou a mão de Jenner e olhou para Thorn. – Você navegou com pai Yarvi até a Primeira Cidade?

Thorn franziu a testa para Skara por cima do nariz torto, muitas vezes quebrado, tentando deduzir o que se escondia por trás daquela pergunta.

– Sim, naveguei com pai Yarvi.

– Você travou um duelo contra Grom-gil-Gorm?

– Isso também.

– Você é o Escudo Escolhido da rainha Laithlin?

– A senhorita sabe que sou.

– E, estando junto dela, deve também ver muito o rei Uthil.

– Mais do que a maioria das pessoas.

Skara enxugou o resto de umidade dos cílios. Não podia se dar ao luxo de chorar. Precisava ser corajosa, inteligente e forte, por mais que se sentisse fraca e aterrorizada. Precisava lutar por Throvenland agora que não havia mais ninguém, e as palavras precisavam ser suas armas.

– Fale sobre eles – pediu.

– O que quer saber?

Conhecimento é poder, costumava dizer mãe Kyre quando Skara reclamava de suas lições intermináveis.

– Quero saber tudo.

Por nós dois

Raith acordou com um susto louco. Alguém estava tocando nele.

Agarrou o desgraçado pelo pescoço e o jogou contra a parede, rosnando enquanto pegava a faca.

– Pelos deuses, Raith! Sou eu! Sou eu!

Só então Raith viu, à luz bruxuleante da tocha no corredor, que estava prendendo o irmão e já ia cortar a garganta dele.

Seu coração martelava. Demorou um momento para lembrar que estava na cidadela de Thorlby. No corredor do lado de fora da porta de Gorm, enrolado no cobertor. Exatamente onde deveria estar.

– Não me acorde assim – disse rispidamente, forçando os dedos da mão esquerda a se abrirem. Eles sempre doíam mais logo depois de ele acordar.

– Acordar? – sussurrou Rakki. – Você é que ia acordar toda a cidade de Thorlby, do jeito como estava gritando. Andou sonhando de novo?

– Não – grunhiu Raith, sentando-se encostado na parede e coçando as laterais da cabeça. – Talvez.

Sonhos sangrentos. A fumaça brotando e o fedor da destruição. A luz ensandecida nos olhos dos guerreiros, nos olhos dos cães. A luz ensandecida no rosto daquela mulher. A voz dela enquanto berrava pelo filhos.

Rakki lhe ofereceu uma garrafa e Raith a arrancou da mão dele, lavou a boca, cortada e dolorida por dentro e por fora pelos tapas de Gorm, mas isso não era novidade. Jogou a água na mão, esfregou-a no rosto. Estava coberto de suor frio.

– Não gosto disso, Raith. Estou preocupado com você.

– Você, preocupado comigo?

A espada de Gorm devia ter caído durante a confusão e Raith pegou-a e a apertou contra o peito. Se o rei visse que ele a havia deixado cair no frio, Raith

levaria outro tapa, talvez coisa pior.

– Essa é nova – acrescentou.

– Não, não é. Estou preocupado com você há muito tempo. – Rakki olhou nervoso para a porta do quarto do rei, deixou a voz sair suave e ansiosa enquanto se inclinava para a frente: – Nós poderíamos simplesmente ir embora. Poderíamos arranjar um navio para descer pelo Divino e o Renegado, como você sempre fala. Ou pelo menos como costumava falar.

Raith meneou a cabeça em direção à porta.

– Você acha que ele deixaria? Acha que mãe Scaer descartaria a gente sorrindo? – Ele bufou. – Achei que você era inteligente. É um sonho bonito, mas não tem volta. Esqueceu como eram as coisas antes? Sentindo fome e frio, com medo o tempo todo?

– Você não sente medo o tempo todo?

A voz de Rakki estava tão baixa que fez a raiva de Raith borbulhar, expulsando o terror dos sonhos. A raiva era a melhor resposta para a maioria dos problemas, pensando bem.

– Não, não sinto! – rosnou ele, sacudindo a espada de Gorm e fazendo o irmão se encolher. – Sou um guerreiro e vou fazer nome nesta guerra e ganhar argolas-dinheiro suficientes para nunca mais passar fome. Este é o meu lugar de direito. Lutei por ele, não foi?

– É, você lutou por ele.

– Nós servimos a um rei! – Raith tentou sentir o mesmo orgulho de antigamente. – O maior guerreiro do Mar Despedaçado. Jamais derrotado em duelo ou batalha. Você gosta de rezar. Agradeça à Mãe Guerra por estarmos com os vencedores!

Rakki o encarou do outro lado do corredor, as costas contra o escudo de Gorm marcado pela guerra, os olhos arregalados brilhando à luz da tocha. Era estranho como seu rosto podia ser tão parecido com o de Raith mas, ao mesmo tempo, tão diferente. Às vezes parecia que eles eram duas carrancas esculpidas iguais, para sempre presas no mesmo navio mas sempre olhando em direções opostas, proa e popa.

– Vai haver matança – murmurou ele. – Mais do que nunca.

– Acho que sim – disse Raith, e se deitou, virando as costas para o irmão, abraçando a espada de Gorm e puxando o cobertor por cima dos ombros. – É

uma guerra, não é?

– Só não gosto de matar.

Raith tentou fazer parecer que isso não importava, mas não foi totalmente bem-sucedido.

– Eu posso matar por nós dois.

Silêncio.

– É isso que me apavora.

Mãos talentosas

Koll gravou a última runa e sorriu, soprando serragem para longe. A bainha estava pronta e ele se sentiu orgulhoso com o resultado.

Sempre tinha amado trabalhar com madeira, que não guardava segredos nem contava mentiras e que depois de esculpida, jamais se desesculpia. Não era como o trabalho de ministro, todo feito de dissimulações e suposições. As palavras eram ferramentas mais complicadas do que os cinzéis e as pessoas eram tão mutáveis quanto a Mãe Oceano.

Suas costas se arrepiaram quando Rin passou a mão em volta do seu ombro, acompanhando uma linha de runas com a ponta do dedo.

– O que isso significa?

– Os cinco nomes da Mãe Guerra.

– Pelos deuses, é um belo trabalho. – A mão dela deslizou pela madeira escura, demorando-se nas figuras, nos animais e nas árvores em relevo, todas fluindo umas das outras. – Você tem mãos talentosas, Koll. Não existem mãos mais talentosas do que as suas.

Ela encaixou na ponta da bainha a chapa que tinha feito, aço brilhante martelado para parecer uma cabeça de serpente, ajustando-se ao trabalho dele com a mesma perfeição com que uma chave se encaixa na fechadura.

– Veja as coisas lindas que podemos fazer juntos. – Seus dedos enegrecidos pelo ferro deslizaram pelas aberturas entre os dele, marrons pelo trabalho com madeira. – Feitos um para o outro, não é? Minha espada. Sua bainha. – Koll sentiu a outra mão dela deslizando por sua coxa e estremeceu levemente. – E vice-versa...

– Rin...

– Certo, mais adaga do que espada.

Ele podia ouvir o riso na voz dela, podia senti-lo pinicando no pescoço. Amava quando ela ria.

– Rin, não posso. Brand é como um irmão para mim...

– Não se deite com Brand. Problema resolvido.

– Sou aprendiz de pai Yarvi.

– Não se deite com pai Yarvi.

Koll sentiu os lábios dela roçarem em seu pescoço e provocarem um tremor suado que se irradiou pelas costas.

– Ele salvou a vida da minha mãe. Salvou minha vida. Ele nos libertou.

Agora os lábios dela estavam na sua orelha, o sussurro tão alto que o fez encurvar os ombros, os pesos chacoalhando na tira de couro em volta do pescoço.

– Como ele o libertou se você não pode fazer suas próprias escolhas?

– Eu devo tudo a ele, Rin.

Koll podia sentir o peito dela se comprimindo contra suas costas a cada respiração. Rin apertava sua mão com força. Era tão forte quanto ele. Mais forte, provavelmente. Ele precisou fechar os olhos para pensar direito.

– Quando esta guerra acabar, vou fazer o Teste Ministerial e o Juramento do Ministro, e serei irmão Koll, não terei família nem mulher... Ah.

A mão dela deslizou entre as pernas dele.

– Até lá, o que impede você?

– Nada.

Ele girou, enfiando a mão livre no cabelo curto dela e puxando-a para perto. Riram e se beijaram ao mesmo tempo, ávidos, desajeitados, tropeçando em um banco e derrubando um monte de ferramentas com estardalhaço pelo chão.

As coisas sempre terminavam assim quando ele ia lá. Era por isso que continuava indo.

Escorregadia como um salmão, Rin se soltou dele, saltou para a pinça e pegou sua pedra de amolar, olhando para a lâmina em que estava trabalhando como se não tivesse feito nada além disso durante toda a manhã.

Koll pestanejou.

– O que você...

A porta se abriu com um estrondo e Brand entrou enquanto Koll permanecia encalhado no meio da oficina com uma grande tenda armada na calça.

– Ei, Koll – disse Brand. – O que está fazendo aqui?

– Vim terminar a bainha – respondeu ele, rouco, o rosto ardendo ao se virar rapidamente para sua mesa e espanar algumas aparas de madeira para o chão.

– Deixe-me ver.

Brand passou um braço pelos ombros dele. Deuses, era um braço grande, pesado, a cicatriz da corda subindo pelo pulso. Koll se lembrou de ter visto o amigo segurar o peso de um navio nos ombros, um navio que estivera a ponto de esmagá-lo, por sinal. Então se perguntou como seria levar um soco se Brand descobrisse tudo que a irmã dele e Koll estavam aprontando. Engoliu a saliva com um bocado de dificuldade.

Mas Brand apenas afastou o cabelo caído do rosto e sorriu.

– Belo trabalho. Você é abençoado, Koll. Assim como os deuses abençoaram minha irmã.

– Ela é... uma garota tremendamente espiritual.

Koll se remexeu de forma desajeitada para ajeitar a calça enquanto Rin franzia os lábios num beicinho louco pelas costas do irmão.

Pelos deuses, Brand não percebia nada. Era forte, leal e bem-humorado como um cavalo de carroça, mas estabelecia novos padrões para a cegueira. Provavelmente não se podia casar com Thorn Bathu sem aprender a deixar muita coisa de lado.

– Como vai a Thorn? – perguntou Koll, procurando alguma distração.

Brand parou, como se isso fosse um quebra-cabeça que exigisse pensar bastante.

– Thorn é Thorn. Mas eu sabia disso quando me casei com ela. – Ele deu aquele seu sorriso impotente. – Não poderia ser de outro modo.

– Não deve ser a pessoa mais fácil para se conviver.

– Eu lhe direi se isso acontecer um dia. Ela passa metade do tempo com a rainha e a outra metade treinando mais do que nunca, por isso costumo encontrá-la dormindo ou pronta para discutir. – Ele coçou a nuca, cansado. – Mesmo assim, eu também sabia disso quando me casei com ela.

– Não deve ser a pessoa mais fácil para não se conviver.

– Hum. – Brand olhou para o vazio como um veterano de guerra que ainda lutasse para entender os horrores que tinha visto. – Sem dúvida ela pode cozinhar uma briga usando os ingredientes mais pacíficos. Mas nada que valha a

pena é fácil. Eu a amo apesar disso. Eu a amo por causa disso. Eu a amo. – O rosto dele se abriu naquele sorriso de novo. – Todo dia é uma nova aventura, isso é certo.

Houve uma batida forte à porta. Brand estremeceu e foi atender. Rin simulou jogar um beijo, Koll fez mímica de recebê-lo no coração, Rin fingiu vomitar por cima de toda a bancada. Ele adorava quando ela fazia isso.

– É bom ver você, Brand.

Koll ergueu os olhos, surpreso ao ver seu mestre na oficina de Rin.

– Digo o mesmo, pai Yarvi.

As pessoas alcançam uma espécie de parentesco especial quando fazem uma longa jornada com outras. Ainda que Brand e Yarvi não pudessem ser menos parecidos, abraçaram-se e o ministro deu um tapa afetuoso nas costas largas do ferreiro com a mão mirrada.

– Como vão as coisas no negócio de espadas? – perguntou a Rin.

– Os homens sempre precisam de boas espadas, pai Yarvi. E o negócio das palavras?

– Os homens sempre precisam de boas palavras, também. – O ministro trocou seu sorriso pela seriedade usual quando olhou para Koll. – Tive a sensação de que você estaria aqui. Passa do meio-dia.

– Já?

Koll puxou seu avental, ficou preso nas alças, soltou-se e o jogou no chão, limpando a serragem das mãos.

– Geralmente o aprendiz vai até o mestre. – A ponta do cajado do ministro, feito de metal élfico, ressoou no piso enquanto ele se aproximava. – Você é meu aprendiz, não é?

– Claro, pai Yarvi – respondeu Koll, afastando-se de Rin cheio de culpa.

Yarvi estreitou os olhos enquanto olhava de um para o outro, obviamente sem deixar de notar nada. Poucos homens eram mais perceptivos que ele.

– Diga-me que alimentou os pombos.

– E limpei as gaiolas, separei as ervas novas, li mais vinte páginas da história de Gettland, de mãe Gundring, e aprendi cinquenta palavras na língua de Kalyiv.

As perguntas intermináveis de Koll sempre deixavam seu mestre louco, mas, ao estudar para o Ministério, ele tinha tantas respostas que achava que a cabeça iria explodir.

– O alimento do medo é a ignorância, Koll. A morte do medo é o conhecimento. E os movimentos das estrelas? Copiou os mapas que eu lhe dei?

Koll segurou a cabeça.

– Pelos deuses, sinto muito, pai Yarvi. Farei isso mais tarde.

– Hoje, não. A grande assembleia começa dentro de uma hora e há algo que precisa ser descarregado primeiro.

Koll olhou para Brand, com esperança.

– Não sou muito bom em carregar caixas...

– Jarros. E precisam ser carregados com muito cuidado. É um presente da imperatriz Vialine, trazida pelo Renegado e o Divino.

– Quer dizer, presente de Sumael? – perguntou Brand.

– Presente de Sumael. – Pai Yarvi exibia um sorriso distante ao dizer o nome. – Uma arma para usarmos contra o Rei Supremo...

Ele deixou o resto no ar enquanto se postava entre Koll e Rin, equilibrava o cajado na dobra do braço e, com a mão boa, erguia a bainha, virando-a contra a luz para examinar os relevos.

– Mãe Guerra – murmurou. – Mãe dos Corvos. Aquela cujas Penas são Espadas. Aquela que Reúne os Mortos. Aquela que Torna a Mão Aberta um Punho. Você esculpiu isso?

– Quem mais é bom desse jeito? – indagou Rin. – A bainha é tão importante quanto a espada. Uma boa espada raramente é tirada da bainha. É isso que as pessoas veem.

– Quando você enfim fizer o juramento de ministro, Koll, será uma perda para a arte da escultura em madeira. – Yarvi deu um suspiro pesado. – Mas você não pode mudar o mundo com um cinzel.

– Pode mudar um pouquinho – retrucou Rin, cruzando os braços enquanto encarava o ministro. – E para melhor.

– A mãe dele me pediu para torná-lo o melhor homem que ele puder ser.

Koll balançou a cabeça freneticamente pelas costas do mestre, mas Rin não queria se calar:

– Alguns de nós gostamos um bocado do homem que ele é.

– E é só isso que você quer, Koll? Esculpir madeira? – Pai Yarvi jogou a bainha na bancada e pôs a mão mirrada no ombro de Koll. – Ou quer ficar junto do ombro de reis e guiar o curso da história?

Koll pestanejou para um, depois para o outro. Deuses, ele não queria frustrar nenhum dos dois, mas o que poderia fazer? Pai Yarvi o havia libertado. E que filho de escravo não iria querer ficar junto ao ombro de reis e estar seguro, ser respeitado e poderoso?

– A história – murmurou, olhando culpado para o chão. – Acho...

Amigos como esses

Raith estava morrendo de tédio.

As guerras deviam ser feitas para lutar. E uma guerra contra o Rei Supremo certamente era a maior luta que um homem poderia esperar. Mas agora ficava sabendo que, quanto maior a guerra, mais ela era feita de conversa. Conversar, esperar e ficar com a bunda numa cadeira.

O pessoal importante estava acomodado em volta de três mesas compridas arrumadas em forma de ferradura, o status proclamado pelo valor de suas taças – os vansterlandeses de um lado, os gettlandeses do lado oposto e, no meio, uma dúzia de cadeiras para os throvenlandeses. Cadeiras vazias, porque os throvenlandeses não tinham vindo e Raith desejou ter seguido o exemplo deles.

Pai Yarvi tagarelava:

– Há sete dias me encontrei com uma representante de avó Wexen.

– Eu deveria estar lá! – reagiu rispidamente mãe Scaer.

– Gostaria que você estivesse, mas não houve tempo. – Yarvi espalmou a mão boa como se jamais fosse possível encontrar um homem mais justo. – Mas você não perdeu grande coisa. Mãe Adwyn tentou me matar.

– Já comecei a gostar dela – sussurrou Raith para o irmão, fazendo-o rir.

Raith preferiria dormir com um escorpião a trocar dez palavras com aquele desgraçado maneta. Rakki tinha passado a chamá-lo de Aranha e, sem dúvida, ele era esguio, sutil e venenoso. Mas, a não ser que você fosse uma mosca, as aranhas costumavam deixá-lo em paz. Só que as teias de pai Yarvi eram tecidas para homens e não havia como saber quem ficaria preso nelas.

Seu aprendiz era um pouco melhor. Um rapaz magricelo com cabelo de espantalho, fiapos irregulares de barba sem cor específica e um jeito agitado, nervoso, sempre piscando. Vivia sorrindo, como se fosse amigo de todo mundo, mas Raith não se convencia nem um pouco. Numa expressão de fúria, num

semblante de dor, num olhar de ódio dá para confiar. Um sorriso pode esconder qualquer coisa.

Raith deixou a cabeça pender para trás em meio ao burburinho, fitando o grande teto abobadado do Salão dos Deuses. Era uma tremenda construção, mas não via muita utilidade nos prédios, exceto a possibilidade de serem incendiados. As estátuas dos Deuses Altos olhavam carrancudas e desaprovadoras lá de cima e Raith retribuiu um sorrisinho de desprezo. Também não via muita utilidade nos deuses, fora uma ou outra oração pouco sentida à Mãe Guerra.

– Avó Wexen declarou que somos feiticeiros e traidores e emitiu um decreto de que todos devemos ser ceifados. – Pai Yarvi jogou um pergaminho em cima da mesa e Raith gemeu. Via menos utilidade ainda nos pergaminhos do que nos deuses e nos prédios. – Ela está decidida a nos esmagar.

– Não houve oferta de paz? – perguntou a rainha Laithlin.

Pai Yarvi olhou de soslaio para o aprendiz, depois balançou a cabeça.

– Nenhuma.

A rainha deu um suspiro amargo.

– Esperava que ela nos desse alguma coisa com a qual pudéssemos barganhar. Há pouco lucro no derramamento de sangue.

– Depende de quem é o sangue derramado e como ele é derramado. – Gorm franziu a testa com expressão sinistra para as cadeiras vazias. – Quando o rei Fynn vai nos oferecer sua sabedoria?

– Nem em mil anos – disse Yarvi. – Fynn está morto.

Os ecos de suas palavras morreram nos altos espaços do Salão dos Deuses, deixando um silêncio de choque. Até Raith aguçou os ouvidos.

– Mãe Kyre entregou a chave do Promontório de Bail em troca da paz, mas avó Wexen a traiu. Mandou Yilling, o Brilhante, a Yaletoft para cobrar suas dívidas, ele matou o rei Fynn e queimou a cidade até os alicerces.

– Então não podemos esperar ajuda de Throvenland.

Irmã Owd, a aprendiz de rosto gorducho de mãe Scaer, parecia a ponto de irromper em lágrimas diante da notícia, mas Raith estava sorrindo. Talvez agora eles fizessem alguma coisa.

– Houve uma sobrevivente. – A rainha Laithlin estalou os dedos e a porta dupla do Salão dos Deuses se abriu. – A neta do rei Fynn, a princesa Skara.

Havia duas figuras pretas na contraluz da porta, as sombras longas se estendendo pelo chão polido enquanto elas entravam. Uma era Jenner, o Azul, tão maltrapilho e envelhecido quanto estivera no cais. A outra havia se esforçado mais.

Usava um vestido de tecido verde e fino que brilhava em meio à penumbra das tochas, os ombros empertigados e as clavículas nítidas. Um brinco derramava joias pelo pescoço comprido e, no alto de um dos braços finos, uma pedra vermelho-sangue reluzia num bracelete de ouro. O cabelo escuro que era uma nuvem fantasmagórica estava untado com óleo, trançado e preso num coque brilhante.

Pelos deuses, ela estava mudada, mas Raith a reconheceu imediatamente.

– É ela – sussurrou. – A garota que eu vi no cais.

Rakki se aproximou para murmurar:

– Eu o amo, irmão, mas talvez você esteja tentando conquistar algo que está muito longe do seu alcance.

– Devo agradecer. – Skara parecia pálida e frágil como uma casca de ovo, mas sua voz ressoou forte e nítida enquanto virava aqueles grandes olhos verdes para as estátuas dos Deuses Altos. – Aos deuses por me livrarem das mãos de Yilling, o Brilhante, aos meus anfitriões por me darem abrigo enquanto estou sozinha. À minha prima, a rainha Laithlin, cuja inteligência é bem conhecida mas cuja compaixão só descobri recentemente. E ao rei de ferro Uthil, cuja decisão férrea e cuja justiça férrea são sussurradas por todo o Mar Despedaçado.

Uthil ergueu levemente uma sobrancelha grisalha. Uma adequada demonstração de deleite por parte daquele rosto que era uma armadilha para ursos.

– Você é bem-vinda entre nós, princesa.

Skara fez uma reverência profunda e graciosa para os vansterlandeses.

– Grom-gil-Gorm, rei de Vansterland, Quebrador de Espadas, sinto-me honrada em me postar à sua longa sombra. Eu diria como as histórias de sua grande força e sorte nas armas eram contadas frequentemente em Yaletoft, mas seu cordão conta essa história com mais eloquência do que eu jamais poderia fazer.

– Eu o achava mesmo bastante eloquente. – Gorm passou o dedo no cordão feito de botões tirados das espadas dos inimigos mortos, enrolado quatro vezes

em volta do pescoço largo como um tronco. – Até ouvir a senhorita falar, princesa. Agora começo a ter dúvidas.

Tudo eram apenas palavras. Mas até Raith, cuja capacidade de lisonjear não era melhor do que a de um cachorro, viu como cada elogio era cuidadosamente feito de acordo com as vaidades de seu alvo, como uma chave para uma fechadura. O humor no Salão dos Deuses já estava mais luminoso. Vinagre suficiente já fora derramado sobre aquela aliança. Skara oferecia mel e eles estavam ansiosos para lambê-lo.

– Grandes reis – continuou ela –, rainhas sábias, guerreiros renomados e ministros astutos estão reunidos aqui. – Skara pressionou a mão fina contra a barriga e Raith achou que a viu estremecer, mas a princesa segurou-a com a outra e foi em frente: – Sou jovem e não tenho o direito de me sentar com vocês, porém não há mais ninguém para falar por Throvenland. Não por mim, mas em nome do meu povo, que está impotente diante dos guerreiros do Rei Supremo, imploro que me permitam ocupar o lugar do meu avô.

Talvez fosse porque ela não estava de nenhum dos lados. Talvez porque era jovem, humilde e sem amigos. Talvez fosse a música de sua voz, mas havia uma magia quando ela falava. Um momento atrás ninguém poderia ter enfiado uma palavra na ponta de uma lança, mas agora aquele salão cheio de heróis exaltados estava num silêncio pensativo.

Quando o rei Uthil falou, a voz saiu áspera como um pio de corvo depois da canção de um rouxinol:

– Seria grosseria recusar um pedido feito com tanta graça.

Enfim os dois reis tinham encontrado algo com que podiam concordar.

– Nós deveríamos estar implorando assentos para a senhorita, princesa Skara – disse Gorm.

Raith viu a princesa deslizar até a cadeira alta que o rei Fynn teria ocupado, caminhando tão suavemente que seria possível equilibrar uma jarra de cerveja em sua cabeça. Jenner estragou um pouco essa graça largando o corpo na cadeira ao lado dela como se ela fosse um baú de remador.

Gorm fechou a cara para o velho marinheiro.

– Não é adequado que a princesa seja atendida por alguém tão insignificante.

– Não discordo. – Jenner abriu um sorriso com falhas. – Acredite quando digo que nada disso foi ideia minha.

– Um governante deve ter um ministro ao lado – comentou mãe Scaer. – Para ajudá-lo a escolher qual é o menor mal.

Yarvi franziu a testa para ela, do outro lado do salão.

– E o bem maior.

– Exatamente. Minha aprendiz, irmã Owd, é bem versada nas línguas e leis do Mar Despedaçado. Além disso, é uma curandeira sábia.

Raith quase gargalhou. Piscando idiotamente de lado para a mestra, irmã Owd parecia quase tão sábia quanto um nabo.

– Isso é bom – disse Gorm –, mas a princesa deve ser tão bem guardada quanto aconselhada.

A voz de Laithlin saiu gélida:

– Minha prima tem meus guerreiros para protegê-la.

– E quem irá protegê-la deles? Eu lhe ofereço o portador da minha espada. – A mão pesada de Gorm bateu no ombro de Raith, chocante como um relâmpago, e matou o seu riso. – Meu próprio enchedor de taças. Confio minha vida a ele toda vez que bebo, e bebo com frequência. Raith vai dormir do lado de fora de sua porta, princesa, e guardá-la com a fidelidade de um cão.

– Eu preferiria que houvesse um ninho de cobras do lado de fora do quarto dela – rosnou Thorn, e Raith não ficou mais feliz.

Ele poderia ficar olhando para Skara o dia inteiro, mas ser arrancado do lugar pelo qual tinha lutado e transformado em escravo dela não era nem de longe tão agradável.

– Meu rei... – sibilou Raith enquanto vozes raivosas se erguiam por todo o salão.

Durante anos Raith e seu irmão tinham servido juntos ao rei. O fato de poder ser posto de lado com tanta facilidade era como uma faca sendo cravada nele. E quem cuidaria de Rakki? Raith era o forte, os dois sabiam disso.

A mão de Gorm o comprimiu, mais pesada ainda.

– Ela é prima de Laithlin – murmurou. – É quase uma gettlandesa. Fique perto dela.

– Mas eu deveria lutar ao seu lado, não bancar a babá de uma...

Os dedos grandes do rei apertaram tanto que fizeram Raith ofegar.

– Nunca me faça pedir duas vezes.

– Amigos! Por favor! – gritou Skara. – Temos inimigos demais para ficarmos discutindo uns com os outros! Aceito graciosamente seu conselho, irmã Owd. E sua proteção, Raith.

Raith olhou o salão em volta, sentindo todos aqueles olhares frios cravados nele. Seu rei tinha falado. Não tinha mais direito a reclamar do que um cão durante a caçada do dono.

As pernas de sua cadeira rangeram quando Raith se levantou e, entorpecido, tirou do ombro a grande espada de Gorm. A espada que viera limpando, polindo, carregando, com a qual dormia havia três anos. Um tempo tão longo que ele se sentiu torto sem o peso. Queria jogá-la no chão, mas não conseguiu se obrigar. Por fim, colocou-a humildemente ao lado da cadeira, deu um tapinha no ombro do irmão atônito e, num momento, passou de portador da espada de um rei a cãozinho de colo de uma princesa.

Seus passos ásperos ecoaram no silêncio desaprovador e Raith se deixou cair entorpecido numa cadeira ao lado de sua nova senhora, derrotado sem ao menos ter chance de lutar.

– Vamos voltar aos negócios da guerra? – rosnou o rei Uthil, e a assembleia continuou.

Skara nem ao menos olhou para seu novo bicho de estimação. Por que faria isso? Era como se viessem de mundos diferentes. Para Raith ela parecia aguçada e perfeita como uma relíquia feita pelas mãos dos elfos. Calma, confiante e serena naquela companhia elevada como um lago de montanha sob as estrelas.

Uma garota – ou uma mulher – sem medo.

O sangue de Bail

Skara não tinha sentido mais medo nem quando ficara diante de Yilling, o Brilhante.

Não havia dormido nem um segundo, pensando interminavelmente no que dizer e em como dizer, pesando as lições de mãe Kyre, lembrando-se do exemplo do avô, murmurando orações no escuro Àquela que Falou a Primeira Palavra.

Não tinha comido nada no desjejum devido ao interminável borbulhar nervoso de suas entranhas. Sentia-se como se a bunda fosse despencar a qualquer instante, ficava imaginando o que aconteceria se soltasse um peido enorme no meio daquela companhia elevada.

Agarrou-se com força aos braços da cadeira, deixando os nós dos dedos brancos, como se estivesse à deriva num mar tempestuoso. Rostos raivosos surgiam oscilantes na penumbra do Salão dos Deuses e ela lutava para estudá-los como mãe Kyre tinha ensinado. Interpretá-los, decifrar as dúvidas, as esperanças e os segredos por trás deles, encontrar o que poderia ser usado.

Fechou os olhos, repassando as palavras do avô repetidamente nos pensamentos: *Você sempre foi corajosa, Skara. Sempre foi corajosa. Sempre foi corajosa.*

O jovem vansterlandês, Raith, não lhe dava nem um pouco de confiança. Era impressionante, sem dúvida. Impressionante como um machado encostado no pescoço, o rosto pálido e duro como prata cinzelada, um pedacinho cortado de uma orelha golpeada, a testa franzida de modo raivoso, o cabelo curto e as sobrancelhas com cicatrizes e até os cílios, tudo branco, como se todo o sentimento tivesse sido arrancado dele e sobrasse apenas o escárnio frio.

Era como se tivessem vindo de mundos diferentes. Ele parecia duro e selvagem como um cão de briga, calmo e desdenhoso em meio àquele grupo mortal como um lobo à frente da matilha. Pareceria ocupar o lugar certo se

estivesse dando seu sorrisinho no meio dos Companheiros de Yilling. Skara engoliu saliva azeda e tentou fingir que ele não estava ali.

– A Morte espera por todos nós. – A voz áspera do rei Uthil ecoou até ela como se ele estivesse à boca de um poço e ela se afogasse no fundo. – O guerreiro sábio prefere a espada. Golpeia o coração, confunde e surpreende o inimigo. O aço é a resposta, sempre. Devemos atacar.

Uma aprovação previsível soou no lado do salão ocupado pelos homens de Uthil, e um previsível grunhido de aversão por parte dos homens de Gorm.

– O guerreiro sábio não vai correndo para os braços da Morte. Ele prefere o escudo. – Gorm pôs a mão amorosa no grande escudo preto que o gêmeo de Raith carregava. – Ele atrai o inimigo para seu território e o esmaga em seus próprios termos.

O rei Uthil bufou.

– O que a preferência pelo escudo rendeu a você? Neste mesmo salão eu o desafiei e deste mesmo salão você se retirou feito um cão espancado.

Irmã Owd se inclinou à frente. Seu rosto fez Skara se lembrar dos pêssegos que cresciam do lado de fora dos muros do Promontório de Bail: macio e redondo, manchado de rosa e com uma penugem.

– Meus reis, isso não está ajudando...

Porém, Grom-gil-Gorm estrondeou acima dela como um trovão que se sobrepõe ao canto de um pássaro:

– Na última vez em que os gettlandeses e os vansterlandeses se enfrentaram, sua espada famosa sumiu do quadrado, rei de ferro. Você mandou uma mulher lutar no seu lugar e eu a derrotei, mas optei por deixá-la viver...

– Podemos tentar de novo quando você quiser, seu cagalhão gigante – rosnou Thorn Bathu.

Skara viu a mão de Raith apertar o braço da cadeira. Uma mão grande, pálida, com cicatrizes nos grossos nós dos dedos. Uma mão cuja forma natural era um punho fechado. Skara segurou o pulso dele e se certificou de se levantar primeiro.

– Devemos encontrar algum terreno intermediário!

Foi mais um berro desesperado. Ela engoliu em seco quando todos os olhares se voltaram na sua direção, hostis como uma fileira de lanças apontadas.

– Sem dúvida o guerreiro mais sábio usa o escudo e a espada juntos, cada um na hora certa – acrescentou Skara.

Parecia difícil questionar isso, mas a assembleia encontrou um meio.

– Os que trazem os navios é que deveriam falar sobre a estratégia – disse o rei Uthil, rude como um porrete de bétula.

– Você traz apenas uma tripulação à nossa aliança – reagiu o rei Gorm, remexendo no cordão do pescoço.

– É uma tripulação boa – observou Jenner. – Mas não posso dizer que seja mais do que uma.

Irmã Owd fez outro esforço:

– As regras das assembleias, estabelecidas por Ashenleer nas profundezas da história, dão voz igual a cada parte de uma aliança, independentemente de... independentemente...

Ela viu sua antiga mestra, mãe Scaer, lançando-lhe o olhar mais gelado imaginável, e sua voz teve uma morte lenta nos grandes espaços do Salão dos Deuses.

Skara precisou lutar para manter a voz calma:

– Eu teria trazido mais navios se meu avô estivesse vivo.

– Mas está morto – retrucou Uthil, sem se incomodar em suavizar a fala.

Gorm franziu a testa para o rival.

– E tinha nos traído com avó Wexen.

– Que escolha vocês deixaram a ele? – rosnou Skara, a fúria surpreendendo a todos e a ela própria mais do que a qualquer um. – Os aliados dele deveriam ir ajudá-lo, mas ficaram parados, de picuinha para ver quem se sentava onde enquanto ele morria sozinho!

Se as palavras eram armas, essas acertaram o alvo. Skara aproveitou o silêncio que lhe davam, inclinou-se à frente e, por menores que eles parecessem, plantou os punhos na mesa como seu avô costumava fazer.

– Yilling, o Brilhante, está ocupado espalhando fogo por Throvenland! Ele derruba qualquer resistência que reste. Pavimenta a estrada para o grande exército do Rei Supremo. Ele se considera invencível! – Skara deixou o desdém de Yilling arranhar o orgulho sensível no salão, depois acrescentou baixinho: – Mas ele deixou seus navios para trás.

Os olhos cinzentos de Uthil se estreitaram.

– O navio de um guerreiro é sua melhor arma, seu meio de garantir suprimentos, sua rota de fuga.

– Seu lar e seu coração. – Gorm passou os dedos cuidadosamente pela barba. – Onde estão esses barcos de Yilling?

Skara umedeceu os lábios.

– No porto do Promontório de Bail.

– Rá! – As pulseiras élficas chacoalharam no pulso tatuado de mãe Scaer enquanto ela descartava o assunto. – Seguros atrás das grandes correntes.

– Aquele lugar foi construído pelos elfos – comentou pai Yarvi. – É inexpugnável.

– Não! – A voz de Skara ecoou na cúpula acima, como um tapa. – Eu nasci lá e conheço os pontos fracos.

Uthil se remexeu, incomodado, mas Laithlin pôs a mão muito gentilmente em cima de seu punho fechado.

– Deixe que ela fale – murmurou, aproximando-se.

Enquanto o rei encarava a esposa, sua carranca se suavizou por um instante e Skara se perguntou se ele era mesmo um homem de ferro ou se apenas de carne como os outros, preso na gaiola de ferro da própria fama.

– Fale, princesa – disse ele, virando a mão para segurar a de Laithlin enquanto se recostava na cadeira.

Skara se inclinou para a frente, empurrando as palavras para cada canto do salão, lutando para preenchê-lo com suas esperanças e seu desejo e para fazer com que cada ouvinte os compartilhasse, como mãe Kyre tinha ensinado.

– Os muros élficos não podem ser rompidos, mas a Fragmentação da Divindade destruiu partes deles e as fendas foram fechadas por homens. A Mãe Oceano mastiga os alicerces interminavelmente. Para protegê-los, meu avô construiu dois grandes contrafortes junto aos penhascos no canto sul. Tão grandes que quase se tocam. Um homem ágil poderia subir entre eles e levar outros atrás.

– Um louco ágil – murmurou Gorm.

– Mesmo que uns poucos pudessem entrar – disse Uthil –, Yilling é um líder guerreiro calejado. Não seria idiota a ponto de deixar os grandes portões sem vigilância...

– Há outro portão, escondido, com largura suficiente para apenas um homem de cada vez, mas que poderia levar o resto dos seus guerreiros para dentro da fortaleza.

A voz de Skara falhou com sua necessidade desesperada de convencê-los, porém Jenner estava do seu lado e era um diplomata melhor do que parecia.

– Posso não saber muita coisa, mas conheço o Mar Despedaçado, e o Promontório de Bail é o cadeado e a chave para ele. A fortaleza controla os estreitos de Skekenhouse. É por isso que avó Wexen estava tão ansiosa para tomá-la. Enquanto detiver o poder sobre ela, Yilling pode atacar em qualquer local, mas se pudermos tirá-la dele...

Jenner se virou para Skara e deu uma piscadela.

– Teremos uma vitória digna das canções e ameaçaremos o trono do próprio Rei Supremo! – gritou ela.

Houve murmúrios baixos enquanto os homens avaliavam suas chances. Skara tinha atraído o interesse deles, mas os dois reis eram touros inquietos, difíceis de serem postos sob o mesmo objetivo.

– E se os navios tiverem sido tirados de lá? – perguntou Uthil. – E se a senhorita se lembra errado dos pontos fracos do Promontório de Bail? E se Yilling sabe deles e já os está guardando?

– Então a Morte espera por todos nós, rei Uthil. – Skara não venceria nenhuma batalha com humildade, não contra oponentes como aqueles. – Ouvi o senhor dizer que devemos atacar o coração. O coração de Yilling é seu orgulho. Seus navios.

– Isso é um jogo – murmurou Gorm. – Muita coisa poderia dar errado...

– Para vencer um oponente mais forte é preciso se *arriscar*. – Skara bateu com o punho na mesa. – Ouvi o senhor dizer que devemos enfrentar o inimigo em nosso próprio território. Que território melhor poderia haver do que a fortaleza mais sólida do Mar Despedaçado?

– Não é meu território – resmungou Gorm.

– Mas é meu! – A voz de Skara falhou de novo, porém ela se obrigou a continuar: – Vocês se esquecem! O sangue do próprio Bail corre nas minhas veias!

Skara sentiu-os hesitar. O ódio que nutriam um pelo outro, o medo que sentiam do Rei Supremo, a necessidade de parecerem intrépidos e o desejo de

glória se equilibravam juntos num gume de espada. Ela quase os tinha convencido, mas a qualquer momento, como pombos voando para gaiolas familiares, poderiam voltar para a rixa conhecida e a chance se perderia.

Onde a razão falha, dissera uma vez mãe Kyre, *a loucura pode ter sucesso.*

– Talvez vocês precisem vê-lo!

Skara estendeu a mão e arrancou a adaga do cinto de Raith.

Ele tentou desesperadamente pegá-la de volta, só que era tarde demais. Skara pressionou a ponta brilhante contra a base do polegar e cortou a palma até a raiz do mindinho.

Tinha esperado algumas delicadas gotas carmesins, mas é claro que Raith mantinha a adaga bem afiada. O sangue espirrou na mesa, respingou no peito de Jenner e no rosto redondo de irmã Owd. Houve um som ofegante, coletivo, e o de Skara foi o mais chocado de todos, mas agora não poderia haver recuo, apenas uma louca investida.

– E então? – Ela ergueu a mão à vista dos Deuses Altos, o sangue escorrendo pelo braço e pingando do cotovelo. – Vocês, guerreiros orgulhosos, vão desembainhar suas espadas e derramar seu sangue junto com o meu? Vão se entregar à Mãe Guerra e confiar em sua sorte com as armas? Ou vão ficar aqui, encolhidos nas sombras, provocando-se mutuamente com palavras?

A cadeira de Grom-gil-Gorm tombou quando ele se levantou. Ele fez uma carranca, os músculos de seu maxilar se avolumaram e Skara se retraiu, esperando que a fúria do rei a esmagasse. Então percebeu que ele estava mordendo a língua. Gorm disparou uma cusparada vermelha na mesa.

– Os homens de Vansterland navegarão dentro de cinco dias – rosnou o Quebrador de Espadas, com sangue escorrendo pela barba.

O rei Uthil se levantou, a espada desembainhada que ele sempre carregava deslizando pela dobra do braço até que a ponta estivesse à sua frente. Ele segurou-a por baixo da cruzeta, com os nós dos dedos branqueando enquanto apertava. Um fio de sangue se juntou no sulco e desceu até a ponta, espalhando-se numa mancha escura e pegajosa em volta do aço.

– Os homens de Gettland partirão em quatro dias.

Guerreiros dos dois lados do salão bateram nas mesas, sacudiram as armas e soltaram um grito ao ver sangue finalmente ser derramado, ainda que não fosse

nem de perto o necessário para vencer uma batalha e que a maior parte pertencesse a uma garota de 17 anos.

Skara se recostou na cadeira, de repente tonta, e sentiu a adaga ser arrancada de sua mão. Irmã Owd cortou a costura da sua manga e rasgou uma tira de pano, depois pegou a mão de Skara e habilmente começou a enrolá-la.

– Isso vai servir até que eu possa dar pontos. – Ela a olhou por baixo das sobrancelhas. – Por favor, nunca mais faça isso, princesa.

– Não se preocupe... Ah! – Pelos deuses, estava começando a doer. – Acho que aprendi a lição.

– É um pouco cedo para comemorar a vitória! – gritou pai Yarvi, interrompendo o barulho. – Primeiro precisamos decidir quem fará a escalada.

– Quando se trata de feitos de força e habilidade, meu porta-estandarte Soryorn é sem igual. – Gorm passou a mão pela argola cravejada de granadas do alto escravo shend ao seu lado. – Ele correu sobre os remos três vezes ida e volta na nossa viagem desde Vansterland, e ainda por cima num mar tempestuoso.

– Você não encontrará ninguém tão ágil e sutil quanto meu aprendiz, Koll – disse pai Yarvi. – Como pode testemunhar qualquer um que o tenha visto subir pelos penhascos em busca de ovos.

Todos os gettlandeses assentiram. Todos menos o próprio aprendiz, que pareceu quase tão nauseado com a ideia quanto Skara.

– Uma disputa amigável, talvez? – sugeriu Laithlin. – Para ver quem é melhor?

Skara percebeu a astúcia daquilo. Era uma bela distração para impedir que aqueles carneiros inquietos ficassem se chifrando antes de enfrentar o inimigo.

Irmã Owd pôs a mão de Skara delicadamente sobre a mesa, com a bandagem enrolada.

– Como sócia igualitária na aliança – bradou ela –, pela lei antiga e com um longo precedente, Throvenland deveria ser também representado nessa disputa!

Dessa vez a irmã se recusou a enfrentar o olhar gélido de mãe Scaer e se recostou na cadeira, satisfeita com a contribuição.

Skara ficou menos deliciada. Não tinha nenhum homem forte nem sutil, apenas Jenner.

Ele levantou as sobrancelhas fartas enquanto ela o encarava e murmurou:

– Até as escadas são um desafio para mim.

– Eu escalo para a senhora – disse Raith.

Skara não o vira sorrir até então, e isso pareceu acender uma chama naquele rosto frio, os olhos brilhando ousados e maliciosos, fazendo-o parecer mais marcante do que nunca.

– Deve ser melhor do que falar, não é?

Chances

– Não tivemos chance de conversar – disse Jenner.

– Não sou muito de falar – grunhiu Raith.

– Só de lutar, não é?

Raith não respondeu. Se tivesse que responder, seria com os punhos.

– É meu dever garantir que a princesa permaneça segura – afirmou Jenner.

Raith meneou a cabeça para a porta.

– É por isso que estou aqui fora.

– É. – Jenner estreitou os olhos. – Mas ela está a salvo de você?

– E se não estiver?

Raith deu mais um passo para perto do velho pirata, com os dentes à mostra junto ao rosto dele, de modo que estava quase lhe dando uma cabeçada. Precisava mostrar que era o desgraçado mais sangrento que existia. Deixar que os outros vejam sua fraqueza é o fim.

– Como você me impediria, velho?

Jenner não recuou, apenas ergueu as mãos enrugadas.

– Eu diria: “Epa, calma aí, garoto, um velho bobo que nem eu lutando contra um jovem herói como você? Acho que não!” E recuaria, mansinho.

– Está certíssimo – rosnou Raith.

– Então eu iria até minha tripulação e pegaria seis caras enormes. Dos remos do meio, sabe, acostumados a fazer força, mas com pés leves. Quando escurecesse, dois deles enrolariam você direitinho no seu cobertor. – Ele espanou levemente o cobertor que estava no ombro de Raith com as costas da mão. – Depois os outros quatro trariam uns pedaços de pau bem grossos e espancariam aquele belo embrulho até que não restasse nada duro dentro. Eu mandaria a gosma que restasse a Grom-gil-Gorm, acho que ainda no cobertor, porque não iríamos querer deixar sujeira no chão da princesa Skara, e diria ao Quebrador de

Espadas que, infelizmente, o garoto que ele nos emprestara era um pouquinho irritadiço demais e não tinha dado certo. – Jenner sorriu, o rosto gasto pelo tempo se abrindo em sulcos como botas velhas. – Mas eu preferiria não aumentar meus arrependimentos. Os deuses sabem que eu tenho um monte deles. Prefiro lhe dar a chance de provar que é digno de confiança.

Era uma boa resposta, Raith precisou admitir. Inteligente, mas férrea. Fez com que ele parecesse um bandido desajeitado, e não gostou nada disso. Um bandido sutil era melhor. Recuou, deu um pouco mais de espaço e muito mais respeito a Jenner.

– E se eu não for digno de confiança?

– Quando damos aos homens a chance de serem melhores, eu percebo que a maioria aceita.

Raith não concordava com aquilo.

– Tem certeza, velho?

– Acho que podemos descobrir juntos, garoto. Quer outro cobertor? Aqui fora pode fazer frio.

– Já enfrentei frios piores.

Raith adoraria outro cobertor, mas precisava dar a impressão de que nada o incomodaria. Assim, apertou o único que tinha em volta dos ombros e se sentou, ouvindo os passos do velho se afastarem. Sentia falta da espada de Gorm. Sentia falta do irmão. Mas a corrente de ar frio, as pedras frias e o silêncio frio eram praticamente os mesmos.

Imaginou se os sonhos também seriam.

Como vencer

– Quando eu tocar o sino, vocês sobem.

– Sim, minha rainha – disse Koll, rouco.

Havia poucas pessoas no mundo por quem ele sentia uma reverência maior do que a rainha Laithlin, e a maioria delas estava ali agora, assistindo. Era como se metade dos habitantes do Mar Despedaçado estivessem socados no pátio da cidadela à sombra do grande cedro, apinhados nas janelas ou espiando de telhados e das ameias.

O rei Uthil estava de pé nos degraus do Salão dos Deuses, com pai Yarvi apoiado em seu cajado à direita e Rulf ao lado, coçando o cabelo grisalho curto acima das orelhas, dando a Koll o que sem dúvida pretendia ser um sorriso torto de apoio. Do lado oposto, numa plataforma cuidadosamente construída da mesma altura, estava Grom-gil-Gorm. Linhas de ouro em zigue-zague forjadas em sua cota de malha brilhavam ao sol da manhã. Seu porta-escudo de cabelos brancos se encontrava ajoelhado ao lado, enquanto mãe Scaer observava com os olhos azuis ferozmente semicerrados.

Rin tinha encontrado um modo de se enfiar por ali, como sempre fazia, e surgiu num telhado à esquerda de Koll. Acenou feito uma louca quando ele ergueu os olhos, balançando a palma da mão aberta para dar sorte. Pelos deuses, Koll desejou estar lá com ela. Ou, melhor ainda, na oficina dela. Ou, melhor ainda, na cama dela. Afastou a ideia. Afinal de contas, Brand estava ao lado da irmã e poderia não continuar para sempre sem perceber o que acontecia entre os dois.

Laithlin levantou um braço branco e comprido, apontando para o topo do cedro, para o galho mais alto, onde reluzia ouro.

– Vence quem trouxer de volta o bracelete da princesa Skara.

Koll estremeceu dos dedos dos pés até as raízes dos cabelos, tentando se livrar do nervosismo que pinicava. Olhou para o mastro enfiado no pátio ao lado de Thorn, esculpido da base ao topo por suas próprias mãos na longa jornada até a Primeira Cidade e de volta.

Pelos deuses, sentia orgulho daquele mastro. Da escultura que tinha feito e de sua participação na história que ela contava. Naquela viagem haviam acontecido muitos feitos corajosos e ele precisava ser corajoso agora. Tinha certeza de que podia vencer. O que não sabia era se *queria* vencer. Para um homem considerado inteligente, vivia se enfiando num bocado de situações idiotas.

Deu um daqueles suspiros que faziam os lábios tremelicarem.

– Os deuses têm um senso de humor idiota.

– Têm mesmo. – O ex-enchedor de taça de Gorm, Raith, franziu a testa para a multidão. – Quando entrei no barco em Vulsgard, nunca pensei que acabaria subindo em árvores. – Ele se inclinou para perto, como se tivesse um segredo para contar, e Koll não pôde deixar de se inclinar junto. – Nem bancando a babá de uma garota magricela.

A princesa Skara estava entre a irmã Owd, de olhos arregalados, e o malvestido Jenner, o Azul, parecendo perfeita e frágil como as estátuas de cerâmica que Koll tinha visto muito tempo antes na Primeira Cidade, tentando deduzir como elas eram feitas.

– A vida é fácil demais para as pessoas muito bonitas – disse o garoto. – Elas têm todo tipo de vantagens.

– Garanto que a coisa é tão difícil para nós, os belos, quanto para todo mundo – observou Raith.

Koll se virou para encará-lo.

– Você é muito menos canalha do que pensei.

– Ah, você ainda não me conhece muito bem. Ele está levando isso muito a sério, não é?

O porta-estandarte shend de Grom-gil-Gorm tinha se despido até a cintura e havia em suas costas largas um padrão de cicatrizes queimadas para parecer uma árvore frondosa. Ele estava se exibindo, flexionando os músculos esguios enquanto se alongava, se contorcia e tocava os dedos dos pés.

Raith apenas ficou parado, coçando um corte na orelha.

– Achei que iríamos escalar, não dançar.

– Eu também. – Koll sorriu. – Talvez tenhamos sido mal informados.

– Meu nome é Raith.

Ele estendeu uma mão amistosa.

O aprendiz do ministro retribuiu o sorriso.

– Koll.

Ele a apertou. Exatamente como Raith sabia que faria, porque os homens fracos são sempre ávidos pela amizade dos fortes. O sorriso de Koll logo sumiu quando ele descobriu que não podia soltar a mão.

– O que você...

Laithlin tocou o sino.

Raith puxou o garoto para perto e lhe deu uma cabeçada no rosto.

Ele era capaz de escalar, mas não tinha dúvida de que os outros dois eram melhores. Se quisesse vencer, e ele sempre queria, era melhor transformar a disputa em outra coisa. Ele era mestre em dar cabeçadas na cara dos outros, como Koll descobriu agora.

Raith lhe deu três socos nas costelas, dobrando-o, gorgolejante, com sangue saindo da boca machucada, depois agarrou sua camisa e o jogou de cabeça para baixo numa mesa onde alguns gettlandeses estavam sentados.

Ouviu o caos atrás de si, a multidão berrando palavrões, mas a essa altura o sangue rugia em seus ouvidos e seu foco estava na árvore. Soryorn já enfiava o corpo grande e comprido no meio dos galhos e, se ele tivesse uma boa dianteira, Raith sabia que jamais iria alcançá-lo.

Partiu correndo, saltou para o galho mais baixo e se alçou, pulou para um mais alto, com gravetos se partindo sob seu peso. No salto seguinte, totalmente esticado, agarrou Soryorn pelo tornozelo e o puxou para baixo, fazendo um graveto quebrado arranhar as costas cicatrizadas do adversário.

Soryorn chutou e acertou Raith na boca, mas o vansterlandês nunca tinha se incomodado com o gosto do próprio sangue. Rosnou enquanto se puxava para cima, sem pensar nos galhos que arranhavam, sem pensar na dor na mão esquerda acertada de novo pelo tornozelo do outro. Agarrou o tornozelo de Soryorn outra vez, depois o cinto, e finalmente a argola de escravo cravejada de granadas.

– O que você está fazendo? – rosnou o porta-estandarte, tentando afastá-lo com uma cotovelada.

– Vencendo – sibilou Raith, chegando à mesma altura que ele.

– Gorm quer que eu vença!

– Eu sirvo a Skara, lembra?

Raith deu um soco bem entre as pernas de Soryorn, fazendo os olhos dele se arregalarem. Depois socou-o na boca, impelindo sua cabeça para trás, e mordeu com força a mão com que Soryorn se agarrava. Com um grito chiado, o porta-estandarte se soltou e despencou entre os galhos, a cabeça ricocheteando em um, outro dobrando-o ao meio, um terceiro fazendo-o girar e girar até ele se chocar contra o chão.

Uma pena, mas alguém precisava vencer e alguém precisava cair.

Raith subiu mais ainda, até onde os galhos eram mais esparsos. Dali podia enxergar por cima da muralha da cidadela. A Mãe Oceano rebrilhava, a floresta de mastros nas dezenas de navios se apinhava no porto de Thorlby, a brisa salgada beijava sua testa suada.

Arrancou o bracelete do galho mais alto. Iria colocá-lo no pulso, mas não caberia de jeito nenhum, pois fora feito para o braço fino de Skara. Por isso o enfiou na bolsa presa ao cinto e começou a descer.

O vento soprou e fez toda a árvore oscilar, os galhos estalando, folhas roçando por todo o seu corpo enquanto ele se agarrava com força. Captou um clarão branco com o canto do olho, mas tudo que pôde ver ao olhar para baixo foi Soryorn, tentando subir, em vão, nos galhos mais baixos. Nenhum sinal do garoto do ministro. Provavelmente estava chorando por causa da cara quebrada. Poderia ser um bom escalador, mas não tinha coragem e, para subir sozinho no Promontório de Bail, ela seria indispensável.

Raith se soltou e pulou no chão.

– Seu sacaninha! – rosnou Soryorn, agarrado a um galho baixo.

Ele devia ter machucado a perna ao cair, pois a segurava com cuidado, os dedos dos pés se arrastando no chão.

Raith gargalhou ao passar. Então saltou e golpeou as costelas de Soryorn com um ombro, jogando-o com tanta força contra a árvore que ele soltou todo o ar num chiado.

– Seu sacana grandão – retrucou Raith enquanto abandonava Soryorn gemendo no chão.

O porta-estandarte sempre fora um bom amigo de Raith. Logo, deveria saber que não podia deixar a lateral exposta daquele jeito.

– Princesa Skara.

Ela lançou a Raith o que esperava ser um olhar de desaprovação.

– Eu não diria que foi uma disputa justa.

Ele deu de ombros, olhando direto em seus olhos.

– A senhora acha que Yilling perde o sono pensando no que é justo?

Skara sentiu-se ruborizar. Ele era tão educado quanto um toco de árvore, tratava-a sem a menor deferência. Mãe Kyre ficaria ultrajada. Talvez por isso Skara achasse tão difícil ficar também. Não estava acostumada com a grosseria e havia algo revigorante nela. Algo até mesmo atraente.

– Então eu deveria mandar um cachorro pegar um cachorro?

Raith deu um risinho áspero.

– Mande um matador para matar um matador, pelo menos.

Ele levou a mão à bolsa e seu sorriso sumiu.

Foi então que Koll contornou o cedro, parando um momento para ajudar Soryorn a se levantar. Seu lábio estava partido e o nariz, inchado e sangrando, mas ele sorria.

– Perdeu alguma coisa, amigo? – perguntou, enquanto Raith dava tapinhas nas roupas.

Com um floreio de seus dedos finos, ele tirou, aparentemente de lugar nenhum, o bracelete que Bail, o Construtor, tinha usado em batalha. Fez uma reverência adequada.

– Acho que isso é seu, princesa.

Raith ficou boquiaberto.

– Seu ladrão...

Koll exibiu os dentes sangrentos ao dar um sorriso ainda mais largo.

– Você acha que Yilling perde o sono preocupado com ladrões?

Raith tentou agarrar o bracelete, mas Koll foi rápido demais, jogando-o para o ar.

– Você perdeu o jogo.

Ele pegou o bracelete antes que Raith pudesse fechar os dedos, jogou-o agilmente de uma mão para a outra, e deixou Raith agarrando o nada.

– Não perca o senso de humor também!

Skara viu Raith cerrar os punhos enquanto Koll jogava o bracelete para cima mais uma vez.

– Chega! – Ela se postou entre os dois antes que mais algum mal pudesse ser feito e pegou o bracelete no ar. – Gettland venceu! – gritou, passando a joia pelo pulso e empurrando-a pelo braço.

Os gettlandeses explodiram em comemorações. Os vansterlandeses ficaram bem mais quietos, observando Soryorn sair mancando, apoiado no ombro de mãe Scaer. Quanto ao pequeno séquito de Skara, Raith parecia ter engolido um machado e Jenner estava em lágrimas, mas de tanto rir.

Thorn pôs as mãos em concha para berrar acima do barulho:

– Acho que todo aquele tempo passado em cima do mastro não foi desperdiçado, afinal!

– É possível aprender mais em cima de um mastro do que em qualquer aposento de ministro! – gritou Koll, adorando os aplausos e jogando beijos para os amigos.

Skara se inclinou para perto dele.

– Você percebe que ganhou a chance de escalar sozinho uma fortaleza inexpugnável cheia de inimigos?

O sorriso dele murchou enquanto ela segurava seu pulso e levantava sua mão frouxa em triunfo.

O primeiro a entrar

As muralhas do Promontório de Bail foram congeladas em outro clarão de relâmpago, as ameias parecendo dentes pretos contra um céu brilhante. Deuses, elas pareciam muito altas.

– É tarde demais para dizer que não gosto desse plano? – guinchou Koll acima dos uivos do vento, do sibilo da chuva e das marretadas da Mãe Oceano contra o barquinho.

– Pode dizer quando quiser – gritou Rulf, com a água escorrendo pela careca. – Desde que depois você suba!

O vento aumentou e golpeou borrifos de água no rosto da tripulação que se esforçava. O trovão espocava suficientemente alto para fazer o mundo tremer, mas Koll não poderia estar tremendo mais enquanto eles se sacudiam e oscilavam mais perto das pedras.

– Esse céu não me parece um bom presságio!

– Nem este mar! – berrou Dosduvoi, lutando com o remo como se ele fosse um cavalo que precisasse ser domado. – Má sorte por todo lado!

– Todos temos sorte, boa e má! – Thorn sopesou o arpéu em sua mão. – O que importa é como a enfrentamos.

– Ela está certa – disse Fror, o olho ruim se destacando branco no rosto enegrecido de alcatrão. – Aquele que Fala o Trovão está do nosso lado. A chuva dele vai manter a cabeça dos inimigos dentro das paredes. O resmungo dele vai abafar os sons da nossa chegada.

– Desde que o relâmpago dele não frite você até virar cinzas – disse Thorn dando um tapa nas costas de Koll e quase o derrubando do barco.

A base da muralha era feita de antiga pedra élfica, mas estava torta e quebrada, com barras enferrujadas surgindo nas rachaduras, cobertas de lapas,

algas e cracas. Rulf se abaixou, arreganhando os dentes enquanto puxava forte o remo-leme, levando-os de costado.

– Calma! Calma!

Outra onda os pegou, levando o estômago de Koll até a boca e os carregando com força contra as pedras, a madeira rangendo e guinchando. Ele se agarrou à amurada, certo de que o barco iria se partir e que a Mãe Oceano entraria num jorro, sempre faminta por corpos quentes para arrastar para o abraço frio, mas a madeira, já acostumada, resistiu e ele murmurou um agradecimento à árvore que a dera.

Thorn jogou o arpéu, que se prendeu logo na primeira vez em meio àquelas hastes antigas. Ela firmou as pernas nas tábuas do costado, ao lado de Koll, os dentes trincados enquanto puxava o barco mais para perto.

Koll viu os dois contrafortes dos quais a princesa Skara tinha falado. Construídos por mãos humanas com blocos ásperos, a argamassa meio se soltando devido aos anos de mastigação da Mãe Oceano. Entre eles havia uma fenda sombreada, a pedra brilhando escorregadia e molhada.

– Apenas imagine que é outro mastro! – gritou Rulf.

– Os mastros costumam ter mares furiosos embaixo – disse Thorn, com os tendões enegrecidos pelo alcatrão se flexionando nos ombros enquanto ela lutava com a corda.

– Mas raramente têm inimigos furiosos no topo – murmurou Koll, fitando as ameias.

– Tem certeza de que não quer alcatrão? – perguntou Fror, oferecendo o jarro. – Se eles virem você subindo...

– Não sou guerreiro. Se eles me pegarem, tenho mais chance falando do que lutando.

– Está preparado? – perguntou Rulf rispidamente.

– Não!

– Então é melhor ir despreparado: as ondas vão despedaçar este barco daqui a pouco!

Koll subiu na amurada, com uma das mãos segurando a proa, a outra afrouxando um pouco a corda que tinha amarrado no peito e enrolado entre os bancos. Estava molhada, pesava um bocado, e só iria pesar mais ainda à medida que ele escalasse. O barco oscilou, raspando no pé do contraforte. A água furiosa

batia entre rocha e madeira e subia num repuxo; teria encharcado Koll se a chuva e o mar já não o tivessem encharcado.

– Mantenha o barco firme! – gritou Rulf.

– Eu manteria, mas a Mãe Oceano não quer! – berrou Dosduvoi.

O sábio espera por seu momento, mas nunca o deixa passar, sempre dizia pai Yarvi. Outra onda levantou o barco e Koll murmurou mais uma oração ao Pai Paz, desejando viver para ver Rin de novo, e pulou.

Tivera certeza de que iria mergulhar, debatendo-se e gemendo, direto pela Última Porta, mas o vão entre os dois contrafortes era mais profundo do que a altura de um homem e tinha a largura exata. Ele se prendeu ali com tanta facilidade que quase foi uma decepção.

– Rá! – gritou por cima do ombro, deliciado com a sobrevivência inesperada.

– Não ria! – rosnou Thorn, ainda lutando com o arpéu. – Suba!

A argamassa meio solta oferecia apoios suficientes para os pés e as mãos, e no início ele fez um progresso rápido, cantarolando sozinho, imaginando as canções que os bardos cantariam sobre Koll, o Habilidoso, que subira pela muralha impenetrável do Promontório de Bail rápido como uma gaivota no voo. Os aplausos que tinha conseguido no pátio da cidadela de Thorlby só haviam lhe dado um desejo por mais. Ser amado, admirado e celebrado não parecia ruim. Nem um pouco.

Mas os deuses adoram rir de um homem feliz. Como um bom mastro, os contrafortes se afilavam em direção ao topo. O vão entre eles ia ficando mais estreito, o vento e a chuva golpeando e dando pancadas tão gélidas em Koll que ele não conseguia mais se ouvir cantarolando. Pior ainda, o vão começou a se alargar, de modo que o garoto precisava se esticar mais para conseguir pontos de apoio. Até que não teve opção a não ser desistir de um dos contrafortes e subir no ângulo entre o outro e a muralha, com a pedra gelada e escorregadia de musgo. Precisava ficar parando para tirar o cabelo molhado do rosto, enxugar as mãos sofridas e soprar a vida de volta aos dedos entorpecidos.

O último trecho de pedra erigida pelo homem demorou mais do que todo o resto. Agora havia uma quantidade mortal de corda pesada de chuva pendurada em seu ombro, mais pesada do que a armadura de um guerreiro, chicoteando e estalando no vão, golpeada pelo vento. Era o teste mais difícil que já enfrentara

na vida, os músculos se repuxando, tremendo, ardendo além do suportável. Até os dentes doíam, porém voltar seria mais perigoso do que seguir em frente.

Koll buscava os pontos de apoio com tanto cuidado quanto um construtor de navios escolhia a quilha, sabendo que um único erro faria com que fosse esmagado e transformado em comida de peixe nas pedras embaixo. Franzia os olhos ao luar e aos clarões da tempestade, raspava a terra cheia de musgo entre as pedras, que ali estava quebradiça como queijo velho. Tentou não pensar na queda enorme nem nos homens furiosos que poderiam estar lá em cima nem no...

Uma pedra se despedaçou em seus dedos entorpecidos e ele perdeu o apoio, gemendo enquanto se balançava para longe, cada tendão estendido, o braço pegando fogo, debatendo-se e raspando a hera antiga até que finalmente encontrou um apoio firme.

Comprimiu-se contra o muro, viu o cascalho cair, quicando em volta da corda, até as pedras élficas pontudas e o barco jogado de um lado para outro na salmoura furiosa.

Sentiu os pesos da mãe pressionando seu peito, pensou nela franzindo a testa para ele no mastro, o dedo balançando. *Desça daí antes que você quebre a cabeça.*

– Não posso ficar enrolado num cobertor a vida toda, certo? – sussurrou acima das pancadas do coração.

Foi com um alívio lendário que espiou por cima das ameias e viu que a passarela golpeada pela chuva estava deserta e era mais larga do que uma estrada. Gemeu enquanto se alçava, puxando a corda em seguida. Rolou de costas e ficou deitado, ofegante, tentando fazer o sangue voltar aos dedos, que latejavam.

– Isso foi uma aventura – sussurrou, ficando de quatro e olhando por cima do Promontório de Bail. – Pelos deuses...

Dali de cima não era difícil acreditar que essa fosse a fortaleza mais sólida do mundo, a própria chave para o Mar Despedaçado.

Havia sete torres enormes com muralhas enormes entre elas, seis construídas pelos elfos com uma pedra perfeita, que agora brilhava molhada, e uma atarracada e feia, feita pelos homens para fechar uma brecha deixada pela Fragmentação da Divindade. Cinco torres se erguiam do Pai Terra à esquerda de

Koll, mas à direita duas se projetavam para fora, saindo dos penhascos para a Mãe Oceano, com correntes penduradas entre elas logo acima das ondas, fechando o porto.

– Deuses – sussurrou de novo.

O lugar estava apinhado de navios, como tinha dito a princesa Skara. Pelo menos cinquenta, alguns pequenos, alguns muito grandes. A frota de Yilling, o Brilhante, segura como bebês entre os poderosos braços élficos da fortaleza, os mastros nus mal se mexendo apesar da fúria da Mãe Oceano do outro lado.

Uma rampa longa subia do cais pelo penhasco até o grande pátio. Construções de dezenas de eras e projetos diferentes se espalhavam; os telhados eram um labirinto confuso de palha com musgo, telhas rachadas, ardósia escorregadia de chuva, calhas quebradas espirrando água que batia nas pedras do calçamento embaixo. Era quase uma cidade, agarrando-se à lateral das grandes muralhas élficas, com a luz das fogueiras se derramando pelas bordas de uma centena de janelas fechadas por causa da tempestade.

Koll se soltou da corda, xingando os dedos frios e desajeitados. Enquanto a enrolava nas ameias, puxava com força os nós para garantir que estivessem bem firmes, e finalmente se permitiu um sorriso cansado.

– Assim está bom.

Mas os deuses gostam de rir de um homem feliz, e seu sorriso desapareceu no momento em que ele se virou.

Um guerreiro vinha pela passarela na sua direção, a lança numa das mãos, um lampião tremeluzente na outra, uma capa pesada de chuva balançando nos ombros encurvados.

Todos os instintos de Koll o mandavam correr, mas ele se obrigou a virar as costas para o guarda, apoiar a bota despreocupadamente no espaço entre duas ameias e olhar para o mar como se esse fosse o lugar em que se sentia mais à vontade no mundo. Fez uma oração silenciosa para Aquela que Tece Mentiras. De um modo ou de outro, ela recebia muitas orações de Koll.

Quando ouviu o som das botas, virou-se com um sorriso de viés.

– Ei, bela noite para ficar na muralha!

– Nem um pouco. – O homem estreitou os olhos para ele, levantando o lampião. – Eu conheço você?

Ele falava como um yutmarkês, por isso Koll confiou na sorte.

– Não, não, sou ingling.

Dê uma boa mentira a um homem e ele pode lhe oferecer a verdade.

– Um dos rapazes do Lufta?

– Isso mesmo. Lufta me mandou verificar a muralha.

– Mandou?

Se você não pode contar uma boa mentira, a verdade terá que servir.

– É, existem esses dois contrafortes, veja bem, e Lufta ficou preocupado achando que alguém poderia escalar a muralha pelo espaço entre eles.

– Numa noite assim?

Koll deu um risinho.

– Eu sei, eu sei, é uma coisa doida feito um chapéu cheio de sapos, mas você sabe como Lufta é...

– O que é isso? – perguntou o homem, franzindo os olhos para a corda.

– O que é o quê? – indagou Koll, ficando na frente dela, agora sem mentiras e também sem verdades. – O quê?

– Isso, seu...

Os olhos do yutmarkês se arregalaram quando uma mão negra pressionou sua boca e uma lâmina negra atravessou seu pescoço. O rosto de Thorn apareceu ao lado do dele, não mais do que uma sombra na chuva, só os olhos se destacando brancos na pele suja de alcatrão.

Ela baixou o corpo frouxo do guerreiro delicadamente no parapeito.

– O que vamos fazer com o cadáver? – murmurou Koll, pegando o lampião antes que ele caísse. – Não podemos só...

Thorn o segurou pelas botas e o jogou no vazio. Koll olhou por cima da ameia, boquiaberto, vendo o corpo mergulhar, bater na muralha perto da base e cair partido nas ondas violentas.

– É isso que fazemos – disse ela enquanto Fror passava pela muralha atrás dela, tirava o machado das costas e arrancava o trapo que tinha usado para abafar o som da lâmina suja de alcatrão. – Vamos.

Koll engoliu em seco, acompanhando-os. Ele amava Thorn, mas ficava apavorado ao ver a facilidade com que ela era capaz de matar um homem.

A escada que descia para o pátio ficava exatamente onde Skara tinha dito, com poças de água da chuva nos centros gastos dos degraus. Koll se permitia

sonhar de novo com a colheita de glória se o plano louco funcionasse, quando escutou uma voz ecoar lá embaixo e se espremer nas sombras.

– Vamos entrar, Lufta. Aqui fora está um vento dos diabos!

Uma voz mais grave respondeu:

– Dunverk disse para guardar o portão pequeno. Agora pare de choramingar.

Koll olhou pela beirada da escada. Um toldo de lona balançava ao vento lá embaixo, a luz de uma fogueira se irradiando de baixo.

– Esse portão pequeno não é tão secreto quanto a gente esperava – sussurrou Thorn no ouvido dele.

– Como os bichos das maçãs – murmurou ele –, os segredos têm o hábito de sair se retorcendo.

– Vamos lutar? – murmurou Thorn. Esse era sempre seu primeiro pensamento.

Koll aplainou o caminho para o Pai Paz, como um bom ministro devia fazer.

– Acabaríamos acordando todo mundo na fortaleza.

– Não vou descer de volta por aquele vão – afirmou Fror. – Isso eu posso garantir.

– Me empreste sua capa – sussurrou Koll. – Tive uma ideia.

– Tem certeza de que esta é a melhor hora para ter ideias? – sibilou Thorn.

Koll deu de ombros enquanto puxava o capuz para cima e tentava relaxar os músculos que ainda tremiam da escalada.

– Elas vêm quando vêm.

Deixou-os na escada e desceu de modo despreocupado, passando por um estábulo meio arruinado com água pingando da palha podre.

Então viu os homens, sete guerreiros agachados em volta da fogueira, a chamas agitadas pelo vento que passava por baixo do toldo. Notou a porta pesada no canto atrás deles, com uma barra grossa atravessada, o nome d’Aquela que Guarda as Fechaduras gravado fundo na madeira. Soltou uma expiração de vapor, reuniu coragem e deu um aceno lépido enquanto se aproximava.

– Ah, que vento desgraçado! – Koll se enfiou embaixo da lona que pingava, empurrou o capuz para trás e passou as mãos no cabelo molhado. – Não poderia me molhar mais nem se estivesse nadando.

Todos os homens franziram a testa para ele, que sorriu.

– Mesmo assim, acho que não é pior do que o verão em Inglefold, hein?

Ele deu um tapa no ombro de um enquanto ia até a porta, e dois outros riram.

– Eu conheço você? – perguntou o grandalhão perto da fogueira.

Pelos braceletes de prata e os modos carrancudos, Koll achou que era o líder.

– Não, não, sou yutmarkês. Dunverk me mandou. Tenho uma mensagem para você, Lufta.

O grandalhão cuspiu e Koll ficou satisfeito em descobrir que sua suposição estava correta.

– Diga qual é logo, antes que eu fique surdo de velhice. Toda a minha família é assim.

Agora a jogada.

– Dunverk ouviu falar de um ataque. Vansterlandeses e gettlandeses juntos tentando tomar a fortaleza e queimar nossos navios.

– Atacar este lugar? – Um dos homens bufou. – Devem ser idiotas.

Koll assentiu, cansado.

– Foi o que pensei quando ouvi falar desse plano, e não mudei de ideia.

– Quem contou foi o tal espião? – perguntou Lufta.

Koll pestanejou. Isso era inesperado.

– É, o tal espião. Qual é o nome dele mesmo...?

– Só Yilling sabe. Por que não pergunta o nome a ele?

– Tenho um respeito tão grande pelo sujeito que não me obrigaria a incomodá-lo. Eles vêm atacar o portão grande.

– Idiotas? São loucos! – Lufta umedeceu os lábios com certa irritação. – Vocês quatro, comigo: vamos até o portão ver. Vocês dois fiquem aqui.

– Eu fico de vigia, não se preocupe! – gritou Koll enquanto os homens saíam de má vontade, um deles segurando o escudo acima da cabeça para se proteger da chuva. – Nenhum gettlandês vai passar por mim!

Os dois que ficaram para trás formavam uma dupla digna de pena. Um era jovem, mas com um princípio de calvície, e o outro tinha uma mancha vermelha que parecia vinho derramado no rosto. Tinha uma boa adaga, com a cruzeta de prata brilhando, que exibia no cinto com orgulho, sem dúvida roubada de algum throvenlandês assassinado.

Assim que Lufta saiu do alcance de sua audição, o segundo começou a reclamar:

– A maior parte dos rapazes de Yilling está arrastando saques por toda Throvenland e cá estamos nós, presos.

– Sem dúvida é uma grande injustiça. Mesmo assim... – Koll tirou a capa de Fror e a sacudiu espalhafatosamente para tirar a água da chuva. – Acho que não há no Mar Despedaçado um lugar mais seguro para um homem ficar.

– Cuidado com isso! – resmungou o da cara vermelha, tão ocupado em afastar a capa enquanto a água espirrava em seus olhos que Koll não teve dificuldade para tirar a adaga de seu cinto com a outra mão. É incrível o que a pessoa deixa de notar quando está distraída.

– Desculpe, meu rei! – exclamou Koll, recuando, e cutucou o meio careca nas costelas. – Seu companheiro é cheio de ares, hein? – Por baixo da capa agitada, ele enfiou a adaga no cinto do sujeito. – Deixe-me mostrar uma coisa maravilhosa!

Koll estendeu a mão para o alto antes que qualquer um dos dois pudesse falar alguma coisa, virando uma moeda para lá e para cá por cima dos dedos, com os dois homens fixados naquilo.

– Cobre – murmurou Koll. – Cobre, cobre e... prata!

Ele virou a mão, escondendo a moeda de cobre num instante e segurando uma de prata entre o indicador e o polegar, com o rosto da rainha Laithlin rebrilhando à luz da fogueira.

O meio careca franziu a testa, inclinando-se adiante.

– Como você fez isso?

– Rá! Eu mostro o truque. Me empreste sua adaga um momento.

– Que adaga?

– Sua adaga. – Koll apontou para o cinto dele. – Essa aí.

O rosto do vermelho se ergueu bruscamente.

– O que você está fazendo com a porcaria da minha adaga?

– O quê? – O calvo olhou boquiaberto para o próprio cinto. – Como...

– A Divindade Única não aprova roubos. – Koll levantou as mãos numa demonstração de devoção. – Esse é um fato bem conhecido.

A mão negra de Thorn pressionou a boca do cara vermelha e sua lâmina negra atravessou o pescoço dele. Praticamente ao mesmo tempo, a cabeça do meio careca se sacudiu num espasmo quando Fror acertou o machado em sua

nuca. Os olhos dele ficaram vesgos, o homem murmurou algo, babando, e tombou de lado.

– Vamos indo – sussurrou Thorn, colocando sua vítima no chão –, antes que aqueles outros percebam, como eu, que você é uma fuinha dissimulada.

– Sem dúvida, meu Escudo Escolhido – disse Koll.

Ele tirou a barra com runas escritas dos suportes e em seguida abriu o portão.

O matador

Um ponto de luz fraquíssimo reluziu em meio à tempestade e, como um cão sedento de sangue solto da guia, Raith partiu.

Correu pelo capim molhado, o escudo num braço e o machado seguro com tanta força abaixo da lâmina que os nós dos dedos doíam.

Sem dúvida as espadas eram mais bonitas, mas as armas bonitas, como as pessoas bonitas, costumam ter seus melindres. As espadas precisam de sutileza e, quando o júbilo da batalha o dominava, Raith podia ser muito pouco cuidadoso. Uma vez batera com a parte chata de uma espada em um homem até que tanto a arma quanto a cabeça do inimigo estivessem amassadas a ponto de não terem mais utilidade. Os machados não eram tão sensíveis.

Um relâmpago iluminou o céu de novo, deixando o Promontório de Bail como um negrume soturno acima do mar, as gotas de chuva impelidas pelo vento parecendo congeladas antes que a noite se adensasse de novo. Aquele que Fala o Trovão berrou sua perturbação contra o mundo, tão perto que fez o coração de Raith saltar.

Ele ainda podia sentir o gosto do último pão assado com sangue salgado na língua. Os vansterlandeses consideravam isso sorte nas armas, mas Raith sempre havia achado que a sorte tinha menos utilidade do que a fúria. Mordeu com força a velha cavilha de construtor. Depois que mastigara a ponta da língua num ataque de ira, sempre se certificava de colocar uma cunha entre as mandíbulas quando uma luta se aproximava.

Não havia sentimento igual ao de entrar numa batalha. Jogar tudo na astúcia, na vontade e na força. Dançar na soleira da Última Porta. Cuspir na cara da Morte.

Em sua ansiedade, tinha deixado Grom-gil-Gorm, Soryorn e até mesmo seu irmão Rakki muito para trás, os muros élficos e a única luz bruxuleante ao pé

deles vindo rapidamente ao seu encontro.

– Aqui!

O aprendiz de pai Yarvi segurava um lampião, com sombras nas reentrâncias de seu rosto estúpido, apontando através de uma abertura escondida no ângulo da torre ao lado.

Raith passou rapidamente, ricocheteando na muralha, subindo os degraus de três em três, a respiração áspera ecoando no túnel estreito, as pernas pegando fogo, o peito pegando fogo, os pensamentos pegando fogo, o som de metal, xingamentos, gritos se intensificando na cabeça enquanto irrompia no pátio acima.

Teve um louco vislumbre de corpos se esforçando, armas cintilando, cuspe e lascas de madeira, viu o esgar alcatroado de Thorn Bathu e passou por ela a toda velocidade, para o meio da luta.

Seu escudo esmagou os dentes de um guerreiro e o derrubou, a espada voando da mão. Outro cambaleou para trás, com a lança que pretendia furar Thorn passando longe.

Raith golpeou alguém e o fez gritar, um grito áspero, partido, meio metálico. Fez força com o escudo, que raspou contra outro, sibilando e babando na cavilha enquanto empurrava, louco, selvagem, impelindo para trás um homem, cujo cuspe sangrento espirrou no rosto dele, suficientemente perto para beijá-lo se quisesse. Raith impeliu o inimigo de novo, deu-lhe uma joelhada, o fez tropeçar. Uma pancada surda soou quando Thorn cortou fundo o pescoço dele. A espada ficou presa, mas ela a soltou, chutando o inimigo para longe com o sangue jorrando.

Alguém caiu emaranhado num toldo de lona. Alguém gritou no ouvido de Raith. Alguma coisa ricocheteou no seu elmo e tudo ficou ofuscante demais para enxergar, mas ele golpeou loucamente por cima do escudo, rosnando, tossindo.

Um homem o agarrou e Raith acertou a parte rombuda do machado na cabeça dele, golpeou-o de novo enquanto ele caía e pisou em sua mão fechada, escorregando e quase caindo nas pedras cheias de sangue e chuva.

De repente não sabia para que lado estava virado. O pátio oscilava e balançava como um navio numa tempestade. Viu Rakki, com sangue no cabelo branco, brandindo a espada. A raiva ardeu de novo e Raith foi para o lado dele, travando escudos com o irmão, empurrando, chocando-se, cortando. Alguma

coisa o acertou de lado e ele passou tropeçando pelo meio de uma fogueira, chutando fagulhas.

Metal reluziu e ele saltou de lado, sentindo uma ardência no rosto, algo raspando no elmo e tirando-o da posição. Fez força para além da lança, tentou golpear o escudo contra um rosto que rosnava, ficou todo embolado e percebeu que o escudo tinha virado um punhado de restos partidos, com duas tábuas pendendo da borda amassada.

– Morra, desgraçado! – rosnou, mas as palavras não passavam de cuspe sem significado na cavilha, acertando um elmo até ele se deformar completamente.

Percebeu que estava golpeando um muro, escavando talhos cinzas na pedra, o braço vibrando por causa dos golpes.

Alguém o puxava. Era Thorn, o rosto negro todo sujo de sangue. Ela apontava com uma lâmina rubra e sua boca vermelha formava palavras, mas Raith não conseguia escutar.

Uma grande espada cortou o ar molhado, rachou um escudo e jogou o homem que o segurava contra a muralha numa chuva de sangue. Raith conhecia aquela espada. Ele a carregara durante três anos, a segurara como uma amante na escuridão, fizera com que ela cantasse com sua pedra de amolar.

Grom-gil-Gorm avançou enorme como uma montanha, com as dezenas de botões de espadas feitos de pedras preciosas e ouro em sua corrente comprida brilhando, o escudo preto como a noite e a espada reluzente como o Pai Lua.

– A morte de vocês está chegando! – rugiu ele, tão alto que os ossos profundos do Promontório de Bail pareceram se sacudir.

A coragem pode ser algo frágil. Assim que o pânico se apodera de um homem, ele se irradia mais rápido do que a peste, mais rápido do que o fogo. Os guerreiros do Rei Supremo tinham estado quentes e felizes atrás das muralhas sólidas, sem esperar nada da noite além de um vento forte. Agora o Quebrador de Espadas saía da tempestade em toda a sua glória de batalha, e de repente eles estavam rompendo fileiras e fugindo.

Thorn derrubou um com seu machado, Gorm agarrou outro pelo cangote e esmagou seu rosto contra a muralha. Raith pegou sua lâmina, saltou nas costas de um guerreiro que corria e o apunhalou por diversas vezes. Depois pulou atrás de outro, mas escorregou e cambaleou por um ou dois passos, ricocheteou na muralha e caiu.

Tudo estava turvo. Ele tentou se levantar, só que os joelhos não deixavam, por isso sentou-se. A cavilha tinha caído e sua boca doía, com gosto de madeira e metal. Pés passaram ruidosos. Um homem estava estendido rindo para ele. Foi acertado por uma bota voando e rolou para longe. Era um morto rindo de nada. Rindo de tudo.

Raith fechou os olhos com força, abriu-os.

Soryorn furava os feridos com uma lança, calmamente, como se plantasse sementes. Homens continuavam atravessando o portão pequeno, desembainhando armas, passando por cima de corpos.

– Sempre precisa ser o primeiro na luta, hein, irmão? – Era Rakki. Ele abriu a fivela do elmo de Raith e o tirou, inclinando o rosto dele para ver o corte novo. – Está se esforçando ao máximo para eu continuar a ser o bonito, não é?

As palavras pareciam estranhas na língua machucada de Raith.

– Você precisa de toda a ajuda que puder.

Ele se soltou do irmão e fez força para se levantar, tentando sacudir o escudo destroçado do braço, tentando dissipar a tontura.

O Promontório de Bail era vasto, um amontoado de construções com teto de palha e ardósia que tinha crescido em volta das enormes muralhas élficas. Soavam estrondos e gritos por toda parte, gettlandeses e vansterlandeses se enfiando pela fortaleza como furões numa coelheira, afluindo pela rampa comprida que levava ao porto, reunindo-se num crescente em volta de uma porta dupla esculpida, com o rei Gorm e o rei Uthil entre eles.

– Vamos tirar vocês com fumaça se for preciso! – gritou pai Yarvi para a madeira. Como os corvos, os ministros sempre chegavam depois da luta, ansiosos para bicar o resultado. – Vocês tiveram sua chance de lutar.

Uma voz veio abafada do outro lado da porta:

– Eu estava colocando a armadura. Tem fivelas complicadas.

– As pequenas podem atrapalhar os dedos de um homem grande – admitiu Gorm.

– Mas agora estou com ela! Existem guerreiros renomados entre vocês?

Pai Yarvi deu um suspiro.

– Thorn Bathu está aqui e o rei de ferro, Uthil, e Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas.

Um grunhido satisfeito veio do outro lado da porta.

– Sinto-me menos azedo com a derrota contra nomes tão famosos. Algum deles consentirá em lutar contra mim?

Thorn estava sentada em degraus ali perto, encolhendo-se enquanto mãe Scaer espremia um corte no seu ombro e fazia o sangue escorrer.

– Já lutei o suficiente para uma noite.

– Eu também. – Gorm entregou o escudo a Rakki. – Deixe as chamas tomarem esse idiota despreparado e sua armadura com fivelas pequenas.

Os pés de Raith avançaram. Seu dedo se levantou. Sua boca começou:

– Eu luto contra o...

Rakki segurou seu braço e o puxou para baixo.

– Não luta, não, irmão.

– A morte é a única certeza da vida. – O rei Uthil deu de ombros. – Eu luto com você!

Pai Yarvi pareceu horrorizado.

– Meu rei...

Uthil o silenciou com um olhar brilhante.

– Guerreiros mais rápidos roubaram a glória e eu terei a minha parte.

– Ótimo! – disse a voz. – Estou saindo!

Raith ouviu uma barra ser tirada com ruído e a porta dupla se escancarou, os escudos retinindo enquanto o semicírculo de guerreiros se preparava para enfrentar um ataque. Mas apenas um homem saiu ao pátio.

Era enorme, com uma tatuagem serpenteando de um dos lados do pescoço musculoso. Usava uma grossa cota de malha com placas gravadas nos ombros e muitos braceletes de ouro nos antebraços grossos. Raith grunhiu, aprovando, porque aquele parecia um homem digno de ser enfrentado. O inimigo enfiou os dedos despreocupadamente no cinto da espada com fivela de ouro e deu um sorriso torto para o crescente de escudos diante dele, com um desprezo de herói.

– Você é o rei Uthil? – O homem fungou pelo nariz largo e chato, soltando vapor em meio à chuva fraca. – É mais velho do que as canções dizem.

– As canções foram compostas há um tempo – disse o rei de ferro com voz áspera. – Na época eu era mais jovem.

Alguns riram, mas não aquele homem.

– Sou Dunverk – rosnou ele –, que os homens chamam de Touro, fiel à Divindade Única, leal ao Rei Supremo, Companheiro de Yilling, o Brilhante.

– Isso só prova que sua escolha é igualmente ruim em termos de amigos, reis e deuses – comentou pai Yarvi.

Dessa vez o riso foi mais alto e até Raith precisou admitir que era uma provocação decente.

Mas a derrota sem dúvida embota o senso de humor, e Dunverk permaneceu pétreo.

– Então veremos quando Yilling retornar e trouxer a morte para vocês, violadores de juramentos.

– *Nós* veremos! – gritou Thorn, sorrindo mesmo enquanto mãe Scaer costurava seu ombro. – Você vai estar morto e não vai ver nada.

Dunverk desembainhou lentamente a espada com runas gravadas no sulco, o punho trabalhado em ouro na forma da cabeça de um cervo, os chifres formando a cruzeta.

– Se eu vencer, vocês poupam o resto dos meus homens?

Uthil parecia magricelo como uma galinha velha diante dos músculos de Dunverk, mas não demonstrava medo.

– Você não vai vencer.

– Você é confiante demais.

– Se os mais de cem oponentes que eu matei pudessem falar, diriam que sou tão confiante quanto deveria ser.

– Devo avisar, velho, que lutei por todas as Terras Baixas e não houve ninguém que conseguisse ficar de pé.

Um rápido sorriso perpassou o rosto de Uthil, cheio de cicatrizes.

– Você deveria ter ficado nas Terras Baixas.

Então Dunverk atacou, girando a espada alto, com força, mas Uthil se desviou, ágil como o vento, com a espada ainda aninhada na dobra do braço. O homem deu uma estocada poderosa e o rei se afastou com desprezo, deixando seu aço baixar ao lado do corpo.

– O Touro – zombou Thorn. – Luta feito uma vaca louca, isso sim.

Dunverk rugiu, golpeando à esquerda e à direita, o suor brotando na testa pelo esforço de manejar aquela arma pesada, os homens recuando por trás dos escudos para que um golpe desgarrado não os conduzisse pela Última Porta. Mas o rei de ferro de Gettland se desviou da primeira investida e se abaixou sob a

segunda, de modo que a espada de Dunverk passou zunindo junto ao seu cabelo grisalho, o aço reluzindo enquanto ele recuava de novo, ganhando espaço.

– Lute contra mim! – berrou Dunverk, girando.

– Já lutei – disse Uthil.

Ele pegou o canto da capa, limpou o gume da espada e a enfiou cuidadosamente na dobra do braço.

Dunverk rosnou avançando, mas sua perna se dobrou e ele caiu sobre um joelho, o sangue brotando por cima da bota e se espalhando nas pedras do calçamento. Foi então que Raith percebeu que Uthil havia cortado uma grande veia na parte interna da perna de Dunverk.

Houve um murmúrio de espanto por parte dos guerreiros reunidos.

– A fama do rei de ferro é bem merecida – murmurou Rakki.

– Espero que a espada de Yilling seja melhor do que a sua, Dunverk, o Touro – disse Uthil. – Você nem fez este velho se cansar.

Então Dunverk sorriu com um ar distante nos olhos vítreos.

– Vocês todos verão como Yilling usa a espada – sussurrou, o rosto pálido feito cera. – Vocês todos verão.

Ele tombou de lado na poça escorregadia do próprio sangue.

Todos concordaram que fora uma excelente morte.

Minha terra

A Mãe Sol era uma mancha no horizonte leste, escondendo seus filhos, as estrelas, atrás da cortina cinza-ferro do céu do alvorecer. A fortaleza se erguia ao fundo, sombria como um monte funerário na manhã sem cor, com corvos esperançosos circulando acima dela.

– Pelo menos a chuva parou – murmurou Skara, empurrando o capuz para trás da cabeça.

– Aquele que Fala o Trovão levou seus ataques de fúria para o interior – disse a rainha Laithlin. – Como todos os garotos, ele faz um enorme estardalhaço que logo acaba. – Ela afagou o queixo do príncipe Druin. – Quer que eu o pegue?

– Não. – Skara o apertou com mais força. – Posso segurá-lo.

Estar com os braços do menino em volta do pescoço fazia Skara se sentir forte. E os deuses sabiam que ela precisava de força.

O Promontório de Bail, o símbolo reluzente de Throvenland unida, não era o que ela recordava. O povoado à sombra da fortaleza, onde um dia ela havia dançado no festival de verão, estava em ruínas, com casas queimadas ou abandonadas. O pomar diante do trecho de muralha construído pelo homem e meio desmoronado estava cheio de hera, e as frutas do ano anterior apodreciam no meio do mato. O grande portão entre as duas altíssimas torres construídas pelos elfos era antigamente decorado com estandartes coloridos. Agora um homem enforcado balançava numa corda que rangia pendurada nas ameias, os pés descalços pendendo.

As finas argolas de ouro, a cota de malha reluzente, as armas douradas tinham sido tirados, mas Skara o reconheceu imediatamente.

– Um dos Companheiros de Yilling. – Ela sentiu um tremor apesar da capa de pele em volta dos ombros. – Um dos que queimaram Yaletoft.

– No entanto, está balançando aí – disse Laithlin. – Parece que rezar para a Morte não impede um encontro com ela.

– Nada impede esse encontro – sussurrou Skara.

Skara deveria ter gostado da morte dele, cuspido em seu cadáver, agradecido à Mãe Guerra porque pelo menos esse estilhaço de Throvenland estava livre, mas tudo que sentia era um eco doentio de seu medo quando o tinha visto pela última vez e um pavor de jamais se livrar disso.

Alguém havia cortado o grande carvalho que outrora crescia no pátio da fortaleza, e as construções apinhadas dentro das antigas muralhas élficas pareciam nuas e feias sem sua sombra. Guerreiros descansavam nas pedras deformadas em volta do toco, em sua maioria bêbados e ficando mais bêbados ainda, comparando ferimentos e troféus, limpando armas, trocando histórias.

Um pretenso bardo estava compondo versos, gritando a mesma frase repetidamente enquanto outros sugeriam a próxima palavra sob tempestades de gargalhadas. Um tecelão de orações tagarelava um elaborado agradecimento aos deuses pela vitória. Em algum lugar alguém uivava de dor.

Skara franziu o nariz.

– Que cheiro é esse?

– Tudo que os homens contêm – murmurou irmã Owd, observando um par de escravos passar por elas arrastando alguma coisa.

Skara percebeu com um choque frio que era um cadáver, e então, para seu horror, viu que o levavam para um monte de outros. Um pálido emaranhado de membros manchados de sangue, bocas pendendo silenciosas, olhos que não enxergavam. Uma pilha de carne que, na noite anterior, tinham sido homens. Homens que haviam levado anos de trabalho para nascer, ser alimentados, aprender a andar, falar, lutar. Skara apertou o príncipe Druin, tentando proteger os olhos dele.

– Será que ele deveria ver isso? – murmurou, desejando não ter visto.

– Ele será rei de Gettland. Este é o destino dele. – Laithlin olhou desapaixonadamente para os corpos e Skara se perguntou se já havia encontrado uma mulher tão formidável. – Ele deve aprender a se regozijar com isso. Você também. Esta vitória é sua, afinal de contas.

Skara engoliu em seco.

– Minha?

– Os homens vão discutir de quem era o peito mais cabeludo e o rugido mais alto. Os bardos vão cantar sobre o aço reluzindo e o sangue derramado. Mas o plano foi seu. A vontade foi sua. Suas foram as palavras que mandaram esses homens cumprir com seu propósito.

Palavras são armas, tinha dito mãe Kyre. Skara fitou os mortos no pátio do Promontório de Bail e pensou nos mortos no castelo de seu avô. Em vez de um crime vingado, viu dois crimes e sentiu a culpa de um se acumular sobre a dor do outro.

– Não sinto como uma vitória – sussurrou.

– Você testemunhou a derrota. O que prefere?

Skara se lembrou de quando estava na popa do *Cão Negro,* observando a empena do castelo do avô ceder em meio às imponentes chamas e descobriu que não podia questionar.

– Fiquei muito impressionada com você na assembleia – comentou Laithlin.

– Verdade? Pensei... que a senhora poderia ficar com raiva de mim.

– Porque você falou por si e pelo seu país? Seria o mesmo que sentir raiva da neve porque ela cai. Você tem dezoito invernos, não é?

– Vou fazer este ano...

Laithlin balançou a cabeça devagar.

– Dezessete. Você tem um dom.

– Mãe Kyre e meu avô... Durante toda a vida eles tentaram me ensinar a liderar. A falar e o que dizer. Como argumentar, decifrar rostos, influenciar corações... Sempre me achei uma aluna fraca.

– Duvido muito, mas a guerra pode nos obrigar a encontrar forças que jamais esperávamos. O rei Fynn e sua ministra a prepararam bem, mas ninguém pode ensinar o que você já tem. Você é tocada por Aquela que Falou a Primeira Palavra. Você tem aquela luz que faz as pessoas ouvirem. – A rainha franziu a testa para Druin, que espiava a carnificina com um silêncio de olhos arregalados. – Tenho a sensação de que o futuro do meu filho pode depender desse dom.

Skara piscou, surpresa.

– Meus dons ao lado dos seus são como uma vela ao lado da Mãe Sol. A senhora é a Rainha Dourada...

– De Gettland. – Os olhos de Laithlin se viraram para Skara, brilhantes e aguçados. – Os deuses sabem que tentei guiar esta aliança, primeiro para

aconselhar a paz e depois para instigar a ação, mas para o rei Uthil eu sou uma esposa e para o rei Gorm sou uma inimiga. – Ela afastou uma mecha de cabelos do rosto de Skara. – Você não é uma coisa nem outra. O destino fez de você um equilíbrio entre eles. O pino de onde pende a balança desta aliança.

Skara a encarou.

– Não tenho forças para isso.

– Então deve encontrá-las. – Laithlin se inclinou para perto e pegou o príncipe Druin dos braços de Skara. – O poder é um fardo. Você é jovem, prima, eu sei, mas precisa aprender a carregá-lo ou será esmagada por ele.

Irmã Owd estufou as bochechas, fazendo o rosto ficar ainda mais redondo enquanto observava a rainha deslizar para longe, seguida pelos escravos, serviçais e guardas.

– A rainha Laithlin sempre foi um poço de bom humor.

– O bom humor não me faz falta, irmã Owd. Eu preciso é de bons conselhos.

Skara ficou surpresa com a própria satisfação ao ver Raith vivo, mas, afinal de contas, no pé em que as coisas estavam, ele era um terço de sua corte e, de longe, o terço mais bonito. Ele e o irmão riam perto de uma fogueira e Skara sentiu uma estranha pontada de ciúme, vendo como os dois pareciam à vontade um com o outro. Apesar de terem saído ao mesmo tempo do mesmo útero, podiam ser identificados muito facilmente. Raith era o que tinha o franzido nos lábios e o corte novo no rosto. O que tinha um olhar desafiador, mesmo quando encontrava o de Skara. Um olhar do qual ela parecia não conseguir se desviar. Rakki era o que quase nunca a encarava e que se levantou atabalhoadamente com o respeito adequado quando ela se aproximou.

– Você merece o descanso – disse Skara, sinalizando para que ele ficasse à vontade. – Nem mereço estar no meio desses derramadores de sangue.

– A senhorita mesma derramou um pouco de sangue naquela assembleia – replicou Raith, fitando a mão de Skara coberta pela bandagem.

Ela se pegou escondendo a mão com a outra.

– Só o meu.

– É derramar o próprio sangue que exige coragem.

Raith se encolheu enquanto sondava o comprido arranhão no maxilar coberto pela barba branca que começava a crescer. Não ficava menos bonito com aquela marca. No mínimo ficava com uma aparência ainda melhor.

– Ouvi dizer que você lutou bem – disse ela.

– Ele sempre luta, princesa. – Rakki sorriu, dando um soco no braço do irmão. – Foi o primeiro a passar pelo portão! Sem ele, talvez ainda estivéssemos agachados do lado de fora.

Raith deu de ombros.

– Lutar não é difícil quando a gente ama fazer isso.

– Mesmo assim. Meu avô sempre dizia que os que lutam bem deveriam ser recompensados por aqueles por quem eles lutam.

Skara tirou do pulso uma das argolas de prata que Laithlin havia lhe dado e a estendeu.

Rakki e Raith ficaram olhando. A pulseira tinha sido muito riscada com uma faca para testar a pureza em algum momento do passado, mas Skara fora bem ensinada sobre o valor das coisas. Viu que nenhum dos dois irmãos usava argolas-dinheiro e sabia que isso não era uma questão sem importância para eles. Raith engoliu em seco enquanto estendia a mão para pegá-la, mas Skara continuou segurando-a.

– Você luta por mim, não é?

Ela sentiu um arrepio nervoso quando os olhares dos dois se encontraram, os dedos quase se tocando. Então ele assentiu.

– Luto pela senhora.

Ele era grosseiro, rude, mas por algum motivo ela se pegou imaginando como seria beijá-lo. Ouviu irmã Owd pigarrear, sentiu o rosto arder e soltou a pulseira rapidamente.

Raith apertou a pulseira, fechando-a. Seu pulso era tão grosso que as extremidades mal se encontravam. Uma recompensa por um bom serviço. Mas também um sinal de que ele servia a alguém e uma marca de quem era sua senhora.

– Eu deveria ter ido procurá-la depois da batalha, mas...

– Eu precisava que você lutasse. – Skara parou de pensar em beijá-lo e imprimiu um pouco de autoridade à voz. – Agora preciso que venha comigo.

Ela viu Raith dar um abraço de despedida no irmão e depois se levantar e ir atrás dela, com a prata brilhando no pulso. Ele podia não ser de fato seu homem, mas ela começou a entender por que as rainhas tinham Escudos Escolhidos. Não

há nada que sirva tanto para a confiança quanto um matador comprovado junto ao seu ombro.

Quando Skara brincava no grande salão do Promontório de Bail, na infância, o lugar parecia grandioso demais. Agora era estreito, escuro e cheirava a podridão, o teto com goteiras e as paredes riscadas de umidade, três fachos empoeirados de luz incidindo no chão frio vindos de janelas que davam para a cinzenta Mãe Oceano. A grande pintura de Ashenleer como rainha guerreira que cobria uma das paredes estava descascada e com bolhas, com uma brotação de mofo na cota de malha, e as expressões de adoração de seus cem guardas tinham desbotado até virar manchas. Uma imagem adequada para as fortunas decaídas de Throvenland.

Porém, o Trono de Bail ainda estava na plataforma elevada, feito de carvalho pálido cortado da quilha de um navio, a superfície tortuosa polida até brilhar devido a anos de uso. Reis já haviam se sentado ali. Até que o bisavô do avô de Skara decidiu que o trono era estreito demais para conter sua bunda e que o salão era estreito demais para conter toda a sua arrogância, e mandou fazer um trono novo em Yaletoft. E começou a construir um belo salão novo ao redor, que seria a maior maravilha do mundo. Passaram-se 28 anos até que a Floresta fosse concluída, época em que ele já estava morto e seu filho era um velho.

Então Yilling queimou tudo em uma noite.

– Parece que a luta não terminou totalmente – resmungou Raith.

Gorm e Uthil se encaravam raivosos por cima do Trono de Bail, rodeados por seus ministros e guerreiros eriçados. A fraternidade da batalha não tinha durado mais do que a vida do último inimigo.

– Nós deveríamos fazer um sorteio... – falou o rei Uthil com a voz áspera.

– Você teve a satisfação de matar Dunverk – disse Gorm. – Eu devo ficar com o trono.

Pai Yarvi coçou a têmpora com os nós dos dedos da mão mirrada.

– Pelo amor dos deuses, é só uma cadeira. Meu aprendiz pode esculpir outra.

– Não é qualquer cadeira. – Skara conteve o nervosismo enquanto subia na plataforma. – Bail, o Construtor, sentou-se aqui.

O rei Uthil e seu ministro ficaram à sua esquerda, a testa franzida, Gorm e sua ministra à direita. Ela era a balança entre os dois. Tinha que ser.

– Quantos navios nós tomamos?

– Sessenta e seis – respondeu mãe Scaer. – Dentre eles, um monstro dourado de trinta remos de cada lado, que ouvimos dizer que é do próprio Yilling.

Pai Yarvi assentiu para Skara, apreciando.

– Foi um plano muito inteligente, princesa.

– Eu só plantei a semente – disse Skara, fazendo uma reverência profunda aos reis. – A coragem dos dois colheu os frutos.

– A Mãe Guerra estava conosco e nossa sorte nas armas se manteve boa. – Gorm virou e revirou um dos botões de espada em sua corrente em volta do pescoço – Mas esta fortaleza não está nem um pouco segura. Avó Wexen sabe bem da importância dela, tanto em estratégia quanto como símbolo.

– É uma farpa enfiada na carne dela – concordou Uthil –, e não vai se passar muito tempo até que tente arrancá-la. A senhorita deve retornar a Thorlby com minha esposa, princesa. Lá ficará longe do perigo.

– Meu respeito pelo senhor não tem limites, rei Uthil, mas o senhor está errado. Meu pai também conhecia bem a importância desta fortaleza. Tanto que morreu para defendê-la e está enterrado nos montes fúnebres do lado de fora da muralha, ao lado da minha mãe.

Skara sentou-se no trono que seus ancestrais tinham ocupado, dolorosamente empertigada, como mãe Kyre ensinara. Suas entranhas estavam borbulhando, mas ela precisava ser forte. Precisava comandar. Não havia mais ninguém.

– Isto é Throvenland. É a minha terra. Este é o lugar onde eu devo estar.

Pai Yarvi deu um sorriso cansado.

– Princesa...

– Na verdade sou rainha.

Houve um silêncio. Então irmã Owd começou a subir os degraus.

– A rainha Skara está certa. Ela está sentada no Trono de Bail como a única descendente viva do rei Fynn. Existe precedente para uma mulher não casada ocupar o trono sozinha. – Sua voz falhou sob o olhar mortal de mãe Scaer, mas ela foi em frente, meneando a cabeça para a pintura desbotada acima deles. – Afinal de contas, a própria rainha Ashenleer não era casada quando obteve a vitória contra os inglings.

– Existe outra Ashenleer entre nós, então? – zombou mãe Scaer.

Irmã Owd ficou do lado direito de Skara, o lugar de um ministro, e cruzou os braços resolutamente.

– Isso nós vamos ver.

– Quer você seja princesa ou rainha, isso não significará nada para Yilling – trovejou Gorm, e Skara sentiu um súbito medo familiar ao ouvir aquele nome. – Ele não se ajoelha diante de nenhuma mulher, a não ser da Morte.

– Ele já deve estar a caminho – disse Uthil. – E com a vingança em mente.

Você só pode dominar os temores enfrentando-os. Esconda-se e eles a dominam. Skara deixou que os outros esperassem, demorando um momento para acomodar o coração que batia acelerado antes de responder:

– Ah, estou contando com isso.

II

NÓS SOMOS A ESPADA

Amor jovem

Ela enfiou a mão nos cabelos dele e o puxou para baixo de modo que as testas se comprimiram com força, a respiração rápida soprando quente no rosto dele. Durante um longo tempo, ficaram embolados em silêncio, as cobertas de pele chutadas para baixo, em volta dos tornozelos.

Nenhuma palavra tinha sido dita desde que Koll se despedira de Thorn no cais e saíra caminhando pela cidade escura, feito um ladrão atrás de uma bolsa promissora. Em silêncio, Rin abrira a porta e o levara para dentro de casa, para seus braços e a cama.

Koll sempre havia amado as palavras, mas ser aprendiz de ministro era se afogar nelas. Palavras verdadeiras, palavras falsas, palavras em muitas línguas. Palavras certas, palavras erradas, escritas, faladas e não ditas. Por enquanto o silêncio lhe servia. Esquecer por um momento o que devia a pai Yarvi e o que devia a Rin, e que não havia modo de pagar as duas dívidas. Independentemente das palavras que dissesse, sentia-se um mentiroso.

Rin pôs a mão áspera em seu rosto, deu-lhe um beijo de despedida e deslizou de baixo dele. Koll adorava vê-la se mover, tão forte e segura, as sombras se movendo entre as costelas enquanto ela pegava a camisa dele no chão e a vestia. Adorava quando Rin usava as roupas dele sem pedir, sem precisar de permissão. Isso fazia com que se sentissem muito próximos de algum modo. E ele adorava como a barra da camisa só chegava à metade do traseiro nu.

Rin se agachou, com a chave que usava para suas próprias fechaduras balançando livre na corrente, jogou um pedaço de lenha no fogo. As fagulhas subiram e a luz chamejou no seu rosto. Nenhuma palavra fora dita por todo aquele tempo, mas, como tudo que era bom, o silêncio não poderia durar.

– Você voltou, então – disse ela.

– Só por esta noite. – Koll tateou de leve o osso do nariz, ainda não totalmente curado do encontro violento com a cabeça de Raith. – O príncipe de Kalyiv veio a Roystock. A rainha Laithlin vai viajar para uma audiência e precisa de um ministro ao lado. Pai Yarvi está ocupado tentando afiançar nossas frágeis alianças, então...

– Ela convoca o poderoso Koll! Mudando o mundo, exatamente como você sempre quis. – Rin apertou a camisa em volta do corpo, as chamas refletidas nos cantos dos olhos. – Ministro da Rainha Dourada, e nem fez o Teste Ministerial.

– Não, mas... terei que fazer. E o juramento também.

Essa afirmação caiu entre os dois como cocô de gaivota vindo de uma grande altura. Mas se Rin ficou magoada, não demonstrou. Não era do seu feitio. Ele a amava por isso.

– E o Promontório de Bail?

– É uma grande fortaleza de pedra élfica junto ao mar.

– Você é quase tão engraçado quanto acha que é. Quero dizer, como foi escalar?

– O herói nunca pensa no perigo.

Ela sorriu.

– Então você se mijou?

– Tentei, mas estava tão apavorado que a bexiga se retesou com a mesma força do punho do rei Uthil. Não consegui mijar uma gota por dias depois.

– Koll, o guerreiro, hein?

– Achei melhor deixar a luta para os outros. – Koll deu um tapinha na cabeça. – Meia guerra é travada aqui, como a rainha Skara vive dizendo.

– *Rainha* Skara agora. – Rin bufou. – Ainda não encontrei um homem que não fique inebriado com a sabedoria daquela garota.

– Espero que boa parte disso não seja por causa da... você sabe... – Koll balançou uma das mãos. – Das joias, e coisa e tal.

Rin levantou uma sobrancelha para ele.

– Ah, você espera isso, é?

– Sem dúvida ela parece saída das canções. – Ele ergueu os braços acima da cabeça, estremecendo enquanto se espreguiçava. – Mas acho que uma brisa forte poderia soprá-la para longe. Gosto de uma mulher que tenha os dois pés no Pai Terra.

– Essa é a sua ideia de um elogio? – Ela estendeu a língua em U e cuspiu no fogo, sibilando. – Tremenda boca doce de ministro, você tem.

Os pesos de sua mãe estalaram em volta do pescoço de Koll enquanto ele rolava para se apoiar sobre um cotovelo.

– O que torna uma mulher linda para mim não é o sangue nem as roupas, mas o que ela pode fazer. Gosto de uma mulher com mãos fortes que não tem medo de suar, de trabalho duro nem de nada. Gosto de uma mulher com orgulho, ambição, inteligência rápida e grande habilidade. – Eram somente palavras, talvez, mas ele estava falando a sério. Ou pelo menos meio a sério, de qualquer modo. – É por isso que nunca vi em nenhum lugar uma mulher tão linda quanto você, Rin. E isso mesmo antes de ver sua bunda, que não imagino existir outra igual em todo o Mar Despedaçado.

Ela olhou de volta para o fogo, os lábios se curvando nos cantos.

– Assim está melhor, admito. Mesmo que seja só um chapéu cheio de vento.

Koll estava muito satisfeito consigo mesmo. Adorava quando a fazia sorrir.

– De brisas com cheiro bom, pelo menos, espero.

– Melhor do que os seus peidos de sempre. Você vai encantar o nariz do príncipe Varoslaf com suas lisonjas?

A pergunta diminuiu consideravelmente a presunção dele. De acordo com o que todos diziam, o gosto do príncipe de Kalyiv era menos por homens engraçados e mais por homens esfolados.

– Duvido que eu vá fazer comentários sobre a bunda dele. Posso ficar com a boca fechada e deixar as falas com a rainha Laithlin. É raro os homens silenciosos ofenderem alguém.

– Talvez você encontre um modo. O que Varoslaf quer?

– O que os poderosos sempre querem: mais poder. Ou pelo menos é o que Thorn diz. Essa viagem a Roystock não é do gosto dela. Ela queria lutar.

Rin se levantou.

– Ela geralmente quer.

– Ela está com um humor péssimo. Hoje à noite eu não iria querer ser Brand.

– Ele vai se virar. – Rin voltou para a cama ao seu lado, apoiando-se num cotovelo, com a camisa amarrotada no peito. – Eles se amam.

Os olhos de Rin, fixados nele tão de perto, deixavam Koll bastante desconfortável. Ele se sentia encurralado na cama estreita. Preso pelo calor dela.

– Talvez.

Ele se virou de costas, franzindo a testa para o teto. Tinha grandes coisas a fazer. Ficar junto ao ombro de reis, e coisa e tal. Como poderia mudar o mundo sendo sufocado por Rin?

– Mas o amor não é a resposta para todas as perguntas, não é? – acrescentou Koll.

Ela se virou para o outro lado, puxando as peles até a cintura.

– Certamente não parece ser.

Com tantos homens longe, havia mais mulheres trabalhando nas docas de Thorlby do que o usual, ocupadas com redes e separando os peixes apanhados pela manhã. Também viam-se menos guardas: homens mais velhos e garotos da idade de Koll, que ainda não tinham feito os testes de guerreiros, e algumas garotas que Thorn estivera treinando. Fora isso, porém, talvez nem desse para perceber que estava acontecendo uma guerra.

Seis navios velhos haviam atracado na noite anterior, vindos da longa viagem subindo o Divino, e suas tripulações queimadas de sol desembarcavam sedas, vinho e todo tipo de belas curiosidades do sul. Os homens da rainha Laithlin carregavam seus quatro navios para a viagem a Roystock e o ar ressoava com seus gritos, os latidos de um cão vadio sendo afastado dos peixes a pancadas e o riso das crianças se enfiando entre as carroças, os pios das gaivotas girando em círculos preguiçosos, atentas aos grãos espalhados.

A Mãe Sol estava brilhante como sempre no leste. Koll sombreou os olhos na direção de Roystock e inalou uma inspiração longa e salgada pelas narinas.

– Tem cheiro de sorte!

– Disso e de peixe. – Rin franziu o nariz. – Quatro navios para carregar uma mulher?

– E o ministro dela! – Koll estufou o peito e o cutucou com o polegar. – Um homem de tamanha estatura deve ser bem atendido.

– Eles vão amarrar dois navios juntos só para carregar a cabeça inchada dele, não é?

– Isso e o mau humor do Escudo Escolhido – murmurou ele enquanto as ordens raivosas de Thorn ressoavam através do burburinho. – Dá para saber a importância de uma mulher pelos presentes que ela dá e pela companhia que ela

mantém. A rainha Laithlin pretende causar uma impressão profunda em Varoslaf levando bastante das duas coisas.

Rin olhou de soslaio.

– O que isso diz sobre mim, que mantenho a sua companhia?

Koll passou o braço pela cintura dela, sorrindo ao perceber como ele parecia se encaixar bem ali.

– Que você é uma mulher de extremo bom gosto e refinamento, para não mencionar a sorte excelente, e... Pelos deuses!

Quando a multidão se moveu, Koll vislumbrou Brand, carregando um caixote grande como se não tivesse nada dentro. Enfiou-se atrás de um suporte, onde peixes grandes como garotos haviam sido pendurados brilhando ao sol. Um deles, que ainda tinha um pouco de vida, pareceu lhe lançar um olhar bastante desaprovador.

O mesmo fez Rin, olhando para baixo com as mãos nos quadris.

– O conquistador do Promontório de Bail.

Ela pôs a língua entre os lábios e imitou um longo som de peido.

– Os homens fortes são muitos, os sábios são poucos. Ele viu a gente?

– Se você entrasse num desses peixes, acho que poderia se garantir.

– Você é quase tão engraçada quanto acha que é. – Ele empurrou um peixe para o lado, para espiar. – É melhor nos separarmos agora.

– Sempre há um motivo para apressar a despedida, não é? Amor jovem... Não é exatamente o júbilo que cantam nas canções.

Ela o agarrou pelo colarinho e meio o arrastou para cima, deu-lhe um beijo rapidíssimo e o deixou imóvel com os lábios franzidos e os olhos fechados. Quando ele os abriu, ficou decepcionado ao vê-la já se afastando. Uma inesperada pontada de culpa e saudade o deixou idiotamente desesperado para estender o tempo da despedida.

– Então vejo você em uma ou duas semanas!

– Se você tiver mais sorte do que merece! – gritou ela sem se virar.

Koll enfiou os polegares despreocupadamente no cinto e foi andando em meio à multidão, contornando uma carroça cheia de peles, enquanto, ao fundo, o velho Brinyolf, o Tecelão de Orações, tagarelava uma bênção para a viagem.

Imobilizou-se quando um braço pesado caiu sobre seus ombros.

– Preciso trocar uma palavrinha com você.

Mesmo sendo um homem grande, Brand podia se esgueirar muito bem quando queria.

Koll fez uma oração rápida pedindo Àquela que Julga uma misericórdia que ele sabia não merecer.

– Comigo? Sobre o quê?

– Sobre o príncipe de Kalyiv.

– Ah! – Era significativo o fato de que um homem famoso por esfolar pessoas vivas fosse o assunto preferível. – Ele!

– Varoslaf é um homem que não deve ser contrariado – disse Brand. – E Thorn tem o hábito de contrariar esse tipo de gente.

– Verdade, se bem que ela é uma mulher muito ruim de ser contrariada.

Brand o encarou.

– Bom, essa é a receita para um célebre banho de sangue.

Koll pigarreou.

– Entendo.

– Apenas a mantenha longe de encrenca.

– Ela é uma mulher difícil de manter longe de qualquer coisa, especialmente de encrenca.

– Acredite quando digo que você não está dizendo nada que eu não saiba. Então tente guiá-la para longe de encrenca.

Guiar um navio numa tempestade parecia um trabalho mais fácil, mas tudo que Koll pôde fazer foi estufar as bochechas.

– Vou fazer o meu melhor.

– E guie você mesmo para longe de encrenca também.

Koll sorriu.

– Para isso eu sempre tive jeito.

Ele olhou com esperança para o braço musculoso e cheio de cicatrizes de Brand, que não se moveu.

– Não sou o homem mais esperto de Thorlby, Koll, sei disso. Mas até que ponto você me acha idiota?

Koll contraiu o rosto com tanta força que fechou um olho e espiou Brand com o outro.

– Por favor, não acerte meu nariz. Ele ainda não endireitou depois que aquele desgraçado de cabelo branco deu uma cabeçada nele.

– Não vou bater em você, Koll. Rin pode fazer as próprias escolhas. Acho que ela fez uma boa escolha com você.

– Acha?

Brand o encarou com calma.

– Mas você deve fazer um juramento e abrir mão de toda a família.

– Ah. O juramento.

Falou como se mal tivesse pensado nisso até agora, quando na verdade tinha passado horas ensaiando as palavras, pensando em como dizê-las, sonhando com o que faria depois, com as pessoas importantes que assentiriam diante de sua sabedoria, as decisões grandiosas que tomaria, o bem maior e o menor mal que escolheria...

– É, o juramento – disse Brand. – Parece que você está encurralado entre Rin e pai Yarvi.

– Acredite quando digo que você não está falando nada que eu não saiba – murmurou Koll. – Andei rezando para Aquele que Guia a Flecha, pedindo que ele aponte na direção certa.

– E acha que ele está demorando a responder?

– Pai Yarvi diz que os deuses amam quem resolve os próprios problemas. – Koll se animou. – Você não tem uma resposta, tem?

– Só a que você já tem.

– Ah.

– Escolher uma coisa ou outra.

– Ah. Não gosto muito dessa.

– Não, mas agora você é um homem, Koll. Não pode ficar só esperando que outra pessoa ajeite as coisas para você.

– Sou um homem. – Os ombros de Koll se afrouxaram. – Quando isso aconteceu?

– Simplesmente acontece.

– Eu gostaria de saber o que significa ser homem.

– Acho que significa uma coisa diferente para cada um de nós. Os deuses sabem que não sou nenhum sábio, mas, se descobri uma coisa, é que a vida não é para buscar a perfeição. – Brand observou Thorn sacudindo o punho na cara de um dos guerreiros da rainha. – A Morte espera por todos nós. Nada dura para sempre. A vida é fazer o melhor com o que encontramos pelo caminho. Um

homem que não esteja contente com o que tem, bom, provavelmente não vai se contentar com o que não tem.

Koll pestanejou.

– Tem certeza de que você não é um sábio?

– Apenas seja honesto com Rin. Ela merece.

– Sei que merece – murmurou Koll, olhando, culpado, para as tábuas do cais.

– Você vai fazer a coisa certa. Se não, bom... – Brand o puxou para perto. – Aí eu posso bater em você.

Koll suspirou.

– É bom ter alguma coisa para esperar.

– Vejo você quando estiver de volta. – Brand se despediu dele com um tapa no ombro. – Até lá, mantenha-se na luz, Koll.

– Você também, Brand.

Enquanto saltava a bordo do navio da rainha, Koll pensou, não pela primeira vez, que não era nem de longe tão inteligente quanto supunha. Devia se lembrar disso na próxima vez em que começasse a pensar como era inteligente.

Koll sorriu. Era tão parecido com o que sua mãe diria que ele quase pensou nas palavras soando na voz dela. Segurou os pesos velhos pendurados no pescoço, olhando para o topo do mastro, pensando em como ela gritava com ele pendurado lá em cima. Sempre havia odiado a atenção exagerada da mãe. Agora daria qualquer coisa para ser objeto dela de novo.

Virou-se e viu a rainha Laithlin dedicando atenção ao filho, o herdeiro do trono, que parecia minúsculo cercado por escravos e serviçais, ladeada por dois corpulentos guarda-costas inglings com argolas de prata de escravo.

Ela ajeitou a pequena fivela da capa do menino e alisou seu cabelo liso, beijou-o na testa e, depois, se virou para o navio. Um dos escravos estava ajoelhado no cais para fazer um degrau com as costas para ela.

– Tudo ficará bem aqui, minha rainha! – gritou Brinyolf, com uma das mãos no ombro de Druin e a outra erguida numa bênção elaborada. – E que Aquela que Encontra o Rumo a guie em segurança para casa!

– Tchau! – despediu-se o príncipe.

Enquanto sua mãe levantava o braço para acenar, ele saiu de baixo da mão de Brinyolf e partiu em disparada e às gargalhadas em direção à cidade, sendo perseguido pelos ajudantes.

Laithlin apertou a amurada com força.

– Eu gostaria de poder levá-lo, mas confio em Varoslaf apenas um pouco menos do que numa serpente. Já perdi um filho para a espada e outro para o Ministério. Não posso perder um terceiro.

– O príncipe Druin não poderia estar mais seguro, minha rainha – afirmou Koll, fazendo o máximo para dizer o que pai Yarvi diria. – Thorlby está longe da luta e ainda é bem guardada, suas muralhas nunca foram conquistadas e a cidadela é inexpugnável.

– O Promontório de Bail era inexpugnável. Você o escalou e entrou.

Koll ousou dar um sorriso.

– Felizmente, homens com meus talentos são raros, minha rainha.

Laithlin bufou.

– Você já tem a humildade de um ministro.

Thorn foi a última a embarcar.

– Cuide-se! – gritou Brand enquanto ela passava por ele pisando firme no cais.

– Certo – resmungou ela, passando uma das pernas pela amurada.

Imobilizou-se quando a sombra de Laithlin caiu sobre ela, com um pé fora do navio e o outro dentro.

– O amor jovem é um tesouro realmente desperdiçado pelos jovens – comentou a rainha, pensativa, franzindo a testa para a cidade com as mãos cruzadas às costas. – É meu dever conhecer o valor das coisas, por isso acredite quando digo que você não tem nada mais precioso na vida. Logo as folhas verdes ficam marrons. – Ela olhou séria para seu Escudo Escolhido. – Acho que você pode fazer melhor do que isso.

Thorn se retraiu.

– A senhora acha que eu posso, minha rainha, ou está ordenando?

– Para um Escudo Escolhido, cada capricho de uma rainha é um decreto.

Thorn respirou fundo, saltou para o cais e voltou pisando firme até Brand.

– Como minha rainha ordena – murmurou ela, usando os dedos como um pente para afastar os cabelos desgarrados do rosto dele.

Segurou-o pela nuca e o puxou para perto, dando-lhe um beijo longo e ávido, apertando-o com tanta força que levantou os pés dele do cais enquanto os remadores comemoravam aos berros, riam e batiam com os remos.

– Eu não imaginava que a senhora fosse romântica, minha rainha – murmurou Koll.

– Parece que surpreendi nós dois – disse Laithlin.

Thorn se soltou enxugando a boca, a pulseira élfica reluzindo dourada.

– Eu amo você – Koll a ouviu grunhir acima do barulho da tripulação. – E desculpe pelo meu jeito.

Brand sorriu, roçando com as pontas dos dedos a cicatriz em forma de estrela no rosto dela.

– Eu amo seu jeito. Cuide-se.

– Certo. – Thorn bateu com o punho no ombro dele, depois retrocedeu pelo cais e saltou por cima da amurada do navio. – Melhor?

– Estou toda aquecida – murmurou Laithlin, com apenas a sugestão de um sorriso. Deu um último olhar para a cidadela e assentiu para o piloto. – Zarpar.

Rainha de nada

Entraram no salão, talvez três dezenas, magros como mendigos, sujos como ladrões. Uns dois tinham espadas. Outros tinham machados para lenha, arcos de caça, facões de açougueiro. Uma garota com o cabelo embaraçado meio preso segurava uma lança feita com uma vara de arado e uma velha lâmina de foice.

Raith estufou as bochechas, fazendo o corte no rosto arder.

– Aí vêm os heróis.

– Alguns lutadores recebem uma espada no quadrado de treino. – Jenner se inclinou para perto, murmurando no ouvido de Raith. – São criados para isso durante toda a vida, como você. Alguns veem um machado cair em suas mãos quando a Mãe Guerra abre as asas. – Ele observou o grupo maltrapilho se ajoelhar num semicírculo diante da plataforma do trono. – É preciso coragem para lutar quando você não escolheu isso, não foi treinado para isso, não estava preparado para isso.

– Não recebi nenhuma espada, velho – retrucou Raith. – Precisei arrancá-la de uma centena de outros guerreiros pela parte afiada. E não é a falta de coragem que me incomoda, é a falta de habilidade.

– Ainda bem que você tem mil guerreiros escolhidos esperando. Pode mandá-los em seguida.

Raith fez uma carranca, mas não tinha nada a dizer. Quem sabia falar era Rakki.

– Não são os corajosos nem os hábeis que a Mãe Guerra recompensa. – Jenner meneou a cabeça na direção dos maltrapilhos. – São os que aproveitam melhor o que têm.

E Skara sabia muito bem como aproveitar. Sorriu para seus recrutas esfarrapados de maneira tão grata que parecia que o príncipe de Kalyiv, a Imperatriz do Sul e uma dúzia de duques de Catália lhe ofereciam ajuda.

– Obrigada por virem, amigos. – Ela se inclinou à frente, sentada séria no Trono de Bail. Mesmo sendo pequena, tinha um jeito de preencher a cadeira. – Compatriotas.

Eles não poderiam parecer mais agradecidos nem se estivessem ajoelhados diante da própria Ashenleer. Seu líder, um velho guerreiro com o rosto cheio de cicatrizes como um cepo de açougueiro, pigarreou.

– Princesa Skara...

– Rainha Skara – corrigiu irmã Owd, com um beicinho pretensioso.

Sem dúvida gostara de sair da sombra de mãe Scaer. Raith revirou os olhos, mas não a culpou: a sombra de mãe Scaer podia ser terrivelmente gélida.

– Desculpe, minha rainha... – murmurou o guerreiro.

Mas Skara quase não lançava sombra:

– Sou eu que devo me desculpar. Porque vocês precisaram lutar sozinhos. Eu é que devo agradecer. Por vocês terem vindo lutar por mim.

– Eu lutei pelo seu pai – disse o homem, com a voz embargada. – Lutei pelo seu avô. Vou lutar até a morte pela senhora.

Todos os outros assentiram.

Uma coisa é se oferecer para morrer, outra muito diferente é se lançar contra o aço afiado, especialmente se o único metal com o qual você está acostumado é um balde de ordenha. Pouco tempo antes Raith estaria dando risinhos com o irmão diante daquela lealdade de idiotas. Mas Rakki não estava ali e Raith achava difícil rir.

Antes sempre tivera certeza da melhor coisa a fazer, que quase sempre implicava um machado no final. Era como se fazia em Vansterland. Porém, Skara tinha o próprio jeito e ele descobriu que gostava de observá-la executar as ações. Gostava um bocado de olhá-la.

– De onde vocês vêm? – perguntou ela.

– A maioria de nós vem de Ockenby, minha rainha, ou das fazendas próximas.

– Ah, eu conheço! Existem carvalhos maravilhosos lá...

– Até que Yilling, o Brilhante, os queimou – cuspiu uma mulher, cujo rosto era duro como a machadinha em seu cinto. – Queimou tudo.

– É, mas nós mostramos um pouco de fogo para ele. – O guerreiro pôs a mão no ombro de um garoto ao lado. – Queimamos parte da forragem dele.

Queimamos uma tenda com alguns homens dele dentro.

– A senhora deveria ver como eles dançaram – rosnou a mulher.

– Peguei um quando ele foi mijar! – gritou o garoto com a voz oscilando entre aguda e grave, depois seu rosto ficou de um vermelho vivo e ele olhou para o chão. – Isto é, minha rainha...

– Todos vocês fizeram um serviço corajoso.

Raith viu os tendões nítidos nas mãos magras de Skara enquanto ela apertava os braços do Trono de Bail.

– Onde Yilling está? – acrescentou ela.

– Foi embora – respondeu o garoto. – Ele tinha um acampamento na praia de Harentoft, mas desmontaram tudo e partiram durante a noite.

– Quando? – perguntou Jenner.

– Há doze dias.

O velho marujo cofiou a barba hirsuta, insatisfeito.

– Isso me preocupa.

– Nós estamos com os navios dele – disse Raith.

– Mas o Rei Supremo tem mais. Yilling pode estar cometendo crueldades em qualquer litoral do Mar Despedaçado.

– Você tem preocupações demais, velho – grunhiu Raith. – Ficaria feliz se ele ainda estivesse queimando fazendas?

– Não, eu também estaria preocupado. Isso é que é ser velho.

Skara levantou a mão, pedindo silêncio.

– Vocês precisam de comida e de um lugar para dormir. Se ainda quiserem lutar, temos armas tiradas dos homens do Rei Supremo. Navios também.

– Vamos lutar, minha rainha – afirmou o velho guerreiro, e os demais throvenlandeses, mesmo sem condições, exibiram suas expressões mais aguerridas.

Sem dúvida tinham coragem, mas, enquanto irmã Owd os levava para serem alimentados, Raith os imaginou enfrentando os incontáveis guerreiros do Rei Supremo. A cena seguinte não era bonita.

Quando a porta se fechou, Skara afrouxou o corpo na cadeira, gemendo, uma das mãos na barriga. Sem dúvida todos aqueles sorrisos cobravam um preço alto.

– São seis tripulações agora?

– E todas dispostas a morrer pela senhora, minha rainha – disse Jenner.

Raith respirou fundo.

– Se o exército do Rei Supremo vier, morrerão mesmo.

Jenner abriu a boca, porém Skara ergueu a mão de novo.

– Ele está certo. Eu posso ter um trono de rainha, mas sem Gorm e Uthil acampados fora das minhas muralhas, sou rainha de nada. – Ela se levantou, as joias penduradas no brinco rebrilhando. – E Gorm e Uthil, para não mencionar seus guerreiros preguiçosos, estão de novo tentando esganar um ao outro. Eu deveria ir ver se eles fizeram algum progresso.

Raith não estava esperançoso. Aconselhada por Jenner, Skara tinha finalmente convencido os dois reis a trabalharem nas defesas: derrubando árvores que cresciam perto demais, reforçando o trecho de muralha construída pelo homem e cavando o fosso. Foi necessário um dia inteiro de esforço dos ministros para persuadi-los. Skara recolheu as saias e, com um aceno indolente, indicou a Raith que ele deveria segui-la.

Ele ainda ficava irritado por receber ordens de uma garota, e Jenner devia ter percebido isso. O velho marinheiro segurou seu braço.

– Escute, garoto. Você é um guerreiro e os deuses sabem que precisamos de alguns. Mas o homem que encontra luta em todo lugar, bom... logo vai descobrir que encontrou uma a mais do que deveria.

Raith repuxou os lábios.

– Tudo que tenho precisei arrancar do mundo com os punhos.

– É. E o que você tem?

Talvez o velho tivesse algum fiapo de razão.

– Apenas a mantenha em segurança, está bem?

Raith se desvencilhou.

– Continue se preocupando, velho.

Lá fora, ao sol, Skara balançava a cabeça diante do grande toco no pátio.

– Eu me lembro de quando uma grande Árvore da Fortaleza crescia aqui. Irmã Owd acha que é um mau presságios ela ter sido cortada.

– Algumas pessoas veem presságios em todo lugar.

Provavelmente Raith deveria ter mantido o *minha rainha* no fim de cada frase, mas as palavras pareciam erradas em sua boca. Ele não era cortesão.

– E você?

– Sempre me pareceu que os deuses mandam sorte para o homem que tem mais capacidade de luta e menos misericórdia. Foi o que vi enquanto crescia.

– Onde você cresceu? Numa matilha de lobos?

Raith arqueou as sobrancelhas.

– É, mais ou menos.

– Quantos anos você tem?

– Não sei direito. – Skara piscou, surpresa, e Raith deu de ombros. – Os lobos não sabem contar muito bem.

Ela partiu para o portão, seguida pelos servos, que fitavam o solo.

– Como você se tornou portador da espada de um rei?

– Mãe Scaer nos escolheu. A mim e meu irmão.

– Então você deve a ela.

Raith pensou no olhar duro e nas lições duras da ministra, curvou os ombros diante da lembrança de mais de uma surra de chicote.

– É, acho que sim.

– E você admira o Quebrador de Espadas.

Raith pensou nos tapas, nas ordens e no trabalho sangrento que tinha feito na fronteira.

– Ele é o maior guerreiro do Mar Despedaçado.

Os olhos aguçados de Skara se viraram bruscamente para o lado.

– Então ele mandou você para me guardar ou me espionar?

Raith se sentiu desequilibrado. Para ser honesto, ele não estivera equilibrado desde que tinha passado a servi-la.

– Acho que um pouco de cada. Mas sou muito melhor em guardar do que em espionar.

– Ou em mentir também, pelo que parece.

– Meu irmão é o inteligente.

– Então o Quebrador de Espadas não confia em mim?

– Mãe Scaer diz que só os inimigos não podem nos trair.

Skara bufou enquanto adentravam a penumbra do túnel cortado pelos elfos.

– Ministros...

– É, ministros. Mas é como eu vejo. Quanto a guardá-la, eu morreria pela senhora.

Ela pestanejou e engoliu em seco. Ele achou isso maravilhoso.

– Quanto a espioná-la, sou obtuso demais para me embrenhar muito em seus negócios.

– Ah. – O olhar dela percorreu seu rosto. – Você é só um idiota bonito.

Raith não ficava vermelho com frequência, mas sentiu o sangue quente no rosto. Era capaz de mergulhar numa parede de escudos eriçada de aço, mas um olhar daquela garota minúscula fazia sua coragem desmoronar.

– Ahn... bonito eu deixo para a senhora, acho. A parte do idiota não vou negar.

– Mãe Kyre sempre dizia que só os homens imbecis se proclamavam inteligentes.

Foi a vez de Raith bufar.

– Ministros...

O riso de Skara ecoou na escuridão. Para uma mulher pequena, tinha uma risada plena, louca e selvagem como a de um guerreiro velho em uma história contada numa taberna, e Raith também achou isso maravilhoso.

– É – disse ela. – Ministros... E por que o Quebrador de Espadas escolheu você?

Ele se sentia como um mau nadador sendo atraído para águas profundas.

– Hein?

– Por que mandar um idiota sincero fazer o serviço de um mentiroso esperto?

Ele franziu a testa enquanto saíam à luz do dia. Por sorte foi poupado de responder.

Um grupo de pessoas tinha se reunido do lado de fora do portão, mas nenhum trabalho estava sendo realizado. A não ser que você contasse os olhares raivosos e os insultos gritados, coisa que, para ser justo, Raith sempre havia contado. Vansterlandeses encarando gettlandeses como sempre, um padrão tão cansativo que ele já estava exausto daquilo. Rakki e o velho gettlandês com a cara que parecia uma bunda estapeada, Hunnan, se encaravam no meio, ambos eriçados como gatos. Um segurava uma picareta, o outro, uma pá, e pelo jeito os dois estavam dispostos a se atacarem.

– Epa! – gritou Raith, partindo para cima, e as duas cabeças se viraram.

Ele se postou entre os dois, viu o maxilar de Hunnan se trincar, a pá recuar com um tremor. Deuses, a ânsia enorme de lhe dar uma cabeçada, um soco, segurá-lo e morder seu rosto. Raith percebeu que estava com os dentes

arreganhados. Isso ia contra todos os seus instintos aprendidos à força, mas estendeu a mão e segurou a pá. Então, antes que o velho gettlandês tivesse tempo de pensar, Raith pulou no fosso.

– Achei que nós éramos aliados! – Ele começou a cavar, cobrindo Hunnan e Rakki com torrões de terra e fazendo-os se separar. – Sou o único que não tem medo de trabalho?

Raith podia não ser um pensador, mas conseguia ver o que era posto à sua frente. Se havia aprendido algo com Skara era que você obtém mais dos guerreiros envergonhando-os do que mordendo-os.

E deu certo. Primeiro Rakki pulou no fosso ao seu lado com a picareta. Depois mais alguns vansterlandeses os seguiram. Para não ficar atrás, Hunnan cuspiu nas palmas das mãos, arrancou a pá do homem ao lado, desceu e também começou a trabalhar furiosamente. Não se passou muito tempo até que toda a extensão do fosso estivesse agitada com guerreiros competindo para dar ao Pai Terra a surra mais séria.

– Quando foi a última vez que você acabou com uma briga? – murmurou Rakki.

Raith sorriu.

– Já acabei com algumas usando o punho.

– Não esqueça quem você é, irmão.

– Não estou esquecendo nada – grunhiu Raith, recuando para deixar Rakki usar a picareta numa raiz teimosa. Olhou para o portão, viu Skara sorrindo e não pôde deixar de retribuir o sorriso. – Mas cada dia encontra a gente como um homem novo, certo?

Rakki balançou a cabeça.

– Aquela garota está com você preso na coleira.

– Talvez. Mas consigo pensar em coleiras piores.

Poder

Irmã Owd franziu a testa para o penico.

– Esse parece auspicioso.

– Como um cocô é mais auspicioso do que outro? – perguntou Skara.

– As pessoas que têm a sorte de produzir cocôs auspiciosos sempre perguntam isso, minha rainha. Seu sangue está vindo regularmente?

– Pelo que sei, o tradicional é uma vez por mês.

– E seu útero quis violar a tradição?

Skara lançou a irmã Owd o olhar mais gélido que conseguiu.

– Meu útero sempre se comportou de modo adequado. Pode ficar descansada. Nunca sequer beijei um homem. Mãe Kyre garantiu isso.

Owd pigarreou delicadamente.

– Desculpe se estou me intrometendo, mas agora o seu bem-estar é minha responsabilidade. Seu sangue vale mais para Throvenland do que o ouro.

– Então Throvenland pode se regozijar! – gritou Skara enquanto saía da banheira. – Estou sangrando regularmente!

A serva da rainha Laithlin a enxugou com gentileza, pegou um feixe de gravetos e salpicou água perfumada e abençoada em nome d'Aquele que Germina a Semente. Ele poderia estar entre os Deuses Pequenos, mas erguia-se muito alto sobre as garotas de sangue real.

Irmã Owd franziu a testa. Era sua serviçal, mas Skara achava difícil não pensar nela como uma governanta desaprovadora.

– Está comendo, minha rainha?

– O que mais eu faria na hora das refeições? – Skara não acrescentou que sempre se sentia a ponto de pôr para fora o pouco que conseguia forçar para dentro. – Sempre fui magra. – Ela estalou os dedos para a serva lhe trazer logo o roupão. – E não gosto de ser examinada como uma escrava no mercado de carne.

– Quem gosta, minha rainha? – Irmã Owd evitou seu olhar. – Mas, infelizmente, a privacidade é um luxo que os poderosos não podem ter.

Por algum motivo seu tom afável era mais irritante do que os maus-tratos de mãe Kyre.

– Sem dúvida você come por nós duas – disse Skara, ríspida.

Irmã Owd apenas sorriu, criando covinhas no rosto suave.

– Sempre fui sólida, mas o futuro de nenhuma nação depende da minha saúde. Para a sorte de todos os envolvidos. Traga alguma coisa para a rainha.

Ela fez um gesto para a serva, que jogou para trás a trança comprida e pegou a bandeja com a comida matinal.

– Não! – rosnou Skara, o estômago se apertando simplesmente com o cheiro, recuando o braço como se prestes a jogar tudo aquilo no chão. – Leve embora!

A serva se encolheu como se a raiva da rainha fosse um chicote erguido, e Skara sentiu uma pontada instantânea de culpa. Então se lembrou das palavras de mãe Kyre, depois de o avô ter vendido sua babá, fazendo a princesa chorar durante dias. *Os sentimentos por uma escrava são sentimentos desperdiçados*. Por isso, dispensou a garota com um gesto impaciente, como imaginou que a rainha Laithlin faria. Afinal de contas, agora ela era rainha.

Deuses, ela era rainha. Seu estômago se contraiu de novo, o vômito fez cócegas no fundo da garganta e Skara soltou uma tosse estrangulada, meio arroto, meio rosnado de frustração. Cerrou o punho como se fosse dar um soco nas próprias entranhas rebeldes. Como poderia ter esperança de dobrar reis à sua vontade quando o próprio estômago não a obedecia?

– Bom, há muita coisa a fazer antes da assembleia de hoje – disse irmã Owd, virando-se para a porta. – Posso deixá-la por enquanto, minha rainha?

– Já não era sem tempo.

Irmã Owd fez uma pausa e Skara viu seus ombros se mexerem enquanto ela respirava fundo. Depois a ministra se virou de volta, cruzando firmemente os braços.

– A senhora pode falar comigo aqui como quiser. – Irmã Owd podia ter parecido suave como um pêssego à primeira vista, mas Skara lembrou agora que os pêssegos têm um caroço em que os incautos podem quebrar os dentes. – Mas se comportar desse modo não é adequado a uma rainha. Se fizer isso diante de

Uthil e Gorm, a senhora desfará todo o progresso que já obteve. Sua posição não é forte o bastante para demonstrar esse tipo de fraqueza.

Skara retesava cada músculo, totalmente preparada para explodir de fúria, quando percebeu que Owd tinha razão. Ela estava agindo como costumava fazer com mãe Kyre. Como uma criança petulante. Seu avô, generoso com todos em riqueza e em palavras, ficaria pouquíssimo impressionado.

Skara fechou os olhos e sentiu lágrimas pinicando nas pálpebras, respirou fundo e soltou um suspiro trêmulo.

– Você está certa. Isso foi indigno de um mendigo, quanto mais de uma rainha. Desculpe.

Irmã Owd descruzou os braços lentamente.

– Uma rainha jamais precisa pedir desculpas, sobretudo para sua ministra.

– Deixe-me ao menos agradecer, então. Sei que não pediu por isso, mas até agora você tem sido um apoio firme. Sempre supus que um dia seria rainha e falaria em salões com os grandes, faria acordos sábios em nome do meu povo... Só não sonhei que seria tão cedo, com os riscos tão altos e sem meu avô para me ajudar. – Ela enxugou os olhos com as costas da mão. – Mãe Kyre tentou me preparar para o fardo do poder, mas... estou descobrindo que é um peso para o qual nunca estamos prontos.

A ministra pestanejou.

– Considerando as circunstâncias, acho que a senhora o carrega de modo admirável.

– Tentarei carregar ainda melhor. – Skara forçou um sorriso. – Se você prometer continuar me corrigindo quando eu falhar.

Irmã Owd sorriu.

– Será uma honra, minha rainha. De verdade.

Ela fez uma reverência profunda e fechou a porta depois de sair. Skara olhou para a serva e percebeu que nem sabia o nome da garota.

– Desculpe-me você também – pegou-se murmurando.

A serva pareceu horrorizada e logo Skara percebeu por quê. Se uma escrava é apenas uma coisa útil para sua senhora, está em segurança. Se uma escrava se torna uma pessoa, pode ser favorecida. Pode até ser amada, como Skara tinha amado sua ama de leite. Mas uma pessoa também pode ser culpada, invejada, odiada.

É mais seguro ser uma coisa.

Skara estalou os dedos.

– Traga o pente.

Houve uma batida à porta, seguida pelo rosnado grosseiro de Raith:

– Pai Yarvi está aqui. Quer falar com a senhora.

– Urgentemente, rainha Skara – soou a voz do ministro. – Um assunto benéfico para nós dois.

Skara pôs a mão na barriga num esforço para acalmar o estômago agitado. Pai Yarvi era bastante gentil, mas havia algo irritante em seu olhar, como se ele sempre soubesse o que ela iria dizer e já tivesse a resposta.

– O sangue de Bail corre nas minhas veias – murmurou para si mesma. – O sangue de Bail, o sangue de Bail. – Cerrou a mão com a bandagem até que o corte ardeu. – Faça-o entrar!

Nem mesmo mãe Kyre poderia encontrar defeito no comportamento de pai Yarvi. Ele veio com a cabeça respeitosamente baixa, o cajado de metal élfico torcido e cheio de ranhuras seguro na mão boa, a mirrada atrás do corpo, para não ofendê-la com sua visão por acaso. Raith o seguia com a testa franzida daquele jeito de sempre, o cabelo branco achatado contra um dos lados do crânio por ter dormido à sua porta e a mão cheia de cicatrizes apoiada no cabo do machado.

Skara tinha parado de pensar em como seria beijá-lo. Agora se pegava frequentemente ocupada pensando no que poderiam fazer depois do beijo... Afastou o olhar, mas o pensamento ficava se esgueirando de volta. Afinal de contas, não havia mal em pensar, havia?

O ministro de Gettland fez uma reverência solene.

– Minha rainha, sinto-me honrado em ser admitido à sua presença.

– Temos uma assembleia mais tarde. Não poderíamos falar quando eu estiver vestida?

Ela apertou o roupão com mais força em volta do corpo.

Então ele ergueu os olhos. Frios como chuva de primavera, seus olhos azuis.

– Não precisa se preocupar. Fiz um juramento de ministro. Não sou um homem nesse sentido. – Ele olhou de soslaio para Raith.

O que pai Yarvi queria dizer estava claro. Sem dúvida Raith era um homem em todos os sentidos. Skara sentiu o olhar dele nela, vindo por baixo dos cílios

claros, não se importando nem um pouco com o decoro. Praticamente nem sabendo o significado da palavra. O certo seria ordenar que ele saísse de imediato.

– Podem ficar os dois.

Com Raith e seu machado espreitando junto a pai Yarvi, o poder dela era maior. O decoro era importante para uma princesa, mas para uma rainha o poder era mais importante ainda. E, talvez, escondida bem no fundo, houvesse alguma parte dela que gostava do modo como Raith a olhava. Gostava de não haver decoro.

– Diga o que pode ser tão urgente.

Se o jovem ministro de Gettland ficou surpreso, sua máscara sorridente não demonstrou absolutamente nada.

– Com frequência as batalhas são vencidas pelo lado que chega primeiro ao campo, minha rainha.

Skara sinalizou para a serva, fazendo-a vir depressa com o pente e o óleo. Queria mostrar a pai Yarvi que ele não era importante ao ponto de atrapalhar sua rotina matinal.

– Eu sou um campo de batalha?

– A senhora é uma aliada valiosa e vital numa batalha. Uma aliada de cujo apoio eu preciso tremendamente.

– Assim como precisou do apoio do meu avô assassinado? – perguntou ela, ríspida. Ríspida demais, isso demonstrava fraqueza. Limou o gume da voz. – Mãe Kyre achava que você enganou o rei Fynn para fazer uma aliança.

– Eu digo que o persuadi, minha rainha.

Ela levantou uma sobrancelha para Yarvi pelo espelho.

– Então me persuada, se puder.

O cajado bateu suavemente no chão enquanto ele avançava, tão devagar e sutil que mal parecia se mexer.

– Logo, logo o exército do Rei Supremo virá.

– Não há nenhuma astúcia em saber disso, pai Yarvi.

– Mas eu sei quando e onde.

Skara segurou o pulso da serva antes que o pente chegasse à sua cabeça e o empurrou, virando-se com os olhos semicerrados.

– Dentro de seis noites ele tentará trazer o exército, atravessando o estreito desde Yutmark, no ponto mais curto, logo a oeste de Yaletoft... isto é, das ruínas de Yaletoft.

A respiração dela ficou travada. Lembrava-se da cidade em chamas. O fogo iluminando o céu noturno. O fedor de fumaça enquanto sua vida passada queimava. Sem dúvida ele queria atiçar seu medo, atear uma fagulha a sua raiva. Teve sucesso.

A voz dela tinha um gume mais afiado do que nunca:

– Como você sabe?

– É dever de um ministro saber. Nossa aliança pode estar em número muito menor em terra, mas temos ótimas tripulações, ótimos navios, e os melhores do Rei Supremo estão capturados em seu porto. No mar temos vantagem. Devemos atacar enquanto eles tentam atravessar o estreito.

– Com meus seis navios?

Skara se virou para o espelho, sinalizou para a serva continuar, e a garota passou sua corrente de escrava por cima de um ombro e voltou em silêncio com o pente.

– Com seus seis navios, minha rainha... – Yarvi chegou um pouco mais perto. – E com seu voto.

– Sei.

Mas de fato Skara tinha antecipado algo do tipo no instante em que ele fora anunciado. Seu título era fumaça, seus guerreiros eram bandidos capazes de encher seis navios, suas terras não eram maiores do que as muralhas do Promontório de Bail. Tudo que tinha era emprestado: sua escrava, seu guarda, sua ministra, seu espelho, até as roupas que usava. No entanto, o voto era seu.

Pai Yarvi deixou a voz baixar até um sussurro caloroso. O tipo de sussurro que instiga o ouvinte a se inclinar mais para perto, para fazer parte do segredo. Porém, Skara se certificou de não se mover, certificou-se de manter os pensamentos fechados, certificou-se de que ele precisaria vir até ela.

– Mãe Scaer se opõe a tudo que eu digo simplesmente porque eu digo. Temo que Grom-gil-Gorm seja cauteloso demais para aproveitar a chance e que não tenhamos outra. Mas se *a senhora* apresentasse a estratégia...

– Hum – resmungou Skara.

Nunca faça uma escolha apressada, costumava dizer mãe Kyre. *Mesmo que você saiba qual é a resposta, adiar a resposta mostra sua força*. Por isso ela se demorou, enquanto a escrava emprestada pela rainha Laithlin subia cuidadosamente num banquinho para segurar seu cabelo, enrolá-lo e prendê-lo com dedos treinados.

– As circunstâncias a tornaram poderosa, minha rainha. – Pai Yarvi se aproximou mais ainda e, quando sua gola se moveu, Skara viu cicatrizes claras no pescoço. – E a senhora se acostumou com isso como um falcão com o voo. Posso contar com o seu apoio?

Ela se olhou no espelho. Pai Paz, quem era essa mulher de olhos aguçados, tão magra, orgulhosa e dura como sílex? Um falcão mesmo. Certamente não podia ser ela, cujo estômago borbulhava com dúvidas.

Pareça poderosa e você será poderosa, dizia mãe Kyre.

Empertigou os ombros enquanto a serva prendia o brinco, inflando as narinas ao respirar fundo. Deu o mais leve aceno de cabeça.

– Desta vez.

Yarvi sorriu, fazendo uma reverência.

– A senhora é tão sábia quanto bela, minha rainha.

Raith se virou de novo para o aposento depois de fechar a porta.

– Não confio nesse desgraçado.

Era uma declaração tão inadequada que Skara não conseguiu evitar uma fungada de riso. Nunca conhecera ninguém que deixasse tão pouco escapar quanto pai Yarvi nem alguém que mantivesse tão pouco escondido quanto Raith. Cada pensamento dele estava escrito às claras naquele rosto franco, cheio de cicatrizes, bonito.

– Por quê? – perguntou ela. – Porque ele me considera sábia e bela?

Os olhos de Raith ainda estavam voltados para Skara.

– Só porque um homem diz duas verdades não significa que não seja um mentiroso.

Então Raith a considerava sábia e bela também. Isso lhe agradou bastante, mas ela não demonstraria.

– Pai Yarvi nos dá uma chance de atingir o Rei Supremo – disse ela. – Não pretendo perdê-la.

– Então a senhora confia nele?

– Não é preciso confiar num homem para usá-lo. Afinal de contas, o guardião da minha porta costumava encher as taças de Grom-gil-Gorm.

Raith franziu a testa com mais força enquanto passava a mão no corte da orelha.

– Seria melhor a senhora não confiar em ninguém.

– Bom conselho. – Skara o encarou pelo espelho. – Pode sair agora.

Ela estalou os dedos para a serva trazer as roupas.

As opiniões dos porcos

Fazia dois anos desde que Koll tinha visitado Roystock, e o lugar crescera para cima e para fora, a partir da ilha pantanosa, como um tumor.

Tentáculos de madeira haviam saltado sobre as águas em palafitas frágeis, píeres tortos com casas grudadas nas laterais como cracas teimosas, barracões construídos sobre casebres em todos os ângulos, menos o reto, uma floresta apodrecida feita de suportes tortos e uma centena de chaminés soprando uma cortina de fumaça. Pequenos amontoados de choças tinham se projetado como jatos de vômito, agarrando-se a cada calombo suficientemente seco para sustentar uma pilha no meio do lamaçal junto à foz larga do Divino.

Nunca na vida Koll vira tanta carpintaria pavorosa num único lugar.

– Esse lugar cresceu – disse, franzindo o nariz. – Acho que é o progresso.

Thorn apertou o próprio nariz, fechando-o totalmente.

– O cheiro progrediu um bocado, isso é certo.

A pungente mistura de excremento velho, podridão salgada e um toque acre de defumação de peixe, tingimento de tecido e curtume fazia a respiração travar no fundo da garganta de Koll.

Mas Laithlin não era mulher de se incomodar com um odor.

– Os chefes de Roystock engordaram com o comércio que chega pelo Divino. A cidade deles inchou com isso.

– Varoslaf veio pegar seu bocado da carne. – Koll franziu a testa em direção ao cais que se aproximava. – E trouxe um monte de navios.

Os olhos de Thorn se estreitaram até virar fendas enquanto ela examinava as embarcações compridas e esguias.

– Contei treze.

– Mais do que apenas uma demonstração de força – murmurou Laithlin. – Acho que o príncipe de Kalyiv pretende ficar.

A Mãe Sol estava quente lá fora, mas no salão a temperatura era fria.

O príncipe Varoslaf estava sentado à cabeceira de uma mesa comprida, tão polida que era possível ver outro príncipe Varoslaf, num reflexo turvo. Um já era mais do que suficiente para preocupar Koll.

Ele não era um homem grande, não usava arma, não tinha um único fio de cabelo na cabeça, no queixo nem mesmo nas sobrancelhas. Não havia ira, desprezo ou ameaça soturna em seu rosto, apenas um vazio pétreo que, de algum modo, era mais perturbador do que qualquer rosnado. Atrás dele se postava um crescente de guerreiros ferozes, outro de escravos ajoelhados com pesadas correntes de servidão penduradas. Ao lado estava uma serviçal magra feito uma lança, com moedas rebrilhando num lenço atravessado na testa.

Os nove chefes de Roystock estavam sentados de um dos lados da mesa, entre Varoslaf e Laithlin, exibindo suas melhores sedas e as joias mais ricas, porém com o nervosismo claramente estampado no rosto. Como a tripulação de um navio sem remos à deriva no gelo do norte, esperando não ser esmagada entre dois icebergs enormes. Koll tinha a sensação de que a esperança não iria levá-los a lugar nenhum nessa companhia.

– Rainha Laithlin, Joia do Norte. – A voz de Varoslaf era seca e sussurrante como o farfalhar de folhas no outono. – Sinto-me favorecido pelos deuses por estar mais uma vez à luz de sua presença.

– Grande príncipe – respondeu Laithlin, com seu séquito aglomerado de cabeça baixa no salão atrás dela –, todo o Mar Despedaçado treme diante de sua chegada. Dou-lhe os parabéns por sua famosa vitória sobre o Povo dos Cavalos.

– Se é que podemos chamar de vitória sobre as moscas toda vez que o cavalo balança o rabo. As moscas sempre voltam.

– Trouxe presentes para o senhor.

Duas escravas gêmeas de Laithlin, com tranças tão compridas que as usavam enroladas num dos braços, arrastaram os pés, trazendo caixas de marchetaria em madeira, importadas a um custo assombroso da distante Catália.

Contudo, o príncipe levantou a mão e Koll viu o sulco profundo nos dedos calejados pelo treino constante com um arco.

– Assim como eu tenho presentes para a senhora. Mais tarde haverá tempo para eles. Primeiro vamos discutir a questão.

A Rainha Dourada arqueou uma sobrancelha.

– E qual seria?

– O grande Divino, o dinheiro que flui por ele e como devemos dividi-lo.

Laithlin mandou as escravas recuarem com um movimento do dedo.

– Já não temos acordos lucrativos para nós dois?

– Colocado de modo claro, eu gostaria que eles me fossem mais lucrativos – respondeu Varoslaf. – Minha ministra imaginou muitos modos de fazer isso.

Houve uma pausa.

– O senhor tem uma ministra, grande príncipe? – perguntou Koll.

Varoslaf virou o olhar gélido para Koll, que quase pôde sentir os bagos recuando para o calor da barriga.

– Os governantes do Mar Despedaçado parecem considerar os ministros indispensáveis. Pensei em comprar um para mim.

Ele fez um movimento mínimo da cabeça careca, uma escrava se levantou e empurrou o capuz para trás. Koll ouviu Thorn soltar um rosnado grave.

Exceto por uma trança fina acima de uma orelha, o cabelo da mulher tinha sido cortado até deixar apenas uma penugem loura. Usava uma argola de escravo feita de fio de prata no pescoço longo e magro e outra no pulso, com uma corrente fina entre elas, porém não comprida o suficiente para dar conforto. Tinha um cavalo empinado tatuado numa bochecha, marca de propriedade do príncipe, mas parecia que seu ódio ainda estava livre. Seus olhos de bordas avermelhadas, afundados em órbitas feridas, chamejavam com esse ódio enquanto ela olhava ao redor.

– Deuses – murmurou Koll –, isso é má sorte.

Ele conhecia aquele rosto. Era Isriun, filha de Odem, o traiçoeiro irmão do rei Uthil, que já fora noiva de pai Yarvi, depois ministra de Vansterland, mas tinha tentado se impor demais com o Quebrador de Espadas e fora vendida como escrava.

– A cadela de Odem vem me incomodar de novo – sibilou Laithlin.

O principal chefe, um velho mercador de olhos aguçados e enfeitado com correntes de prata, pigarreou.

– Mui temido grande príncipe... – Sua voz falhou apenas um pouco quando os olhos de Varoslaf se viraram na sua direção. – E mui admirada rainha Laithlin, essas questões interessam a todos nós. Se é que posso...

– É tradicional que o fazendeiro e o açougueiro dividam a carne sem buscar a opinião dos porcos – interrompeu Varoslaf.

Por um momento o silêncio foi absoluto, então a esguia serviçal do príncipe de Kalyiv se inclinou lentamente para os chefes e soltou um trovejante grunhido de porco. O que estava mais perto se retraiu. Vários se encolheram. Todos empalideceram. Deviam ter feito muitos bons acordos naquela mesa polida, mas estava terrivelmente claro que naquele dia não teriam lucros.

– O que o senhor quer, grande príncipe? – perguntou Laithlin.

Isriun se inclinou para sussurrar no ouvido de Varoslaf, a trança roçando no ombro dele, os olhos brilhantes indo na direção de Laithlin.

O rosto do príncipe permaneceu como uma máscara impossível de ser decifrada.

– Só o que é justo.

– Sempre há um modo – disse a rainha secamente. – Poderíamos talvez lhe oferecer um décimo extra de uma décima parte de cada carga...

Isriun se inclinou de novo, sussurrando, sussurrando, as unhas roídas mexendo na tatuagem do rosto.

– Quatro décimos de cada décima parte – contrapôs Varoslaf.

– Quatro partes estão tão longe de algo justo quanto Roystock está de Kalyiv.

Dessa vez Isriun não se incomodou em falar por seu senhor; simplesmente lançou a réplica no rosto de Laithlin:

– O campo de batalha não é justo.

A rainha estreitou os olhos.

– Então vocês vieram para uma batalha?

– Estamos prontos para uma – respondeu Isriun, o lábio franzido em desprezo.

Enquanto ela estivesse sussurrando veneno no ouvido do príncipe, eles trilhariam um caminho pedregoso. Koll se lembrou dos homens esfolados balançando no cais de Kalyiv e engoliu em seco. Varoslaf não era um homem que se intimidasse, nem que pudesse ser enganado até demonstrar fúria, nem influenciado por lisonjas, bazófias ou piadas. Ali estava um homem que ninguém ousava desafiar. Um homem cujo poder era construído a partir do medo.

Laithlin e Isriun tinham iniciado um duelo tão violento e hábil quanto os piores que aconteciam no quadrado de treino. Golpeavam implacavelmente uma à outra com porções e preços, estocavam com taxas e aparavam com frações enquanto Varoslaf se recostava em sua cadeira, o rosto sem pelos parecendo uma máscara.

Koll viu apenas uma oportunidade e segurou os pesos embaixo da camisa. Pensou na mãe gritando para ele descer do mastro. Sem dúvida a pessoa fica mais segura no convés, porém, se quiser mudar o mundo, deve correr um ou dois riscos.

– Ah, grande príncipe! – Ele ficou surpreso ao ouvir a própria voz alegre e casual como poderia soar na oficina de Rin. – Talvez o senhor devesse se retirar para a cama e deixar sua ministra fazer os acordos.

Talvez os covardes lidem com os grandes terrores melhor do que os heróis porque enfrentam o medo todo dia. Koll forçou seus pés a avançarem, forçou o rosto a sorrir, balançou as mãos com um desrespeito despreocupado.

– Vejo que todas as suas decisões são tomadas pela sobrinha do rei Uthil. Uma cobra que se voltou contra a própria família. Uma cobra que ainda destila veneno mesmo estando com uma coleira e uma corrente. Por que desperdiçar seu tempo fingindo que não é assim? Afinal de contas – Koll pôs uma das mãos no peito –, é tradicional que o fazendeiro – ele estendeu a mão na direção de Isriun – e o açougueiro... dividam a carne sem buscar a opinião... – ele estendeu as mãos para Laithlin e Varoslaf – dos porcos.

Houve um silêncio incrédulo. Então os guardas de Varoslaf se encresparam. Um deles murmurou um palavrão na língua do Povo dos Cavalos. Outro deu um passo adiante, levando a mão à espada curva. Houve um estalo forte quando Thorn acertou Koll no rosto com as costas da mãos.

Ele gostaria de dizer que caiu de propósito, mas na verdade foi como ser acertado por uma marreta. Lutou para se apoiar num cotovelo, o rosto ardendo e a cabeça girando, e viu Laithlin olhar para baixo, furiosa.

– Mandarei você ser açoitado por isso.

A mão sulcada de Varoslaf estava erguida preguiçosamente para conter seus guerreiros, o olhar tão frio que Koll pensou que podia sentir a urina congelando na bexiga. Apenas alguns dias atrás ele dissera a si mesmo que não era nem de longe tão inteligente quanto supunha. Algumas pessoas nunca aprendem.

Isriun se inclinou para o ouvido de Varoslaf.

– O senhor deve exigir a pele dele por isso...

A fala foi interrompida num som rouco quando o príncipe puxou a mulher para baixo pela corrente.

– Nunca me diga o que devo fazer.

Ele jogou Isriun cambaleando na direção da porta enquanto Thorn agarrava Koll por baixo do braço com uma força temível e o arrastava, encolhido.

– Muito bem – sussurrou ela. – Não machuquei você, machuquei?

– Você bate como uma garota – guinchou Koll enquanto ela o jogava no chão da antessala e fechava a porta com um estrondo.

– Você deve estar satisfeito – rosnou Isriun.

Koll sentou-se lentamente, tocou o lábio com as pontas dos dedos, que ficaram rubras.

– Eu estaria mais satisfeito se não tivesse sangue na boca.

– Pode rir! – Isriun arreganhou os dentes, mais próxima de uma careta de agonia do que de um sorriso. – Os deuses sabem que eu gargalharia se estivesse no seu lugar. Fui filha de um rei! Fui ministra ao lado de avó Wexen! Agora... – Ela moveu o pulso bruscamente, fazendo a corrente estalar, retesada, e a coleira apertar o pescoço, porém, por mais que se esforçasse, não conseguia esticar o braço. – Eu morreria de rir se estivesse no seu lugar.

Koll balançou a cabeça, levantando-se.

– Eu, não. Sei o que é ser escravo.

Ele se lembrava do porão onde fora mantido com a mãe. Da escuridão. Do fedor. Recordava-se da sensação da coleira, da sensação quando pai Yarvi ordenara que ela fosse retirada. Não eram coisas para serem esquecidas facilmente.

– Sinto muito. Sei que não vale de nada, mas sinto muito.

O cavalo tatuado no rosto de Isriun se remexeu enquanto ela trincava os dentes.

– Só fiz o que tinha de fazer. Fiquei ao lado de quem ficou comigo. Tentei cumprir com o meu dever. Tentei manter minha palavra.

– Eu sei. – Koll fez uma careta para o chão, sentindo-se muito longe do melhor homem que poderia ser. – Mas eu preciso fazer o mesmo.

Passou-se algum tempo até que a porta dupla se abriu e Laithlin entrou na antessala.

– Chegou a um acordo, minha rainha? – perguntou Koll.

– Assim que o veneno foi tirado da ferida. Foi um pensamento sutil da sua parte. Acho que você será um excelente ministro.

Koll sentiu um prazer tão grande que mal conseguiu esconder o sorriso. O elogio dos poderosos era de fato uma bebida inebriante. Fez uma reverência profunda.

– A senhora é muito gentil.

– Desnecessário dizer que, se algum dia você fizer uma coisa assim de novo, mandarei mesmo que seja açoitado.

Koll se inclinou mais ainda.

– A senhora é gentil demais.

– Só houve um ponto em que eu e o príncipe não pudemos concordar.

Thorn sorriu na direção de Isriun.

– Seu preço.

– Meu? – murmurou ela, os olhos se arregalando.

– Eu ofereci uma bela joia vermelha em troca de você, além da garota que passa óleo no meu cabelo. – Laithlin deu de ombros. – Mas Varoslaf também queria cem moedas de prata.

O rosto de Isriun se retorceu, apanhado entre o medo e o desafio.

– A senhora pagou?

– Com esse dinheiro eu poderia comprar um bom navio, com vela e tudo. Por que pagar só para ver uma escrava se afogar no esgoto? Seu senhor está esperando, e não está no melhor humor.

– Vou me vingar de você! – rosnou Isriun. – De você e de seu filho aleijado! Eu jurei!

Laithlin deu um sorriso frio como o norte extremo, onde as neves jamais derretem, e Koll se perguntou quem era mais implacável, ela ou Varoslaf.

– Os inimigos são o preço do sucesso, escrava. Ouvi mil promessas vazias como essa. Vou dormir tranquila. – Ela estalou os dedos. – Venha, Koll.

Ele lançou um último olhar para Isriun, que fitava a porta aberta, enrolando a corrente na mão com tanta força que os elos penetravam nos dedos, deixando-os

brancos. Mas pai Yarvi sempre dizia que um bom ministro enfrenta os fatos e salva o que puder. Koll foi rapidamente atrás de Laithlin.

– O que a senhora deu a ele, minha rainha? – perguntou enquanto andavam por um corredor curvo, com a Mãe Oceano se agitando do outro lado das janelas estreitas.

– Varoslaf não é idiota e aquela cobra da Isriun o aconselhou bem. Ele sabe que estamos fracos. Quer estender o poder para o norte, subindo pelo Divino até as margens do Mar Despedaçado. – Ela deixou a voz se suavizar: – Tive que lhe dar Roystock.

Koll engoliu em seco. Nada daquilo se parecia muito com a ideia de Brand, de se manter na luz.

– Um presente principesco. Mas ela é nossa, para podermos dá-la?

– Varoslaf pode tomá-la se nem nós nem o Rei Supremo o impedirmos.

– Nós e o Rei Supremo estamos meio ocupados uns com os outros – rosnou Thorn.

– O homem sábio não trava nenhuma guerra, mas só um idiota luta contra mais do que um inimigo ao mesmo tempo.

Thorn meneou a cabeça na direção dos guerreiros que guardavam os aposentos da rainha e escancarou a porta.

– Tenho a sensação de que Varoslaf não vai parar em Roystock.

Enquanto passava pela soleira, Koll se lembrou do olhar morto do príncipe e estremeceu.

– Tenho a sensação de que Varoslaf não pararia nem na borda do mundo.

– Para trás! – gritou Thorn, empurrando a rainha contra a parede e puxando o machado tão rapidamente que quase arrancou uma sobrancelha de Koll.

Nas sombras da outra extremidade do aposento, de pernas cruzadas em cima de uma mesa, havia uma figura sentada, envolta numa capa de trapos com o capuz cobrindo o rosto. Koll quase deixou a adaga cair no próprio pé, de tanto que seu coração batia. Dedos ágeis tendem a falhar quando o bafo da Morte gela seu pescoço.

Felizmente era mais difícil abalar Thorn.

– Fale agora – rosnou ela, já numa postura de luta, agachada, entre a rainha e o visitante. – Ou eu mato você.

– Você me golpearia com meu próprio machado, Thorn Bathu? – O capuz se moveu, revelando o brilho de um olho. – Você cresceu, Koll. Lembro-me de você pendurado no topo do mastro do *Vento Sul* enquanto sua mãe gritava para que descesse. Lembro-me de você implorando para eu lhe mostrar alguma magia.

O machado de Thorn baixou lentamente.

– Skifr?

– Você poderia ter batido à porta – disse Laithlin, afastando Thorn e alisando o vestido de volta à perfeição usual.

– Bater a uma porta não garante uma audiência, Rainha Dourada. E eu percorri uma longa estrada desde a terra dos alyuks, subindo pelo Divino e o Renegado na companhia do príncipe Varoslaf. Não que ele soubesse disso.

Skifr empurrou o capuz para trás e Koll ofegou. Mesmo nas sombras podia ver que o lado esquerdo do rosto dela estava riscado por queimaduras irregulares, faltava metade da sobrancelha e o cabelo grisalho curto tinha vários pontos carecas.

– O que aconteceu? – perguntou Thorn.

Skifr sorriu. Ou pelo menos metade do rosto. A outra se franziu e se retorceu como couro velho.

– Avó Wexen mandou homens para o sul, minha pombinha. Para me castigar pelo roubo de relíquias na ruína proibida de Strokom. – Ela olhou para a argola élfica no braço de Thorn, pulsando num forte branco azulado. – Eles queimaram minha casa. Mataram meu filho e a mulher dele. Mataram os filhos do meu filho. Mas descobriram que não é fácil me matar.

– Avó Wexen tem uma boa memória para dívidas – murmurou Laithlin.

– Ela vai descobrir que não é a única. – Skifr inclinou o rosto para trás e as queimaduras pareceram brilhar. – Avó Wexen levou a Morte até mim. É de bom tom que eu retribua o favor. Li os presságios. Observei os pássaros no céu. Decifrei as ondulações da água, e vocês vão me levar de volta pelo Mar Despedaçado, até Thorlby. Ainda quer ver magia, Koll?

– Não.

Porém, frequentemente parecia que as pessoas adoravam lhe fazer perguntas sem ter muito interesse nas respostas.

– Devo falar com pai Yarvi. – Skifr arreganhou os dentes e rosnou as palavras: – Então vou à *guerra*!

Cinzas

A frota de Uthil se preparava para cuspir na cara do Rei Supremo.

Um throvenlandês ruivo estava de pé numa rocha berrando versos da Balada de Ashenleer com pouca afinação mas com muito vigor, a velha canção predileta dos guerreiros, em que os mais chegados à rainha se preparam para morrer gloriosamente na batalha. À toda volta os homens acompanhavam com as palavras murmuradas enquanto davam as últimas passadas das pedras de amolar nas espadas, puxavam cordas dos arcos e apertavam as fivelas.

Os homens que iam para a luta deveriam preferir canções sobre guerreiros que sobreviviam gloriosamente à batalha para morrer velhos, gordos e ricos, mas, pensando bem, assim são os lutadores: muito do que fazem não tem sentido. Esse era um dos motivos pelos quais Raith tentava nunca pensar se pudesse evitar.

Tinham tirado qualquer peso inútil dos navios, os suprimentos haviam sido amontoados no cais a fim de dar mais espaço para outros guerreiros. Alguns homens optaram por usar cotas de malha, por medo de espada ou flecha. Outros escolhiam deixá-las, por medo de serem arrastados no abraço frio da Mãe Oceano. Era uma decisão sinistra, um jogo de louco entre as únicas opções. Mas a guerra é feita desse tipo de escolha.

Cada homem reunia coragem ao seu modo. Forçavam-se a contar piadas sem graça e a dar risos exagerados, apostavam quem deixaria mais cadáveres para trás, determinavam como seus bens seriam divididos caso passassem pela Última Porta antes do anoitecer. Alguns se apegavam a objetos santos e presentes de mulheres, abraçavam-se uns aos outros, davam tapas uns nos outros, rugiam desafios e fraternidade na cara uns dos outros. Alguns ficavam em silêncio, contemplando a reluzente Mãe Oceano, onde seu destino seria escrito.

Raith estava pronto. Estava pronto havia horas. Dias. Desde que tinham realizado a assembleia e Skara votara com Uthil, a favor da luta.

Assim, ele deu as costas para os homens, franzindo a testa na direção das ruínas calcinadas da cidade acima da praia e inspirando fundo o cheiro de sal e fumaça. Era engraçado como não apreciamos a respiração até que sentimos a chegada do último alento.

– Ela se chamava Valso.

– Hein? – perguntou Raith, olhando em volta.

– A cidade. – Jenner penteou a barba para a esquerda com os dedos, depois para a direita, depois para trás. – Havia um bom mercado aqui. Cordeiros na primavera. Escravos no outono. Na maior parte do tempo era um lugar sonolento, mas ficava agitado quando os homens voltavam dos ataques-surpresa. Passei algumas noites loucas numa taverna aqui. – Ele indicou uma chaminé inclinada, ainda de pé no meio de uma quantidade de traves queimadas. – Acho que era ali. Cantei algumas músicas com homens que, na maioria, estão mortos.

– Você tem voz boa?

Jenner bufou.

– Quando estou bêbado, acho que tenho.

– Imagino que não entoem mais canções ali.

Raith se perguntou quantas famílias tinham vivido nas casas incendiadas que vira por todo o litoral de Throvenland enquanto navegavam para o oeste. Fazenda após fazenda, aldeia após aldeia, cidade após cidade transformadas em fantasmas e cinzas.

Flexionou os dedos da mão esquerda, sentindo aquela antiga dor nos nós. Os deuses sabiam: ele próprio tinha provocado alguns incêndios. Tinha contemplado, num júbilo pasmo, as chamas saltarem na noite e o fazerem se sentir poderoso como um deus. Tinha alardeado isso, estufado o peito com a aprovação de Gorm. As cinzas eram apenas uma das muitas coisas em que ele optava por não pensar. As cinzas e as pessoas que haviam perdido tudo, as pessoas mortas e queimadas. Mas não é possível escolher os sonhos. Dizem que os deuses mandam os sonhos que merecemos.

– Sem dúvida Yilling adora queimar – comentou Jenner.

– O que você esperava? – grunhiu Raith. – Ele cultua a Morte, não é?

– Seria uma coisa boa mandá-lo ao encontro dela.

– Isso é uma guerra. É melhor deixar o que é bom de fora.

– Geralmente você faz isso.

Ele sorriu ao escutar a voz, tão parecida com a sua, e se virou para ver o irmão passando pela tripulação do *Cão Negro*.

– Olhe, se não é o grande Rakki, portador do escudo de Grom-gil-Gorm. Quem está carregando a espada do rei agora?

Rakki estava com aquele sorrisinho torto que Raith jamais conseguia dar, por mais que o rosto dos dois fosse parecido.

– Ele finalmente encontrou um homem que não tropeça nos próprios pés para fazer o serviço.

– Então não é você?

Rakki bufou.

– Você deveria deixar as piadas para homens mais engraçados.

– Você deveria deixar a luta para os mais duros. – Raith o agarrou num meio abraço, meio luta, e o puxou para perto. Sempre tinha sido o mais forte. – Não deixe Gorm pisar em você, hein, irmão? Todas as minhas esperanças estão com você.

– Não deixe Uthil afogar você – disse Rakki, soltando-se. – Eu trouxe uma coisa. – Ele estendeu um pedaço de pão avermelhado. – Desde que aqueles throvenlandeses sem deuses não comam o último pão.

– Você sabe que não acredito muito na sorte – observou Raith, dando uma mordida e sentindo o gosto de sangue.

– Mas eu acredito – replicou Rakki, começando a recuar. – Vejo você depois de terminarmos, e pode ficar impressionado com o meu saque!

– Vou ficar impressionado se você conseguir algum, se esquivando e chegando por último!

Raith jogou o resto do pão no irmão, espalhando migalhas.

– Quem se esquiva se dá melhor, irmão! – gritou Rakki, desviando-se do pão. – As pessoas adoram cantar sobre os heróis, mas odeiam ficar perto deles!

Ele se afastou pelo meio das tripulações, indo lutar na batalha ao lado do Quebrador de Espadas. Lutar com Soryorn e o resto dos mais próximos de Gorm, homens que Raith havia admirado por metade da vida. Raith cerrou os punhos, desejando poder ir atrás do irmão. Desejando poder tomar conta dele. Sempre tinha sido o forte, afinal de contas.

– Você sente falta dele?

Seria de pensar que o tempo iria deixá-lo mais confortável perto dela, mas a visão do rosto de Skara ainda apagava todos os pensamentos de Raith. Ela observou Rakki abrir caminho pelos guerreiros.

– Vocês devem ter passado a vida toda juntos.

– É. Fico nauseado só de vê-lo.

Skara pareceu pouco convencida. Tinha a capacidade de adivinhar o que se passava na cabeça de Raith. Talvez a mente dele não fosse um quebra-cabeça muito complicado.

– Se vencermos hoje, talvez o Pai Paz tenha seu tempo.

– É.

Se bem que a Mãe Guerra costumava ter outras ideias.

– Então você poderá se juntar ao seu irmão e encher a taça de Gorm de novo.

– É.

Mas essa perspectiva dava a Raith menos júbilo do que antigamente. Ser o cão da rainha Skara podia ser pouca honra, mas ela era muito mais bonita do que o Quebrador de Espadas. E havia algo de bom em não precisar provar que era o mais durão o tempo todo. E em não levar cascudos na cabeça quando não tinha êxito.

As pedras no brinco de Skara rebrilharam ao sol da tarde quando ela se virou para Jenner.

– Quanto tempo mais vamos esperar?

– Agora não falta muito, minha rainha. O Rei Supremo tem muitos homens e poucos navios. – Ele meneou a cabeça para a terra, uma silhueta negra com a água reluzindo embaixo. – Eles os estão largando pouco a pouco na praia depois daquela ponta. Quando Gorm avaliar que é a hora certa, vai dar um toque de trombeta e esmagar os que desembarcaram. Nos já estaremos remando, esperando pegar os navios totalmente carregados no estreito. Pelo menos esse é o plano de Uthil.

– Ou de pai Yarvi – murmurou Skara, franzindo a testa na direção do mar. – Parece bastante simples.

– Falar é sempre mais simples do que fazer, infelizmente.

– Pai Yarvi tem uma arma nova – disse irmã Owd. – Um presente da Imperatriz do Sul.

– Pai Yarvi sempre tem alguma coisa...

Skara se encolheu, levou uma das mãos ao rosto e seus dedos ficaram vermelhos.

Um tecelão de orações estava passando entre os guerreiros com o sangue de um sacrifício à Mãe Guerra, berrando bênçãos numa voz falha, mergulhando os dedos vermelhos na tigela e salpicando a sorte nas armas.

– Isso significa sorte para a batalha – explicou Raith.

– Eu não estarei lá. – Skara olhou para as ruínas de Valso, a boca comprimida, raivosa. – Eu gostaria de ser capaz de usar uma espada.

– Eu vou usar a sua espada.

Antes que soubesse o que realmente estava fazendo, Raith se ajoelhou nas pedras e ofereceu o machado sobre as palmas das mãos, como Hordru, o Escudo Escolhido, fazia na canção.

Skara o olhava com uma das sobrancelhas erguidas.

– Isso é um machado.

– As espadas são para homens inteligentes e bonitos.

– Ser uma das duas coisas não é ruim.

Ela estava com o cabelo preso numa trança grossa e escura. Jogou-a para trás, sobre o ombro, e, como Ashenleer na canção, inclinou-se com os olhos voltados para os dele e beijou a lâmina. Raith não poderia ter sentido um arrepio mais caloroso se ela o tivesse beijado na boca. Era tudo idiotice, mas os homens podem ser perdoados por um pouco de idiotice quando a Última Porta se escancara diante deles.

– Se você vir a Morte na água, tente lhe dar espaço – disse ela.

– O lugar do guerreiro é ao lado da Morte – respondeu Raith, levantando-se. – Para poder apresentá-la aos seus inimigos.

Desceram então em direção à Mãe Oceano, com o crepúsculo brilhando nas ondas. Desceram em direção à centena de navios ondulando nas marolas, com uma matilha de carrancas de proa rosnando, sibilando e guinchando em silêncio. Desceram em meio a uma infinidade de irmãos acotovelados que tinham entre eles apenas a habilidade, a coragem, a fúria e a Última Porta, uma maré de homens indo ao encontro da maré que chegava.

Raith sentia aquela mistura inebriante de medo e entusiasmo enquanto encontrava seu lugar perto da proa, sempre entre os primeiros a entrar na luta, o

júbilo da batalha já coçando na garganta.

– Gostaria de estar ao lado do Quebrador de Espadas? – perguntou Jenner.

– Não – respondeu Raith, e falava a sério. – Uma vez um homem sábio me disse que a guerra é uma questão de fazer o melhor com o que você tem. Nenhum guerreiro é mais temível do que o Quebrador de Espadas com os pés no Pai Terra. – Ele abriu um sorriso torto para Jenner. – Mas acho que você é um velho sacana que sabe se virar num barco.

– Sei diferenciar uma ponta da outra. – Jenner lhe deu um tapa no ombro. – É bom ter você na tripulação, garoto.

– Vou tentar não desapontá-lo, velho.

Raith tinha desejado que a fala transbordasse escárnio, o tipo de provocação masculina que ele teria feito com o irmão, mas as palavras saíram monótonas. Até um pouco falhas.

Jenner sorriu, o rosto coriáceo se franzindo.

– Não vai. Agora o rei vai falar.

Uthil havia subido na plataforma do comandante de seu navio, com um braço aninhando a espada, uma bota na curva da amurada superior, uma das mãos segurando a popa abaixo da figura forjada em ferro de um lobo rosnando. Não usava cota de malha, escudo nem elmo, e o Círculo do Rei reluzia no cabelo grisalho. Confiava em sua habilidade e na sorte com as armas, e o desprezo pela Morte o tornava temido entre os inimigos e admirado pelos seguidores. Para um líder, isso valia mais do que uma armadura.

– Bons amigos! – gritou numa voz áspera, silenciando os murmúrios nervosos nos barcos. – Irmãos ousados! Guerreiros de Gettland e Throvenland! Vocês esperaram o suficiente. Hoje daremos à Mãe Guerra o que lhe é devido. Hoje será um dia rubro, um dia sangrento, um dia para os corvos. Hoje lutamos!

Raith soltou um rosnado e, ao redor, outros homens fizeram o mesmo.

– Este é um dia sobre o qual os ministros escreverão em seus livros – gritou Uthil – e os bardos cantarão em volta das fogueiras! Um dia sobre o qual vocês contarão aos seus netos e do qual se estufarão de orgulho por terem participado. Somos a espada que vai cortar o sorriso de Yilling, o Brilhante, a mão que dará um tapa no rosto de avó Wexen. Grom-gil-Gorm e seus vansterlandeses vão esmagar os homens do Rei Supremo contra o inflexível Pai Terra. Nós iremos jogá-los nos braços frios da Mãe Oceano.

O rei se empertigou mais, o cabelo grisalho batendo no rosto cheio de cicatrizes, os olhos brilhantes e febris.

– A Morte espera por todos nós, irmãos. Vocês vão se acovardar ao passar por ela entrando pela Última Porta? Ou vão encará-la com a cabeça erguida e a espada na mão?

– Espada na mão! Espada na mão!

As lâminas sibilaram ansiosas saindo das bainhas.

Uthil assentiu, sério.

– Não sou ministro. Não tenho mais palavras. – Ele pegou a espada na dobra do braço e a impeliu na direção do céu. – Minha lâmina falará por mim! O aço é a resposta!

Um grito coletivo ressoou, os homens batendo com os punhos nos remos, batendo as armas cuidadosamente afiadas contra os escudos, segurando as espadas no alto para formar uma floresta brilhante sobre cada navio, e Raith berrou mais alto do que todos.

– Não imaginava que iria ouvi-lo gritando pelo rei de Gettland – murmurou Jenner.

Raith pigarreou.

– É, bem, os piores inimigos podem ser os melhores aliados.

– Rá. Está aprendendo, garoto.

Um silêncio longo então se estendeu. Os pequenos sons pareciam trovejantes. Os estalos suaves da madeira sob as botas de Raith e as ondas lentas subindo pela praia. O sibilar de pele quando Jenner esfregou as palmas calosas e o murmúrio de uma última oração à Mãe Guerra. O chacoalhar de remos nos encaixes e o grasnar de uma única gaivota voando baixo acima dos navios e fazendo uma curva em direção ao sul.

– Um bom presságio – disse o rei Uthil e, em seguida, baixou a espada num movimento de corte.

– Remem! – berrou Jenner.

Os homens forçaram os remos, com o sangue fervendo de medo, ódio, fome de saque, sede de glória. Como um cão solto da coleira, o *Cão Negro* partiu para o mar, à frente do navio de Uthil com suas velas cinzentas, os borrifos de água voando da proa alta e o vento salgado agitando o cabelo de Raith. A madeira gemia e a água trovejava contra os flancos do navio, e acima do barulho ele

ouvia os gritos de outros comandantes instigando a própria tripulação a ser a primeira a chegar à batalha.

Era para isso que Raith havia sido criado. Inclinou a cabeça para trás e soltou um uivo de lobo, de puro júbilo.

Assistindo

O coração de Skara martelava forte na boca quando ela agarrou uma raiz de árvore e se içou para o alto. Nem de longe era o comportamento mais régio, como irmã Owd fizera questão de observar, mas a rainha não ficaria simplesmente sentada na praia roendo as unhas enquanto o futuro de Throvenland era decidido.

Podia não ser capaz de lutar na batalha, mas queria pelo menos assistir.

Agora o chão estava ficando plano e ela se esgueirou para cima, abaixada. O litoral irregular de Yutmark surgiu ao sul. Os morros turvos, depois as praias cinzentas, depois a água brilhante do estreito e, por fim, na metade do caminho, navios.

– A frota do Rei Supremo – sussurrou irmã Owd, o rosto ainda mais parecido com um pêssego devido ao esforço da subida.

Dezenas de navios com os remos mergulhando na água. Alguns eram baixos, esguios e construídos para a batalha, outros eram cargueiros de bojo gordo, sem dúvida apinhados de guerreiros mandados para o norte por avó Wexen. Guerreiros decididos a varrer para o lado sua aliança e esmagar o pequeno trecho de Throvenland dominado por Skara, como um menino insensível poderia esmagar um besouro.

A raiva cresceu inflamada e Skara cerrou os punhos, deu os últimos passos até o cume do promontório e ficou parada entre pai Yarvi e mãe Scaer, olhando para oeste, com uma praia longa se estendendo em direção à Mãe Sol, que ia afundando.

– Deuses – sussurrou ela.

A praia de cascalho estava apinhada de homens como formigas saindo de um formigueiro remexido, os escudos eram pontos pintados, o aço relampejando e reluzindo, estandartes coloridos balançando ao vento para marcar onde as tripulações deveriam se reunir. Os soldados dos guerreiros do Rei Supremo que

já haviam desembarcado. Duas cargas inteiras daqueles navios, talvez três. Centenas de homens. Milhares. Não parecia real.

– São tantos! – voltou a sussurar.

– Quanto mais homens permitirmos que atravessem – disse mãe Scaer –, mais Grom-gil-Gorm vai encontrar na praia, mais vamos *matar*.

A última palavra saiu áspera como a estocada de uma adaga e Skara sentiu-se aflita, torcendo as mãos.

– Você acha... – sua voz se tornou rouca quando ela se obrigou a dizer o nome – que Yilling, o Brilhante, está lá embaixo?

Skara visualizou de novo aquele rosto calmo e sereno, ouviu aquela voz aguda e suave, sentiu um eco do terror daquela noite e ficou furiosa com a própria covardia. Ela era uma rainha, maldição. Uma rainha não pode temer.

Pai Yarvi a encarou.

– Qualquer verdadeiro herói lidera à frente de batalha.

– Ele não é herói.

– Todo herói é o vilão de alguém.

– Herói ou vilão – disse mãe Scaer com os olhos muito azuis voltados para os homens lá embaixo –, os guerreiros dele não estão preparados.

Ela estava certa. Eles tinham formado uma parede de escudos nas dunas acima da praia, virados para o interior, em direção à floresta sombria, com um mastro alto encimado pelo sol de sete raios da Divindade Única no centro. Até mesmo Skara – cuja experiência de batalha ia pouco além de assistir aos meninos no quadrado de treino atrás do salão de seu pai – percebeu que era uma linha malfeita, torta e cheia de falhas.

– Avó Wexen juntou homens de muitos lugares – disse pai Yarvi. – Eles não estão acostumados a lutar juntos. Nem falam a mesma língua.

A frota do rei Uthil havia contornado o cabo, uma massa de navios em formação de flecha, com aves marinhas circulando acima da esteira de espuma que se curvava em direção às ruínas enegrecidas de Valso. A frota do Rei Supremo devia tê-los visto, alguns navios estavam se virando em direção à ameaça, outros para longe, outros ainda indo na direção da praia. Os remos se embolavam e barcos se chocavam na confusão.

– A surpresa está do nosso lado – comentou irmã Owd, finalmente recuperando o fôlego. – A surpresa é metade da batalha.

Skara franziu a testa.

– Em quantas batalhas você lutou?

– Tenho fé na nossa aliança, minha rainha – respondeu a ministra, cruzando os braços. – Tenho fé no Quebrador de Espadas, no rei Uthil e em Jenner, o Azul.

– E em Raith – Skara se pegou acrescentando.

Nem percebera que tinha fé nele, quanto mais que diria isso.

Irmã Owd levantou uma sobrancelha.

– Um pouco menos nele.

Um toque longo e grave de trombeta reverberou, tão profundo que pareciam estremecer as entranhas de Skara.

Mãe Scaer se empertigou mais.

– O Quebrador de Espadas vem para o festim!

Imediatamente, homens afluíram das árvores, partindo para as dunas acima da praia. Skara supôs que eles estivessem correndo a toda velocidade, mas pareciam se mover devagar, como mel na neve.

Deu-se conta de que tinha apertado o ombro de irmã Owd com a mão coberta pela bandagem. Não sentia tanto medo desde a noite em que a Floresta ardera, mas agora, junto a esse sentimento, havia uma empolgação quase incontrolável. Seu destino, o destino de Throvenland, o destino da aliança, o destino do próprio Mar Despedaçado estavam equilibrados num gume de espada. Mal conseguia ficar parada observando, mas não conseguia desviar os olhos.

Um guerreiro saíra do meio dos homens do Rei Supremo e balançava os braços freneticamente, tentando preparar a parede de escudos para receber a carga. Skara podia ouvir seus gritos falhados, fracos ao vento, mas era tarde demais.

O Quebrador de Espadas estava em cima deles. Ela viu seu estandarte preto voando, aço brilhando embaixo como os borrifos na crista de uma onda.

– Sua morte está chegando – sussurrou Skara.

Seu rosto doía de tão contraído, o peito ardendo com a respiração tão intensa. Skara fez uma oração à Mãe Guerra, uma oração fria e maligna para que aqueles invasores fossem expulsos de sua terra para o mar. Para que ela pudesse cuspir na carcaça de Yilling antes que a Mãe Sol se pusesse e, assim, recuperasse a coragem roubada por ele.

Parecia que as orações estavam sendo atendidas diante de seus olhos.

Numa maré negra, os vansterlandeses desceram pelas dunas cobertas de capim, os gritos de guerra ecoando agudos e estranhos ao vento. Como um muro de areia diante de uma grande onda, o centro da parede torta do Rei Supremo desmoronou. Skara sentiu a mão de irmã Owd em cima da sua e a apertou com força.

Os homens de Gorm se chocaram contra a linha hesitante e a Mãe Guerra abriu suas asas sobre o litoral de Throvenland, sorrindo com a matança. Sua voz era uma tempestade de metal. Um clamor como o de mil ferreiros e uma centena de matadouros. Às vezes, por algum acaso desconhecido, o vento trazia alguma palavra, uma frase ou um grito ao ouvido de Skara, sons de fúria, dor ou medo súplice, que a faziam se espantar como se tivessem sido emitidos junto ao seu ombro.

Pai Yarvi deu um passo à frente, os nós dos dedos brancos ao redor de seu cajado de metal élfico e os olhos ansiosos voltados para a praia.

– Sim – sibilava ele. – Sim!

Então a ala direita dos homens do Rei Supremo se dobrou lentamente e, num instante, cedeu, homens correndo pela praia de cascalho, jogando as armas longe. Mas não havia para onde correr, a não ser para os braços da Mãe Oceano, e esse era um abraço sem conforto.

Nas dunas mais altas, alguns grupos de guerreiros do Rei Supremo ainda se sustentavam, esforçando-se para fazer uma resistência digna das canções, mas eram ilhas numa inundação. E Skara viu a ruína que o pânico pode provocar num grande exército, aprendeu como uma batalha pode virar num instante e testemunhou o símbolo dourado da Divindade Única tombar e ser esmagado sob os calcanhares dos fiéis da Mãe Guerra.

Na esteira da carga de Gorm, a praia ficou salpicada de formas pretas, como madeira trazida por uma tempestade. Escudos quebrados, armas quebradas, homens quebrados. Os olhos arregalados de Skara iam para um lado e para outro, vendo os destroços, tentando adivinhar o número de mortos, e ela mal conseguia engolir a saliva devido ao aperto súbito na garganta.

– Eu provoquei isso – sussurrou. – Minhas palavras. Meu voto.

Irmã Owd apertou sua mão, tranquilizando-a.

– E fez certo, minha rainha. Vidas poupadas aqui teriam custado vidas mais tarde. Este foi o bem maior.

– O menor mal – murmurou Skara, lembrando-se das lições de mãe Kyre, mas sua ministra emprestada havia entendido errado. Não era culpa que ela sentia, mas espanto diante do próprio poder. Sentia-se finalmente uma rainha.

– Os construtores de piras estarão ocupados esta noite – disse pai Yarvi.

– E, no devido tempo, os mercados de escravos de Vulsgard também. – Pela primeira vez mãe Scaer tinha um tom de aprovação relutante. – Até agora tudo acontece segundo seus desígnios.

Pai Yarvi olhou para o mar, o rosto magro se contraindo enquanto ele mexia o maxilar.

– Até agora.

A batalha no Pai Terra estava bem vencida, mas, no estreito, só agora a ponta de lança da frota do rei Uthil chegava ao emaranhado dos navios do Rei Supremo. Bem à frente, Skara viu uma vela azul fazendo força contra o vento e sentiu gosto de sangue quando mordeu o sabugo da unha do polegar.

O matador

– Não faça nenhuma bobagem, hein? – disse Jenner.

Raith estava pensando no quadrado de treino em Vulsgard. Em quando tinha derrubado um garoto com o dobro de seu tamanho, tão grande tinham sido a força e a velocidade com que o golpeara. Em quando o observara, encolhido no chão. A sombra de sua bota sobre o rosto sangrento do oponente. Lembrou-se da mão grande de Grom-gil-Gorm caindo no seu ombro.

O que está esperando?

Fixou o olhar na frota do Rei Supremo, uma confusão de cordas esticadas e remos sendo puxados, velas chicoteadas pelo vento e homens fazendo força.

– A única bobagem numa luta é não lutar – rosnou ele, e enfiou na boca a cavilha de carpinteiro marcada de batalhas, os dentes se ajustando nos sulcos tão perfeitamente quanto as duas metades de uma tigela quebrada se encaixam.

A quilha afiada do *Cão Negro* atravessou uma onda e fez um esguicho de água bater nos remadores com caretas de esforço e nos guerreiros agachados entre eles.

Raith olhou de volta para a terra, o litoral oscilando enquanto a Mãe Oceano levantava e largava o *Cão Negro*. Imaginou se Skara o estaria observando, pensou nos olhos dela, grandes e verdes, que pareciam engoli-lo. Depois pensou em Rakki, sozinho na luta sem ter quem lhe desse cobertura, e apertou a alça do escudo com tanta força que os dedos sofridos arderam.

Os navios do Rei Supremo estavam se aproximando depressa. Ele podia ver os escudos pintados: portão cinza, cabeça de javali, quatro espadas num quadrado. Enxergava os rostos dos remadores fazendo força junto às amuradas. Avistava arcos totalmente retesados quando um barco se inclinou e flechas vieram voando por cima da água.

Raith se abaixou atrás do escudo, sentiu uma haste de flecha estalar contra seu rosto e passar girando por cima do ombro. Outra se cravou na amurada ao lado. A respiração estava ficando quente na garganta, ele mexeu na cavilha com a língua e mordeu com mais força.

Ouviu cordas de arco atrás de si, viu flechas voando na outra direção, apanhadas pelo vento, caindo entre os navios do Rei Supremo. Ouviu comandantes da frota do Rei Supremo berrando por mais velocidade. Escutou o choque de armas nos escudos, nas amuradas e nos remos enquanto os homens reuniam coragem, preparando-se para matar, para morrer. Raith respirou outra vez e fez o mesmo, batendo seu machado, *tap*, *tap*, na amurada, no ritmo do coração acelerado.

– Virar à direita! – berrou Jenner, escolhendo seu alvo.

Devia ser um navio das Terras Baixas, sem fera de proa, apenas uma voluta esculpida. A tripulação se esforçava para girar e enfrentar o *Cão Negro* proa com proa, o comandante lutando, desesperado, com o remo-leme, mas o vento estava contra ele.

Um grito soou:

– Mão de ferro! Cabeça de ferro! Coração de ferro!

– Sua morte está chegando! – berrou alguém, e outros repetiram.

Raith rosnou, mas com a cavilha na boca o que saiu foi um resmungo com baba. Sentiu a respiração queimando, queimando, e golpeou a amurada com o machado, fazendo voarem lascas.

Mais flechas voaram furiosas sobre a água e um clamor de orações e gritos de guerra. O *Cão Negro* partiu na direção do navio das Terras Baixas, os homens na amurada com os olhos arregalados tentando recuar, e Raith sentiu o cheiro do medo deles, do sangue deles. Empertigou-se e soltou um uivo potente.

A quilha acertou a madeira com um estrondo esmagador, estremecendo tudo, remos foram arrancados, partindo-se, lascando, deslizando junto à proa do *Cão Negro* como lanças. As madeiras tremeram, guerreiros se desequilibraram e se agarraram, o navio das Terras Baixas adernou com o impacto, homens caíram de seus baús. Um arqueiro desabou e disparou sua flecha para o alto, na direção da Mãe Sol.

Arpéus saltaram por cima da água que borbulhava entre os cascos, dedos de ferro se agarrando. Um deles se enganchou embaixo do braço de um homem das

Terras Baixas e o arrastou para a água.

– Puxem! – berrou Jenner, e os navios foram arrastados um para o outro, com um emaranhado de cordas e remos entre eles.

Raith arreganhou os dentes e pôs uma bota na amurada.

Uma pedra veio do ar, bateu na cabeça do homem ao lado dele e o derrubou, com a boca aberta, deixando uma grande mossa no elmo e a borda sangrenta enfiada sobre o nariz.

O que você está esperando?

Raith saltou, passou por cima da água espumante e caiu no meio de homens, uma lança raspando em seu escudo, quase arrancando-o da mão.

Desferiu um golpe com o machado, rosnando, golpeou de novo, babando, empurrou um homem para trás, viu outro de barba ruiva levantando um machado. O oponente tinha uma asa de gralha presa com uma tira de couro ao pescoço, um feitiço para torná-lo rápido. Mas não foi o suficiente. Uma flecha se cravou embaixo de seu olho e ele tentou segurar a haste.

Raith o acertou na cabeça, derrubando-o. Uma onda acertou a lateral do navio, encharcando amigos e inimigos. Borrifos de mar, borrifos de sangue, homens empurrando, esmagando, dando cotoveladas, gritando. Uma confusão de rostos enlouquecidos. A onda levantou a popa do navio e Raith foi junto, empurrando homens para trás com seu escudo, fungando e uivando, voz de lobo, coração de lobo.

Tudo era uma tempestade de madeira lascando, metal retinindo e vozes falhas que ecoavam na cabeça de Raith até que seu crânio ressoasse junto, se partisse junto, explodisse junto. O convés estava escorregadio por causa da água do mar e do sangue. Homens cambaleavam enquanto os barcos balançavam e colidiam, a carranca de proa tão cravejada de flechas que parecia um porco-espinho.

Um homem tentou acertar Raith com uma lança, mas o pânico tinha dominado os guerreiros das Terras Baixas e não havia ânimo no golpe. Raith era rápido e estava ansioso, desviou-se da ponta, o machado veio atrás num círculo brilhante, chocando-se no ombro do homem com tanta força que o fez cair por cima da amurada no mar agitado.

Misericórdia é fraqueza, era o que mãe Scaer os fazia dizer antes de lhes dar o pão. *Misericórdia é fracasso.*

Raith ergueu o braço esquerdo de supetão e a borda de seu escudo acertou a boca de um remador, fazendo-o cair cambaleante, tossindo, engasgando com os próprios dentes.

Viu Jenner agarrado à proa, a bota na amurada, apontando com sua espada velha. Ele gritava palavras, mas agora Raith era o grande cão e, se um dia soubera a língua dos homens, ela fora apagada de sua mente.

Os navios batiam um no outro. Um homem na água soltou um grito borbulhante ao ser esmagado entre os cascos. Um fogo chamejou, reluzindo nas lâminas, e rostos temerosos se viraram na direção dele.

Era a arma sulista de pai Yarvi. Um pote chamejante veio girando pelo ar e se chocou contra um cargueiro bojudo, espalhando fogo. Homens tombaram do convés, em chamas, guinchando, o cordame virando linhas flamejantes, a própria Mãe Oceano com poças de fogo.

Raith sentiu a mão de Gorm no ombro. *O que está esperando?*

Derrubou um homem com uma machadada, pisou nele, golpeou outro nas costas quando se virou para fugir. Tinha aberto caminho pelo navio; à frente, viu um guerreiro alto com ouro na guarda de rosto, argolas-dinheiro brilhando nos braços, refletindo o sol poente: o capitão.

Raith se agachou rosnando, a baba batendo no convés, homens e sombras de homens dançando ao redor dele e de seu oponente, iluminando-os com chamas espalhafatosas.

Os dois saltaram juntos, machado retinindo contra espada, espada ricocheteando em escudo, um chute, um tropeção e um golpe rasgando o convés enquanto Raith rolava para longe.

Fez um círculo, os lábios úmidos estremecendo, sentindo-se desequilibrar, sopesando o machado, até que viu sua sombra se estender pelo convés na direção do capitão. Sabia que a Mãe Sol estava baixa, sabia que ela bateria nos olhos do inimigo e, quando isso aconteceu, saltou para a frente.

Enganchou o escudo do capitão e o puxou para baixo. O homem tinha um alcance maior, mas Raith chegou perto e lhe deu uma cabeçada na boca logo abaixo da guarda de rosto.

O capitão caiu agarrando a amurada, o machado de Raith bateu na madeira e os dedos do homem saltaram girando, a espada caindo no mar. Raith rosnou, espirrando baba rosada, golpeou baixo e acertou o capitão logo abaixo da cota de

malha que se balançava enquanto ele tentava ficar de pé. Houve um estalo quando o joelho do sujeito se moveu na direção errada e ele desabou gemendo sobre as mãos.

Raith sentiu o tapa de Gorm ardendo no rosto. *Você é um matador!*

Mordeu a cavilha enquanto golpeava e golpeava e golpeava, fungando e babando até que não conseguia mais girar o machado e se encostou exausto na amurada do navio, com sangue no rosto, sangue na boca.

A fumaça se espalhava acima da água, fazia os olhos de Raith lacrimejarem e sua garganta arder.

Ali, pelo menos, a batalha estava terminada. Homens mortos. Homens gritando. A água borbulhava com corpos flutuando, batendo suavemente na quilha enquanto o navio se movia à deriva. Os joelhos de Raith se afrouxaram e ele se deixou cair sentado na sombra da proa com a voluta esculpida.

Mais navios de Uthil cortavam as ondas. Flechas voando, arpéus caindo, homens saltando de um barco para outro, homens rugindo, lutando e morrendo, sombras negras à luz que ia se extinguindo. Chamas se espalhando entre os grandes navios mercantes e subindo com um rugido no crepúsculo, remos formando um emaranhado em chamas, tochas gigantescas na água.

– Foi uma tremenda luta, garoto. – Alguém colocou o elmo dourado do capitão no colo de Raith e deu um tapinha em cima. – Você não tem medo, não é?

Raith precisou se esforçar para destravar o maxilar dolorido, tirar a cavilha escorregadia de cuspe da boca com a língua ferida.

Às vezes parecia que tudo que ele tinha por dentro era medo. De perder seu lugar. De ficar sozinho. Das coisas que havia feito. Das coisas que poderia fazer.

Lutar era a única coisa que não o apavorava.

Vitória

A terra era um mistério negro quando os navios começaram a ir para a costa; o céu era um pano azul-escuro riscado de nuvens e cravado de estrelas. Na água turva, os restos espalhados da frota de avó Wexen ainda ardiam.

As tripulações começaram a desembarcar, chapinhando e rindo na arrebentação, olhos brilhando de triunfo à luz de uma centena de fogueiras acesas na praia.

Skara os observava, desesperada para saber quem sobrevivera, quem se ferira, quem morrera, louca de vontade de correr para o mar e descobrir logo.

– Ali! – exclamou irmã Owd, apontando, e Skara viu a fera de proa do *Cão Negro,* a tripulação subindo em disparada pelo cascalho da praia.

Sentiu um alívio inebriante ao ver o rosto sorridente de Jenner, então o guerreiro ao lado dele tirou um elmo dourado e Raith sorriu para ela. Sem pensar se mãe Kyre acharia adequado ou não, Skara partiu correndo pela praia, ao encontro deles.

– Vitória, minha rainha! – gritou Jenner.

Skara o abraçou, segurou suas orelhas e o puxou para baixo, para beijá-lo na cabeça com poucos fios de cabelo.

– Eu sabia que você não iria me decepcionar!

Jenner corou enquanto assentia, desviando o olhar.

– Agradeça a esse aí. Ele matou um capitão, homem contra homem. Nunca vi uma luta mais corajosa.

Os olhos de Raith estavam brilhantes e selvagens. Antes que Skara percebesse, o estava abraçando também, o nariz tomado pelo cheiro agridoce que, de algum modo, não era nem um pouco desagradável. Ele a ergueu facilmente no ar, girou-a como se ela fosse feita de palha, os dois rindo, bêbados de vitória.

– Temos prêmios para a senhora – disse Raith, virando uma sacola de lona, e um amontoado tilintante de argolas-dinheiro se derramou na areia.

Irmã Owd se agachou para remexer no ouro e na prata, com covinhas surgindo no rosto redondo.

– Isto não fará mal ao tesouro de Throvenland, minha rainha.

Skara pôs a mão no ombro de sua ministra.

– Agora Throvenland tem um tesouro.

Assim ela poderia começar a alimentar o povo, talvez até a reconstruir o que Yilling, o Brilhante, havia queimado, e ser uma rainha em vez de uma garota com um título de fumaça. Arqueou uma sobrancelha para Raith.

– Devo confessar que não tinha grandes esperanças quando você se sentou ao meu lado pela primeira vez.

– Eu também não tinha grandes esperanças.

Jenner o agarrou, desgrenhando seu cabelo branco.

– Quem poderia culpá-lo? Ele é um desgraçado de aparência lamentável!

– Veja quem está falando, velho – retrucou Raith, afastando a mão de Jenner com um tapa.

– Vocês dois se mostraram grandes lutadores. – Skara pegou dois braceletes de ouro e entregou um a Jenner, pensando em como seu avô ficaria orgulhoso ao vê-la dando presentes aos seus guerreiros. – E amigos leais.

Em seguida segurou o pulso grosso de Raith e pôs o outro bracelete. Então, escondidos na sombra entre os dois, deixou os dedos percorrerem as costas da mão dele. Raith virou a mão e Skara tocou sua palma, o polegar roçando para um lado e para outro.

Skara ergueu os olhos e viu que ele a encarava. Como se não houvesse mais nada no mundo. Mãe Kyre certamente não teria considerado aquilo adequado. Ninguém consideraria. Talvez por isso Skara tenha sentido uma empolgação ofegante.

Um rugido soou:

– O aço foi nossa resposta!

Ela soltou a mão de Raith e se virou, vendo o rei Uthil subir pela praia ladeado por pai Yarvi, que estava sorridente. A toda volta, os homens levantavam as espadas, os machados, as lanças bem alto em saudação, lâminas com mossas do trabalho do dia captando a luz das fogueiras e ardendo nas cores

das chamas, de modo que parecia que o Rei de Ferro e seus companheiros caminhavam por um mar de fogo.

– A Mãe Guerra estava conosco!

Grom-gil-Gorm saiu da escuridão nas dunas, com um novo ferimento acrescentado às cicatrizes do rosto, a barba emaranhada de sangue coagulado. Rakki vinha ao lado, segurando o grande escudo do rei, também com novas marcas de golpes. Soryorn estava do outro lado, os braços cheios de espadas capturadas. Mãe Scaer vinha atrás, os lábios finos sempre se movendo enquanto fazia uma oração de agradecimento à Mãe dos Corvos.

Os dois grandes reis, os dois guerreiros famosos, os dois velhos inimigos se encontraram e se encararam acima de um mar de fogo. Por toda a praia, os risos e as comemorações cessaram, e Aquela que Canta o Vento entoou uma canção pungente, lançando fagulhas brilhantes em redemoinho sobre o cascalho da praia e o mar.

Então o Quebrador de Espadas estufou o grande peito, a corrente feita de botões de espadas chamejando, e falou numa voz de trovão:

– Olhei para o mar e vi um navio veloz como uma gaivota cinza sobre a água, espalhando os navios do Rei Supremo como se fossem estorninhos. Ferro no mastro, nas mãos dos guerreiros. Ferro no olho de seu capitão implacável. Ferro na matança que ele espalhou na água. Cadáveres capazes de saciar até mesmo a fome da Mãe Oceano.

Um sussurro de ferro atravessou os guerreiros. Orgulho por sua força e pela força de seus líderes. Orgulho pelas canções que eles cantariam para os filhos, mais preciosas para eles do que o ouro. Uthil deixou seus olhos loucos se arregalarem, deixou a espada deslizar pela dobra do braço até ela pousar sobre a ponta. Sua voz saiu áspera como o som raspado de uma pedra de amolar:

– Olhei para a terra e vi uma hoste se reunir. Negro era o estandarte que o vento agitava acima dela. Negra era a fúria que baixou sobre seus inimigos. Para o mar os homens do Rei Supremo foram impelidos. Soou um trovão de aço enquanto elmos se partiam e escudos rachavam. Rubra foi a maré que cobriu sua ruína. Cadáveres capazes de saciar até mesmo a fome da Mãe Guerra.

Os dois reis se apertaram as mãos por cima da fogueira e portentosos gritos de comemoração soaram, um ruído ensurdecedor de metal enquanto os homens golpeavam as armas cheias de mossas contra os escudos lascados e batiam com

os punhos nos ombros dos companheiros cobertos por cotas de malha. Skara bateu palmas e riu com eles.

Jenner levantou as sobrancelhas.

– Versos aceitáveis para quem os fez sem muito preparo.

– Sem dúvida os bardos podem afiá-los mais tarde!

Skara sabia o que era obter uma grande vitória, e era um sentimento incrível cantá-la. O Rei Supremo tinha sido expulso das terras de seus ancestrais e seu coração estava leve pela primeira vez desde que fugira da Floresta em chamas...

Então se lembrou daquele sorriso tranquilo, salpicado com o sangue de seu avô, e estremeceu.

– Yilling estava entre os mortos?

Grom-gil-Gorm voltou os olhos escuros para ela.

– Não vi nenhum sinal daquele cão adorador da Morte nem de seus Companheiros. O que trucidamos na praia foi uma ralé, mal armada e mal comandada.

– Pai Yarvi. – Um menino passou por Skara, puxando o ministro pelo casaco. – Chegou um pombo.

Por algum motivo ela sentiu um peso de preocupação fria no estômago enquanto pai Yarvi segurava o cajado de metal élfico na dobra do braço e virava o pedaço de papel em direção à luz da fogueira.

– Veio de onde?

– Do litoral, de além de Yaletoft.

– Eu tinha homens vigiando a água...

Ele deixou o resto no ar enquanto examinava as letras rabiscadas.

– Notícias? – perguntou o rei Uthil.

Yarvi engoliu em seco e um vento súbito agitou o papel em seus dedos.

– O exército do Rei Supremo atravessou o estreito a oeste – murmurou. – Dez mil guerreiros dele estão no solo de Throvenland, já marchando.

– O quê? – questionou Raith, a boca ainda num sorriso, mas a testa franzida em confusão.

Não muito longe, homens ainda dançavam desajeitadamente ao som de uma flauta, rindo, bebendo, comemorando, mas em volta dos dois reis os rostos tinham ficado sérios de repente.

– Tem certeza?

A voz de Skara tinha o tom suplicante de um prisioneiro perdoado que descobre que vai morrer por algum outro crime.

– Tenho certeza.

Yarvi amassou o papel e o jogou no fogo.

Mãe Scaer soltou uma gargalhada sem alegria.

– Isso tudo foi um ardil! Um floreio dos dedos de avó Wexen para atrair nossos olhos enquanto ela dava o verdadeiro golpe com a outra mão.

– Um truque – disse Jenner, ofegando.

– Ela sacrificou todos esses homens? – perguntou Skara. – Por um *truque*?

– Pelo bem maior, minha rainha – sussurrou irmã Owd.

Mais adiante na praia, algumas fogueiras se apagaram quando uma onda fria subiu pelo cascalho.

– Ela jogou fora seus navios em pior estado. Os guerreiros mais fracos. Homens que ela não precisaria mais armar, alimentar e com os quais não precisaria se preocupar. – O rei Uthil assentiu, aprovando. – Devemos admirar seu estilo implacável.

– Pensei que a Mãe Guerra tivesse sorrido para nós. – Gorm franziu a testa para o céu noturno. – Parece que seus favores foram para outro lugar.

Enquanto a notícia se espalhava, a música foi parando e as comemorações também. Mãe Scaer estava fazendo uma carranca para Yarvi.

– Você achou que tinha sido mais esperto do que avó Wexen, mas ela foi mais esperta do que você e todos nós juntos. Idiota arrogante!

– Eu não ouvi nenhuma sabedoria da sua parte! – rosnou pai Yarvi, com sombras negras nas reentrâncias furiosas do rosto.

– Parem! – pediu Skara, postando-se entre os dois. – Devemos ficar unidos, agora mais do que nunca!

Mas uma balbúrdia de vozes havia irrompido. Um clamor como o que Skara tinha ouvido do lado de fora da sua porta na noite em que os guerreiros do Rei Supremo chegaram a Yaletoft.

– Dez mil homens? Deve ser o triplo do que enfrentamos aqui!

– O dobro do que nós temos!

– Pode haver mais homens atravessando o estreito!

– Sem dúvida o Rei Supremo arranjou mais navios.

– Devemos atacá-los agora – disse Uthil rispidamente.

– Devemos recuar – rosnou Gorm. – Atraí-los para o nosso terreno.

– Parem – falou Skara, rouca, mas parecia não conseguir respirar direito.

Seu coração martelava nos ouvidos. Alguma coisa caiu do céu preto e ela ofegou. Raith a agarrou pelo braço e a puxou para trás dele, desembainhando a adaga.

Um pássaro veio da noite e pousou no ombro de mãe Scaer. Era um corvo dobrando as asas, sem piscar os olhos amarelos.

– Yilling, o Brilhante, chegou! – grasnou o pássaro.

De repente, Skara estava de volta à escuridão, com a luz louca das fogueiras do lado de fora das janelas, a mão branca se estendendo para tocar seu rosto. Sentiu as entranhas borbulharem e os joelhos tremerem, precisou apertar o braço de Raith para não cair.

Em silêncio, mãe Scaer desenrolou o pedaço de papel da pata do corvo. Leu em silêncio, o rosto de pedra ficando ainda mais pétreo. Em silêncio, Skara sentiu o medo se acomodando mais fundo, como neve trazida pelo vento, como uma grande pedra esmagando sua respiração, o ácido pinicando na garganta.

Lembrou-se do que seu avô costumava dizer. *A vitória é um ótimo sentimento. Mas é sempre fugaz.*

Sua voz saiu minúscula na noite:

– O que é?

– Mais notícias ruins – respondeu mãe Scaer. – Sei onde Yilling estava.

O preço

Rulf sempre dizia não existir melhor lugar para esquecer os problemas que a proa de um navio com as velas enfunadas, onde seu pior inimigo era o vento e a maior preocupação era a onda seguinte. Sem dúvida a declaração parecia sábia para Koll, que sorria agarrado à fera de proa, aproveitando os borrifos de água no rosto e o sal nos lábios.

Mas os deuses adoram rir de um homem feliz.

Um braço passou pelos ombros de Koll. Podia não ser tão grande quanto o de Brand, mas a força era igualmente assustadora, os nós dos dedos com cascas de ferida e cicatrizes, a pulseira élfica conquistada depois de lutar sozinha contra sete homens reluzindo num leve tom de laranja.

– Estamos quase chegando. – Thorn respirou fundo pelo nariz torto e meneou a cabeça para a linha serrilhada dos morros de Gettland que surgiam no horizonte. – Você vai ver Rin de novo, não é?

Koll suspirou.

– Pode guardar as ameaças. Brand já me fez um sermão...

– Brand não fala suficientemente alto. Ele é um homem afável. Os deuses sabem que ele precisa ser, para me aguentar. Mas eu me casei com Brand. – Thorn puxou a chave de ouro avermelhado pendurada no pescoço e a balançou pela corrente. – Portanto, Rin também é minha irmã. E eu não sou tão afável. Sempre gostei de você e não gosto de qualquer um, mas está vendo aonde quero chegar?

– Não é preciso ser um sujeito de visão. – Koll baixou a cabeça. – Parece que estou preso numa sala que vai se encolhendo. Não sei como ser correto com Rin e com pai Yarvi ao mesmo tempo.

– Quer dizer que não consegue ver como vai conseguir o que quer dos dois?

Ele a encarou cheio de culpa.

– Quero ser amado *enquanto* mudo o mundo. Isso é tão errado assim?

– Só se você terminar não fazendo uma coisa nem outra e deixando um monte de destroços no caminho. – Thorn suspirou e deu um tapinha de simpatia no ombro dele. – Se serve de consolo, eu sei como você se sente. Fiz um juramento à rainha Laithlin, de ser o Escudo Escolhido, e fiz uma promessa a Brand de ser mulher dele e... por acaso os dois merecem coisa melhor.

Koll levantou as sobrancelhas. Era estranhamente tranquilizador saber que Thorn, que sempre parecera tão segura de si, também podia ter dúvidas.

– Não sei se eles concordariam com isso.

Ela bufou.

– Não sei se eles discordariam. Parece que não existe o suficiente de mim para bastar, e o que existe ninguém que tivesse a mente no lugar iria querer. Nunca pretendi me tornar... bom... – Ela cerrou o punho direito e franziu a testa para ele. – Uma megera furiosa.

– Não?

– Não, Koll. Não.

– O que vai fazer, então?

Ela estufou as bochechas com cicatrizes.

– Me esforçar mais, acho. O que você vai fazer?

Koll estufou as dele enquanto olhava para sua terra.

– Não faço a mínima ideia. – Ele franziu a testa ao ver manchas cinzentas no céu. – Aquilo é fumaça?

Ele saiu de baixo do braço de Thorn, pulou num barril, depois no mastro. A rainha tinha vindo para perto da amurada, franzindo a testa em direção ao oeste, o cabelo dourado se agitando ao vento.

– Maus presságios – murmurou Skifr dentro de seu capuz enquanto observava os pássaros girando na esteira do navio. – Presságios sangrentos.

Koll subiu na verga e enganchou as pernas, uma das mãos no topo do mastro, a outra protegendo os olhos voltados na direção de Thorlby. A princípio não podia ver muita coisa por causa do balanço do navio, depois a Mãe Oceano se acalmou por um momento e Koll obteve um bom vislumbre. As docas, a muralha, a cidadela...

– Deuses – disse ele, rouco.

Havia uma cicatriz enegrecida na colina, atravessando o coração da cidade.

– O que você está vendo? – perguntou a rainha Laithlin.

– Fogo – respondeu Koll, os pelos da nuca se eriçando. – Fogo em Thorlby.

As chamas tinham lambido as docas. Onde antes multidões se agitavam, pescadores labutavam e mercadores gritavam preços, fantasmas de poeira giravam em meio às ruínas queimadas. Praticamente não restava nenhum cais de pé, todos derrubados e retorcidos na água. O mastro enegrecido de um barco afundado se projetava das ondas, a fera de proa de outro boiava, abandonada.

– O que aconteceu? – perguntou alguém em meio ao fedor de madeira queimada.

– Vamos desembarcar na praia! – rosnou Thorn, agarrando a amurada com tanta força que os dedos ficaram brancos.

Num silêncio taciturno, eles remaram, olhando para a cidade. Os pedaços arrancados das construções familiares na colina íngreme eram como os dentes do sorriso de um amante, cada qual uma ausência dolorida. Casas totalmente incendiadas, janelas vazias como olhos de um cadáver, esqueletos chamuscados de traves de telhado numa nudez obscena. Casas ainda tossindo rolos de fumaça escura, e acima os corvos circulando, circulando, crocitando agradecidos à sua mãe de ferro.

– Ah, pelos deuses – disse Koll.

A Rua 6, onde ficava a oficina de Rin, onde os dois tinham trabalhado juntos, rido juntos e deitado juntos era um risco de destroços enegrecidos à sombra da cidadela. Koll ficou gelado até as pontas dos dedos; o medo era uma fera tão selvagem no peito que ele mal conseguia respirar direito sob suas garras.

No momento em que a quilha do navio bateu no cascalho, Thorn saltou da proa e Koll foi atrás, mal notando o frio, quase se chocando nela, afundando na areia que ela levantava tão depressa.

– Não – Koll a ouviu sussurrar, e Thorn pôs as costas de uma das mãos trêmula na boca.

Ele olhou através da encosta da praia em direção aos montes funerários de reis mortos muito tempo antes. Havia pessoas reunidas ali nas dunas, em meio ao capim ralo golpeado pelo vento do mar, uma reunião de dezenas de ombros encolhidos e cabeças baixas.

Era um funeral. Koll sentiu o medo o apertar com mais força.

Tentou pôr a mão no ombro de Thorn, não sabia se para o conforto dela ou o dele, mas a mulher se contorceu e partiu correndo, a areia sendo jogada para o ar pelos saltos das botas. Koll foi atrás.

Podia ouvir uma voz grave e monótona. Brinyolf, o Tecelão de Orações, entoava canções para o Pai Paz, para Aquela que Escreve e Aquela que Julga, para a Morte que guarda a Última Porta.

– Não – ouviu Thorn murmurar, lutando para subir as dunas.

Brinyolf gaguejou. Silêncio, a não ser pelo vento através do capim, o júbilo distante de um corvo na brisa alta. Os rostos brancos se viraram para eles, macilentos de choque, brilhantes de lágrimas, tensos de raiva.

Koll viu Rin e ofegou de alívio, mas sua breve oração de agradecimento morreu ao ver os lábios dela se repuxarem para trás, o rosto franzido e as lágrimas nas bochechas. Acompanhou Thorn até ela, os joelhos bambos, ao mesmo tempo desesperado para ver e para não ver.

Viu a grande pira, madeira empilhada até a altura da cintura.

Viu os corpos em cima. Deuses, quantos? Vinte? Trinta?

– Não, não, não – sussurrou Thorn, indo na direção do mais próximo.

Koll viu o cabelo negro agitado pelo vento, as mãos pálidas cruzadas no peito largo, velhas cicatrizes serpenteando pelos pulsos. Marcas de herói. Marcas de um grande feito. Um feito que tinha salvado a vida de Koll. Chegou ao lado de Rin para fitar o rosto. O rosto de Brand, pálido e frio, com um pequeno corte sem sangue embaixo de um olho.

– Pelos deuses – disse ele, rouco, sem conseguir acreditar.

Brand sempre tinha parecido calmo e forte, sólido como a rocha em que Thorlby era construída. Não podia estar morto. Não podia.

Koll fechou os olhos ardidos com força, em seguida os abriu, e ele ainda estava ali.

Brand tinha passado pela Última Porta e era só isso que restava de sua história. Tudo que jamais haveria.

Koll soltou uma fungada idiota, sentiu a dor no nariz e as lágrimas pinicando nas bochechas.

Thorn se inclinou acima de Brand, a pulseira élfica no pulso escura e morta e, com muita delicadeza, afastou as mechas de cabelo do rosto dele. Depois tirou a própria corrente, levantou com cuidado a cabeça de Brand e passou-a, enfiando

a chave de ouro embaixo da camisa dele. Uma camisa melhor, que ele nunca havia usado porque a ocasião nunca era certa. Deu um tapinha na frente, alisou-a suavemente com os dedos trêmulos, de novo e de novo.

Rin apertou Koll com força e ele passou o braço em volta dela, frouxo, fraco e inútil. Sentiu-a estremecer com soluços silenciosos e abriu a boca para falar, mas nada saiu. Ele deveria ser um aprendiz de ministro. Deveria ter as palavras. Mas o que as palavras poderiam fazer agora?

Ficou parado, impotente como quando sua mãe tinha morrido e estava deitada na pira, e pai Yarvi falou porque Koll não conseguia. Só conseguia ficar parado olhando para baixo, pensando no que tinha perdido.

A multidão silenciosa abriu caminho e deixou a rainha Laithlin passar, o cabelo batendo no rosto e o vestido encharcado de água salgada grudado no corpo.

– Onde está o príncipe Druin? – rosnou ela. – Onde está meu filho?

– Seguro em seus aposentos, minha rainha – respondeu Brinyolf, com o queixo desaparecendo no pescoço gordo enquanto olhava triste para a pira. – Graças a Brand. Ele tocou um sino dando o aviso. Os guardas de Druin não se arriscaram. Baixaram o Portão Que Grita e lacraram a cidadela.

Os olhos semicerrados de Laithlin examinaram os cadáveres.

– Quem fez isso?

Edni, uma das garotas que Thorn vinha treinando, cuspiu no chão. Tinha uma bandagem manchada na cabeça.

– Yilling, o Brilhante, e seus Companheiros.

– Yilling, o Brilhante – murmurou Laithlin. – Ultimamente tenho ouvido muito esse nome.

Thorn se empertigou devagar. Não havia lágrimas em seu rosto, mas ela soltava um gemido estrangulado a cada respiração. Rin puxou o ombro dela de leve, porém Thorn não se virou, não se mexeu, como se estivesse num sonho.

– Ele veio com dois navios – relatou Edni. – Talvez três. À noite. Não era o suficiente para tomar a cidade, mas era o bastante para queimá-la. Alguns throvenlandeses tinham vindo no dia anterior. Disseram que eram mercadores. Achamos que foram eles que os deixaram entrar. Então ele e seus Companheiros se espalharam e começaram a provocar incêndios.

– Brand ouviu – murmurou Rin. – Foi tocar um sino. Falou que precisava avisar às pessoas. Que precisava fazer o bem.

– Sem isso, teria sido pior – completou um velho guerreiro com o braço numa tipoia. Quando o homem piscou, um filete de lágrima transbordou de seus olhos marejados. – A primeira coisa que percebi foi o sino. Então já havia incêndios em toda parte. Tudo era um caos, e Yilling ria no meio da confusão.

– Ria e matava – disse Edni. – Homens, mulheres, crianças.

Brinyolf balançou a cabeça, enojado.

– O que podemos esperar de um homem que não reza para nenhum deus além da Morte?

– Eles sabiam exatamente onde os guardas iriam estar. – Edni cerrou os punhos. – Que ruas pegar. Que construções queimar. Sabiam onde éramos fortes e onde éramos fracos. Sabiam tudo!

– Mas nós lutamos, minha rainha. – O tecelão de orações pôs a mão gorda no ombro magro de Edni. – A senhora sentiria orgulho da forma como seu povo lutou! Graças ao favor dos deuses nós os expulsamos, mas... a Mãe dos Corvos sempre cobra um preço alto.

– Essa é uma dívida de avó Wexen – murmurou Koll, enxugando o nariz. – De mais ninguém.

– Thorn. – Laithlin deu um passo à frente. – Thorn. – Ela a segurou pelo ombro e apertou com força. – Thorn!

Thorn piscou como se estivesse acordando de um sonho.

– Preciso ficar – disse a rainha – para tentar curar os ferimentos de Thorlby e cuidar dos que restam.

Os gemidos de Thorn tinham se aprofundado até um rosnado entrecortado, os músculos das mandíbulas contraídos com força.

– Preciso lutar.

– Sim. E eu não impediria você nem se pudesse. – A rainha levantou o queixo. – Eu a libero de seu juramento, Thorn Bathu. Você não é mais meu Escudo Escolhido. – Ela se inclinou mais para perto da garota, a voz afiada como uma lâmina. – Em vez disso, você deve ser nossa espada. A espada que se vinga de Yilling!

Thorn assentiu devagar, os punhos cerrados com força até tremerem.

– Eu juro.

– Minha rainha – disse Edni –, nós pegamos um deles.

Laithlin estreitou os olhos.

– Onde ele está?

– Acorrentado e vigiado na cidadela. Não disse uma palavra. Mas, pela armadura e pelas argolas-dinheiro, achamos que é um dos Companheiros de Yilling.

Thorn arreganhou os dentes. A pulseira élfica havia começado a reluzir de novo, só que agora quente feito carvão, emitindo uma radiância vermelha nas reentrâncias nítidas de seu rosto, criando um brilho sangrento nos cantos dos olhos.

– Ele vai falar comigo – sussurrou.

III

NÓS SOMOS O ESCUDO

Monstros

– Meus aliados – começou Skara. – Meus amigos. – Como se ao chamá-los de amigos pudesse fazer com que se sentissem menos inimigos. – Achei sensato convocar apenas nós seis para discutirmos nossa situação sem muitas... interrupções. – Estava se referindo às discussões mesquinhas, aos insultos e às ameaças que estrangulavam as assembleias.

O rei Uthil e o rei Gorm franziram a testa um para o outro. Pai Yarvi e mãe Scaer franziram a testa um para o outro. Irmã Owd se recostou na cadeira com os braços cruzados em irritação. Uma brisa veio suspirando do mar e agitou o capim comprido nos montes funerários, fazendo Skara estremecer, apesar de o dia estar quente.

Uma reunião íntima ao ar livre, com borboletas adejando entre as flores que cresciam nas sepulturas dos pais que Skara mal havia conhecido. Uma reunião íntima entre dois reis, três ministros e ela. E com a fúria de avó Wexen em vias de se abater sobre eles.

– Nossa situação, então. – Mãe Scaer ficou girando uma de suas pulseiras élficas no pulso fino. – Uma tremenda encrenca.

– Dez mil guerreiros do Rei Supremo vão nos atacar – disse Uthil. – E dentre eles estão os estandartes de muitos heróis renomados.

– E outros ainda atravessam os estreitos vindo de Yutmark todo dia – observou Gorm. – Precisamos recuar. Precisamos abandonar Throvenland.

Skara se retraiu. Abandonar o Promontório de Bail. Abandonar sua terra e seu povo. Abandonar a memória de seu avô. Esse pensamento a deixou mais nauseada ainda.

Uthil deixou sua espada nua deslizar pela mão até a ponta estar no capim.

– Não vejo a vitória por esse lado.

– Onde o senhor a vê? – implorou Skara, lutando para ficar empertigada e grudar uma dignidade de rainha no rosto, mesmo preferindo se encolher e ficar chorando embaixo da cadeira.

Mas Uthil apenas girou a espada devagar, o rosto duro como os penhascos abaixo deles.

– Estou sempre pronto para confiar na minha sorte nas armas, mas não estou sozinho. Devo pensar na minha mulher e no meu filho. Devo pensar no que posso deixar para eles.

Skara sentiu o vômito subindo e lutou para contê-lo. Quando nem mesmo o Rei de Ferro podia dizer que o aço era a resposta, as coisas estavam mesmo desesperadoras.

Mãe Scaer virou a cabeça raspada e cuspiu por cima do ombro.

– Talvez tenha chegado a hora de mandar um pássaro para avó Wexen.

Pai Yarvi bufou.

– Mãe Adwyn deixou muito claro que ela jamais fará a paz comigo.

– É o que você diz.

Yarvi estreitou os olhos.

– Acha que eu minto?

Scaer retribuiu o olhar irado.

– Geralmente.

– O rei Fynn fez a paz com avó Wexen – interveio Skara, a voz falhando. – E vejam que bem isso rendeu a ele!

Os dois reis ficaram sentados num silêncio pensativo enquanto mãe Scaer se inclinava à frente, os antebraços tatuados repousando nos joelhos.

– Toda guerra é só um prelúdio para a paz. Uma negociação feita com espadas em vez de com palavras. Vamos até avó Wexen enquanto ainda temos alguma coisa com que barganhar...

– Não haverá barganhas! – exclamou uma voz áspera. – Não haverá paz.

Thorn Bathu contornou o monte funerário mais próximo. A princípio, Skara sentiu satisfação ao vê-la. Era a mulher necessária quando se estava diante de chances impossíveis. Então Thorn puxou uma corrente e trouxe um prisioneiro cambaleante, as mãos amarradas atrás e um saco manchado de sangue sobre o rosto. Skara viu que uma figura os seguia, vestida com uma capa de trapos, o

capuz puxado sobre o rosto. Por fim encontrou os olhos de Thorn, chamejando em órbitas enegrecidas com uma fúria quase dolorosa de se ver.

– Yilling, o Brilhante, atacou Thorlby – rosnou ela, chutando o prisioneiro e fazendo-o se ajoelhar diante dos três governantes e seus três ministros. – Queimou metade da cidade. A rainha Laithlin ainda está lá com o filho, cuidando dos feridos. Ele matou homens, mulheres e crianças. Matou... – Ela soltou uma tosse estrangulada e exibiu os dentes. Em seguida, se controlou de novo e levantou o queixo pontudo, os olhos brilhando. – Matou Brand.

Gorm franziu a testa para sua ministra. O punho de Uthil ficou branco em volta do cabo da espada. Os olhos de pai Yarvi se arregalaram e ele pareceu afundar em seu banco.

– Deuses – sussurrou Yarvi, toda a cor sumindo do rosto.

– Eu... l-lamento muito... – gaguejou Skara.

Lembrou-se de como Thorn a havia amparado quando ela foi levada a Thorlby. Desejou poder fazer o mesmo por ela agora. Mas o rosto de Thorn estava tão retorcido de fúria que Skara mal ousava encará-la, quanto mais tocá-la.

A recém-chegada empurrou o capuz para trás. Era uma sulista de pele escura, magra como um chicote e com queimaduras espalhadas pelo lado esquerdo do rosto. Antigamente as marcas fariam Skara se retrair, mas ela estava se acostumando com cicatrizes.

– Meus cumprimentos, grandes reis, grande rainha, grandes ministros. – Ela fez uma reverência, mostrando trechos carecas e queimados no cabelo curto e grisalho. – Na Terra dos Alyuks me chamam de Sun-nara-Skun. Em Kalyiv me chamam de Scarayoi, a Caminhante das Ruínas.

– De que chamam você aqui? – disse rispidamente mãe Scaer.

– Ela é Skifr – murmurou Yarvi.

– A bruxa Skifr? – Os lábios de Scaer se retorceram de nojo. – A ladra de relíquias élficas? A que foi denunciada por avó Wexen?

– Exatamente, minha pombinha. – Skifr sorriu. – Avó Wexen queimou minha casa e matou minha família, por isso sou sua pior inimiga.

– O melhor tipo de aliado. – O Quebrador de Espadas franziu a testa para o homem acorrentado. – E devemos fazer um jogo de adivinhação sobre esse visitante?

Thorn bufou e arrancou o saco da cabeça dele.

A princípio Skara ficou nauseada ao ver o rosto do prisioneiro. Espancado até ficar disforme, cheio de hematomas, um olho inchado e fechado e o branco do outro manchado de vermelho. Então percebeu que o conhecia. Era um dos que tinham estado na Floresta, na noite do incêndio. Um dos que haviam rido quando o rei Fynn caíra no buraco do fogo. Soube que deveria odiá-lo, mas, diante do rosto arruinado, só sentiu pena. Pena e nojo pelo que fora feito com ele.

Seja tão generosa com seus inimigos quanto com seus amigos, era o que o avô sempre dissera. *Não pelo bem deles, mas pelo seu.*

Porém, o humor de Thorn não era nem um pouco generoso.

– Este é Asborn, o Intrépido, Companheiro de Yilling, o Brilhante. – Ela enfiou os dedos nos cabelos com crostas de sangue e puxou o rosto do homem. – Foi apanhado no ataque a Thorlby e prova que, afinal de contas, tem medo, sim. Diga o que me contou, seu verme!

A boca de Asborn estava frouxa, sem dentes, e palavras falhas saíram roucas:

– Uma mensagem... chegou para Yilling. Para atacar Thorlby. Quando... e onde... e como atacar.

Skara se encolheu enquanto a respiração úmida dele estalava e falhava.

– Há... um traidor entre vocês.

Pai Yarvi se inclinou à frente, a mão mirrada fechada numa imitação de punho.

– Quem é?

– Só Yilling sabe. – O olho vermelho do homem estava fixo no de Skara. – Talvez ele esteja sentado aqui agora... entre vocês. – Sua boca partida se curvou num sorriso vermelho. – Talvez...

Thorn acertou seu rosto ferido, derrubou-o de lado, levantou o braço para golpear de novo.

– Thorn! – gritou Skara, apertando o peito. – Não! – Thorn a encarou, o rosto retorcido de sofrimento e fúria ao mesmo tempo. – Por favor, se você continuar ferindo-o, vai ferir a si mesma. Vai ferir todos nós. Eu lhe imploro, tenha um pouco de misericórdia!

– Misericórdia? – Thorn cuspiu, com lágrimas escorrendo pelas bochechas marcadas. – Eles demonstraram misericórdia por Brand?

– Não mais do que demonstraram pelo meu avô. – Skara sentiu os olhos ardendo enquanto se inclinava desesperadamente para a frente. – Mas precisamos ser melhores do que eles!

– Não. Precisamos ser piores.

Thorn puxou Asborn violentamente pela corrente, levantando o punho fechado, mas ele apenas sorriu mais ainda.

– Yilling vem! – gorgolejou ele. – Yilling vem e traz a Morte!

– Ah, a Morte já está aqui.

Skifr se virou, levantando o braço, com um objeto de metal escuro na mão. Houve um estalo ensurdecedor que fez Skara se sacudir na cadeira, uma névoa vermelha voou da nuca de Asborn e ele foi jogado de lado, retorcido, com o cabelo pegando fogo.

Skara arregalou os olhos, gélida de horror.

– Que a Mãe Guerra nos proteja – sussurrou Gorm.

– O que você fez? – guinchou mãe Scaer, saltando de pé e fazendo seu banco rolar no capim.

– Regozijem-se, meus pombinhos, porque eu lhes trouxe o meio de vencer. – Skifr levantou o objeto mortal, um fiapo de fumaça subindo de um buraco na extremidade. – Sei onde mais coisas dessas podem ser encontradas. Relíquias ao lado das quais o poder desta aqui pareceria insignificante. Armas élficas forjadas antes da Fragmentação da Divindade!

– Onde? – perguntou Yarvi, e Skara ficou chocada ao ver os olhos dele brilhando de ansiedade.

Skifr deixou a cabeça tombar de lado.

– Em Strokom.

– Loucura! – exclamou mãe Scaer. – Strokom é proibida pelo Ministério. Qualquer um que entre lá fica doente e morre!

– Eu estive lá. – Skifr ergueu um braço comprido para apontar para a pulseira élfica ardendo em laranja no pulso de Thorn. – Eu trouxe esse badulaque de lá e, mesmo assim, ainda lanço uma sombra. Nenhum terreno é proibido para mim. Sou a Caminhante das Ruínas e conheço todos os caminhos. Inclusive os que nos mantêm a salvo da doença em Strokom. É só aceitarem e eu coloco em suas mãos armas que nenhum homem, nenhum herói, nenhum exército pode enfrentar.

– Para amaldiçoar todos nós? – rosnou mãe Scaer. – Vocês perderam a cabeça?

– Eu ainda tenho a minha. – O rei Uthil havia se levantado calmamente e caminhado calmamente até o cadáver de Asborn e agora estava agachado calmamente ao lado dele. – O grande guerreiro é aquele que ainda respira quando os corvos se refestelam. O grande rei é o que olha as carcaças de seus inimigos queimarem. – Ele enfiou o dedo mindinho no buraco na testa de Asborn, e o fogo louco que parecera exaurido ardeu de novo em seus olhos. – O aço deve ser a resposta. – Ele puxou o dedo, vermelho, e levantou uma sobrancelha. – Isto é apenas outro tipo de aço.

Skara fechou os olhos, apertando com força os braços da cadeira. Tentou acalmar a respiração arfante e o estômago revirado e aplacar o horror. Horror ao ver magia. Horror ao ver um prisioneiro ser assassinado diante de seus olhos. Horror por ser a única que parecia se importar. Precisava ser corajosa. Precisava ser inteligente. Precisava ser forte.

– Ele deveria permanecer embainhado para não cortar todos nós – retrucou Gorm.

– Ele deveria estar embainhado no coração de Yilling! – rosnou Thorn.

– Todos nós podemos ver que você está louca de sofrimento – falou rispidamente mãe Scaer. – Magia élfica? Pense no que você está dizendo! Estamos nos arriscando a outra Fragmentação da Divindade! E com um traidor entre nós!

– Um traidor que fez Thorlby queimar – rosnou Thorn. – Como você sonhou fazer durante anos! Um traidor a serviço do Rei Supremo, com quem você gostaria de fazer a paz!

– Pense bem antes de me acusar, sua...

Skara forçou os olhos a se abrirem.

– Todos fizemos sacrifícios! Todos perdemos amigos, lares, famílias. Devemos permanecer unidos, caso contrário avó Wexen vai nos esmagar separadamente!

– Nós desafiamos a autoridade do Rei Supremo – disse pai Yarvi –, e é só isso que ele tem. É só isso que ele é. Ele não pode recuar e nós também não. Escolhemos nosso caminho.

– Você escolheu por nós – reagiu, ríspida, mãe Scaer. – Um passo sangrento de cada vez! E ele leva direto para a nossa destruição.

Skifr soltou uma risada que parecia um latido.

– Vocês estavam indo direitinho para lá sem minha ajuda, meus pombinhos. Sempre existem riscos. Sempre existem custos. Mas eu mostrei magia proibida a vocês e a Mãe Sol ainda se ergue.

– Nós governamos porque os homens confiam em nós – comentou Gorm. – O que isso fará com a confiança deles?

– Você governa porque os homens o temem – retrucou pai Yarvi. – Com armas como essas, o medo deles será maior ainda.

Scaer sibilou.

– Isso é maligno, pai Yarvi.

– Temo que seja o menor mal, mãe Scaer. As vitórias gloriosas produzem belas canções, mas as inglórias não são piores depois que os bardos cuidam delas. Já as derrotas gloriosas são apenas derrotas.

– Precisamos de tempo para pensar – disse Skara, estendendo as palmas como se quisesse acalmar uma matilha de cães brigando.

– Não muito tempo. – Skifr estendeu a mão rapidamente, pegando uma folha seca que passou girando. – A areia escorre pela ampulheta e Yilling marcha mais para perto. Vocês farão o necessário para derrotá-lo? Ou deixarão que ele os derrote? – Ela esmagou a folha enquanto se virava e, mantendo a mão erguida, deixou o pó voar na brisa. – Se vocês me perguntarem, meus pombinhos, digo que não existe escolha!

– Não haverá paz – rosnou Thorn, passando a corrente por cima do ombro. – Não enquanto Yilling e eu vivermos. Isso eu prometo!

Ela se virou para acompanhar Skifr, com os calcanhares do cadáver de Asborn deixando dois sulcos no capim ao ser arrastado.

Gorm se levantou devagar, uma carranca fechada em seu rosto marcado pelas batalhas.

– Vamos fazer uma grande assembleia amanhã ao nascer do sol e decidir o futuro da nossa aliança. Talvez o futuro de todo o Mar Despedaçado.

O rei Uthil foi o próximo a se erguer.

– Temos muito a discutir, pai Yarvi.

– Temos, meu rei, mas primeiro devo falar com a rainha Skara.

– Muito bem. – Uthil puxou a espada nua de novo para a dobra do braço. – Enquanto eu tento impedir que Thorn Bathu mate todos os vansterlandeses do mundo em busca de traidores. Mande um pássaro para a rainha Laithlin. Diga para dar um beijo em meu filho por mim. – Em seguida, ele se virou em direção ao Promontório de Bail. – Diga que devo me atrasar para o jantar.

Skara esperou até que Uthil tivesse ido embora e mãe Scaer se afastasse balançando amargamente a cabeça raspada, depois falou:

– Você sabia que este momento iria chegar. – Ela virou com cuidado as peças até que elas se encaixassem em sua mente. – Foi por isso que quis que eu chamasse apenas nós seis aqui. Para que esse negócio de relíquias élficas não vazasse.

– Nem todo mundo tem tanta... consideração quanto a senhora, minha rainha.

Lisonjas, lisonjas... Ela tentou não deixar que isso a influenciasse.

– É sábio manter o círculo apertado – acrescentou ele. – Sobretudo se houver mesmo um traidor entre nós.

Tudo fazia muito sentido, mas Skara franziu a testa.

– Eu poderia me cansar de dançar sua música, pai Yarvi.

– É a música de avó Wexen que todos nós dançamos, e eu jurei fazer com que o flautista parasse. A senhora tem uma grande decisão a tomar, minha rainha.

– Uma decisão atrás da outra.

– Esse é o preço do poder. – Yarvi fitou o capim sujo de sangue e, por um momento, pareceu lutar contra alguma náusea também. – Desculpe-me. Acabei de saber que um dos melhores homens que já conheci está morto. Às vezes é difícil... escolher o certo.

– Às vezes o certo não existe.

Skara tentou imaginar o que seu avô teria feito em seu lugar. Que conselho mãe Kyre daria. Mas não tinha recebido lições para isso. Estava em mares não mapeados, com uma tempestade chegando, sem estrelas pelas quais se guiar.

– O que devo fazer, pai Yarvi?

– Uma vez um homem sábio disse que um rei deve vencer, o resto é insignificante. Para uma rainha não é diferente. Aceite a oferta de Skifr. Sem algo para desequilibrar a balança, o Rei Supremo vai nos ceifar. Avó Wexen não

terá pena da senhora. O povo de Throvenland não será poupado. Yilling não vai lhe agradecer por sua leniência. Pergunte-se o que ele faria no seu lugar.

Skara não conseguiu deixar de estremecer.

– Então eu devo me tornar Yilling?

– Que o Pai Paz derrame lágrimas por causa dos métodos. A Mãe Guerra sorri com os resultados.

– E quando a guerra terminar? – sussurrou ela. – Que tipo de paz teremos obtido?

– A senhora quer ser misericordiosa. Manter-se na luz. Eu entendo. Admiro. Mas, minha rainha... – Pai Yarvi chegou mais perto e sustentou seu olhar, falando baixinho: – Só os vitoriosos podem ter misericórdia.

Não havia escolha. Ela soubera disso desde que Skifr tinha feito sua magia. Encarando pai Yarvi, soube que ele também soubera disso. Ele vira longe e alterara o curso de todos na direção daquilo com tanta delicadeza que Skara pensara que segurava o leme. Porém, também sabia que, à medida que o exército do Rei Supremo se aproximava, o poder emprestado dela escorria entre seus dedos. Aquele poderia ser seu último voto. Precisava obter algo para seu avô, para seu povo, para Throvenland. Para si mesma.

– Eu tenho um preço. – Ela olhou para a muralha do Promontório de Bail, negra contra o céu alvo. – Você precisa convencer o rei Uthil a lutar contra Yilling aqui.

Pai Yarvi lançou um olhar atento para Skara. Como se pudesse escavar com os olhos as intenções dela. Talvez pudesse.

– Ele vai resistir a lutar tão longe de casa. Gorm, mais ainda.

– Então vou falar com mãe Scaer e ver o que ela pode oferecer em troca de um voto contra você. – Skara balançou uma das mãos em direção à muralha élfica que se erguia acima do monte funerário de sua mãe. – Não existe fortaleza mais sólida em nenhum lugar. Se nós a sustentarmos, Yilling terá que vir até nós por causa do seu orgulho. Porque ele não pode passar marchando e nos deixar livres para trás. Ele vai fixar os homens do Rei Supremo aqui, todos num só lugar. Nós seremos o escudo contra o qual a força de avó Wexen vai se quebrar. Você estará livre para encontrar suas armas... – Ela tentou não deixar a repulsa transparecer enquanto fitava o capim ensanguentado onde Asborn tinha caído. – Quando retornar, poderemos esmagar o exército de Yilling num golpe só.

Yarvi avaliou essa proposta.

– Há sabedoria em sua ideia, mas raramente os guerreiros se interessam pela sabedoria.

– Os guerreiros gostam de metal polido, narrativas de glória e canções em que o aço é a resposta. Acho que você pode cantar uma dessas para os dois reis. Você tem voz boa para cantar, pai Yarvi?

Ele levantou uma sobrancelha.

– Por acaso, sim.

– Não vou abandonar a fortaleza pela qual meu pai morreu. Não vou abandonar a terra pela qual meu avô morreu.

– Então vou lutar por ela ao seu lado, minha rainha. – Yarvi olhou para irmã Owd. – Tem algo a acrescentar?

– Eu falo quando a rainha Skara precisa do meu conselho. – Ela deu o sorriso mais humilde. – Acho que ela cuidou de você perfeitamente bem sem mim.

Pai Yarvi bufou e saiu andando entre os montes funerários, em direção ao acampamento do rei Uthil.

– Lá vai um homem muito inteligente – murmurou irmã Owd, chegando perto de Skara. – Um homem capaz de fazer com que qualquer curso de ação pareça sábio.

Skara olhou de soslaio.

– Não preciso decifrar presságios para ver o “mas” chegando.

– O plano dele é desesperado. Ele pisaria em terreno proibido com essa bruxa Skifr para guiar o caminho. – Irmã Owd baixou a voz: – Ele entraria no inferno com o diabo para apontar o caminho e faria com que fôssemos atrás. Se eles não conseguirem encontrar essas relíquias élficas... ficaremos encurralados no Promontório de Bail cercados por dez mil guerreiros. Se puderem... – Um sussurro agora, temeroso: – Vamos nos arriscar a outra Fragmentação do Mundo?

Skara pensou nas fazendas queimadas, nas aldeias queimadas, no salão de seu avô em ruínas.

– O mundo já está fragmentado. Sem essas armas, o Rei Supremo vai vencer. Avó Wexen vai vencer. – Ela sentiu a náusea no fundo da garganta e a conteve. – Yilling vai vencer.

Os ombros de irmã Owd se curvaram.

– Não invejo sua escolha, minha rainha. – Ela franziu a testa na direção de pai Yarvi. – Mas temo que, ao destruir um monstro, a senhora crie outro.

Skara olhou uma última vez para o monte funerário de seu pai.

– Eu pensava que o mundo tivesse heróis. Mas o mundo é cheio de monstros, irmã Owd. – Em seguida, deu as costas para os mortos, voltando para o Promontório de Bail. – Talvez o máximo que possamos esperar seja ter o mais terrível deles do nosso lado.

Mentiras

Rin nunca pensava nas coisas pela metade. Koll sempre amara isso nela.

No momento em que chegaram ao Promontório de Bail, Rin tinha procurado a oficina, encontrado um espaço no labirinto de porões, colocado as ferramentas em fileiras organizadas e começado a trabalhar. Não havia escassez de serviço para um ferreiro em tempos como aqueles, dissera a ele.

Desde então, estivera na escuridão quente, fedendo a carvão, martelando, afiando e rebitando. Ele começava a ficar preocupado com ela – mais do que consigo mesmo, e isso não acontecia com frequência.

Pôs gentilmente a mão sobre a dela, para fazê-la se imobilizar.

– Ninguém vai culpá-la se você parar.

Ela o afastou com um empurrão e continuou polindo.

– Se eu parar, terei que pensar. Não quero pensar.

Koll estendeu a mão para ela de novo.

– Eu sei, mas, Rin...

Ela o afastou de novo.

– Pare de me chatear.

– Sinto muito.

– Pare de se desculpar.

– Certo, eu não sinto muito.

Rin parou e franziu a testa.

– Definitivamente, pare de fazer piadas.

Ele arriscou um sorriso.

– Desculpe.

Ela deu um sorriso minúsculo, que logo sumiu. Ele adorava fazê-la sorrir, mas duvidava que conseguiria instigá-la de novo naquele dia. Rin apoiou os

punhos na bancada, os ombros encolhidos em volta das orelhas, fitando a madeira cheia de marcas.

– Fico pensando nas coisas que quero dizer a ele. Abro a boca para falar. Fico me virando para chamá-lo. – Ela mostrou os dentes como se fosse chorar, mas não chorou. – Ele partiu. Partiu e não vai voltar nunca mais. Toda vez que me lembro, não acredito. – Ela balançou a cabeça com amargura. – Ele sempre tinha uma palavra gentil e um gesto gentil para todo mundo. Que bem isso provocou?

– Isso fez bem às pessoas. Elas não vão esquecer. Eu não vou esquecer. – Brand tinha salvado a vida de Koll e pedido uma coisa a ele: que fosse correto com Rin. – Eu estive onde você está agora... – Sua voz embargada quase sumiu totalmente. – Perdi alguém.

– E eu estive onde você está agora. Tentando consolar alguém. Quando sua mãe morreu.

Era assim que a coisa havia começado entre eles. Não num grande clarão de relâmpago, mas crescendo devagar como uma árvore de raízes profundas. O braço de Rin em volta dos seus ombros quando pai Yarvi disse as palavras no funeral de sua mãe. A mão de Rin na dele quando a enterraram. O riso de Rin quando ele vinha se sentar na oficina, só para estar perto de alguém. Ela estivera presente. O mínimo era fazer o mesmo por ela. Ainda que se sentisse sufocando.

– O que posso fazer? – perguntou.

Rin fechou o rosto, pegou a pedra de novo. Deuses, ela era forte. Tinha apenas um ano a mais do que ele, mas às vezes parecia ter uma dezena.

– Apenas fique aqui. – Ela recomeçou a polir, o suor brilhando no rosto. – Apenas diga que vai estar aqui.

– Vou estar aqui – ele se obrigou a dizer, mesmo estando desesperado para sair e respirar o ar puro, e enojado consigo mesmo por causa disso. – Prometo...

Ouviu um passo pesado na escada e ficou lamentavelmente satisfeito com a distração. Até que viu quem passava se curvando pela porta baixa. Ninguém menos do que Raith, o enchedor de copos de Grom-gil-Gorm, o sujeito de cabelos brancos cuja testa havia acertado o nariz de Koll com força embaixo do cedro em Thorlby.

– Você – disse ele, cerrando os punhos.

Raith se encolheu.

– Sim. Eu. Desculpe. Como está o seu nariz?

Talvez aquilo pretendesse ser um pedido de desculpas, mas tudo que Koll viu foi a própria dor.

– Meio amassado – respondeu rispidamente. – Porém, menos do que o seu orgulho, acho.

Raith deu de ombros.

– Aquilo já era uma ruína. Eu sabia que você era um escalador duas vezes melhor do que eu, caso contrário não teria que lhe dar uma cabeçada. Você escalou e entrou aqui, não foi? Uma tremenda escalada.

O elogio não oferecia nada para enraivecer Koll, e isso o deixou com mais raiva do que nunca.

– Que diabo você quer comigo?

A voz de Koll falhou no final e ficou aguda, fazendo com que ele parecesse ainda mais um cachorrinho procurando briga com um lobo adulto.

– Nada. – Raith olhou para Rin, os olhos se demorando no suor que brotava nos ombros nus, e Koll não gostou de como ele a olhava. – Você é a espadeira da Rua 6?

Rin enxugou a testa no avental e também lhe lançou um longo olhar. Koll também não gostou disso, pensando bem.

– Yilling incendiou minha oficina e a maior parte da Rua 6 também. Agora sou a espadeira do porão do Promontório de Bail.

– O Promontório de Bail está melhor assim.

Um passo muito mais leve soou na escada e a rainha Skara deslizou para dentro da oficina. Parecia ainda mais magra do que na última vez em que Koll a vira, as clavículas dolorosamente nítidas, tão deslocada na sujeira e no suor da oficina quanto um cisne numa pocilga.

Koll levantou as sobrancelhas e Rin fez o mesmo.

– Minha rainha – murmurou ele.

Os grandes olhos verdes de Skara estavam voltados para Rin.

– Sinto muito pela morte do seu irmão. Ouço todos dizerem que ele era um homem bom.

– É, bem... – Rin franziu a testa junto à bancada. – São eles que a Mãe Guerra leva primeiro.

– Podemos rezar para que o Pai Paz tenha sua vez logo – disse Koll.

A rainha Skara olhou de lado com tanto desprezo por aquele esforço piedoso quanto Thorn poderia demonstrar.

– Desde que primeiro Yilling esteja morto e apodrecendo.

– Não sou muito de rezar, mas vou rezar por isso – declarou Rin.

– Ouvi dizer que você faz espadas. As melhores do Mar Despedaçado.

– Fiz a do rei Uthil. Fiz a de Thorn Bathu. – Rin tirou o pano do embrulho na bancada para mostrar a última que havia feito. Era aquela em que tinha trabalhado junto com Koll. – Fiz esta para um homem que morreu semana passada em Thorlby.

– E esculpiu a bainha também? – Raith passou os dedos grossos pela madeira. – É linda.

– Eu trabalho o metal. Koll trabalha a madeira.

Raith o encarou.

– Você tem um dom digno de orgulho, então. Eu gostaria de ser capaz de fazer coisas. – Ele se encolheu, cerrando o punho. Como se doesse. – Sempre fui melhor em quebrar.

– É necessário menos esforço – murmurou Koll.

– Preciso de uma espada – disse Skara. – E de uma cota de malha que sirva para mim.

Rin olhou a rainha de cima a baixo, incrédula. Ela mal parecia ter força suficiente para usar uma armadura, quanto mais para lutar.

– A senhora vai para a batalha?

Skara sorriu.

– Pelos deuses, não. Mas quero parecer que poderia ir.

Ministros demais

– Mãe Scaer, que prazer.

Ao olhar para a ministra de Gorm, Skara notou que a visita não seria muito prazerosa para ninguém. Ela era sempre uma mulher de arestas e ângulos, mas agora sua expressão estava afiada como um cinzel, sem o mínimo humor.

– Lamento o estado dos meus aposentos, tivemos que começar do zero.

A mobília havia sido surrupiada de qualquer lugar. Em vez de tapeçarias penduradas, viam-se bandeiras de batalha capturadas e Jenner não queria dizer de onde o colchão de penas de ganso tinha vindo. Mas esses eram os aposentos em que Skara nascera, as três grandes janelas em arco dando para o pátio de sua fortaleza. Ela não iria a nenhum outro lugar.

– Quer um pouco de vinho?

Skara se virou para chamar sua escrava, mas mãe Scaer a deteve.

– Não vim pelo vinho, minha rainha. Vim discutir o seu voto a favor de pai Yarvi.

– Eu voto pelos interesses de Throvenland.

– Throvenland vai se beneficiar de uma segunda Fragmentação da Divindade? – A voz de Scaer estava afiada de raiva. – E se pai Yarvi não puder controlar essa magia? E mesmo que possa, acha que abrirá mão dela?

– Throvenland se beneficiaria mais com o exército do Rei Supremo devastando tudo sem controle? – Skara sentiu que sua voz ficava esganiçada. Lutou para manter a calma e fracassou. – Com Yilling queimando o pouco que nos resta?

Os olhos de mãe Scaer se tornaram fendas mortais.

– A senhora não quer fazer isso, minha rainha.

– Parece que todo mundo sabe o que eu quero fazer, menos eu. – Skara arqueou a sobrancelha para irmã Owd. – Será que alguma rainha já foi

abençoada com o conselho de tantos ministros?

– Nesse ponto, ao menos, posso aliviar seu fardo – disse Scaer. – Se a senhora pretende se juntar à loucura de pai Yarvi, devo ficar de olho nele. Enquanto isso, meu rei precisa ter uma ministra ao lado. – Ela estendeu o braço longo e tatuado e gesticulou para irmã Owd. – Acabou a brincadeira. Volte para o seu lugar e cuide dos meus corvos.

O rosto redondo de Owd ficou consternado e Skara precisou se esforçar para impedir que o mesmo acontecesse com o dela. Até esse momento, não tinha percebido quanto havia passado a contar com sua ministra. Quanto passara a confiar nela. A gostar dela.

– Não pretendo abrir mão...

– Não pretende? – Scaer bufou. – Ela é minha aprendiz, foi emprestada, não dada. Para o caso de a senhora ser tola demais para perceber, *minha rainha*, ela esteve me contando tudo. Com quem a senhora fala e o que fala. Cada pedido e desejo seu. O tamanho de cada cagalhão de manhã, por sinal. Sei que, como a pessoa que os produz, eles são um pouco... *magros*.

Owd fitava os pés, abalada, o rosto mais vermelho do que nunca. Skara deveria saber. Talvez soubesse. Porém, ainda assim, a revelação a feriu fundo. Ficou sem fala por um momento. Mas só por um momento. Então pensou em como o avô poderia ter respondido caso fosse tratado com tamanho desprezo na própria terra, em sua fortaleza, em seus aposentos.

Enquanto irmã Owd dava um passo relutante em direção à porta, Skara estendeu um braço para impedi-la.

– Você me entendeu mal! Não pretendo abrir mão porque esta manhã mesmo ela fez o juramento a mim como sucessora de mãe Kyre. Mãe Owd é a nova ministra de Throvenland e seu único lugar é ao meu lado.

Ficou satisfeita ao ver Scaer parecer adequadamente atônita com a notícia. A única pessoa que parecia mais atônita ainda era a própria Owd.

Ela olhou da sua antiga senhora para a nova, depois de volta, os olhos arregalados. Só que era inteligente demais para ficar desequilibrada por muito tempo.

– É verdade. – Owd empertigou os ombros e esticou o pescoço. Uma postura que mãe Kyre teria aprovado completamente. – Jurei servir à rainha Skara como ministra. Ia contar à senhora...

– Mas você estragou nossa surpresa – completou Skara, dando um sorriso doce. Um sorriso não custa nada, afinal de contas.

– Ah, haverá um preço para isso – disse mãe Scaer, assentindo devagar. – Eu garanto.

Skara estava sem paciência.

– Acorde-me quando estiver na hora de pagar. Agora você vai sair dos meus aposentos ou será que precisarei mandar Raith jogá-la pela janela?

A ministra de Gorm soltou um último sibilo de nojo, depois saiu do cômodo, batendo a porta.

– Bem... – Skara deu um suspiro entrecortado e pôs a mão no peito, tentando acalmar o coração que batia acelerado. – Isso foi revigorante.

– Minha rainha – sussurrou irmã Owd, os olhos voltados para o chão, mortificados. – Sei que não mereço seu perdão...

– Você não pode tê-lo – Skara pôs a mão no ombro dela, acalmando-a – porque não fez nada de errado. Eu sempre soube que você era leal. Mas sempre soube que sua lealdade estava dividida. Mãe Scaer era sua senhora. Agora você me escolheu. Estou grata por isso. Muito grata. – Skara apertou o ombro de Owd com firmeza, chegando mais perto. – Porém sua lealdade não deve mais ser dividida.

Irmã Owd a encarou e enxugou um pouco de umidade dos cílios.

– Faço um juramento solar e um juramento lunar, minha rainha. Serei uma ministra leal à senhora e a Throvenland. Cuidarei mais do seu corpo do que do meu próprio. Terei um cuidado maior pelos seus interesses do que pelos meus. Não contarei seus segredos a ninguém e nada meu será segredo para a senhora. Juro.

– Obrigada, mãe Owd. – Skara a soltou com um tapinha no ombro. – Os deuses sabem que nunca precisei tanto de bons conselhos.

Lealdade

Raith serpenteava entre as fogueiras do acampamento, em volta das tendas, em meio aos guerreiros de Vansterland. Tinha feito o mesmo uma centena de vezes, antes de ataques, antes de batalhas. Era ali que ficava mais feliz. Era o seu lar. Ou deveria ter sido. As coisas não eram mais como antigamente.

Os homens estavam cansados, longe de seus campos e suas famílias, e sabiam das dificuldades que enfrentavam. Raith podia ver a dúvida nos rostos iluminados pelo fogo. Escutava-as nas vozes, nos risos, nas canções. Sentia o cheiro do medo.

Não era o único que andava pelo acampamento. A Morte também andava ali, marcando os condenados, e todos os homens sentiam o arrepiar de sua passagem.

Foi na direção de um morro baixo com uma única fogueira no topo, caminhou até o cume, as conversas se esvaindo atrás dele. Rakki estava ajoelhado num cobertor perto da fogueira, com o escudo de Gorm entre os joelhos, franzindo a testa enquanto polia o aro brilhante com um trapo. Pelos deuses, era bom vê-lo. Era como a visão de casa para alguém que tivesse viajado por muito tempo.

– Ei, ei, irmão – disse Raith.

– Ei, ei.

Quando Rakki virou a cabeça, foi como se olhar num espelho. O espelho mágico que Horald trouxera das viagens, que mostrava a um homem a melhor parte dele.

Sentar-se ao lado do irmão era confortável como calçar as botas favoritas. Raith observou Rakki trabalhar em silêncio por um tempo, depois fitou as próprias mãos vazias.

– Falta uma coisa.

– São os seus miolos, sua beleza ou o seu senso de humor, ficou tudo para mim.

Raith bufou.

– Eu estava pensando numa espada para eu trabalhar.

– A bainha da rainha Skara não precisa de polimento?

Raith viu aquele sorrisinho torto na boca de Rakki. Ele bufou de novo.

– Estou a postos, mas ainda não houve nenhum convite real.

– Se eu fosse você, eu não prenderia o fôlego, irmão. Enquanto está esperando, ao menos pode comer.

Rakki meneou a cabeça para a velha panela empretecida de gordura sobre a fogueira.

– Coelho? – Raith fechou os olhos e aspirou o aroma, que o levou de volta a tempos mais felizes, quando compartilhavam as mesmas refeições, as mesmas esperanças e o mesmo senhor. – Adoro coelho.

– Claro. Nós nos conhecemos melhor do que ninguém, não é?

– É. – Raith deu um olhar de soslaio para Rakki. – E então, o que você quer?

– Será que não posso só cozinhar para o meu irmão?

– Claro, mas você nunca faz isso. O que você quer?

Rakki pôs de lado o grande escudo de Gorm e o encarou.

– Vejo você com a jovem rainha de Throvenland, aquele pirata velho e aquela paródia de ministra gorducha, e você parece feliz. Você nunca pareceu feliz.

– Eles não são tão ruins. – Raith franziu a testa. – E todos estamos do mesmo lado, não é?

– Estamos? As pessoas começaram a se perguntar se você ao menos quer voltar.

Rakki sempre soubera como cutucá-lo.

– Eu não escolhi nada disso! Só tentei fazer o melhor possível onde fui posto. Faria qualquer coisa para voltar!

A resposta veio de trás dele:

– É bom ouvir isso.

Ele não era mais uma criança impotente, mas aquela voz ainda o fazia se encolher como um cachorrinho à espera de um tapa. Obrigou-se a se virar, obrigou-se a olhar direto nos olhos muito azuis de mãe Scaer.

– Senti sua falta, Raith. – Ela se agachou na frente dele, os pulsos ossudos nos joelhos e as mãos compridas pendendo. – Acho que é hora de você voltar ao seu lugar de direito.

Raith engoliu em seco, a boca subitamente árida. Voltar a encher a taça de seu rei, a carregar a espada de seu rei, a lutar ao lado do irmão? Voltar a ser o mais feroz, o mais duro, o mais sangrento? Voltar a queimar, matar e um dia sentir o peso de uma corrente de botões de espadas só sua?

– É só isso que eu quero – garantiu, rouco. – É só isso que eu sempre quis.

– Eu sei – disse a ministra, com aquele tom tranquilizador que o amedrontava mais do que o áspero. – Eu sei. – Ela estendeu a mão e lhe coçou a cabeça como alguém faria ao coçar um cachorrinho entre as orelhas. – Só há um serviço que o seu rei precisa que você faça.

Raith sentiu um calafrio ao toque dela.

– Diga.

– Temo que pai Yarvi tenha atravessado uma argola no belo nariz da rainha Skara. Temo que ele a guie para onde quer. Temo que ele irá levá-la para a perdição e arrastar todos nós juntos, numa procissão cambaleante.

Raith olhou para o irmão, mas dele não viria ajuda. Raramente vinha.

– Acho que ela tem opinião própria – murmurou.

Mãe Scaer deu uma bufada de desprezo.

– Pai Yarvi planeja violar as leis mais sagradas do Ministério e trazer armas élficas de Strokom.

– Armas élficas?

Ela se inclinou sibilando na direção dele e Raith se encolheu para trás.

– Eu vi! Cegado pela própria arrogância, ele planeja liberar a magia que fragmentou a Divindade. Sei que você não é o inteligente, Raith, mas consegue perceber qual é o risco?

– Pensei que ninguém poderia entrar em Strokom e sobreviver...

– A bruxa Skifr está aqui, e ela pode, e vai entrar. Se aquela cadelinha der o voto a Yarvi.

Raith umedeceu os lábios.

– Eu poderia falar com ela...

A mão de Scaer dardejou e Raith não conseguiu deixar de se encolher, mas ela apenas colocou a palma fria gentilmente no rosto dele.

– Você acha que eu seria cruel a ponto de enfiá-lo numa batalha de palavras contra pai Yarvi? Não, Raith, acho que não. Você não é um bom orador.

– Então...

– Você é um matador. – A testa dela se franziu, como se estivesse desapontada por ele não ter enxergado isso imediatamente. – Quero que você a mate.

Raith ficou encarando-a. O que mais poderia fazer? Fitou os olhos de mãe Scaer e sentiu-se gelar.

– Não... – sussurrou, mas nenhuma palavra jamais havia sido dita de modo tão débil. – Por favor...

Os rogos nunca tinham obtido nada de mãe Scaer. Isso só mostrava a fraqueza de Raith.

– Não? – A mão dela apertou seu rosto com força dolorosa. – Por favor? – Ele tentou se afastar, mas não tinha forças, e ela o puxou para perto, de modo que os narizes quase se tocaram. – Isso não é um pedido, garoto – sibilou ela. – Isso é uma ordem do rei.

– Eles vão saber que fui eu – choramingou ele, procurando desculpas como um cachorro atrás de um osso enterrado.

– Eu pensei por você. – Mãe Scaer fez um pequeno frasco contendo algo parecido com água deslizar entre dois dedos compridos. – Você foi um enchedor de taças do rei. Colocar isso na taça da rainha não pode ser mais difícil. Basta uma gota. Ela não vai sofrer. Vai cair no sono e nunca mais acordar. Então poderá haver um fim para essa loucura élfica. Talvez até a paz com o Rei Supremo.

– O rei Fynn achou que podia fazer a paz...

– O rei Fynn não sabia o que oferecer.

Raith engoliu em seco.

– E a senhora sabe?

– Eu começaria com pai Yarvi numa caixa. – Mãe Scaer deixou a cabeça tombar de lado. – Quem sabe junto com a metade sul de Gettland? Mas tudo ao norte de Thorlby deveria ser nosso, não concorda? Confio que avó Wexen poderia ser convencida a ouvir esse argumento...

Mãe Scaer segurou o pulso frouxo de Raith e virou a mão dele, em seguida largou o frasco na palma. Uma coisa tão pequena! Ele pensou nas palavras de

Skara: *Por que mandar um idiota sincero fazer o trabalho de um mentiroso esperto?*

– A senhora me mandou para ela porque eu sou um matador – murmurou ele.

– Não, Raith. – Mãe Scaer segurou seu rosto de novo, inclinando-o para ela. – Mandei-o porque você é *leal*. Agora vá reivindicar sua recompensa. – Ela se levantou, parecendo muitíssimo mais alta do que ele. – A esta hora, amanhã, você estará de volta ao seu lugar. Ao lado do rei. – Ela se virou. – Ao lado de seu irmão.

Mãe Scaer sumiu na noite.

Raith sentiu a mão de Rakki no ombro.

– Quantas pessoas você já matou, irmão?

– Você sabe que não sou bom em contar.

– Então o que importa uma a mais?

– Há uma diferença entre matar um homem que mataria você primeiro e matar alguém...

Alguém que não lhe fez mal. Alguém que foi gentil com você. Alguém que você...

Rakki o puxou pela camisa.

– A única diferença é que agora há muito mais a ganhar e muito mais a perder! Se você não fizer... vai ficar sozinho. Nós dois vamos ficar sozinhos.

– O que aconteceu com a ideia de descermos juntos o Divino?

– Você me disse para agradecer à Mãe Guerra por estarmos com os vencedores, e estava certo! Não vamos fingir que você só matou guerreiros. Com quanta coisa eu concordei por sua causa? E a mulher naquela fazenda, hein? E os filhos dela...

– Eu sei o que fiz! – A fúria borbulhou e Raith cerrou o punho dolorido em volta do frasco, em seguida sacudiu-o diante do rosto do irmão. – Fiz por nós, não foi?

Ele segurou Rakki pela gola da blusa, fez com que ele tropeçasse, derrubando a panela do fogo e derramando o cozido no capim.

– Por favor, irmão.

Rakki o segurou pelos ombros, mais um abraço do que um golpe de luta. Quanto mais Raith endurecia, mais ele se suavizava. Conhecia-o melhor do que ninguém, não era?

– Se não cuidarmos um do outro, quem vai cuidar? – perguntou Rakki. – Faça isso. Por mim. Por nós.

Raith olhou nos olhos do irmão. Nesse momento, não pareceu que os dois fossem muito semelhantes. Inalou o ar e soltou lentamente, e toda a vontade de brigar se esvaiu junto.

– Vou fazer.

Ele baixou a cabeça, fitando o pequeno frasco na palma da mão. Quantas pessoas ele havia matado, afinal de contas?

– Eu estava tentando pensar num bom motivo para não fazer isso, mas... você é o inteligente. – Raith fechou a mão com força. – Eu sou o matador.

Rin estava em silêncio na maior parte do tempo, com pedaços de arame na boca enquanto franzia a testa para o trabalho. Talvez fosse por ter uma garota de sua idade por perto, ou pela empolgação da assembleia seguinte, mas Skara falava pelas duas. Sobre a juventude no Promontório de Bail e as poucas lembranças dos pais. Sobre a Floresta em Yaletoft, como ela havia sido incendiada e como esperava reconstruí-la melhor. Sobre Throvenland e seu povo, e como, com a ajuda dos deuses, iria livrá-los da tirania do Rei Supremo, vingar-se de Yilling e proteger o legado de seu avô assassinado. Irmã Owd – agora mãe Owd, com uma carranca equivalente ao posto – assentia aprovando.

Raith, não. Ele adoraria fazer parte daquele belo futuro, mas tinha visto como era a vida. Não fora criado numa fortaleza nem num castelo de rei com escravos atendendo a cada capricho seu. Tinha subido agarrando-se com as unhas, sem ninguém além do irmão ao seu lado.

Pousou uma das mãos na camisa, sentiu o volume do frasquinho embaixo do pano. Sabia o que ele era. Sabia o que precisava fazer.

Então Skara abriu um sorriso para ele, aquele que o fazia sentir que a Mãe Sol o havia escolhido para iluminar.

– Como você consegue lutar usando isso? – perguntou ela, sacudindo-se e fazendo a cota de malha chacoalhar. – É pesado!

A decisão de Raith derreteu como manteiga na beira de um fogão.

– A senhora se acostuma, minha rainha – disse, rouco.

Ela franziu a testa.

– Você está doente?

– E-Eu? – gaguejou ele. – Por quê?

– Quando você aprendeu bons modos? Deuses, isso esquenta.

Ela puxou a gola de malha e a jaqueta acolchoada por baixo. Nunca tinha parecido mais viva: ruborizada, com os olhos brilhantes e um lustro levíssimo no rosto. Estalou os dedos para a escrava.

– Traga um pouco de vinho, está bem?

– Eu faço isso – disse Raith, indo rapidamente até a jarra.

– Que bom ser servida pelo melhor. – Skara meneou a cabeça na direção dele, sorrindo para Rin. – Ele era portador da taça de um rei.

– Era – murmurou Raith.

E seria de novo. Se conseguisse fazer aquilo.

Mal conseguia ouvir as palavras de Skara acima das pancadas do coração. Devagar, cuidadosamente, tentando se certificar de que as mãos trêmulas não o denunciassem, serviu o vinho. Parecia sangue na taça.

Ele quisera ser guerreiro. Um homem que defendia seu rei e conquistava a glória no campo de batalha. E o que tinha se tornado? Um homem que queimava fazendas. Que traía a confiança. Que envenenava mulheres.

Disse a si mesmo que aquilo precisava ser feito. Por seu rei. Por seu irmão.

Podia sentir o olhar de mãe Owd em suas costas enquanto tomava o gole que o enchedor de taças bebia a fim de garantir que o vinho era seguro para lábios melhores do que os seus. Ouviu-a dar um passo na direção dele, então Skara disse:

– Mãe Owd! Você conheceu pai Yarvi antes de ele ser ministro, não conheceu?

– Conheci, minha rainha, brevemente. Mesmo naquela época ele podia ser implacável...

Raith ouviu a ministra se virar e, sem ousar ao menos respirar, tirou da camisa o frasquinho de mãe Scaer, abriu a tampa e deixou uma gota cair na taça. Bastava uma gota. Viu as ondulações se espalharem e sumirem, guardou o frasco. De repente, seus joelhos ficaram fracos. Apoiou-se nos punhos.

Disse a si mesmo que não havia outro modo.

Pegou a taça com as duas mãos e se virou.

Skara balançava a cabeça enquanto observava Rin enfiar a cota de malha em sua cintura, dobrando-a com dedos rápidos para ajustá-la, fixando-a com arame

torcido.

– Juro, você é tão ágil com o aço como minha antiga costureira era com seda.

– Fui abençoada por Aquela que Golpeia a Bigorna, minha rainha – murmurou Rin, recuando para avaliar os resultados do trabalho. – Mas ultimamente não me sinto muito abençoada.

– As coisas vão mudar. Sei que vão.

– A senhora está falando igual ao meu irmão. – Rin deu um sorrisinho triste, indo para trás de Skara. – Acho que terminamos. Vou desamarrar e fazer os ajustes.

Skara se empertigou enquanto Raith se aproximava com o vinho, pôs uma das mãos na adaga na cintura, a malha reluzindo à luz dos lampiões.

– E então? Eu poderia ser confundida com um guerreiro?

Deuses, ele mal conseguia falar. Seus joelhos tremiam ao se ajoelhar diante dela, como costumava fazer com Gorm, depois de cada duelo e batalha. Como faria de novo.

– Se toda a parede de escudos fosse assim – conseguiu dizer ele com grande esforço –, a senhora não teria problema em obter homens para atacar os desgraçados.

Levantou a taça para ela com ambas as mãos.

Disse a si mesmo que não tinha escolha.

– Eu poderia me acostumar a ter homens bonitos ajoelhados aos meus pés.

Ela deu aquele riso. Aquele riso sonoro, louco. E estendeu a mão para a taça.

Acordos

– Onde ela está? – murmurou pai Yarvi, olhando de novo para a porta.

Koll não estava acostumado a ver seu mestre nervoso, e isso o deixava nervoso também. Como se já não estivesse suficientemente ansioso com o destino do mundo a ser decidido, e coisa e tal.

– Talvez esteja se vestindo – sussurrou. – Ela me parece o tipo de pessoa que demoraria muito se vestindo para esse tipo de reunião.

Pai Yarvi se virou para encará-lo, irritado, e Koll se pegou murchando na cadeira.

– Ela também me parece o tipo de pessoa que levaria em consideração o tempo necessário para se vestir para esse tipo de reunião. – Ele se inclinou para perto. – Não acha?

Koll pigarreou, olhando de novo para a porta.

– Onde ela está?

Do outro lado do Salão de Bail, junto de Grom-gil-Gorm, mãe Scaer parecia nitidamente satisfeita consigo mesma. Era como se ela e Yarvi estivessem sentados numa balança gigante: um não poderia cair sem levantar o outro.

– Há uma guerra a ser travada! – gritou ela, e ao seu redor os guerreiros de Vansterland resmungaram irritados. – Yilling não vai esperar pela jovem rainha, com isso podemos contar. Devemos escolher logo nosso rumo de ação, caso contrário seremos levados ao desastre.

– Sabemos muito bem disso, mãe Scaer – disse o rei Uthil, rouco, depois se inclinou para perto de pai Yarvi. – Onde ela está?

Um lado da porta dupla se entreabriu ligeiramente e mãe Owd passou, imobilizando-se quando todos os olhos se voltaram para ela, agitada como uma pata que tivesse perdido os patinhos.

– E então? – perguntou Yarvi, ríspido.

– A rainha Skara...

Gorm estreitou os olhos.

– Sim?

– A rainha Skara... – Mãe Owd se apoiou na porta para olhar para o outro lado e recuou com evidente alívio. – Está aqui.

A porta dupla se escancarou e a Mãe Sol irrompeu na penumbra, cada homem piscando idiotamente enquanto os throvenlandeses marchavam para dentro do salão.

A rainha Skara vinha à frente, a cabeça erguida e o cabelo solto como uma nuvem escura. O alvorecer parecia lançar fogo na pedra vermelha de seu bracelete, nas joias do brinco, na cota de malha brilhante, porque ela vinha toda vestida para a batalha, com uma adaga à cintura e um elmo dourado sob o braço. Raith vinha atrás, a cabeça branca abaixada, a espada forjada por Rin dentro da bainha que Koll havia esculpido e que parecia uma obra maravilhosa.

Rin tinha se superado. Skara dava a impressão de ser uma rainha guerreira, ainda que fosse absurdamente magra para o serviço, além de ter todo aquele cabelo, que seria um estorvo fatal numa luta. Com arneses tilintando, marchou no meio das delegações de Vansterland e Gettland, sem se dignar a olhar à direita nem à esquerda, seguida pelos guerreiros.

O sorriso de mãe Scaer havia desaparecido. Pai Yarvi o roubara dela. Grom-gil-Gorm estava mirando a jovem rainha, com o rosto frouxo. O rei Uthil levantou um pouquinho as sobrancelhas cor de ferro; Koll nunca o vira tão perplexo.

Mãe Owd e Jenner se sentaram cada um de um lado da rainha Skara, mas ela ignorou o Trono de Bail, jogando o elmo dourado na mesa e firmando os punhos com dedos de ferro ao lado, os guerreiros formando um crescente atrás dela. Raith se abaixou sobre um dos joelhos, deslizando a espada braço acima, oferecendo o punho a ela.

Todos sabiam que Skara jamais iria desembainhá-la. Era puro teatro, quase ridículo. Quase, mas não totalmente. Porque acima deles, na parede, estava a imagem pintada de Ashenleer, vitoriosa, vestindo cota de malha com o cabelo solto e o portador da espada ajoelhado ao lado. Koll olhou da rainha lendária para a de agora e descobriu que eram espantosamente parecidas.

O sorriso de pai Yarvi se alargou.

– Ah, isso é bom.

Mãe Scaer estava menos impressionada.

– A senhora certamente gosta de fazer uma entrada triunfal – observou em tom de zombaria.

– Desculpe-me – disse Skara. – Eu estava me preparando para *lutar*!

Ela podia ser uma mulher pequena, mas tinha voz de heroína. Soltou a última palavra com a mesma violência que Thorn usaria, e até mãe Scaer se encolheu.

Koll se inclinou para perto de pai Yarvi.

– Acho que ela chegou.

– Meus aliados! – gritou Skara, a voz ressoando no silêncio, cheia de brilho e confiança como se tivesse nascido para estar ali. – Meus convidados. Reis, ministros e guerreiros de Gettland e Vansterland!

Raith arriscou um olhar para aqueles que ele sempre havia considerado amigos. O Quebrador de Espadas tinha o olhar fixo em Skara, mas mãe Scaer o encarava diretamente, com o olhar mais assassino que ele já vira por parte dela, e Raith já a vira lançar alguns olhares mortais. Soryorn repuxava o lábio, furioso. Mas era o olhar de Rakki que ele mal conseguia suportar. Não de raiva, apenas de desapontamento. A expressão de um homem traído pela pessoa em quem mais confiava. Raith fitou o chão, a respiração dificultosa.

– Hoje precisamos tomar uma grande decisão! – exclamou Skara. – Se devemos usar armas proibidas contra o exército do Rei Supremo ou recuar diante dele.

Raith mal escutava. Estava pensando na noite anterior. Tinha se ajoelhado diante dela, pronto para fazer o serviço. Então a ouviu rir e seus dedos o traíram. A taça caiu e o vinho envenenado se derramou no chão. Skara desconsiderou isso com uma piada sobre a qualidade dos enchedores de taças dos reis e ele ficou deitado a noite inteira diante da porta dela, olhando para a escuridão, como o cão de guarda fiel que era.

Acordado, pensando em como tinha se condenado.

– Sou a rainha de Throvenland! – gritou Skara. – O sangue de Bail corre nas minhas veias. Outros talvez gostassem de fugir do Rei Supremo, mas eu jamais farei isso de novo. Jurei vingança contra Yilling, o Brilhante, e pretendo cobrá-la da carcaça dele. Pretendo berrar um desafio com meu último hausto! Pretendo

lutar com todas as armas. – Ela olhou irritada para mãe Scaer. – *Todas* as armas. E pretendo lutar aqui. Não vou abandonar Throvenland. Não vou abandonar o Promontório de Bail.

Tudo que Raith sempre tinha desejado era servir ao seu rei, lutar ao lado do irmão. Havia jogado isso fora e nunca mais poderia ter de volta. Estava sozinho, como Rakki falara. Portador da espada de uma garota que nem tinha força para desembainhá-la.

– O que o senhor diz, rei Uthil? – perguntou ela.

– Que não pode haver aqui um guerreiro que não se sinta humilde diante de sua decisão, rainha Skara. – O Rei de Ferro sorriu, uma visão que Raith nunca pensou que veria. – A Morte espera por todos nós. Eu me sentirei honrado em encará-la a seu lado.

Raith viu Skara engolir em seco enquanto se virava para os vansterlandeses.

– O que o senhor diz, rei Gorm?

O peso da cota de malha a esmagava. O calor a fazia derreter. Skara precisava ficar de pé, ereta, orgulhosa, o desafio altivo estampado no rosto. Ela era uma rainha, maldição. Era uma rainha, era uma rainha, era uma rainha...

– Arrependida de sua decisão? – rosnou mãe Scaer. – Não pode haver aqui um guerreiro que não esteja enojado com sua representação. Como se a senhora já tivesse alguma vez desembainhado uma espada, quanto mais a brandido com raiva! E agora faz com que entreguemos nossa vida por seu reino vazio, seu orgulho vazio, seu...

– Chega – disse Gorm baixinho.

Os olhos escuros dele não pareciam ter se afastado de Skara desde que ela havia entrado no salão.

– Mas, meu rei...

– Sente-se – ordenou o Quebrador de Espadas.

Mãe Scaer trincou os dentes com fúria, mas se deixou cair no banco.

– Você quer que eu lute por sua fortaleza – começou Gorm em tom afável, em sua voz cantarolada. – Que aposte minha vida e a dos meus guerreiros longe de casa. Que enfrente o numeroso exército do Rei Supremo com a promessa de magia élfica por parte de uma bruxa careca e um mentiroso maneta. – Ele deu um sorriso aberto, amigável. – Muito bem.

– Meu rei... – sibilou mãe Scaer, mas ele ergueu a mão para silenciá-la, os olhos ainda voltados para Skara.

– Vou lutar por você. Cada homem de Vansterland vai matar por você e morrer por você. Eu serei seu escudo hoje, amanhã e todos os dias da minha vida. Mas em troca quero uma coisa.

Houve um silêncio sepulcral no salão. Skara engoliu em seco.

– Diga seu preço, grande rei.

– Você.

Ela sentiu o suor pinicar por baixo da cota de malha emprestada. Sentiu o vômito subindo. Não queria nada além de espalhá-lo na mesa, mas duvidou que mãe Kyre considerasse isso a reação adequada à proposta de casamento por parte de um rei.

– Por muito tempo venho procurando uma rainha – continuou o Quebrador de Espadas. – Uma mulher equivalente a mim em inteligência e coragem. Uma mulher que possa fazer as moedas do meu tesouro procriarem. Uma mulher que possa me dar muitos filhos que me deem orgulho.

Skara se pegou olhando para Raith e ele a encarou de volta, boquiaberto, mas não tinha nada a oferecer além de uma espada que ela mal conseguia segurar.

Pai Yarvi empalideceu. Obviamente essa era uma novidade que ele não previra.

– Alguém que possa lhe dar Throvenland – disse ele, ríspido.

A corrente com botões de espadas chacoalhou fracamente enquanto Gorm encolhia os ombros grandes.

– Alguém que possa unir Throvenland a Vansterland e ajude a guiar os dois reinos para a glória. Quero sua mão, seu sangue e sua inteligência, rainha Skara, e em troca ofereço os meus. Acho que é uma troca justa.

– Minha rainha... – sussurrou mãe Owd.

– A senhora não pode... – disse Jenner.

Mas foi a vez de Skara silenciar seus conselheiros com um gesto. Não era mais uma criança.

Tinha sido um choque, mas uma rainha não pode permitir que um choque dure muito. Não era mais criança.

Com o Quebrador de Espadas ao lado, poderia sustentar o Promontório de Bail. Poderia se vingar pelo avô. Poderia ver Yilling morto. Com a chave de

Vansterland no pescoço, poderia obter a segurança para seu povo, poderia reconstruir Yaletoft, poderia forjar um futuro para Throvenland.

Estava enjoada de agradar, lisonjear, jogar um rival contra o outro. Estava cansada de ver seu título pendurado por um fio. Não se sentia nem um pouco ansiosa para compartilhar a cama de Grom-gil-Gorm. Porém, compartilhar seu poder era outra coisa.

Ele podia ter mais do que o dobro do seu tamanho. Podia ter mais do que o dobro da sua idade. Podia ter um monte de cicatrizes, ser temível, implacável e o mais distante possível do marido com que havia sonhado na infância. Mas os sonhadores precisam acordar. Achou que mãe Kyre aprovaria esse casamento. Afinal de contas, o mundo está cheio de monstros. Talvez o melhor que alguém pudesse esperar fosse ter o mais terrível do seu lado.

E, na verdade, não tinha escolha. Obrigou-se a sorrir.

– Aceito.

Escolhas

– Está preparado? – perguntou pai Yarvi, empilhando num baú seus livros prediletos, textos proibidos sobre ruínas élficas e relíquias élficas. – Precisamos partir na primeira maré.

– Totalmente preparado – respondeu Koll.

Apenas queria dizer que tinha arrumado a bagagem. Aquela era uma viagem para a qual jamais estaria preparado.

– Fale com o Rulf. Certifique-se de que temos cerveja suficiente para dar coragem aos tripulantes. Mesmo com vento favorável, serão cinco dias pelo litoral até Furfinge.

– Não podemos contar com vento favorável – murmurou Koll.

– Não mesmo. Sobretudo quando atravessarmos o estreito para Strokom.

Koll engoliu em seco. Gostaria de adiar a situação até o fim do mundo, mas só iria piorá-la, e ele já fazia isso o suficiente.

– Pai Yarvi... – Deuses, ele era um covarde. – Talvez... eu devesse ficar para trás.

O ministro ergueu os olhos.

– O quê?

– Enquanto o senhor estiver fora, o rei Uthil pode precisar...

– Ele não vai negociar um acordo comercial, fazer um truque com moedas nem esculpir uma cadeira. Vai estar lutando. Você acha que o rei Uthil precisa do seu conselho sobre como lutar?

– Bom...

– Aqui quem governa é a Mãe Guerra. – Yarvi balançou a cabeça, voltando aos seus livros. – Aqueles de nós que falamos pelo Pai Paz devemos encontrar outros modos de servir.

Koll fez outro esforço:

– Sinceramente, estou com medo.

Afinal de contas, um bom mentiroso enreda o máximo de verdade possível no tecido e nunca houvera uma frase mais verdadeira do que essa.

Pai Yarvi franziu a testa para ele.

– Como um guerreiro, um ministro precisa dominar o próprio medo. Deve usá-lo para afiar a capacidade de julgamento, em vez de deixar que ele se torne uma névoa que o cegue. Você acha que eu não sinto medo? Sinto terror. Sempre. Só que faço o que precisa ser feito.

– Mas quem decide o que deve ser feito...

– Eu decido. – Pai Yarvi bateu a tampa do baú e chegou perto de Koll. – Temos uma grande oportunidade! Um ministro é alguém que busca o conhecimento, e você faz isso mais do que a maioria. Jamais conheci uma mente mais curiosa. Temos a chance de aprender com o passado!

– De repetir os erros do passado? – murmurou Koll, arrependendo-se instantaneamente quando pai Yarvi o segurou pelos ombros.

– Achei que você queria mudar o mundo. Estar ao lado de reis e guiar o curso da história. Estou lhe oferecendo essa chance!

Pelos deuses, ele queria isso. Pai Koll, temido e admirado, jamais desprezado, jamais desconsiderado e sem dúvida jamais levando uma cabeçada de um trapaceiro de cabelos brancos. Forçou o pensamento para longe.

– Eu me sinto agradecido, pai Yarvi, mas...

– Você fez uma promessa a Rin.

Koll pestanejou.

– Eu...

– Você não é um livro difícil de ser decifrado, Koll.

– Fiz uma promessa a Brand! – exclamou ele bruscamente. – Ela precisa de mim!

– Eu preciso de você! – reagiu pai Yarvi, agarrando os ombros de Koll. Sua mão podia ser mirrada, mas ainda assim apertava com força suficiente para fazer Koll se retorcer. – Gettland precisa de você! – Yarvi se controlou e deixou as mãos penderem. – Eu entendo, Koll, acredite, ninguém entende melhor do que eu. Você quer fazer o bem e se manter na luz. Mas agora você é um homem. Sabe que não existem respostas fáceis. – O ministro contraiu o rosto, fitando o

chão, como se sentisse dor. – Quando tirei você e sua mãe da escravidão, jamais esperei nada em troca...

– Por que levanta esse assunto com tanta frequência, então? – rebateu Koll.

Pai Yarvi ergueu a cabeça, surpreso. Até um pouco magoado. O suficiente para fazer Koll se sentir culpado.

– Porque fiz uma promessa a Safrit. De fazer com que você se tornasse o melhor homem possível. Um homem do qual ela se orgulharia.

Um homem que faz o bem. Um homem que se mantém na luz. Koll baixou a cabeça.

– Fico pensando em todas as coisas que eu poderia ter feito de um jeito diferente. Fico pensando... na oferta que mãe Adwyn fez...

Os olhos de Yarvi se arregalaram.

– Diga que você não falou disso com minha mãe!

– Não contei a ninguém. Mas... talvez ela pudesse ter encontrado um caminho para a paz...

Os ombros de pai Yarvi pareceram se afrouxar.

– O preço era alto demais – murmurou ele. – Você sabe disso.

– Eu sei.

– Eu não poderia me arriscar a quebrar nossa aliança. Precisávamos ter unidade. Você sabe disso.

– Eu sei.

– Avó Wexen não é confiável. Você sabe disso.

– Eu sei, mas...

– Mas Brand poderia estar vivo. – De repente pai Yarvi parecia muito mais velho do que era. Velho, doente e curvado sob o peso da culpa. – Você acha que não tenho mil pensamentos assim todo dia? É dever de um ministro sempre duvidar, mas sempre parecer que tem certeza. Não podemos nos permitir ficar paralisados pelo que poderia ser. Menos ainda pelo que poderia ter sido. – Ele fechou a mão mirrada, a boca se retorcendo como se pudesse se dar um soco com ela. Depois a deixou pender. – Você precisa tentar escolher o bem maior. Precisa tentar encontrar o menor mal. Depois deve pôr os arrependimentos às costas e olhar para a frente.

– Eu sei.

Koll sabia quando estava derrotado. Soubera que estava derrotado antes mesmo de abrir a boca. No fim das contas, quisera ser derrotado.

– Eu vou.

Não precisou contar a ela, o que foi bom. Duvidou que tivesse coragem.

Rin olhou para ele, e só foi preciso isso. Ela se virou para o trabalho com o maxilar trincado.

– Você escolheu, então.

– Eu gostaria de não precisar escolher – murmurou ele, culpado como um ladrão.

– Mas precisou e escolheu.

Koll preferiria que ela irrompesse em lágrimas, que partisse para cima dele, furiosa, ou que implorasse para ele pensar de novo. Tinha tramado um planinho covarde para fazer com que qualquer uma dessas coisas fosse jogada de volta contra ela. Porém, para essa indiferença gélida, ele não tinha reação.

Deixar escorrer um “sinto muito” foi o melhor que conseguiu, debilmente. Imaginou se sua mãe sentiria orgulho disso e não se importou muito com a resposta.

– Não precisa se desculpar. Nós desperdiçamos tempo demais um com o outro. E eu só posso culpar a mim mesma. Brand me disse que isso iria acontecer. Ele sempre disse que você era muito cheio de esperanças para conter a esperança de outra pessoa.

Pelos deuses, isso doeu como um soco nos bagos. Abriu a boca para replicar que não era justo, mas como poderia se defender contra o julgamento de um morto? Especialmente quando se ocupava em provar que era verdade.

– Eu sempre soube. – Rin sibilou entre os dentes trincados. – Acho que Brand riu por último, não é?

Koll deu um passo arrastado na direção dela. Talvez não pudesse lhe dar o que ela queria, não pudesse ser o que ela necessitava, mas poderia pelo menos deixá-la em segurança. Isso ele lhe devia. Devia a Brand.

– Yilling pode chegar aqui em alguns dias – murmurou. – E com milhares de guerreiros do Rei Supremo.

Rin bufou.

– Você sempre gostou de apresentar um conhecimento comum como se fosse uma grande sabedoria. Eu achava isso uma gracinha, porém devo dizer que está meio desgastado.

– Você deveria voltar para Thorlby.

– Para quê? Meu irmão está morto e minha casa é uma casca incendiada.

– Aqui não é seguro...

– Se nós perdermos este lugar, você acha que Thorlby vai estar segura? Prefiro ficar e fazer o possível para ajudar. É o que Brand faria. Foi o que ele fez.

Deuses, ela era corajosa. Muito mais do que ele. Koll adorava isso.

– Rin...

Pegou-se estendendo a mão para o ombro dela.

Ela deu um tapa na mão dele e cerrou o punho como se fosse lhe dar um soco. Ele sabia que merecia. Mas ela não estava com clima para facilitar as coisas. Virou-se, enojada.

– Vá embora. Você escolheu, irmão Koll. Vá e viva com isso.

O que poderia responder? Não precisaria ter se preocupado com a hipótese de ela chorar. Era ele que fungava para conter as lágrimas enquanto saía da oficina, sentindo-se mais distante do que já sentira em toda a vida do melhor homem que poderia ser.

Caía uma chuva fina no cais do Promontório de Bail, construído pelos elfos. Uma chuva que baixava uma cortina soturna sobre o mundo. Combinava com o humor de Koll. Ela se agarrava como orvalho aos ombros de Rulf, que franzia a testa na plataforma do comandante, e grudava o cabelo dos remadores aos rostos duros enquanto eles carregavam os víveres. Koll desejou que Fror estivesse com eles, ou Dosduvoi, mas a tripulação com que tinha viajado pelo Divino estava espalhada aos ventos. Aqueles eram quase todos homens que mal conhecia.

– Por que a cara de enterro, meu pombinho? – perguntou Skifr, tirando um dedo comprido de dentro da capa para escarafunchar cuidadosamente o nariz. – Uma vez você me perguntou se poderia ver magia, não foi?

– Foi, e você disse que eu era jovem e imprudente, e que a magia tem riscos e custos terríveis, que eu deveria rezar a cada deus que conhecesse para jamais vê-la.

– Hã. – Ela arqueou as sobrancelhas, examinando o resultado da inspeção minuciosa, depois jogou-o com um peteleco na direção dos navios de Yilling que balançavam na maré. – Foi grosseria minha. Você rezou?

– Parece que não o suficiente. – Ele a olhou de soslaio. – Você disse que conhecia magia suficiente para causar bastante mal, mas não o suficiente para fazer muito bem.

– Isso é uma guerra. Eu vim causar danos.

– Não é muito tranquilizador.

– Concordo.

– Onde você aprendeu magia?

– Não posso dizer.

– Não pode ou não quer?

– Não posso e não quero.

Koll suspirou. Cada resposta que ela dava parecia deixá-lo sabendo menos.

– Você pode mesmo nos levar em segurança até Strokom?

– Levá-los para Strokom? Sim. Em segurança? – Ela deu de ombros.

– Isso também não é muito tranquilizador.

– Concordo.

– Vamos encontrar armas lá?

– Mais do que a própria Mãe Guerra poderia usar.

– E se as usarmos... vamos nos arriscar a outra Fragmentação da Divindade?

– Desde que possamos acabar com avó Wexen, eu ficarei satisfeita.

– Isso é menos tranquilizador do que tudo.

Skifr olhou para o mar cinzento.

– Se você acha que vim aqui para tranquilizá-lo, está muito enganado.

– Por que nada é fácil?

Pai Yarvi estava franzindo a testa para a longa rampa de pedra élfica cheia de buracos que levava ao pátio da fortaleza. Uma figura magra descia por ela. Uma figura alta, de cabeça raspada, com pulseiras élficas aglomeradas no braço tatuado.

– Mãe Scaer, que surpresa! Achei que você não quisesse fazer parte desta loucura!

A ministra de Vansterland virou a cabeça e cuspiu.

– Não quero que ninguém tenha que fazer parte dessa loucura, mas meu rei escolheu esse caminho. Meu dever é garantir que ele prossiga até a vitória. É por isso que vou com vocês.

– Sua companhia será um deleite. – Yarvi chegou perto dela. – Desde que você pretenda me ajudar. Se ficar no meu caminho, vai se arrepender.

– Então estamos de acordo – disse mãe Scaer, repuxando o lábio.

– Sempre nos entendemos.

Koll suspirou. Que melhor alicerce para uma aliança do que ódio e suspeita mútuos?

– Aos remos, então! – gritou Rulf. – Não estou ficando mais jovem!

O exemplo de Gudrun

Era uma linda manhã de fim de verão, a Mãe Sol fazendo a chuva da noite anterior rebrilhar como joias no capim.

– Este é o nosso ponto mais fraco – disse Raith.

Não era necessário ser um grande guerreiro para perceber isso. O canto nordeste da fortaleza tinha sido cortado pela Fragmentação da Divindade como se por uma faca gigantesca e reis do passado distante haviam construído uma torre para fechar a abertura. Era uma coisa malfeita, com o telhado caído e pássaros em bando nos caibros sujos de cocô, o trecho de muralha construída pelo homem ao lado se estufando para fora, sustentado por bastiões e meio desmoronando.

– A Torre de Gudrun – murmurou Skara.

– Como ela ganhou esse nome? – perguntou mãe Owd.

Skara tinha ficado muito chateada quando mãe Kyre contou a história, mas, como a maioria das lições da ministra, descobriu que se lembrava dela muito bem.

– A princesa Gudrun era neta de um rei de Throvenland.

– Um mau começo – grunhiu mãe Owd. Ela tendia a ser mal-humorada de manhã. – Mesmo assim, sei de algumas dessas que se saíram bem.

– Esta, não. Ela se apaixonou por um cavalariço.

– Que imprudência!

– Acho que o amor não escolhe onde cair.

Mãe Owd levantou uma sobrancelha.

– Geralmente podemos vê-lo despencando de longe e fazemos um esforço para sair do caminho.

– Bom, Gudrun não fez isso. Naquela época, Throvenland tinha três reis e seu avô a prometera a um dos outros. Ela tentou fugir, por isso ele enforcou o

amante dela na torre e a trancou no topo, para aprender qual era o seu dever.

Mãe Owd coçou o coque frouxo no cabelo.

– Estou tendo dificuldade para adivinhar de onde virá o final feliz.

– Não virá. Gudrun se jogou das ameias e morreu no fosso.

– Esperemos não terminarmos todos seguindo o exemplo dela – disse Raith.

– Matando-nos por amor? – perguntou Skara.

– Morrendo no fosso.

Ultimamente, Raith parecia soturno, mesmo levando em conta seu humor típico. Ainda que a aproximação de dez mil inimigos armados já justificasse o mau humor de qualquer um, Skara se perguntava se seu acordo com Gorm poderia estar por trás daquilo. Ela mesma não se sentia nem um pouco deliciada, mas não tinha o que fazer. Soltou um suspiro cansado. Havia coisas maiores com que se preocupar do que os sentimentos de qualquer pessoa, até mesmo os seus.

O som de cascos de cavalo atraiu seu olhar e ela viu cavaleiros afluindo para fora do portão. Duzentos cavalos ou mais numa coluna que se movia rapidamente, levantando terra enquanto passavam trovejando pelos homens que ainda aprofundavam o fosso, cruzando o terreno enlameado onde os acampamentos de Gorm e Uthil haviam sido montados.

Jenner vinha subindo a encosta suave e Skara gritou para ele:

– Quem não quer ficar para o que vem?

– Thorn Bathu – respondeu Jenner, virando-se para ver os cavaleiros passarem. – Mas só porque Yilling está demorando muito para o gosto dela. Thorn vai levar duzentos dos mais sangrentos guerreiros de Gettland para feri-lo como puder.

– Pode ser um bocado de ferimentos – murmurou Skara, olhando os cavaleiros deixarem a longa sombra do Promontório de Bail, passarem pelo povoado deserto e seguirem para o norte.

– De qualquer modo, não temos forragem para os cavalos, minha rainha. – Jenner parou ao lado deles, com as mãos nos quadris. – Não há forragem suficiente para os homens. Yilling queimou a maior parte das fazendas num raio de 150 quilômetros e tirou tudo da maioria das outras. Uthil e Gorm acham que só uns mil homens podem ficar. Os que têm famílias com que se preocupar e colheitas para trazer vão pegar navios para Thorlby e mais além.

Skara piscou, surpresa.

– Vamos estar em menor número, numa relação de dez para um.

– Quanto pior a chance, maior a glória – murmurou Raith. – Pelo menos foi o que ouvi dizer...

– Os que vão ficar são guerreiros bem escolhidos. – Como sempre, Jenner tentou ser otimista. – E um número suficiente para guardar as muralhas até pai Yarvi retornar. Quatrocentos vansterlandeses, quatrocentos gettlandeses, cem ferreiros, cozinheiros, serviçais. Uma centena dos nossos.

– Temos tantos assim dispostos a ficar?

– Há cinco vezes mais do que isso dispostos a morrer pela senhora, minha rainha, e posso escolher cem capazes de matar alguns homens do Rei Supremo.

– Estou pasma – disse Skara. – De verdade. Mas você não deveria ser um deles. Você já fez muito mais do que...

Jenner bufou.

– Ah, eu vou ficar, e pronto. Prometi um pagamento fantástico à minha tripulação quando a senhora derrotar o Rei Supremo. Se eu não cumprir, vou parecer idiota. Mas a senhora deveria partir.

Foi a vez de ela bufar.

– Como posso esperar que os outros arrisquem a vida se eu não fizer o mesmo?

– Minha rainha – disse mãe Owd –, seu sangue vale mais para Throvenland do que...

– Sou uma rainha na minha própria fortaleza. A única pessoa que pode me dar ordens é o Rei Supremo e, como estou em rebelião explícita contra ele, você está sem sorte. Eu fico, e pronto.

– Então eu também fico. – Mãe Owd suspirou. – O lugar de um curandeiro é entre os feridos. O lugar de uma ministra é com sua rainha.

Skara sentiu-se grata a ponto de quase ficar com os olhos marejados. Aqueles não eram os conselheiros que antes ela escolheria, mas agora não os trocaria por ninguém.

– Os deuses podem ter tirado meu avô – Skara pôs um braço em volta de mãe Owd e outro em volta de Jenner, e os abraçou com força –, mas me mandaram dois pilares em que me apoiar.

Mãe Owd franziu a testa, baixando a cabeça.

– Sou meio baixinha para um pilar.

– Mesmo assim, você me sustenta admiravelmente. Agora vão. – Skara os empurrou para a fortaleza. – Escolham os cem guerreiros que deem o chute mais forte nos bagos de Yilling.

– Vamos escolher, minha rainha – disse Jenner, sorrindo. – E arranjar para eles as botas mais pesadas que pudermos.

Skara ficou parada na relva com Raith. Os pássaros continuavam a piar. Os gritos dos trabalhadores no fosso chegavam até eles. A brisa agitava o capim. Skara não olhou para o lado, mas gostava de saber que ele estava ali.

– Você pode ir embora. Se quiser.

– Eu disse que morreria pela senhora. Falei a sério.

Quando Skara olhou ao redor, viu que Raith tinha um pouco daquele jeito arrogante, ousado, perigoso e sem pedir desculpas. Ela sorriu.

– Não é necessário por enquanto. Ainda preciso de alguém para ameaçar meus visitantes.

– Posso fazer isso também.

Ele abriu aquele sorriso duro e faminto que exibia todos os dentes por tempo suficiente para não ser um acaso. Por tempo suficiente para fazer com que o nervosismo fizesse a pele de Skara pinicar.

Havia uma parte dela que gostaria de seguir o exemplo de Gudrun. Mandar às favas o que era adequado e cair rolando no feno com seu cavalariço. Pelo menos saber qual era a sensação.

Mas havia uma parte muito maior que ria da ideia. Ela não era romântica. Não podia se dar a esse luxo. Era uma rainha, prometida a Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas. Uma nação contava com ela. Por mais que tivesse reagido, reclamado e se rebelado contra mãe Kyre, no fim sempre tinha cumprido com o dever.

Assim, em vez de se agarrar a Raith como uma garota se afogando se agarraria a um tronco e beijá-lo como se o segredo da vida estivesse na boca do rapaz, engoliu em seco e franziu a testa, olhando para a Torre de Gudrun.

– Significa muito para mim a sua disposição de lutar.

– Não tanto assim.

O sol estivera coberto por nuvens por um momento e as joias no capim tinham virado água fria.

– Todo bom matador precisa de alguém por quem matar – acrescentou Raith.

Os milhares

Soryorn era um grande arqueiro e se posicionava como se fosse um herói contra o crepúsculo sangrento, um pé apoiado na ameia do topo da Torre de Gudrun, as costas curvadas ao puxar a corda do grande arco, a luz da flecha acesa se movendo em seu rosto duro.

– Queime – ordenou Gorm.

Os olhos dos mil guerreiros escolhidos de Throvenland, Vansterland e Gettland seguiram a risca de fogo enquanto a flecha fazia uma curva sobre a tarde silenciosa e atingia o convés do navio de Yilling. Uma chama azul saltou dele quando o óleo do sul pegou fogo com um ruído suave. Em questão de segundos, todo o barco estava iluminado por um incêndio do qual Raith quase podia sentir o calor, mesmo de cima da muralha.

Ele olhou de soslaio e viu a claridade quente iluminar o sorriso de Skara. Tinha sido ideia dela; afinal de contas, o navio de um guerreiro é seu lar.

Havia sido um trabalho enorme puxá-lo do porto sobre rolamentos e subi-lo pela rampa comprida até o pátio. As costas de Raith estavam doendo; suas mãos, esfoladas pela participação no serviço. A rainha Skara dera o cata-vento de ouro a Jenner, o rei Gorm arrancara os adereços de prata para derreter e fazer taças, o rei Uthil havia tirado a vela tingida de vermelho para poupar às mulheres de Gettland algum trabalho de tecelagem. Tinham baixado o mastro para permitir a passagem pela entrada e estragado os belos relevos quando ele ficou preso no portão, mas no fim o deixaram do lado de fora.

Raith esperava que Yilling apreciasse o esforço que tinham feito para recebê-lo no Promontório de Bail. Mas, de qualquer modo, os defensores gostavam da visão do navio dele em chamas. Houve gritos de comemoração, risos, insultos cuspidos para os batedores de Yilling, montados calmamente em cavalos longe do alcance dos arcos. Só que o bom humor teve vida curta.

O exército de avó Wexen estava começando a chegar.

Veio pela estrada do norte numa coluna ordeira, uma serpente de ferro feita de homens com o grande estandarte do Rei Supremo à frente, o sol de sete raios da Divindade Única bamboleando aqui e ali no meio da multidão e os símbolos de mais de uma centena de heróis pendendo frouxos na imobilidade da tarde. E eles vinham, atravessando as ruínas do povoado, avançando, estendendo-se na névoa da distância.

– Quando eles vão parar de chegar? – Raith ouviu Skara sussurrando, um braço sobre o peito para torcer nervosa o bracelete.

– Eu esperava que os batedores estivessem errados com relação ao número – murmurou Jenner.

– Parece que estavam – grunhiu Raith. – Eles supuseram um número pequeno demais.

Sobre a muralha, os risos se tornaram sorrisos soturnos, depois carrancas mais soturnas ainda enquanto aquela imponente serpente de homens se dividia e fluía em volta da fortaleza como uma enchente ao redor de uma ilha, e os guerreiros das Terras Baixas, de Inglefold e Yutmark cercavam o Promontório de Bail desde os penhascos do leste até os penhascos do oeste.

Não havia necessidade de demonstração de desafio do lado deles. Seus números falavam com voz de trovão.

– A Mãe Guerra abre suas asas sobre o Promontório de Bail – murmurou Owd.

Agora chegava uma frota de carroças, gemendo com o peso da forragem, e depois uma interminável multidão de famílias e escravos, serviçais e mercadores, sacerdotes e aproveitadores, cavadores e pastores com um rebanho de ovelhas e vacas balindo e mugindo, capaz de envergonhar qualquer mercado que Raith já vira.

– Uma cidade inteira em movimento – murmurou ele.

A escuridão estava chegando e a retaguarda só começava a se aproximar num rio de tochas tremeluzentes. Homens de aparência selvagem, com os estandartes de ossos iluminados por chamas, os peitos nus marcados com cicatrizes e manchados com tinta de guerra.

– Shends – disse Raith.

– Eles não são inimigos jurados do Rei Supremo? – perguntou Skara, com a voz mais aguda do que o usual.

A boca de mãe Owd era uma linha dura.

– Avó Wexen deve tê-los convencido a serem nossos inimigos.

– Ouvi dizer que eles comem os prisioneiros vivos – murmurou um sujeito.

Jenner olhou irritado para o homem.

– É melhor não ser capturado.

Raith ajeitou a palma da mão suada na alça do escudo e olhou na direção do porto, onde muitos navios continuavam atrás da segurança das correntes para levar para longe os milhares de defensores...

Mordeu a língua até sentir gosto de sangue e forçou o olhar a voltar para a hoste que se reunia do lado de fora da muralha. Nunca antes havia sentido medo de uma luta. Talvez porque as chances sempre tivessem estado do seu lado. Ou talvez porque tinha perdido seu lugar, sua família e qualquer esperança de recuperá-los.

Dizem que os homens que não têm nada a perder devem ser temidos. Mas são eles que mais temem.

– Ali – falou Skara, apontando para as fileiras do Rei Supremo.

Alguém estava andando na direção da fortaleza com passo presunçoso como quem fosse para o salão de um amigo e não para a fortaleza de um inimigo. Um guerreiro com cota de malha brilhante que captava a luz do navio em chamas e parecia queimar também. Um guerreiro com cabelo comprido agitado pela brisa e rosto estranhamente suave, jovem, bonito, que não carregava escudo e apoiava a mão esquerda frouxamente no punho da espada.

– Yilling – rosnou Jenner, arreganhando os dentes que ainda tinha.

Yilling parou ao alcance de um tiro de arco, sorrindo em direção às ameias apinhadas, e gritou em voz alta e clara:

– Imagino que o rei Uthil não esteja aí, certo?

Foi algum conforto escutar a voz de Uthil também áspera e sempre despreocupada, quer enfrentasse um inimigo ou dez mil.

– Você é o tal que chamam de Yilling, o Brilhante?

Yilling deu de ombros com extravagância.

– Alguém tem que ser.

– O que matou cinquenta homens na batalha de Fornholt? – gritou Gorm do telhado da Torre de Gudrun.

– Não sei dizer. Eu estava matando, não contando.

– O que cortou a fera de proa do navio do príncipe Conmer com um único golpe? – perguntou Uthil.

– O segredo está todo no pulso – respondeu Yilling.

– O que assassinou o rei Fynn e sua ministra indefesa? – rosnou Skara.

Yilling continuou sorrindo.

– É, esse mesmo. E você deveria ter visto o que eu fiz com o meu jantar agora mesmo. – Ele deu um tapa na barriga, um gesto feliz. – Foi uma chacina!

– Você é menor do que eu esperava – disse Gorm.

– E você é maior do que eu ousava esperar. – Yilling enrolou uma mecha do cabelo comprido num dedo. – Os homens grandes fazem um belo estardalhaço quando eu os derrubo. Estou consternado ao ver o Rei de Ferro e o Quebrador de Espadas trancados feito porcos numa pocilga. Tinha certeza de que vocês estariam ansiosos para testar sua habilidade com a espada contra a minha, aço contra aço.

– Paciência, paciência. – Gorm se apoiou nas ameias, com as mãos pendendo. – Talvez, quando nos conhecermos melhor, eu possa matar você.

Uthil confirmou com a cabeça rigidamente.

– Uma boa inimizade, como uma boa amizade, demora para amadurecer. Não se deve começar uma história pelo fim.

Yilling alargou o sorriso.

– Então vou dar um tempo e esperar ansioso para matar os dois na hora devida. Seria uma pena negar aos bardos uma bela canção.

Gorm suspirou.

– Os bardos vão encontrar alguma coisa para cantar, de qualquer modo.

– Onde está Thorn Bathu? – perguntou Yilling, olhando em volta como se ela pudesse estar escondida no fosso. – Matei algumas mulheres, mas nenhuma com a fama dela.

– Sem dúvida ela vai se apresentar a qualquer momento – disse Uthil.

– Sem dúvida. O destino de todo guerreiro forte é um dia atravessar o caminho de um mais forte ainda. Essa é nossa grande bênção e nossa grande maldição.

Uthil assentiu outra vez.

– A Morte espera por todos nós.

– Espera, sim! – Yilling abriu os braços, mexendo os dedos. – Por muito tempo ansiei por abraçar minha amante, mas ainda não encontrei um guerreiro com habilidade suficiente para nos apresentar. – Ele se virou para o navio em chamas. – Vocês queimaram meu barco?

– Um anfitrião atencioso dá aos convidados um lugar perto do fogo! – gritou Gorm.

Uma tempestade de risos de zombaria percorreu as ameias. Raith forçou um risinho entrecortado também, ainda que isso exigisse um esforço heroico.

Mas Yilling apenas deu de ombros.

– Que desperdício. Era um bom navio.

– Temos mais navios do que precisamos, já que capturamos todos os seus – rosnou Gorm.

– E têm tão poucos homens para colocar neles, afinal de contas – disse Yilling, embotando os risos de novo. Ele suspirou em direção às chamas. – Eu mesmo esculpi a fera de proa. Mesmo assim, digo que o que está queimado está queimado e não pode ser desqueimado.

Skara apertou uma ameia.

– Você queimou metade de Throvenland sem propósito nenhum!

– Ah, você deve ser a jovem Skara, rainha dos pedacinhos que não foram queimados! – Yilling franziu os lábios grossos e forçou a vista para cima. – Torne-me seu vilão, se quiser, minha rainha, pode me culpar por todos os seus sofrimentos, mas eu não violei nenhum juramento e tenho um propósito nobre nos incêndios que provoco. Fazer com que vocês se ajoelhem diante do Rei Supremo. Além disso... o fogo é bonito.

– É preciso apenas um instante para queimar o que leva uma vida inteira para construir!

– É isso que o torna bonito. Vocês vão estar ajoelhados diante do Rei Supremo em breve, de qualquer modo.

– Jamais – rosnou ela.

Yilling balançou um dedo.

– Todos dizem isso até que os tendões das pernas sejam cortados. Então, acredite, se abaixam bem depressa.

– São apenas palavras, minha rainha – disse Jenner, afastando Skara do parapeito.

Mas, se palavras eram armas, Raith sentiu que Yilling tinha se saído melhor nessa contenda.

– Você só vai ficar parado e falando? – Gorm abriu os braços e soltou um bocejo exagerado. – Ou vai tentar atacar nossas muralhas? Até homens pequeninos fazem um estardalhaço quando eu os derrubo daqui de cima, e estou querendo um pouco de exercício.

– Uuuh, essa é uma pergunta valiosa! – Yilling olhou para o céu cor de hematoma, depois para seus homens ocupados em cercar o Promontório de Bail num círculo cada vez mais denso de aço afiado. – Estou em dúvida... Vamos jogar cara ou coroa e deixar a Morte decidir, hein, rainha Skara?

O rosto pálido de Skara estremeceu e ela apertou o braço de Jenner com força.

– Se der cara vamos até vocês, se der coroa ficamos!

Yilling jogou uma moeda bem alto, que lampejou em laranja com a luz de seu navio em chamas, e a deixou cair no capim, as mãos nos quadris enquanto olhava para baixo.

– E então? – gritou Gorm. – Cara ou coroa?

Yilling soltou uma gargalhada.

– Não sei bem, ela rolou para longe! É assim que acontece às vezes, não é, Quebrador de Espadas?

– É – rosnou Gorm, um tanto chateado. – Acontece.

– Vamos deixar para amanhã. Tenho a sensação de que vocês ainda vão estar aqui!

O campeão do Rei Supremo se virou, com o sorriso ainda no rosto suave e liso, e foi andando tranquilo de volta para suas fileiras. A uma distância do dobro do alcance de um tiro de arco, eles tinham começado a cravar estacas no chão.

Um círculo de espetos virados para dentro.

A cidade proibida

Nenhuma imaginação delirante, nenhuma premonição noturna, nenhum pesadelo de louco poderia chegar perto da realidade de Strokom.

O *Vento Sul* se arrastava, atravessando um vasto círculo de água parada. Um mar secreto com quilômetros de largura, cercado por ilhas, algumas meras lascas de rocha, outras se estendendo até onde a vista não alcançava, todas cobertas de construções. Cubos rasgados, torres quebradas e dedos retorcidos feitos de pedra élfica meio desmoronada e vidro élfico ainda brilhando. Algumas se projetavam das águas escuras. Milhares e milhares e milhares de janelas vazias olhavam carrancudas para baixo e Koll tentava imaginar como tantos elfos podiam ter vivido e morrido naquele destroço colossal, mas não conseguia encontrar números para começar.

– Tremenda visão – murmurou pai Yarvi no maior eufemismo jamais pronunciado.

Tudo estava silencioso. Nenhum pássaro circulava no alto. Nenhum peixe saltava na esteira do barco. Apenas os estalos dos toletes e as orações murmuradas da tripulação. Remadores experientes erravam os movimentos e embolavam os remos enquanto olhavam ao redor num horror pasmo, e Koll não duvidava de que ele fosse o mais pasmo e horrorizado de todo o grupo.

Os deuses sabiam que ele nunca havia afirmado que era um homem corajoso. Mas, pelo jeito, a covardia era capaz de colocar a pessoa em mais encrenca do que a coragem.

– Aquela que Canta o Vento está com raiva – murmurou mãe Scaer enquanto fitava o céu torturado, uma gigantesca espiral de roxos de hematoma, vermelhos feridos e pretos de meia-noite onde nenhuma estrela aparecia. Um peso de nuvens capaz de esmagar o mundo.

– Aqui o vento é só o vento. – Skifr tirou o emaranhado de objetos santos, talismãs, medalhões abençoados e dentes da sorte que sempre usava e os jogou de lado. – Aqui não existem deuses.

Koll preferia a ideia de deuses raivosos à ideia de nenhum deus.

– Como assim?

Skifr se empertigou na proa e abriu os braços, com a capa esfarrapada balançando como se ela fosse um pássaro enorme, uma fera de proa de um louco apontando o caminho para a perdição.

– Isto é Strokom! – berrou ela. – A maior ruína dos elfos! Podem cessar suas orações, porque aqui até os deuses temem pisar!

– Não sei bem se você está ajudando – resmungou pai Yarvi.

Os tripulantes olhavam para ela, alguns encurvados como se pudessem desaparecer dentro dos próprios ombros. Absolutamente todos eram guerreiros fortes e desesperados, mas não havia batalha, dificuldade ou perda capaz de preparar um homem para aquilo.

– Não deveríamos estar aqui – grunhiu um velho remador com um olho meio franzido.

– Este lugar é amaldiçoado – disse outro. – As pessoas que pisam aqui ficam doentes e morrem.

Pai Yarvi se postou na frente de Skifr, calmo como um homem diante da própria fogueira.

– Uma remada de cada vez, amigos! Entendo seus temores, mas eles são vazios! As caixas de dinheiro que a rainha Laithlin vai lhes dar quando voltarem, por outro lado, vão estar transbordando. Os elfos se foram há milhares de anos e nós temos a Caminhante das Ruínas para mostrar o caminho seguro. Não há perigo. Confiem em mim. Alguma vez os levei na direção errada?

A reclamações foram se reduzindo a resmungos, mas nem mesmo a promessa de riqueza conseguiu provocar um único sorriso.

– Ali! – gritou Skifr, apontando para uma escadaria meio inclinada que saía da água, com tamanho suficiente para ter sido feita para pés de gigantes. – Coloque-nos em terra.

Rulf pediu remadas lentas e se apoiou no remo-leme, conduzindo-os com facilidade e fazendo o cascalho raspar na quilha. Koll o ouviu murmurar:

– Como as águas podem ser tão calmas?

– É que todas as coisas estão mortas – disse Skifr. – Até a água.

Ela saltou para a escadaria.

Enquanto pai Yarvi punha a mão na amurada, mãe Scaer segurou seu pulso mirrado.

– Não é tarde demais para desistir dessa loucura. Basta um pé nesse terreno amaldiçoado e violamos a lei mais sagrada do Ministério.

Yarvi se desvencilhou dela.

– Qualquer lei que não possa se dobrar numa tempestade está destinada a ser violada.

Ele saltou.

Koll respirou fundo e prendeu o fôlego enquanto pulava por cima da amurada. Ficou muito aliviado ao não ser morto no momento em que suas botas bateram na pedra. Na verdade, aquele pareceu um chão como qualquer outro. Adiante, nos vales sombreados entre as construções que pareciam montanhas, nada se movia, a não ser, talvez, algum painel ou cabo pendurado se balançando ao vento incessante.

– Não tem musgo – comentou ele, agachando-se à beira d'água. – Nem alga, nem craca.

– Nada cresce nestes mares, a não ser os sonhos – falou Skifr.

Ela pegou alguma coisa em sua capa de trapos. Uma garrafinha estranha, e quando ela a virou, cinco coisas estavam na palma de sua mão. Pareciam feijões sujos, uma metade branca, a outra vermelha. Olhando de perto, Koll viu uma inscrição desbotada em cada um, em letras minúsculas. Letras élficas, nem precisaria ser dito, e Koll já ia fazer um sinal sagrado sobre o peito quando se lembrou de que os deuses não estavam ali e decidiu apertar suavemente os pesos embaixo da camisa. Foi um pequeno conforto.

– Cada um de nós deve comer um feijão – orientou Skifr e jogou um na boca, engolindo.

Mãe Scaer franziu a testa para eles, com um escárnio maior do que o usual.

– E se eu não fizer isso?

Skifr deu de ombros.

– Nunca fui idiota a ponto de recusar a instrução solene dos meus professores de sempre comer um quando passo pelas ruínas élficas.

– Isso pode ser veneno.

Skifr se inclinou para perto.

– Se eu quisesse matar você, teria simplesmente cortado sua garganta e dado seu corpo à Mãe Oceano. Acredite quando digo que pensei nisso muitas vezes. E se houver veneno em volta de nós e isto for a cura?

Pai Yarvi pegou o seu na palma da mão de Skifr e o engoliu.

– Pare de resmungar e coma o feijão – ordenou ele, franzindo a testa em direção ao interior. – Nós escolhemos o nosso caminho e ele vai longe. Mantenha os homens calmos enquanto estamos fora, Rulf.

O velho comandante terminou de amarrar a corda de proa numa grande rocha e engoliu seu feijão.

– Pedir calma pode ser demais.

– Então apenas os mantenha *aqui* – disse Skifr, estendendo a palma com a coisa na direção de Koll. – Esperamos estar de volta em até cinco dias.

– Cinco dias aí? – perguntou Koll, com o feijão imobilizado a meio caminho da boca.

– Se tivermos sorte. Estas ruínas se espalham por quilômetros e os caminhos não são fáceis de encontrar.

– Como você os conhece? – perguntou Scaer.

Skifr deixou a cabeça tombar de lado.

– Como alguém conhece algo? Ouvindo os que foram antes. Seguindo os passos deles. E então, com o tempo, seguindo o próprio caminho.

Os lábios de Scaer se franziram.

– Existe alguma coisa em você além de fumaça e enigmas, bruxa?

– Talvez, quando for a hora certa, eu lhe mostre mais. Não há o que temer. Pelo menos nada além da Morte. – Ela se aproximou de mãe Scaer e sussurrou: – E ela não está sempre ao seu lado?

O feijão desceu desconfortável pela garganta de Koll, mas não tinha gosto de nada e não o deixou sentindo-se diferente. Sem dúvida não era a cura para o cansaço, a culpa e um sentimento esmagador de perdição.

– E o resto dos tripulantes? – sussurrou ele, franzindo a testa na direção do navio.

Skifr deu de ombros.

– Só tenho cinco feijões.

Ela se virou para as ruínas, seguida pelos ministros de Gettland e Vansterland.

Deuses, como Koll desejava ter ficado com Rin! Todas as coisas que amava nela vinham agora como carência. Sentiu, então, que preferiria ter enfrentado dez exércitos do Rei Supremo ao lado dela a entrar no silêncio amaldiçoado de Strokom.

Porém, como Brand costumava dizer, não compramos nada com desejos.

Koll pôs sua mochila às costas e seguiu os outros.

Ferimentos

Homens estavam caídos no chão, cuspindo e se retorcendo. Imploravam por socorro e murmuravam pelas mães. Xingavam com os dentes trincados, rosnavam, berravam e sangravam.

Pelos deuses, um homem carrega um bocado de sangue. Skara mal podia acreditar na quantidade.

Um tecelão de orações estava no canto, arengando promessas para Aquele que Costura a Ferida e balançando um copo com casca de árvore em brasa que soltava uma fumaça adocicada. Mesmo assim, havia um fedor sufocante, de suor, mijo e todos os segredos que o corpo guarda. Skara precisava pressionar a mão na boca, no nariz, nos olhos, espiando entre os dedos.

Mãe Owd não era uma mulher alta, mas agora parecia uma presença enorme, menos como um pêssego do que como a árvore de raízes profundas que os produzia. Sua testa estava franzida, fios de cabelo desgarrados se grudavam suados no maxilar trincado, as mangas enroladas deixando à mostra músculos fortes nos antebraços sujos de vermelho. O homem de quem ela cuidava arqueou as costas enquanto ela sondava o ferimento na coxa dele, depois começou a se sacudir e guinchar.

– Alguém o segure! – rosnou ela.

Rin passou por Skara, segurou o pulso do sujeito e o firmou com força enquanto mãe Owd pegava uma agulha de osso em seu coque frouxo, prendia nos dentes para passar o fio e começava a costurar, o homem bufando, berrando e espirrando cuspe.

Skara se lembrou de mãe Kyre dizendo os nomes dos órgãos, descrevendo seu propósito e seu deus patrono. *Uma princesa deve saber como as pessoas funcionam*, dizia ela. Mas você pode saber que um homem é cheio de entranhas e, ainda assim, se chocar profundamente com a visão delas.

– Eles vieram com escadas – explicou Jenner. – E foram corajosos. Não é uma tarefa que eu gostaria de fazer. Acho que Yilling prometeu muitas argolas-dinheiro para qualquer homem que conseguisse escalar a muralha.

– Não muitos conseguiram – disse Raith.

Skara observou as moscas pousando num monte de bandagens ensanguentadas.

– O suficiente para causar isto.

– Isto? – Ela nem sabia como Jenner conseguia rir agora. – Você deveria ver o que fizemos com eles! Se isto for o pior que sofrermos antes da volta de pai Yarvi, considero que temos sorte de verdade.

Skara devia ter parecido aterrorizada, porque ele hesitou ao encará-la.

– Bom... não estes garotos, talvez...

– Ele estava nos testando.

O rosto de Raith estava pálido e sua bochecha, riscada por arranhões. Skara não queria saber como ele havia ganhado aquilo.

– Tentando descobrir nosso ponto fraco – acrescentou ele.

– Bom, nós passamos no teste – replicou Jenner. – Pelo menos desta vez. É melhor voltarmos à muralha, minha rainha. Yilling não é um sujeito que desiste no primeiro tropeço.

Nesse momento estavam colocando outro homem na mesa de mãe Owd enquanto a ministra lavava as mãos numa tigela de água abençoada três vezes, já rosada de sangue. Era um gettlandês grande, não muito mais velho do que Skara, e o único sinal de ferimento era uma mancha escura na cota de malha.

Owd tinha um conjunto de faquinhas chacoalhando presas num cordão em volta do pescoço, e agora usou uma para cortar as tiras de couro que prendiam a armadura dele, então Rin a retirou junto com a túnica acolchoada por baixo, exibindo um pequeno corte na barriga. Mãe Owd se curvou acima dele, comprimiu-o e observou o sangue afluir. O homem se remexeu e abriu a boca, mas soltou apenas um som ofegante e áspero, o rosto suave estremecendo. Mãe Owd cheirou o ferimento, murmurou um palavrão e se levantou.

– Não posso fazer nada. Alguém cante uma oração para ele.

Skara apenas ficou olhando. Tão facilmente um homem era condenado à morte. Mas essas são as escolhas que um curandeiro precisa fazer. Quem pode ser salvo. Quem já é carne morta. Mãe Owd tinha ido em frente e Skara se

obrigou a se levantar ao lado do homem agonizante, com as pernas trêmulas, o estômago na boca. Obrigou-se a segurar a mão dele.

– Qual é o seu nome? – perguntou.

O sussurro dele mal passou de uma respiração:

– Sordaf.

Ela tentou cantar uma oração ao Pai Paz para guiá-lo até um descanso tranquilo. Uma oração que se lembrava de ouvir mãe Kyre cantando quando ela era pequena, depois da morte de seu pai, mas sua língua mal conseguia formar as palavras. Tinha ouvido falar de homens morrendo bem em batalha. Não conseguia mais imaginar o que isso significava.

Os olhos arregalados do ferido estavam fixos nela. Ou para além dela. Para a família dele, talvez. Para coisas que ficaram por fazer ou dizer. Para a escuridão além da Última Porta.

– O que posso fazer? – sussurrou, segurando a mão do homem com tanta força quanto ele segurava a dela.

Ele tentou responder, mas só saíram sons engrolados, com sangue sujando os lábios.

– Alguém pegue um pouco d'água! – berrou ela.

– Não precisa, minha rainha. – Rin soltou gentilmente os dedos de Skara do homem. – Ele se foi.

Skara percebeu que a mão do homem estava frouxa.

Levantou-se.

Estava tonta. Quente e com o corpo inteiro pinicando.

Alguém gritava. Gritos roucos, estranhos, borbulhantes, e nos intervalos ela ouvia a arenga do tecelão de orações, implorando ajuda, implorando misericórdia.

Foi cambaleando até a porta, quase caiu, saiu no pátio, vomitou, quase caiu no vômito, puxou o vestido para fora do caminho enquanto vomitava de novo. Enxugou o longo filete de bile da boca e se encostou na parede, trêmula.

– Está bem, minha rainha?

Mãe Owd enxugava as mãos num pano.

– Sempre tive estômago fraco...

Skara tossiu, sentiu ânsias de vômito outra vez, mas tudo que saiu foi um cuspe azedo.

– Todos precisamos manter os temores em algum lugar. Especialmente se não podemos deixar que eles transpareçam. Acho que a senhora esconde os seus no estômago, minha rainha. – Owd pôs a mão delicada no ombro de Skara. – É um lugar como qualquer outro.

Skara olhou para a porta e os gemidos dos feridos vinham fracos do outro lado.

– Eu provoquei isso? – sussurrou.

– Uma rainha deve fazer escolhas difíceis. Mas também suportar com dignidade os resultados. Quanto mais rápido a senhora foge do passado, mais rápido ele a alcança. Tudo que a senhora pode fazer é encará-lo. Abraçá-lo. Tentar encontrar o futuro com mais sabedoria por causa disso. – A ministra desatarraxou a tampa de um frasco e o ofereceu a Skara. – Seus guerreiros a veem como exemplo. A senhora não precisa lutar para mostrar coragem a eles.

– Não me sinto uma rainha – murmurou Skara. Em seguida, tomou um gole e se encolheu ao sentir o álcool queimar descendo pela garganta dolorida. – Me sinto covarde.

– Então finja que é corajosa. Ninguém jamais se sente preparado. Ninguém jamais se sente crescido. Faça as coisas que uma grande rainha faria. Então será uma, independentemente de como se sentir.

Skara se empertigou.

– Você é uma mulher sábia e uma grande ministra, mãe Owd.

– Não sou uma coisa nem outra. – A ministra se inclinou para perto, arregaçando as mangas da blusa mais um pouco. – Mas me tornei muito boa em fingir. A senhora precisa vomitar de novo?

Skara balançou a cabeça, tomou outro gole ardente do frasco e o devolveu, observando Owd também tomar um longo gole.

– Ouvi dizer que tenho o sangue de Bail nas veias...

– Esqueça o sangue de Bail. – Owd agarrou o braço de Skara. – O seu é suficientemente bom para qualquer um.

Skara respirou, trêmula. Então seguiu sua ministra de volta para a escuridão.

Brotou uma consciência

Raith estava de pé no trecho de muralha construída pelo homem perto da Torre de Gudrun, olhando para o terreno marcado, pisoteado, furado por flechas na direção das estacas que indicavam as linhas do Rei Supremo.

Praticamente não tinha dormido. Cochilara junto à porta de Skara. Sonhara de novo com aquela mulher e seus filhos, assolado por um suor frio com a mão na adaga. Nada além de silêncio.

Fazia cinco dias desde o início do cerco e todo dia eles vinham contra as muralhas, com escadas e telas de vime para se protegerem da chuva de flechas, da tempestade de pedras. Vinham corajosamente, com os rostos mais ferozes e as orações mais ferozes, e eram corajosamente derrotados. Não tinham matado muitos dos mil defensores, mas ainda assim haviam deixado sua marca. Cada guerreiro no Promontório de Bail estava com os olhos vermelhos de falta de sono, o rosto cinzento de medo. Encarar a Morte num momento louco era uma coisa. Ter seu bafo gelado no pescoço dia sim, dia não, é mais do que os homens eram feitos para suportar.

Grandes montes de terra recém-revirada tinham sido elevados logo fora do alcance dos arcos. Montes funerários para os mortos do Rei Supremo. Ainda estavam cavando agora. Raith podia ouvir o som das pás distantes, a canção de algum sacerdote entoada na língua sulista para a Divindade Única dos sulistas. Ergueu o queixo, encolheu-se ao coçar o pescoço com a parte de trás das unhas. Um guerreiro deveria se regozijar com os cadáveres dos inimigos, mas não restava regozijo em Raith.

– A barba está incomodando?

Jenner se aproximou bocejando, alisando os poucos fios de cabelo revolto e os deixando mais revoltos ainda.

– Ela coça. É estranho como as coisas pequenas ainda dão um jeito de incomodar a gente, mesmo no meio de tudo isto.

– A vida é uma sucessão de pequenas irritações com a Última Porta no final. Você poderia simplesmente raspar.

Raith continuou coçando.

– Sempre me visualizei morrendo com barba. Como a maioria das coisas que a gente antecipa por muito tempo, acaba sendo uma decepção.

– Uma barba é só uma barba – disse Jenner, coçando a dele. – Mantém o rosto quente numa nevasca e faz a comida grudar de vez em quando, mas conheci um homem que deixou a dele crescer e ela se prendeu no freio do cavalo. Ele foi arrastado por uma cerca viva e quebrou o pescoço.

– Morto pela própria barba? Que coisa vergonhosa.

– Os mortos não sentem vergonha.

– Os mortos não sentem nada. Não dá para voltar pela Última Porta, não é?

– Talvez não. Mas sempre deixamos um pouco de nós mesmos deste lado.

– É? – murmurou Raith, não gostando muito dessa ideia.

– Nossos fantasmas ficam na memória de quem nos conheceu. Dos que nos amavam, dos que nos odiavam.

Raith pensou no rosto daquela mulher, iluminado pelas chamas, as lágrimas brilhando, ainda tão nítido depois de tanto tempo. Remexeu os dedos e sentiu a antiga dor neles.

– Dos que nos mataram.

– É. – Os olhos de Jenner estavam voltados para longe. Para a própria contagem de mortos, talvez. – Principalmente eles. Você está bem?

– Quebrei a mão uma vez. Nunca se curou direito.

– Nada se cura por completo. – Jenner fungou, pigarreou ruidosamente, remexeu a boca e mandou cuspe voando por cima da muralha. – Parece que Thorn Bathu se apresentou durante a noite.

– É.

Havia uma cicatriz enegrecida num lado do acampamento de Yilling e, pelo cheiro fraco de palha queimada, parecia que ela acabara com uma boa quantidade da forragem dele.

– Acho que foi uma experiência ainda mais dolorosa do que meu primeiro encontro com ela – acrescentou Raith.

– Thorn é uma boa amiga para se ter e uma inimiga ruim, muito ruim. – Jenner deu um risinho. – Gostei dela assim que a conheci, no Renegado.

– Você esteve no Renegado?

– Três vezes.

– Como é?

– Muito parecido com um rio grande.

Raith estava olhando para além de Jenner, em direção à passagem meio desmoronada na lateral da Torre de Gudrun. Rakki tinha acabado de sair dela, o cabelo branco agitado pela brisa enquanto franzia a testa na direção da grande escavação funerária de Yilling.

Jenner arqueou uma sobrancelha grisalha.

– Posso fazer alguma coisa?

– Certas coisas a gente precisa fazer sozinho.

Raith de um tapinha no ombro do velho navegante enquanto passava.

– Irmão.

Rakki não olhou para ele, mas um músculo em sua têmpora estremeceu.

– Sou?

– Se não é, você se parece surpreendentemente comigo.

Rakki não sorriu.

– Você deveria ir embora.

– Por quê?

Ao mesmo tempo que perguntava, Raith sentiu uma grande presença e se virou relutante. Deparou-se com o Quebrador de Espadas, que se curvava ao passar pela porta e sair no alvorecer, acompanhado por Soryorn.

– Olhe quem vem aí – cantarolou Gorm.

Soryorn ajeitou com cuidado sua argola de escravo cravejada de granadas no pescoço.

– É Raith.

Ele sempre fora um homem de poucas palavras, e mesmo assim só as óbvias.

Gorm ficou parado de olhos fechados, ouvindo as canções distantes dos sacerdotes da Divindade Única.

– Será que pode haver uma música mais calmante pela manhã do que as orações de um inimigo pelos seus mortos?

– Uma harpa? – disse Raith. – Eu gosto de harpa.

Gorm abriu os olhos.

– Você acha mesmo que piadas vão consertar o que você quebrou?

– Não podem fazer mal, meu rei. Eu queria lhe dar os parabéns pelo noivado – disse Raith, ainda que poucos noivados pudessem deliciá-lo menos. – Skara será a inveja do mundo como rainha, e ela traz toda Throvenland como dote...

– Um grande prêmio, de fato. – Gorm ergueu o braço e apontou para os guerreiros que os cercavam por todos os lados. – Mas existe o pequeno problema de derrotar o Rei Supremo antes de eu reivindicá-lo. Sua deslealdade me obrigou a apostar tudo na esperteza de pai Yarvi em vez de barganhar uma paz com avó Wexen, como eu e mãe Scaer tínhamos planejado.

Raith encarou Rakki, mas os olhos dele estavam voltados para o chão.

– Eu não pensei...

– Eu não tenho cães para pensar. Tenho para obedecer. Não vejo utilidade para um que não venha quando eu assobio. Que não morda quando mando morder. Na minha casa não há lugar para uma coisa tão desgraçada assim. Eu o alertei, dizendo que vi uma partícula de misericórdia em você. Alertei que isso poderia esmagá-lo. Agora o esmagou. – Gorm balançou a cabeça ao lhe dar as costas. – Todos aqueles garotos ávidos que matariam cem vezes para ter seu lugar, e eu escolhi você.

– Que decepção – disse Soryorn, e depois, com um riso de desprezo, acompanhou o mestre pelo topo da muralha.

Raith ficou em silêncio. Houvera um tempo em que tinha admirado Grom-gil-Gorm acima de todos os homens. Sua força implacável. Costumava sonhar em ser como ele.

– É difícil acreditar que já admirei aquele filho da mãe.

– Essa é uma diferença entre nós – murmurou Rakki. – Eu sempre o odiei. Mas há outra: sei que ainda preciso dele. Qual é o seu plano agora?

– Não posso dizer que andei trabalhando num plano. – Raith franziu a testa para o irmão. – Não é fácil matar alguém que não fez mal à gente.

– Ninguém disse que era fácil.

– Bom, é mais fácil se não é você que precisa fazer isso. Parece que é sempre você que quer que a coisa difícil seja feita – disse Raith rispidamente, tentando manter a voz baixa e os punhos abaixados também. – Mas sou eu que tenho de fazer!

– Bom, agora você não pode me ajudar, não é? – Rakki apontou o dedo para o Salão de Bail. – Já que escolheu aquela cadela em vez do seu próprio...

– Não fale sobre ela assim! – rosnou Raith, cerrando os punhos. – Tudo que eu escolhi foi não matá-la!

– E agora veja onde estamos. Tremenda hora para brotar uma consciência. – Rakki olhou para as sepulturas. – Vou rezar por você, irmão.

Raith bufou.

– Aquelas pessoas na fronteira, acho que elas rezaram quando nós chegamos à noite. Acho que rezaram mais do que qualquer um.

– E daí?

– As orações não as salvaram de mim, não foi? Por que as suas iriam me salvar de algum outro filho da mãe?

Raith saiu pisando firme pela muralha, voltando para Jenner.

– Problemas? – perguntou o velho navegador.

– Um monte.

– Bom, família é família. Acho que seu irmão vai mudar de ideia.

– Talvez. Mas duvido que o Quebrador de Espadas seja tão generoso.

– Ele não me parece um sujeito generoso.

– Estou farto dele. – Raith cuspiu por cima da muralha. – Por sinal, estou farto de mim também, de como eu era.

– Você gostava de como era?

– Na ocasião, gostava muito. Agora parece que eu era um tremendo filho da mãe. – O rosto daquela mulher não iria deixá-lo em paz. Ele engoliu em seco e olhou para as pedras antigas sob os pés. – Como um homem sabe o que é o certo a fazer?

Jenner estufou as bochechas.

– Passei metade da vida fazendo a coisa errada e a maior parte do resto tentando descobrir qual era a coisa menos errada. As poucas vezes em que fiz a coisa certa foram mais por acidente.

– E você deve ser o melhor homem que eu conheço.

As sobrancelhas de Jenner se ergueram.

– Obrigado pelo elogio. E sinto pena de você.

– Eu também, velho. Eu também.

Raith observou as figuras se movendo no acampamento de Yilling. Homens se arrastando para fora das camas, reunidos em volta das fogueiras, remexendo nos desjejuns, talvez em algum lugar um velho e um jovem, olhando para eles em cima da muralha e falando sobre nada.

– Será que eles vêm de novo hoje?

– Acho que sim, e isso me preocupa um pouco.

– Eles nunca vão passar por essa muralha com escadas. Jamais.

– Não, e Yilling deve saber disso. Então por que desperdiçar as forças tentando?

– Para nos manter nervosos. Preocupados. É um cerco, não é? Ele quer entrar de algum modo.

– E de um modo que aumente a fama dele. – Jenner meneou a cabeça para as sepulturas. – Depois de uma batalha você cava grandes montes funerários para todos os homens?

– A maioria nós queimaríamos num monte, mas aqueles adoradores da Divindade Única têm costumes estranhos com os mortos deles.

– Mas por que tão perto da nossa muralha? Você esconde suas baixas dos inimigos. Não as enfia embaixo do nariz deles nem se puder se dar ao luxo de tê-las.

Raith coçou o antigo corte na orelha.

– Imagino que você tenha alguma explicação inteligente.

– Você está começando a me conhecer e me admirar, estou vendo. – Jenner ergueu o queixo para coçar o pescoço. – Ocorreu-me que Yilling pode ter ordenado aqueles ataques loucos só para ter corpos para enterrar.

– Ele fez o quê?

– Ele adora a Morte, não é? E tem homens de sobra.

– Por que matar homens só para enterrá-los?

– Para nós pensarmos que é só isso que ele está fazendo. Mas não acho que Yilling esteja cavando sepulturas a noite toda, perto do alcance das flechas, no ponto em que somos mais fracos.

Raith o encarou por um momento, depois olhou na direção daqueles calombos marrons e sentiu um calafrio.

– Eles estão cavando por baixo da muralha.

Pó

Para um garoto que, relutante, começava a se considerar homem, Koll já tinha visto um bom número de cidades. A séria Vulsgard na primavera e a ampla Kalyiv no verão, a majestosa Skekenhouse em suas muralhas élficas e a linda Yaletoft antes de ser incendiada. Fizera a longa jornada pelo sinuoso Divino, passara pelos árduos arrastos e atravessara a estepe aberta, para enfim contemplar boquiaberto e maravilhado a Primeira Cidade, o maior assentamento de homens.

Ao lado das ruínas élficas de Strokom, todas elas eram pontinhos.

Acompanhou Skifr e os dois ministros por estradas negras largas como a praça do mercado em Thorlby, perfuradas no chão em túneis que ecoavam ou empilhadas umas sobre as outras sobre portentosas colunas de pedra, emaranhadas em gigantescos nós loucos enquanto olhos de vidro quebrados espiavam tristes as ruínas. Caminhavam em silêncio, cada qual sozinho com suas preocupações. Pelo mundo, pelas pessoas conhecidas, por si mesmos. Nada vivia. Nem planta, nem pássaro, nem inseto se arrastando. Só havia silêncio e lenta decadência. A toda volta, quilômetro após quilômetro, os feitos impossíveis do passado iam se desfazendo em pó.

– Como era este lugar quando os elfos moravam aqui? – sussurrou Koll.

– Inimaginável em escala, luz e barulho – respondeu Skifr, indo à frente com a cabeça erguida – em meio à confusão planejada e à competição frenética. Todos os milhares de anos em silêncio.

Ela deixou as pontas dos dedos percorrerem um corrimão torto e depois os ergueu, fitou a poeira cinza que os cobria, provou-a, esfregou no polegar, franziu os olhos para a estrada rachada e encalombada.

– O que você vê? – perguntou Koll.

Skifr levantou uma sobrancelha queimada.

– Só poeira. Não há outros presságios aqui, porque não há futuro a ser visto, a não ser pó.

De um alto poleiro entre dois prédios, uma grande cobra de metal havia caído retorcida na estrada.

– Os elfos se achavam todo-poderosos – disse Skifr enquanto passavam sobre ela. – Achavam-se maiores do que a Divindade. Achavam que podiam refazer todas as coisas segundo um projeto grandioso. Olhem agora a tolice deles! Não importa quanto seja grande ou glorioso o que é feito, o tempo irá desfazer. Não importa quanto a palavra, o pensamento, a lei sejam fortes, tudo deve retornar ao caos.

Skifr virou a cabeça bruscamente para trás e lançou cuspe, que fez um arco e bateu no metal enferrujado.

– O rei Uthil diz que o aço é a resposta. Eu digo que a visão dele é curta. O pó é a última resposta para toda pergunta, agora e sempre.

Koll suspirou.

– Você é uma torre de gargalhadas, não é?

O riso entrecortado de Skifr partiu o silêncio, ricocheteando na face morta dos prédios e fazendo Koll se assustar. Era um som estranho ali. Deixou-o absurdamente preocupado, pensando que ela poderia provocar alguma ofensa, apesar de não existir ninguém para ser ofendido havia milhares de anos.

A velha lhe deu um tapa no ombro enquanto andava atrás de pai Yarvi e mãe Scaer.

– Tudo depende do que você acha engraçado, garoto.

Enquanto a luz se esvaía, eles se esgueiraram entre construções tão altas que a rua entre elas virava um cânion sombreado. Pináculos que perfuravam o céu mesmo em ruínas; placas intermináveis de vidro élfico ainda piscando em rosa, laranja e roxo, refletindo o crepúsculo; traves de metal brotando dos topos despedaçados como espinhos de um arbusto de cardo.

Isso trouxe Thorn aos pensamentos de Koll, que murmurou uma oração por ela, ainda que os deuses não estivessem ali para ouvir. Quando Brand morrera, parecia que algo havia morrido nela. Talvez ninguém saia de uma guerra tão vivo quanto antes.

A estrada era cheia de buracos e calombos, atulhada de coisas feitas de metal amassado, com a pintura cheia de bolhas se soltando. Havia mastros da altura de dez homens, enfeitados com montes de fios pendurados entre as construções como teias de aranhas colossais. Havia letras élficas por toda parte, placas espalhadas pelas ruas, retorcidas em mastros, estandartes desenrolados orgulhosamente sobre cada janela e porta quebradas.

Koll olhou para um que se estendia largo numa construção, com a última letra, do tamanho de um homem, caída e pendurada tristemente pelo canto.

– Toda essa escrita... – murmurou ele, com o pescoço rígido de olhar.

– Os elfos não limitavam as palavras a poucos – disse Skifr. – Eles deixavam o conhecimento se espalhar por todos, como fogo. Eles sopravam as chamas ansiosamente.

– E todos foram queimados por elas – falou mãe Scaer. – Até virar cinzas.

Koll piscou olhando o grande letreiro.

– Você entende o que está escrito?

– Posso conhecer os caracteres – respondeu Skifr. – Posso até conhecer as palavras. Mas o mundo do qual elas falavam se foi completamente. Quem poderia sondar o significado delas agora?

Passaram por uma janela despedaçada, com cacos de vidro ainda presos à moldura, e Koll viu uma mulher sorrindo para ele de dentro.

Ficou tão chocado que nem pôde gritar, apenas cambaleou para trás contra os braços de Skifr, apontando loucamente para a figura fantasmagórica. Mas a velha apenas deu um risinho.

– Ela não pode machucar você agora, garoto.

Koll viu que era uma pintura com detalhes espantosos, manchada e desbotada. Uma mulher estendendo o pulso para exibir uma pulseira élfica dourada, sorrindo de forma selvagem, como se sentisse um júbilo impossível por usar uma coisa daquelas. Uma mulher comprida, magra e vestida de maneira estranha, mas ainda assim uma mulher.

– Os elfos... – murmurou ele. – Eram... como nós?

– Terrivelmente iguais e terrivelmente diferentes – respondeu Skifr.

Yarvi e Scaer se aproximaram, todos olhando aquele rosto desbotado vindo de além da névoa do passado.

– Eram muito mais sábios, mais numerosos, mais poderosos do que nós – continuou a Caminhante. – Mas, como nós, quanto mais poderosos se tornavam, mais poderosos queriam ser. Como os homens, os elfos tinham buracos que jamais poderiam ser preenchidos. E nem tudo *isso*... – Skifr abriu os braços para as ruínas portentosas, com a capa de trapos se enfunando à brisa inquieta. – Nem tudo isso podia satisfazê-los. Eram tão invejosos, implacáveis e ambiciosos quanto nós. Igualmente gananciosos. – Ela ergueu um braço comprido, uma mão comprida, um dedo comprido para apontar para o sorriso radiante da mulher. – Foi a ganância que os destruiu. Está ouvindo, pai Yarvi?

– Ouvi – respondeu ele, ajeitando a mochila nos ombros e, como sempre, indo em frente –, e eu poderia viver com menos lições sobre os elfos e mais armas dos elfos.

Mãe Scaer franziu a testa atrás dele, passando os dedos em sua coleção de pulseiras élficas.

– Acho que seria melhor o oposto.

– O que acontece depois? – gritou Koll.

Houve uma pausa antes que pai Yarvi olhasse para trás.

– Nós usamos as armas élficas contra Yilling. Levamos as armas pelo estreito até Skekenhouse. Encontramos avó Wexen e o Rei Supremo. – Sua voz assumiu um gume mortal. – E eu cumpro com meu juramento solar e meu juramento lunar de me vingar dos assassinos do meu pai.

Koll engoliu em seco.

– Eu quis dizer depois disso.

O mestre franziu a testa para o aprendiz.

– Podemos pensar nisso quando for o momento.

Em seguida, virou-se e continuou andando.

Como se não tivesse refletido sobre o assunto até agora. Mas Koll sabia que pai Yarvi não era um homem que deixasse o campo do futuro sem ser semeado por planos.

Deuses, será que Skifr estava certa? Será que eles eram iguais aos elfos? Seus pezinhos pisando em pegadas portentosas, mas no mesmo caminho? Pensou em Thorlby transformada numa ruína vazia, num túmulo gigantesco, os gettlandeses queimados deixando apenas silêncio e pó, talvez algum fragmento

de seu mastro esculpido, um eco fantasmagórico para confundir os que viessem muito depois.

Koll olhou uma última vez para aquele rosto gloriosamente feliz morto havia milhares de anos, e viu algo brilhar no meio do vidro estilhaçado. Uma pulseira dourada, como a da pintura. A mão de Koll dardejou e a enfiou no bolso.

Duvidava de que a mulher iria sentir falta daquilo.

As entranhas do Pai Terra

– Vai ser perigoso – afirmou Skara, séria.

Era um momento adequado para Raith se estufar com alguma fanfarronice de herói. Houvera um tempo em que ele era uma fonte sempre jorrando esse tipo de coisa, afinal de contas: “É com isso que estou contando” ou “O perigo é o meu desjejum” ou “Para os nossos inimigos, talvez!”. Mas tudo que conseguiu foi dizer com a garganta apertada foi:

– É, mas precisamos impedir a escavação daquele túnel antes que ele chegue embaixo da muralha.

Não precisava falar mais nada. Todos sabiam o que estava em jogo.

Tudo.

Raith observou os voluntários, seus rostos, as bordas dos escudos, as armas sujas de cinzas para mantê-los escondidos na noite. Vinte dos gettlandeses mais rápidos, vinte dos vansterlandeses mas ferozes, e ele.

O Quebrador de Espadas tinha apostado com o rei Uthil pela honra de comandá-los, e vencera. Agora sorria enquanto esperavam o momento, saboreando cada respiração como se a noite cheirasse a flores. O sujeito não demonstrava medo, jamais, isso Raith precisava admitir. Mas o que antes parecia coragem, agora parecia loucura.

– Ninguém vai pensar menos de você se você ficar – disse Skara.

– Eu vou pensar menos de mim.

Se é que isso era possível. Raith cruzou olhares com o irmão por um instante antes que Rakki desviasse os olhos, o rosto escuro de cinzas fixado com dureza. Desesperado para provar que podia ser o forte, ainda que os dois soubessem que não podia.

– Preciso tomar conta do meu irmão – acrescentou ele.

– Mesmo que ele não queira sua ajuda?

– Ainda mais nesse caso.

Rakki e Soryorn carregavam no ombro uma grande jarra de barro cada, contendo o fogo sulista de pai Yarvi. Raith pensou em como aquela coisa havia estourado lançando chamas nos navios do Rei Supremo, os homens pegando fogo e saltando no mar, depois pensou em esfregá-la em madeiras embaixo do chão e encostar uma tocha, e sua coragem levou outra pancada forte. Imaginou quantas outras ela suportaria. Longe ia o tempo em que nada o amedrontava. Ou será que ele sempre fingira?

Pelos deuses, desejava que pudessem ir logo.

– É a espera que dói mais – murmurou.

– Pior do que ser furado, queimado ou enterrado naquele túnel?

Raith engoliu em seco.

– Não. Não é pior do que isso.

– Não precisa temer por mim, minha rainha.

Gorm havia se aproximado com os polegares enfiados no cinto largo, ansioso para se exibir. Assim eram os reis. Suas opiniões altíssimas sobre si mesmos geralmente significavam sua ascensão e sua queda.

– A Mãe Guerra bafejou sobre mim no berço – disse ele, o refrão mais cansativo que já existira. – Foi previsto que nenhum homem pode me matar.

Skara levantou uma sobrancelha.

– E que tal um enorme peso de terra caindo na sua cabeça?

– Ah, o Pai Terra me fez grande demais para me espremer no túnel de Yilling. Outros irão para dentro enquanto eu vigio a entrada. Mas devemos aprender a nos regozijarmos com os riscos.

Skara pareceu ter mais probabilidade de vomitar diante dos riscos.

– Por quê?

– Sem a Morte, a guerra seria um negócio monótono. – Gorm tirou a grande corrente de botões de espada e a ofereceu a ela. – Você me honraria guardando isso até que a tarefa esteja terminada? Eu odiaria que o barulho dela atraísse o ouvido da Morte.

Enquanto o dono da corrente se afastava com passo presunçoso, Skara piscou, olhando os botões de espadas em suas mãos, prata, ouro e pedras preciosas brilhando à luz das tochas.

– Cada um desses é um homem morto, então – murmurou, pálida como se fitasse o rosto deles. – Dezenas.

– E isso sem contar os que ele matou e não tinham espadas, ou mesmo alguma arma.

Houvera um tempo em que Raith olhava aquela corrente e engolia em seco, com orgulho, por seguir um guerreiro tão grandioso. Houvera um tempo em que ele pensava em forjar uma para si. Agora se perguntava o tamanho da corrente que já poderia ter forjado, e o pensamento o deixou quase tão nauseado quanto Skara parecia ao erguer os olhos.

– Eu não escolhi isso.

Pelos deuses, ela era linda. Era como se houvesse uma luz nela e, quanto mais as coisas se tornavam escuras, mais ela brilhava. Imaginou, e não pela primeira vez, o que poderia ter acontecido se fossem pessoas diferentes, num lugar diferente, numa época diferente. Se ela não fosse uma rainha e ele não fosse um matador. Mas não se pode escolher o que se é.

– Quem escolheria? – disse ele, rouco.

– Chegou a hora.

Gorm deu uma mordidinha afetada no último pão, passou-o adiante e se curvou para passar o corpo enorme pela passagem estreita.

Cada homem deu a própria mordida ao segui-lo, cada qual com certeza imaginando se seria realmente a derradeira. Raith foi o último, deu sua mordida e esmagou o resto, jogou-o para trás como presente para os filhos da Mãe Guerra, os corvos. Podia não acreditar muito na sorte, mas sabia que precisariam de cada migalha dela que pudessem obter.

Desceram pela passagem através das paredes élficas que ecoavam com sua respiração rápida. A mesma passagem por onde Raith havia atacado algumas semanas antes, sem dúvidas ou temores, ardendo com o júbilo da batalha. Jenner estava ao lado da porta de um palmo de espessura, pronto para fechar os três trincos atrás deles, dando um tapa nas costas de cada homem que passava.

– Volte vivo – sussurrou o velho navegante. – É só isso que importa.

Ele empurrou Raith pela passagem em arco para a noite fria.

Uma mortalha de névoa havia chegado da Mãe Oceano e Raith murmurou agradecimentos a ela. Achou que era um presente que triplicava suas chances de sobreviver àquela noite. As fogueiras dos homens de Yilling eram manchas

soturnas na escuridão à esquerda. A muralha do Promontório de Bail era uma massa negra à direita.

Não usavam cotas de malha, para poderem correr mais depressa, todos encurvados e pretos como carvão, fantasmas no escuro, rápidos e silenciosos. Cada sentido de Raith estava duplamente afiado pela pedra de amolar do perigo, cada grunhido e passo pareciam altos como uma batida de tambor, seu nariz cheio do odor da noite úmida e das fogueiras distantes.

Um após outro entraram no fosso, seguindo pelo fundo lamacento. A bota de Raith bateu em alguma coisa dura e ele percebeu que era um cadáver. Eles estavam por toda parte, não reivindicados, não queimados, não enterrados, embolados com os restos despedaçados de escadas, pedras jogadas lá de cima, escudos caídos.

Viu os dentes de Gorm, que sorria no escuro, inclinando-se para Soryorn, e o ouviu sussurrar:

– Aqui foi feito o bom trabalho da Mãe Guerra.

O último pão tinha deixado a boca de Raith azeda e ele cuspiu enquanto saíam com dificuldade do fosso, os homens oferecendo as mãos em silêncio para ajudar uns aos outros a subir, sibilando palavrões ao escorregarem, as botas esmagando a terra até virar lama pegajosa.

Seguiram pelo terreno furado por flechas, a colheita dos ataques fracassados de Yilling densa como as moitas de capim alto nas altas charnecas de Vansterland. Raith ouviu gritos a distância enquanto deixavam a fortaleza para trás, o entrechoque de aço. O rei Uthil estava fazendo uma investida a partir do portão principal, esperando atrair a atenção de Yilling para longe do túnel.

Formas se moviam em meio à névoa, lançando sombras confusas dos homens apressados. Serpentes retorcendo-se e se separando. Rostos de lobos. Rostos de homens. Os rostos dos que ele havia matado berrando em silêncio por vingança. Raith os afastou com o escudo, mas eles se aglomeravam de novo. Tentou dizer a si mesmo que os mortos estão mortos, porém sabia que Jenner estava certo. Os fantasmas deles se grudam à mente dos que os conheciam, amavam, odiavam. Sobretudo dos que os tinham matado.

As estacas afiadas se erguiam da escuridão. Raith passou de lado entre elas e se agachou, forçando a vista através da noite.

Avistou os calombos dos montes funerários recentes, ou pelo menos da terra retirada dos túneis de Yilling, com luz de fogo nas bordas. Gorm apontou com a espada e os homens se separaram, contornando em silêncio o montinho mais próximo. Nenhuma palavra foi dita. Nenhuma palavra precisava ser dita. Todos sabiam qual era o trabalho.

Dois homens estavam sentados junto de uma fogueira. Como Raith e Rakki costumavam ficar. Um trabalhando num cinto com uma agulha, o outro com um cobertor em volta dos ombros, franzindo a testa em direção aos sons fracos da distração provocada por Uthil. Ele se virou enquanto Raith chegava correndo.

– O que...

A flecha de Soryorn o acertou silenciosamente na boca. O outro começou a se levantar, embolado no cinto. A espada de Gorm, preta pelas cinzas, sibilou e a cabeça do guerreiro partiu girando na escuridão.

Raith pulou por cima do corpo que ia tombando, jogou-se numa trincheira entre montes de terra, agachando-se ao lado de uma entrada escura flanqueada por tochas.

– Vão! – sussurrou Gorm, enquanto os guerreiros se espalhavam formando um semicírculo.

Rakki murmurou uma oração rápida para Aquela que Ilumina o Caminho, depois desceu para as entranhas do Pai Terra com a jarra de fogo do sul no ombro, seguido por Soryorn e Raith.

Escuridão, e as sombras tremeluzentes das toras tortas que sustentavam a terra acima, raízes roçando o cabelo de Raith. Ele não era mineiro, mas dava para ver que o túnel fora escavado às pressas. A terra caía aos poucos enquanto avançavam pela passagem, o olhar dele fixo nas costas encurvadas de Soryorn.

– Deuses – sussurrou –, isso pode cair sem nossa ajuda.

Estava cada vez mais quente e o suor escorria pelas sobrancelhas de Raith, pegajoso sob as roupas. Ele enfiou o machado na alça do cinto e desembainhou a adaga. Se houvesse uma luta, não haveria espaço para o machado. Seria perto o suficiente para sentir o bafo do inimigo.

Chegaram a uma câmara iluminada por um lampião tremeluzente. O chão de terra tinha picaretas, pás e carrinhos de mão espalhados, o teto sustentado por um emaranhado de madeira, e havia mais madeira em pilhas. Outros dois túneis

sombreados iam mais para o fundo, em direção à base da Torre de Gudrun, sem dúvida, e Raith foi rapidamente até um deles, fitando a escuridão.

Será que podia ouvir um som raspado em algum lugar ali embaixo? Escavação? Rakki já estava tirando a tampa da sua jarra, começando a jogar o conteúdo em cima de qualquer coisa feita de madeira.

– Cuidado com essa chama! – disse Raith rispidamente a Soryorn, que tinha roçado no lampião, fazendo-o balançar no gancho. – Basta um escorregão e todos seremos enterrados.

– Tem razão – falou o porta-estandarte, rouco, apoiando sua jarra mortal na dobra do braço longo, com a outra mão na frente do rosto.

Deuses, aquela coisa fedia no ar parado, um fedor ardido que fazia todos tossirem. Raith foi cambaleando até o outro túnel, esfregando com o antebraço as lágrimas que faziam os olhos arderem. Ao erguer os olhos, viu que dois homens o encaravam. Um segurava uma picareta, o outro uma pá, ambos despidos até a cintura e sujos de terra.

– Vocês são os novos cavadores? – perguntou um deles, franzindo a testa para o escudo de Raith.

Os melhores lutadores não pensam muito, nem antes da luta, nem depois, e nem um pouco durante. Quem ataca primeiro costuma ser o que ainda está de pé no final. Por isso Raith empurrou para o lado a picareta do sujeito, usando o escudo, e cravou a adaga em seu pescoço, fazendo o sangue espirrar na passagem.

O outro cavador girou sua pá, mas Raith saltou adiante, tropeçando nele, desviando o golpe com o escudo, empurrando o sujeito contra a parede de modo que ficaram rosnando no rosto um do outro, tão perto que Raith poderia ter estendido a língua e lambido o homem. Desferiu a adaga por baixo da borda do escudo, louco, maligno, e o cavador gorgolejou e bufou a cada golpe, até que Raith recuou e o deixou cair sentado com as mãos apertando a barriga rasgada. O sangue se mostrava negro no escudo de Raith, na mão, na adaga.

Rakki olhava, boquiaberto, como sempre fazia quando Raith começava a matar, porém haveria tempo para acumular arrependimentos mais tarde.

– Acabem com isso!

Raith foi até a passagem por onde tinham entrado para respirar um pouco de ar puro. Sua cabeça estava girando por causa do fedor. Podia ouvir sons de luta

vindo fracos de fora.

– Agora! – exclamou ele.

Rakki virou a jarra, tossindo, encharcando os suportes, as paredes, o chão. Soryorn jogou a sua no chão, com o óleo ainda gorgolejando, passou por Raith e foi para a passagem enquanto os gritos vinham mais altos de cima.

– Deuses! – Raith ouviu Rakki falar, rouco, e girou.

Um dos cavadores cambaleava pela câmara, os olhos ensandecidos arregalados, ainda segurando as tripas rasgadas com uma das mãos rubra. Agarrou Rakki com a outra, rosnando entre os dentes, soltando cuspe vermelho.

Segundo qualquer regra, ele deveria ter passado pela Última Porta. Mas a Morte é uma amante volúvel e tem as próprias regras. Só ela podia dizer por que lhe agradava dar mais alguns instantes a ele.

A jarra de Rakki caiu enquanto ele lutava com o cavador, despedaçou-se contra um pedaço de madeira, o óleo cobrindo os dois, que cambalearam para trás.

Raith deu um passo, boquiaberto, mas estava longe demais.

Os dois se chocaram em um suporte. Rakki recuou o braço para dar um soco e seu cotovelo bateu no lampião, arrancando-o do gancho.

O lampião caiu muito devagar, deixando uma mancha brilhante na visão de Raith, e não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer. Ouviu a própria respiração ofegante. Observou a luz daquela chama pequena brilhar no chão coberto de óleo. Viu Rakki se virar, teve um vislumbre de seu rosto, dos olhos arregalados.

Raith se abaixou, encolhido atrás do escudo. O que mais poderia fazer?

Então a câmara estreita ficou mais clara do que o dia.

Trabalho corajoso

Sem dúvida uma mulher deveria ficar lacrimosa de alívio quando seu prometido retorna vivo da batalha, mas Skara se pegou de olhos secos ao ver o Quebrador de Espadas entrar primeiro pelo pequeno portão.

Seu grande escudo tinha uma flecha partida, cravada perto da borda, porém, fora isso, Gorm estava incólume. Ele deu um tapa na flecha, arrancando-a, e olhou em volta como se procurasse alguém a quem entregar o escudo, depois franziu a testa.

– Hã.

Ele o colocou encostado na parede.

Skara se forçou a sorrir.

– Fico feliz ao ver que retornou, meu rei.

Mas havia outros que ela preferiria ter recebido.

– Na verdade, fico feliz em voltar, rainha Skara. Lutar à noite é pouco divertido. Mas nós derrubamos o túnel deles.

– Graças aos deuses. O que vai acontecer agora?

Ele sorriu, os dentes brancos no rosto enegrecido de cinzas.

– Agora eles vão cavar outro.

Homens estavam entrando na fortaleza. Todos exaustos. Vários feridos. Mãe Owd avançou para ajudar, com Rin agachada ao lado dela segurando uma pinça grande, já cortando a túnica sangrenta de um homem em volta de um ferimento.

– Onde está Raith?

– Ele estava com o irmão no túnel quando o óleo pegou fogo.

Um escravo tinha trazido água para Gorm, que lavava a cinza do rosto.

Skara mal conseguiu falar, pois sua garganta se fechou subitamente.

– Está morto?

Gorm assentiu, sério.

– Eu ensinei Raith a lutar, matar e morrer, e agora ele fez as três coisas.

– Só duas – disse ela, com um alívio que a fez ficar tonta.

Raith surgiu das sombras arrastando os pés, o cabelo sujo de terra e os dentes sangrentos trincados, um braço apoiado no ombro de Jenner.

– Hã. – Gorm levantou as sobrancelhas. – Ele sempre foi o forte.

Skara saltou adiante, segurou o cotovelo de Raith. A manga da túnica estava rasgada, queimada, com bolhas estranhas. Então percebeu que não era a manga, mas a pele.

– Pelos deuses, o seu braço! Mãe Owd!

Raith mal parecia notar.

– Rakki está morto – sussurrou.

Um escravo trouxe para Gorm uma tigela com carne recém-tirada do espeto. A semelhança entre a carne e o braço de Raith enquanto mãe Owd soltava o pano queimado fez a bile se manifestar no estômago de Skara.

Porém, se o Quebrador de Espadas tinha algum temor, não o mantinha no estômago.

– Lutar sempre me dá fome – disse o rei com a boca cheia de carne, espirrando gordura. – No geral, a Mãe Guerra nos favoreceu esta noite.

– E Rakki? – rosnou Raith.

Owd sibilou, irritada, quando ele puxou o braço meio coberto de bandagens, soltando-o das mãos dela.

– Vou me lembrar dele com prazer. Diferentemente de outros, ele provou sua lealdade.

Skara viu os tendões se avolumando no punho de Raith que se fechava no cabo do machado, e se postou depressa na frente dele.

– Sua corrente, meu rei.

Erguer aquele aglomerado de botões de espadas de mortos foi um esforço tão grande que os braços dela tremeram.

Gorm se curvou para passar a cabeça pela corrente. Os dois nunca haviam estado tão próximos, as mãos dela na nuca dele, quase um abraço canhestro. Ele tinha cheiro de pele de animal úmida, como os cães de seu avô.

– Ela ficou comprida no correr dos anos – disse Gorm, empertigando-se.

Tão perto assim, parecia maior do que nunca. O topo da cabeça de Skara mal poderia chegar ao pescoço dele. Será que ela precisaria subir num banquinho

para beijar o marido? Em outra ocasião, poderia ter rido da ideia. Nesse momento, não sentia muita vontade de rir.

– Foi uma honra guardá-la.

Ela queria muito recuar, mas sabia que não podia, e baixou as mãos para arrumar aqueles lembretes espalhafatosos, medonhos, no peito dele.

– Quando nos casarmos, vou cortar um pedaço para você usar.

Ela pestanejou, gélida. Uma corrente de mortos para prendê-la para sempre.

– Ainda não mereci esse direito – disse, rouca.

– Sem falsa modéstia, por favor! Apenas meia guerra é travada com espadas, minha rainha, e você travou a outra metade com habilidade e coragem. – Ele estava sorrindo enquanto se virava. – Haverá centenas de mortes devido ao seu corajoso trabalho.

Skara acordou com um susto, agarrando as peles sobre a cama, os ouvidos atentos ao silêncio.

Nada.

Agora mal conseguia dormir. Os guerreiros de Yilling vinham duas ou três vezes toda noite.

Eles tinham tentado nadar para dentro do porto, homens corajosos lutando contra as ondas fortes na escuridão. Mas sentinelas nas torres acima os haviam cravejado de flechas, deixado seus corpos embolados nas correntes que atravessavam a entrada.

Tinham atacado usando um tronco de árvore calçado com ferro, como um aríete, homens corajosos segurando escudos acima, e fizeram um barulho no portão capaz de acordar os mortos. Mas o portão mal se arranhou.

Tinham lançado enxames de flechas incendiárias por cima da muralha, que caíram no pátio como minúsculas estrelas cadentes na noite. Elas ricochetearam inofensivas nas pedras do calçamento e na ardósia, mas algumas acertaram a palha. O peito de Skara estava dolorido por causa da fumaça densa, a voz rouca de tanto gritar ordens para jogar água nos telhados, as mãos feridas de puxar baldes do poço. O estábulo onde ela arreara um cavalo pela primeira vez quando era menina tinha virado uma casca queimada, mas haviam conseguido impedir que o incêndio se espalhasse.

No fim, subira à muralha, suja de fuligem mas triunfante, para berrar “obrigada pelas flechas!” contra os arqueiros do Rei Supremo que se retiravam.

Por fogo ou água, por cima ou por baixo da muralha, nada havia funcionado. O Promontório de Bail era a fortaleza mais sólida do Mar Despedaçado, seus defensores eram os guerreiros escolhidos de três nações guerreiras. Para cada defensor morto, Yilling perdera vinte homens.

No entanto, os reforços continuavam chegando. Toda manhã a Mãe Sol nascia sobre mais guerreiros de Yutmark e Inglefold e das Terras Baixas. Mais shends de olhos desvairados, furados por ossos, pintados. Mais navios do lado de fora do porto, impedindo a chegada de qualquer ajuda para os defensores. Seu ânimo poderia ter aumentado com as pequenas vitórias, mas a aritmética terrível só havia piorado. Os porões de mãe Owd estavam apinhados de feridos. Por duas vezes tinham mandado barcos com tripulações de mortos para serem queimados sobre a água.

Skara sentia como se cavasse fossos para impedir a maré. É possível se proteger de uma onda. De dez. Mas a maré sempre vence.

Soltou um arroto ácido, conteve o vômito e passou as pernas para fora da cama. Soltou um longo rosnado.

Ela era uma rainha. Seu sangue valia mais do que ouro. Precisava ocultar o medo e exibir a inteligência. Não podia usar uma espada, por isso tinha que travar a outra metade da guerra, e travá-la melhor do que Yilling. Melhor do que pai Yarvi e mãe Scaer também. Havia pessoas que dependiam dela. Pessoas que tinham apostado o futuro nela. Estava cercada pelas esperanças, necessidades e expectativas dos vivos e dos mortos como se caminhasse num labirinto de espinhos. Dezenas opiniões para considerar, uma centena de lições para lembrar, mil coisas adequadas que precisavam ser feitas e dez mil inadequadas que jamais poderia contemplar...

Seu olhar foi até a porta. Do outro lado, sabia, Raith estaria dormindo. Ou deitado acordado.

Não sabia o que sentia por ele. Porém, sabia que nunca sentira isso por ninguém. Lembrou-se do choque gélido quando pensou que ele estivesse morto. O alívio morno ao vê-lo vivo. A fagulha de calor quando seus olhares se encontraram. A força que sentiu quando ele estava ao seu lado. Sua cabeça sabia que ele era uma péssima escolha em todos os sentidos.

Mas o resto de seu corpo sentia outra coisa.

Levantou-se com o coração martelando enquanto atravessava o quarto, sentindo a pedra fria nos pés descalços. Olhou para o quartinho onde sua escrava dormia, mas ela saberia que não deveria se meter nos negócios da senhora.

Sua mão se imobilizou logo antes da porta, as pontas dos dedos pinicando.

O irmão dele estava morto. Disse a si mesma que ele precisava dela, quando sabia que era ela quem precisava dele. Precisava esquecer seus deveres. Precisava esquecer sua terra e seu povo e ter algo para si mesma. Precisava saber como era ser beijada, abraçada e desejada por alguém que ela escolhesse antes que fosse tarde demais.

Mãe Kyre teria arrancado seus cabelos só de pensar naquilo, mas ela já passara pela Última Porta. Agora, na noite, com a Morte raspando as muralhas, o que era adequado não parecia mais tão importante.

Skara puxou o trinco com os dedos trêmulos, mordendo o lábio com a necessidade de ficar em silêncio.

Bem devagar, abriu a porta.

Nada de amante

Raith manteve os olhos fechados e respirou. Só queria abraçar alguém e ser abraçado. Passou a mão coberta com a bandagem pelas costas nuas dela, apertou a coxa dela contra a sua.

Rakki estava morto.

Ficava pensando nisso repetidamente, em sua mente aquele último vislumbre do rosto dele diante do fogo, a terra caindo.

Ela o beijou. Não foi áspero nem apressado, mas ele podia ver que era um beijo de despedida, e se esforçou para fazer com que durasse. Não tinha beijado o suficiente na vida. Talvez não tivesse chance de beijar muito mais. Todo o tempo que havia desperdiçado com nada, agora cada momento passado parecia uma perda dolorosa. Ela pôs a mão em seu peito, empurrando suavemente. Foi um esforço deixá-la ir.

Ele conteve um gemido quando pousou os pés na palha do chão, a mão nas costelas, com uma grande dor na lateral da cintura. Olhou-a se vestir, uma sombra de encontro à cortina. Captou pequenos detalhes à luz fraca. Os músculos das costas, as veias do pé, uma claridade na lateral do rosto enquanto ela se virava para o outro lado. Não soube se ela sorria ou franzia a testa.

Rakki estava morto.

Fitou o braço coberto pela bandagem. Tinha se esquecido da dor por um momento, mas agora ela voltava duas vezes pior. Encolheu-se ao tocá-lo, lembrando-se do último vislumbre do rosto do irmão, tão parecido com o seu e tão diferente. Como duas feras de proa no mesmo navio, sempre viradas para lados opostos. Só que agora havia apenas uma, e o navio estava à deriva, sem rumo.

Ela se sentou ao lado dele.

– Dói?

– Como se ainda estivesse queimando.

Ele remexeu os dedos e sentiu o fogo subindo até o cotovelo.

– Posso fazer alguma coisa?

– Ninguém pode fazer nada.

Ficaram sentados em silêncio, lado a lado, a mão dela pousada no braço dele. Eram mãos fortes, mas suaves.

– Você não pode ficar. Sinto muito.

– Eu sei.

Ele pegou as roupas espalhadas, mas, enquanto as vestia, começou a chorar. Num momento estava mexendo no cinto, a mão queimada desajeitada demais para fechá-lo, depois sua visão começou a se turvar, em seguida os ombros estremeceram com soluços silenciosos.

Nunca tinha chorado assim. Jamais na vida. Em todas as surras levadas, todas as coisas perdidas, todas as esperanças frustradas, ele sempre tivera Rakki ao lado.

Só que Rakki estava morto.

Agora que tinha começado a chorar, não parecia conseguir parar. Tanto quanto não é possível reconstruir uma represa estourada enquanto a inundação ainda a atravessa. Esse é o problema em se tornar duro. Quando você se quebra, não há como emendar de novo.

Ela o segurou pela cabeça, encostou o rosto dele no ombro, balançou-o para trás e para a frente.

– Shhh – sussurrou no ouvido de Raith. – Shhh.

– Meu irmão era o único parente que eu tinha – sussurrou ele.

– Eu sei. Comigo também foi assim.

– Fica mais fácil com o tempo?

– Talvez. Pouco a pouco.

Ela fechou o cinto para Raith, puxando o couro marcado pelo uso através da fivela enquanto ele permanecia de pé com os braços pendendo. Nunca havia pensado muito em como era ter uma mulher afivelando o cinto para ele, mas descobriu que gostava. Nunca tivera ninguém para cuidar dele. A não ser Rakki, talvez.

Só que Rakki estava morto.

Quando ela ergueu os olhos, tinha o rosto riscado de lágrimas também, e ele estendeu a mão para enxugá-lo, tentou ser delicado como ela havia sido. Não parecia que aqueles dedos doloridos, tortos, com cascas de ferida e golpeados tivessem ainda alguma ternura. Não parecia que suas mãos fossem boas para qualquer coisa além de matar. Seu irmão sempre dissera que ele não tinha nada de amante. Mas ele tentou.

– Nem sei o seu nome – disse Raith.

– É Rin. É melhor você ir.

Ela puxou a cortina da pequena alcova onde ficava seu catre.

Ele subiu mancando a escada da oficina, com uma das mãos na parede. Passou por um forno abobadado onde três mulheres faziam pão; homens estavam reunidos esperando com os pratos, famintos. Atravessou o pátio mancando, iluminado em prata pelo imponente Pai Lua e passou pelo estábulo queimado. Tão queimado quanto ele.

Raith ouviu alguém gargalhar e virou a cabeça, já abrindo um sorriso. Era a voz de Rakki, certamente.

Só que Rakki estava morto.

Abraçou-se enquanto passava pelo toco morto da Árvore da Fortaleza. Não era uma noite fria, mas sentiu frio nesse momento. Como se as roupas rasgadas fossem finas demais. Ou como se a pele rasgada fosse fina demais.

Subiu a escadaria longa, arrastando os pés na escuridão, seguiu pelo corredor comprido, com as janelas olhando para a reluzente Mãe Oceano. Luzes se moviam lá. Os lampiões nos navios de Yilling, vigiando para garantir que nenhuma ajuda chegasse ao Promontório de Bail.

Gemeu enquanto se abaixava feito um velho ao lado da porta de Skara, todo dolorido. Puxou o cobertor em volta dos joelhos, deixou a cabeça tombar de encontro à pedra élfica. Nunca se interessara por confortos. Rakki era quem sonhava com escravos e tapeçarias finas.

Só que Rakki estava morto.

– Onde você esteve?

Virou-se bruscamente. Uma fresta da porta estava aberta e Skara olhava para ele, o cabelo numa massa de cachos escuros, louco e embolado da cama, como no primeiro dia em que ele a vira.

– D-Desculpe – gaguejou, afastando o cobertor.

Soltou um grunhido de dor enquanto se levantava, segurando-se à parede para se firmar.

De repente ela saiu ao corredor e segurou seu cotovelo.

– Você está bem?

Ele era um guerreiro provado, portador da espada de Grom-gil-Gorm. Era um matador, esculpido na pedra de Vansterland. Não sentia dor nem piedade. Só que as palavras não vinham. Estava ferido demais. Ferido até os ossos.

– Não – sussurrou.

Então ergueu os olhos e viu que ela usava apenas a camisola. Percebeu que, à luz da tocha, podia ver sua forma esguia através do tecido.

Obrigou os olhos a subir para o rosto dela, mas isso foi pior. Havia algo no seu olhar, feroz e fixo como o de um lobo diante de uma carcaça, que o deixou subitamente quente. Mal conseguia enxergar. Mal conseguia respirar, com o cheiro dela. Fez um esforço débil para afastar o braço, mas acabou só a puxando mais para perto, contra ele. Skara o comprimiu, passando uma das mãos em volta de suas costelas doloridas e fazendo-o ofegar, pondo a outra em seu rosto e puxando-o.

Ela o beijou, só que de forma nada delicada, sugando sua boca, os dedos raspando no lábio cortado. Ele abriu os olhos e ela o encarava, como se avaliasse o efeito que causava, o polegar apertando seu rosto com força.

– Merda – sussurrou ele. – Quero dizer... minha rainha...

– Não me chame assim. Agora, não.

A mão dela subiu pela nuca dele, apertando-o com força. Skara roçou o nariz por um dos lados do nariz dele, desceu pelo outro, beijou-o de novo e deixou a cabeça dele leve como a de um bêbado.

– Venha comigo – sussurrou Skara, a respiração queimando no rosto dele, e o puxou para a porta, quase o arrastando, o cobertor ainda embolado nas pernas.

Rakki sempre dissera que o irmão não tinha nada de amante. Raith se perguntou o que ele diria quando soubesse disso...

Só que Rakki estava morto.

Raith se deteve.

– Preciso dizer uma coisa...

Que ele estivera agora mesmo chorando na cama de outra? Que ela era prometida a Grom-gil-Gorm? Que quase a matara algumas noites antes e ainda

tinha o veneno no bolso?

– Na verdade, mais de uma coisa... – acrescentou ele.

– Mais tarde.

– Mais tarde pode ser tarde demais.

Skara agarrou sua camisa e o puxou com força, e Raith ficou impotente como um boneco de trapos nas suas mãos. Ela era muito mais forte do que ele havia pensado. Ou talvez ele é que fosse muito mais fraco.

– Estou farta de falar – sussurrou Skara. – Estou farta de fazer o adequado. Podemos todos estar mortos amanhã. Agora venha comigo.

Amanhã poderiam estar todos mortos. Se Rakki tinha uma última lição a lhe ensinar, sem dúvida era essa. E os homens raramente vencem lutas que querem perder, afinal de contas. Por isso enfiou os dedos na nuvem macia dos cabelos dela, beijou-a, mordeu seus lábios, sentiu a língua dela na boca, e mais nada parecia tão premente. Ele estava ali, ela estava ali, agora, na escuridão. Mãe Scaer, o Quebrador de Espadas, Rin e até mesmo Rakki pareciam distantes, junto com o alvorecer.

Ela chutou o cobertor dele contra a parede, puxou-o pela porta e fechou o trinco.

Relíquias

– Este é o lugar – avisou Skifr.

Era um salão amplo com uma sacada no alto, cheio de cadeiras quebradas, envolto na penumbra devido à poeira encrustada nos vidros. Uma mesa curva estava virada para a porta, com uma coisa em cima que parecia uma grande moeda cercada por letras élficas. Houvera uma parede de vidro atrás, mas estava estilhaçada. As botas de Koll esmigalhavam os cacos enquanto ele passava por um arco, uma das folhas da porta caída, a outra pendendo em dobradiças quebradas. O salão do outro lado logo se perdia na escuridão, com água pingando nas sombras.

– Seria bom ter alguma luz – murmurou ele.

– Claro.

Um estalo soou e, num instante, toda a câmara se inundou com claridade. Houve um sibilo quando pai Yarvi puxou a espada curva que usava e Koll se encolheu de encontro à parede, procurando a adaga.

Skifr apenas deu um risinho.

– Não há nada aqui com que lutar, só nós mesmos, e nessa guerra sem fim as armas não podem ajudar.

– De onde vem a luz? – murmurou Koll.

Tubos no teto ardiam claros demais para ser olhados, como se pedaços da Mãe Sol tivessem sido apanhados em garrafas.

Skifr deu de ombros ao passar por ele tranquilamente, entrando no salão.

– Magia.

O teto tinha desmoronado e mais tubos pendiam de fios embolados, a luz piscando e estalando, relampejando nos rostos tensos dos dois ministros que se esgueiravam atrás de Skifr. Havia papel espalhado por toda parte. Pilhas

escorregadias que iam até os tornozelos, encharcados mas não apodrecidos, rabiscados com palavras, palavras e mais palavras.

– Os elfos achavam que podiam capturar o mundo pela escrita – disse Skifr. – Que um conhecimento suficiente iria colocá-los acima da Divindade.

– Vejam o preço da arrogância deles – murmurou mãe Scaer.

Passaram por um salão que ecoava, cheio de bancadas, cada qual com uma estranha caixa de vidro e metal em cima, gavetas arrancadas, armários derrubados e mais papéis sendo vomitados deles aos montes.

– Ladrões estiveram aqui antes de nós – comentou Koll.

– Outros ladrões – falou Scaer.

– Não há no mundo perigo tão terrível que alguém não enfrente para obter lucro – afirmou o garoto.

– Tamanha sabedoria em alguém tão jovem... – observou Skifr. – Mas acho que tudo que esses ladrões roubaram foi a morte. Por aqui.

Uma escada descia, iluminada de vermelho, com um zumbido vindo de baixo. Um sopro de ar gélido atingiu o rosto de Koll quando ele se debruçou no corrimão e viu a espiral quadrada descendo até uma profundidade infinita. Inclinou-se para longe, subitamente tonto.

– É uma descida longa – disse, rouco.

– Então é melhor começarmos – replicou pai Yarvi, avançando de dois em dois degraus, a mão mirrada sibilando no corrimão.

Não falaram nada enquanto andavam. Cada um sobrecarregado demais com os próprios temores para deixar espaço para qualquer outra coisa. Quanto mais seguiam, mais altos ecoavam seus passos pesados, mais alto soava aquele zumbido estranho dentro das paredes, dentro da própria terra, que fazia até os dentes de Koll chacoalharem. Desceram, e desceram, para as entranhas de Strokom, passando por avisos pintados na lisa pedra élfica em letras élficas vermelhas. Koll não sabia lê-las, mas adivinhava o significado.

Voltem. Abandonem esta loucura. Não é tarde demais.

Não poderia dizer por quanto tempo tinham descido, mas a escada terminou, como todas as coisas devem terminar. Outro corredor se estendia no fundo, sombrio, frio e desnudo a não ser por uma flecha vermelha apontando no chão. Guiando-os para uma porta. Uma porta estreita de metal opaco e, ao lado dela, na parede, um painel cheio de calombos.

– Que lugar é esse? – murmurou mãe Scaer.

Alguma coisa na solidez terrível daquela porta fez Koll se lembrar da porta da casa de contabilidade da rainha Laithlin, atrás da qual ela supostamente guardava sua riqueza sem limites.

– Um cofre – murmurou ele.

– Uma armaria – explicou Skifr e começou a cantar.

Em voz baixa e grave no começo, na língua dos elfos, depois mais agudo e mais rápido, como tinha feito na estepe acima do Renegado quando o Povo dos Cavalos viera atrás do sangue deles. Os olhos de pai Yarvi estavam ávidos. Mãe Scaer virou a cabeça e cuspiu com nojo. Então Skifr fez um sinal acima do painel com a mão esquerda e, com a direita, começou a apertar os calombos num padrão que nem mesmo os olhos aguçados de Koll podiam seguir.

Uma joia verde acima da porta ardeu subitamente brilhante. Houve um estalo enquanto trancas eram liberadas. Koll deu um passo atrás, quase tropeçou em mãe Scaer ao mesmo tempo que a porta se abria com um sopro de ar parecido com o de uma garrafa lacrada por muito tempo. Com um risinho por cima do ombro, Skifr a escancarou mais.

Do outro lado havia um corredor ladeado com suportes que lembravam a Koll os que tinham sido construídos para as lanças na cidadela de Thorlby. Ali, reluzindo escuras à meia-luz, estavam relíquias élficas. Dezenas. Centenas. Centenas e mais centenas, os suportes se estendendo na distância enquanto mais luzes se acendiam, uma a uma.

– Armas élficas – disse Skifr –, como prometi.

– O suficiente para um exército em guerra – sussurrou pai Yarvi.

– É. Foram forjadas para uma guerra contra a Divindade.

Perto da perfeição com que eram feitas, os esforços orgulhosos de Koll e Rin pareciam borrões de lama de criaturas primitivas. Cada arma era gêmea da que estava ao lado, linda em sua simplicidade. Cada arma tinha milhares de anos, mas estava como no dia em que fora produzida.

Koll se esgueirou pela porta, contemplando a obra dos elfos, espantado e com um bocado de medo.

– São tão poderosas como a que você usou no Renegado?

Skifr bufou.

– Diante destas, aquela é uma agulha de criança ao lado da lança de um herói.

Em apenas alguns instantes, na estepe soprada pelo vento, a outra tinha rasgado e queimado seis homens e fizera mais algumas dezenas fugirem para salvar a vida.

– O que estas poderiam fazer? – sussurrou Koll enquanto tocava uma das armas delicadamente com as pontas dos dedos, hesitante.

As superfícies perfeitas mais pareciam algo que tinha crescido, e não sido forjado, nem áspero nem liso, nem frio nem quente.

– Com estas, uns poucos escolhidos poderiam devastar o exército de avó Wexen – respondeu Skifr. – Dez exércitos daqueles. Aqui existem coisas capazes até mesmo de fazer aquele cajado que você carrega enviar a morte.

Ela jogou uma pequena caixa para pai Yarvi e, quando ele a pegou no ar, o som foi chacoalhado como se estivesse cheia de moedas.

– O cajado do ministro de Gettland? – Koll pestanejou para ela. – É uma arma?

– Ah, que ironia! – Skifr deu um risinho sem alegria enquanto tirava uma daquelas relíquias do suporte. – É estranho o que as pessoas sábias deixam de perceber debaixo do próprio nariz.

– Elas são perigosas agora? – perguntou Koll, afastando a mão bruscamente.

– Precisam ser preparadas, mas posso ensinar os rituais a vocês, como me ensinaram, como ensinaram ao meu mestre. Basta um dia com os tripulantes do *Vento Sul* e eles estarão preparados. Uma espada demora anos para ser bem usada, e nesses anos o aluno aprende a respeitar a arma, a se conter com a arma, mas isto...

Skifr apertou a extremidade rombuda da relíquia contra o ombro, de modo a olhar ao longo de sua extensão, e Koll viu que as reentrâncias e os buracos eram esculpidos para que as mãos se acomodassem tão bem como com um cabo de espada.

– Um homem que segura isto, mesmo sendo fraco, se torna instantaneamente um guerreiro maior do que o rei Uthil, do que Grom-gil-Gorm, do que o próprio Yilling – acrescentou ela.

– Isso é meio caminho para ser um deus – murmurou mãe Scaer, balançando a cabeça com amargura. – Os elfos não puderam controlar esse poder. Será que

algum homem deveria recebê-lo?

– Devemos tomá-lo, de qualquer modo.

Pai Yarvi levantou cuidadosamente uma das relíquias do suporte. Como se não pretendesse colocá-la de volta.

Skifr apoiou sua arma no quadril.

– Assim como o nome da Divindade tem sete letras, só devemos pegar sete armas.

Pai Yarvi ergueu a relíquia, apontando para os suportes intermináveis.

– Não existe deus aqui, lembra? – Sua mão esquerda mirrada não se ajustava à relíquia tão bem quanto a de Skifr, mas mesmo assim ele segurou a arma antiga com firmeza. – Vamos levar todas que pudermos carregar.

O matador

O Pai Terra tremeu, Raith sentiu o medo golpeá-lo e levantou-se atabalhoadamente, derrubando a tigela e derramando sopa no pátio.

Yilling estava implodindo sua mina.

Todos sabiam que isso aconteceria desde que Rakki fora enterrado no último túnel e os homens do Rei Supremo não fizeram segredo de que cavavam outro.

O rei Uthil se certificara de que os defensores não ficassem à toa. Tinha ordenado que um novo muro fosse construído dentro da fortaleza, feito de traves comidas por vermes, arrancadas das construções baixas, de tábuas e mastros de navios quebrados, de madeira incrustada com craca tirada de píeres quebrados, de caibros de telhados, rodas de carroças, barris e escudos de mortos. Um crescente de madeira, não muito mais alto do que um homem, indo de uma muralha élfica de um lado até uma muralha élfica do outro, com uma passarela estreita onde as pessoas poderiam ficar, lutar e morrer. Não era exatamente uma muralha capaz de segurar dez mil guerreiros.

Mas era muitíssimo melhor do que nada se a Torre de Gudrun caísse.

A maior parte dos mil defensores ainda capazes de correr estava correndo para ela agora, trombando uns nos outros, gritando, desembainhando armas, e Raith foi carregado pela maré. Jenner ofereceu sua mão, ajudou-o a subir na passarela. Quando o jovem se levantou junto ao parapeito, o chão estremeceu de novo, com mais força ainda do que antes.

Todo mundo olhava boquiaberto a feiosa Torre de Gudrun e o trecho de muralha construída pelo homem, meio se desfazendo, ao lado dela. Desejando que ela se mantivesse firme. Rezando para que isso ocorresse. Raith queria saber a que deuses certos implorar; acabou decidindo cerrar o punho dolorido e ter esperanças. Alguns pássaros saíram voando do teto quebrado, mas foi só isso. O silêncio mais tenso que Raith já conhecera se estendeu.

– Ela aguentou! – gritou alguém.

– Quieto! – rugiu Gorm, levantando a espada que Raith costumava carregar.

Como se isso fosse um sinal, houve um estrondo. Homens se encolheram enquanto poeira e pedaços de pedra voavam da parte de trás da torre, uma rocha grande como a cabeça de um homem quicou no pátio e acertou o muro de madeira perto de Raith.

Houve um gemido portentoso e a hera que cobria a pedra pareceu se retorcer, com rachaduras disparando pela alvenaria, o teto se inclinando de lado, um bando de pássaros voando para o céu.

– Pelos deuses – sussurrou Raith, de queixo caído.

Com uma lentidão medonha, a torre inteira começou a se dobrar sobre si mesma.

– Abaixe-se! – gritou Jenner, puxando Raith para o chão da passarela ao seu lado.

Parecia que o mundo inteiro se despedaçava. Raith fechou os olhos com força enquanto pedras batiam em suas costas como granizo. Estava preparado para morrer. Só desejava ter morrido com Skara.

Abriu os olhos, mas tudo era uma penumbra. Um navio na névoa.

Algo o puxou e ele deu um tapa, afastando a coisa desajeitadamente.

Viu o rosto enrugado de Jenner, pálido, fantasmagórico, gritando algo, só que Raith não conseguia escutar. Seus ouvidos zumbiam.

Levantou-se com dificuldade junto ao parapeito, tossindo enquanto olhava a névoa criada pelos homens. Podia ver a forma débil da torre construída pelos elfos à esquerda, da muralha élfica à direita, mas no meio, onde estivera a Torre de Gudrun, só havia uma enorme abertura. Uma massa de pedregulhos e traves despedaçadas. O pátio entre aquilo e o muro de madeira estava coberto de entulho.

– Pelo menos caiu para fora – murmurou Raith, mas não conseguia ouvir nem a própria voz.

Percebeu que tinha deixado o elmo do lado de fora da porta de Skara, mas agora não podia voltar para pegá-lo. Teria que pedir gentilmente que ninguém o acertasse na cabeça. Era uma ideia tão idiota que ele quase riu.

Então viu formas na penumbra. Sombras de homens. Guerreiros do Rei Supremo passando por cima das ruínas caídas e atravessando a brecha. Dezenas

deles, os escudos pintados transformados num cinza poeirento, espadas e machados opacos em meio à semiescuridão, bocas se abrindo em gritos de guerra silenciosos. Centenas.

Flechas voavam contra aquela massa arfante. Do semicírculo de defensores, das muralhas élficas lá em cima. Flechas vinham de toda a volta e, enquanto lutavam para atravessar os escombros, os guerreiros inimigos não poderiam ter formado uma parede de escudos decente, mesmo se quisessem. Homens caíam no pátio, caíam no meio dos pedregulhos, se arrastavam, rolavam. Raith viu um guerreiro grande e velho cambalear, com quatro ou cinco flechas cravadas na cota de malha. Viu um homem ruivo que prendera a bota entre duas pedras arrancar o elmo e jogá-lo longe, frustrado. Viu um guerreiro com braceletes de ouro mancando e usando a espada como muleta.

Eles continuavam vindo, os gritos de batalha eram um burburinho fraco acima do zumbido nos ouvidos de Raith, chegando ao pé do muro de madeira. Persistiam enquanto homens em cima do muro investiam com lanças, jogavam pedras, golpeavam com machados. Ainda avançavam, alguns se ajoelhando com os escudos acima da cabeça para servir de degraus para que outros tentassem subir o muro improvisado. Seria uma coragem digna de admiração se tudo aquilo não se destinasse a matar Raith.

Ele fechou os olhos e enfiou a velha cavilha na boca, mas não sentiu o júbilo da batalha. Antes Raith possuía uma sede de violência que parecia jamais se satisfazer. Agora aparentemente havia enfim esvaziado sua taça, mas a Mãe Guerra continuava servindo mais bebida. Pensou em Skara olhando para baixo. Pensou no riso dela. Valia a pena lutar para ouvir aquele som mais uma vez. Forçou os olhos a se abrirem.

Os guerreiros do Rei Supremo vinham num enxame por cima do muro, metade da passarela apinhada de homens lutando. Um erguia a espada para golpear Jenner, e Raith o acertou na lateral da cabeça com o machado, deixando uma mossa enorme no elmo e o fazendo cair esparramado. Uma mão agarrou o parapeito e Raith a decepou ao meio, acertou a boca do sujeito com a borda do escudo e o jogou para trás, uma adaga se soltando dos dedos enquanto ele caía do muro.

Os olhos de Jenner se arregalaram, Raith girou e viu um grandalhão das Terras Baixas partindo até ele, segurando um machado enorme com as duas

mãos e o sol de sete raios da Divindade Única balançando numa tira de couro no pescoço. Às vezes o melhor que se pode fazer com relação ao perigo é correr direto para ele. Raith mergulhou contra o sujeito. O cabo do machado o acertou no ombro e a lâmina quase raspou suas costas, soltando-se das mãos do guerreiro e caindo no pátio embaixo.

Os dois se agarraram, gingaram, arranhando-se e cuspindo um no outro. Raith largou o machado, forçou o braço queimado para baixo, tentando segurar o cabo da sua adaga. O terra-baixense lhe deu uma cabeçada, acertando-o no queixo. Ele abriu espaço suficiente para recuar o punho e dar um soco, mas também foi o suficiente para Raith pegar a adaga.

Poderia não haver júbilo, mas Raith não iria se subjugar a ninguém.

Baixou o queixo, de modo que o punho do inimigo o acertou na testa, e não no nariz, um truque que tinha aprendido brigando com garotos muito maiores do que ele. A cavilha foi arrancada da sua boca, os ouvidos zumbiram mais alto ainda, porém ele sentiu os ossos da mão do sujeito se quebrarem. Raith o esfaqueou na lateral da cintura, a lâmina raspando na cota de malha, sem atravessar, mas ainda assim foi uma cutucada forte o bastante para que o sujeito se dobrasse, chiando. Ele tateou o braço de Raith com a mão quebrada, só que Raith se desvencilhou e enfiou a adaga embaixo da borda do elmo, logo abaixo da orelha.

O grandalhão pareceu bastante surpreso quando seu sangue se derramou sobre o símbolo sagrado que usava. Provavelmente tivera certeza de que havia escolhido o deus certo, o rei certo, a causa certa. Todo mundo descobre um modo de tornar seu lado o correto, afinal de contas. Agora, enquanto cambaleava para trás, tentando manter o pescoço inteiro, descobriu que não é quem está certo que vence e, sim, quem golpeia primeiro e com mais força.

Raith se abaixou, agarrou-o entre as pernas e o jogou por cima do parapeito, derrubando outro homem esparramado entre os cadáveres no caminho. Sem dúvida, todos eles também achavam que estavam do lado certo.

Ficou parado observando, tentando recuperar o fôlego. Viu mãe Owd atrás do muro, arrastando um ferido para longe. Viu Jenner tentando soltar a espada do cabelo sangrento de um morto. Viu Grom-gil-Gorm mandar um homem pelos ares com um giro do escudo. Os guerreiros do Rei Supremo tinham sido

empurrados para fora do muro de madeira, porém mais guerreiros afluíam pela brecha.

Então Raith viu uma coisa cair da muralha acima e se encolheu quando choveu fogo líquido sobre os homens apinhados no espaço estreito. Sentiu o calor daquilo no rosto, lembrou-se do calor daquilo no subterrâneo. Mesmo através do zumbido nos ouvidos, escutou os gritos.

Outra jarra de barro caiu, outra explosão de chamas, e os homens do Rei Supremo se dispersaram e fugiram. Ninguém permanece corajoso para sempre, não importa quanto ache que esteja certo. Gettlandeses gritavam comemorando, vansterlandeses zombavam, throvenlandeses uivavam entoando os nomes do rei Uthil, do rei Gorm e até da rainha Skara. Raith ficou quieto. Sabia que os inimigos voltariam logo.

– Você está bem? – ouviu Jenner perguntar.

– Estou – murmurou Raith, mas a verdade era que estava enjoado de lutar; queria voltar à cama de Skara.

Havia cadáveres por toda parte, um fedor de óleo e carne cozida, homens feridos gritando por ajuda que não vinha. No lugar da poeira, que ia pousando, a fumaça pairava, e na penumbra uma voz aguda gritou:

– Bom, foi um tremendo começo para o dia! Isso certamente mantém o sangue correndo!

Algo se esgueirou para a brecha. Uma porta com um canto lascado e as dobradiças ainda penduradas. Três batidas soaram, então o rosto suave de Yilling apareceu na lateral.

– Será que posso entrar e falar sem ser espetado por flechas? – Ele deu seu sorrisinho afável. – Isso renderia uma pobre canção, afinal de contas.

– Acho que Skara iria cantá-la com animação – murmurou Raith, e ele também iria cantarolar com poucos arrependimentos.

Porém, Gorm estava mais interessado na glória.

– Venha, Yilling, o Brilhante! Vamos ouvir.

– O senhor é muito gentil!

O campeão do Rei Supremo deixou a porta cair pela colina de alvenaria enfumaçada e saltou agilmente atrás, naquele canto do pátio manchado, arruinado, cheio de flechas espalhadas.

– O que o traz aqui? – perguntou Uthil. – Quer se render?

Houve alguns risos, mas Yilling sorriu para o semicírculo de rostos carrancudos. Diziam que ele adorava a Morte. Não parecia mesmo ter medo de encontrá-la.

– Quero o que eu queria quando nos falamos pela primeira vez. Lutar. – Yilling segurou sua espada pela cruzeta e a desembainhou, roçando afetadamente o botão no lábio superior. – Um dos dois grandes reis quer testar sua habilidade na espada comigo?

Houve uma pausa enquanto murmúrios nervosos se espalhavam por toda a extensão do muro de madeira. Uthil arqueou uma sobrancelha para Gorm, a brisa batendo o cabelo grisalho no rosto cheio de cicatrizes, e Gorm retribuiu a expressão, girando lentamente um botão de sua corrente. Então soltou um bocejo extravagante e descartou Yilling com um gesto.

– Tenho coisas melhores para cuidar. Meu cagalhão matinal não vai se fazer sozinho.

Yilling apenas abriu um sorriso mais largo.

– Vamos ter que esperar para testar aquela sua famosa profecia. Pelo menos até que meus homens chutem você do seu muro de gravetos. E você, Rei de Ferro? Prefere cagalhões ou luta de espadas?

Uthil franziu a testa para Yilling por um longo e tenso momento. Suficientemente longo para os murmúrios se transformarem em conversas ansiosas. Dois guerreiros tão famosos assim se encontrando num duelo era algo que um homem poderia testemunhar apenas uma vez na vida. Mas o rei de Gettland não pretendia se apressar. Olhou para sua espada, lambeu o dedo mindinho, limpou delicadamente alguma sujeira minúscula na lâmina.

– Faz tempo que eu não sou testado – disse Yilling. – Visitei Thorlby esperando uma luta, mas não havia ninguém lá para matar, a não ser mulheres e meninos.

Então Uthil deu um sorriso triste. Como se desejasse dar uma resposta diferente, mas soubesse que só havia uma.

– Essa joia que você tem no botão da espada vai ser um badulaque bonito para meu filho brincar. Luto contra você.

Ele entregou a espada a mestre Hunnan, passou um tanto rigidamente pelo parapeito e deslizou até o pátio embaixo.

– É a melhor notícia que tenho em um mês! – Yilling fez uma pequena cabriola infantil. – Devo lutar com você usando a mão direita ou a esquerda?

– A que fizer você morrer mais depressa – respondeu Uthil, pegando sua espada no ar, jogada por Hunnan. – Seu ataque interrompeu meu desjejum e há uma linguiça para a qual estou ansioso por voltar.

Yilling girou sua espada na mão esquerda com a mesma agilidade que uma costureira teria com a agulha.

– Os velhos são meticulosos com as refeições, eu sei.

Como se a coisa toda tivesse sido programada anos antes, os dois guerreiros famosos começaram a circular um ao redor do outro.

– Esta será uma luta para as canções – disse Jenner, ofegante.

Raith remexeu a mão dolorida.

– Não gosto mais tanto de canções como antigamente.

Rápido como uma cobra, Yilling avançou, a lâmina como um borrão brilhante. O braço de Raith estremeceu enquanto ele pensava em como teria bloqueado o golpe, como teria contra-atacado. Então percebeu que estaria morto.

Yilling girou com velocidade inumana, a espada num movimento de corte baixo. Mas Uthil estava à altura: o aço raspou enquanto ele aparava o golpe, contornava sem esforço a lâmina e golpeava de volta. Tão rapidamente quanto haviam se juntado, os dois se separaram, Yilling sorrindo com os braços abertos, Uthil franzindo a testa, a espada pendendo ao lado do corpo.

– Independentemente de quem ganhar – disse Raith, rouco, o olhar enraizado no duelo –, a guerra continua.

– É – concordou Jenner, retorcendo-se junto com os movimentos dos lutadores. – Nenhum de nós tem uma segunda chance.

Outra troca de golpes, o aço saltando mais depressa do que Raith poderia acompanhar, estocada, estocada, corte e movimento de aparar, e os dois homens giravam abrindo espaço, escolhendo o caminho entre os corpos, as pedras, o entulho espalhado.

– Tudo isso é só pela fama?

– A fama vale mais para alguns homens do que qualquer coisa.

Silêncio lento, e a caminhada lenta, a ronda lenta, os círculos lentos em volta um do outro. Yilling se agachou, fluindo como a Mãe Oceano em diferentes posturas, formas diferentes, rindo a cada troca de golpes como se fosse uma boa

piada nova. Uthil se mantinha empertigado e rígido, sólido como o Pai Terra, franzindo a testa como se circulasse um funeral. Os dois se observavam, sentindo o momento, criando charadas para o oponente, o silêncio se estendendo até que pareceu que iria se partir. Então, sem aviso prévio, o estrépito, o retinir e o raspar do metal, a Morte espreitando nos ombros dos dois homens, agarrando-se aos gumes das espadas, a pergunta do aço feita e a resposta do aço dada, depois o afastamento rápido e a sondagem lenta, os círculos lentos, o silêncio lento.

– É uma grande pena que um de nós deva perder. – Yilling se desviou de um movimento de corte alto, os olhos ligeiramente vesgos vendo a ponta da espada de Uthil passar pelo nariz. – Há muita coisa que posso aprender com você.

– Acho que só temos tempo para uma lição. A Morte espera por todos nós.

Yilling saltou adiante enquanto o rei ainda falava, mas Uthil estava pronto, desviando da estocada, girando o pulso de modo que a espada roçou a manga da malha de Yilling e as costas da mão dele.

Yilling puxou a mão bruscamente, o sangue pingando nas pedras já ensanguentadas do pátio. Com um risinho despreocupado, jogou a espada para a mão direita.

Alguém gritou da torre acima:

– Sangre, seu desgraçado!

Subitamente, todo mundo estava gritando, uivando, berrando insultos e desafios. Sentiam cheiro de vitória. Sentiam cheiro de sangue.

Uthil avançou, o metal rebrilhando enquanto a espada captava a luz do sol. Estocadas mortais que nenhuma cota de malha poderia conter. Yilling se desviava, retorcia-se, o aço guinchando enquanto ele empurrava a lâmina de Uthil para o lado apenas pela distância suficiente, girava fazendo com que ela passasse por ele do outro lado, cambaleando para trás, desequilibrado.

Uthil saltou adiante para o golpe final e seu pé se torceu numa pedra. Uma cambaleada mínima antes que a espada descesse sibilando. Foi um tropeço ínfimo, mas tempo suficiente para Yilling se ajoelhar, movendo-se para longe, de modo que a lâmina do rei deixou um corte descendo por seu rosto e retiniu nas pedras ao lado dele.

A espada de Yilling ficou atravessada no corpo de Uthil, a maior parte da lâmina se projetando sangrenta das costas.

Os gritos gaguejaram, deixando um silêncio perplexo.

– Uma pedra – grunhiu Uthil, franzindo a testa para o punho da espada comprimida contra o peito. – Má sorte nas armas.

E de repente caiu, com Yilling saltando para pegá-lo enquanto soltava sua espada.

– Não – murmurou Jenner, batendo com a palma da mão no parapeito.

Ao longo de todo o semicírculo de madeira soavam palavrões, sibilos, gemidos de consternação enquanto Yilling baixava Uthil no chão poeirento, ajeitando o braço do Rei de Ferro de Gettland de modo que segurasse a espada junto ao peito, o aço sendo sua resposta na morte como tinha sido em vida.

– Uma boa morte – murmurou Jenner.

Raith jogou seu escudo na passarela com estardalhaço.

– Uma morte, de qualquer modo.

A Mãe Sol rompeu as nuvens enquanto Yilling limpava a espada, fazendo o botão de diamante lampejar, o sangue em seu rosto brilhar. Parecia mesmo o escolhido pela Morte, sorrindo em meio à colheita de cadáveres com o corpo de Uthil aos pés.

– Vou voltar para levar o resto de vocês! – gritou ao se virar para a brecha.

E esse foi o fim da matança do dia.

Sonhos

Skara gostou de compartilhar a cama.

Considerando o rebuliço que sempre se fizera com relação à cópula, não tinha certeza do quanto havia gostado. Pareceu uma coisa suja, estranha e desconfortável. Até mesmo ligeiramente ridícula. Poderia ter rido na primeira vez se não tivesse levado tão a sério. Uma embolação pegajosa. Uns grunhidos desajeitados. Umas puxadas de pele para um lado e para outro, sem graça ou romance. Em seus sonhos os dois sabiam bem o que fazer. Na realidade, ela mal sabia o que queria, quanto mais o que ele fazia.

Porém, gostou do corpo dele ao lado do seu depois. Gostou da força, da aspereza e do calor dele. Gostou de como seu peito se encaixava nas costas largas dele, o modo como suas pernas se entrelaçavam com as dele, como as costelas dele se moviam de encontro às dela durante a respiração. Gostou de como ele se remexia e estremecia no sono, como os cães costumavam fazer perto do buraco do fogo no salão de seu avô. Gostou até do fedor de suor azedo dele, que não tinha nada para ser agradável, mas que, por algum motivo, ela jamais se fartava de aspirar.

Gostou de não estar sozinha.

Tocou o ombro dele. Sentiu a pele áspera de uma cicatriz sob a ponta do dedo. Acompanhou-a até onde ela se encontrava com outra, depois outra, e outra.

– Tantas cicatrizes... – sussurrou.

– Em Vansterland chamamos de recompensas de herói – ouviu-o dizer.

Então ele não estava dormindo. Ela ficaria surpresa se alguém no Promontório de Bail estivesse. Por que dormir na última noite em que se estaria vivo, afinal de contas?

– Parecem marcas de chicote.

Raith ficou em silêncio e Skara se perguntou se não deveria ter se calado. Não tinha mais ideia de quais eram as regras entre eles, mas estava aprendendo que desnudar o corpo para outra pessoa não tornava mais fácil desnudar o coração. Talvez tornasse mais difícil do que nunca.

Raith deu de ombros.

– Antes de ser serviçal de Gorm, eu era mau. Depois, nem sempre era suficientemente mau.

– Sinto muito – murmurou ela.

Sentia por ele ter sido chicoteado. Sentia porque não sabia o que dizer. Os dois eram diferentes demais, em todos os sentidos. Não fazia sentido se encaixarem. Mas, quando passou o braço pela cintura de Raith e ele entrelaçou os dedos com os seus, eles se encaixaram muito bem. Talvez qualquer mão viva se encaixe em outra quando a Morte está oferecendo a dela.

– O que estamos fazendo? – perguntou Raith.

– Dando as mãos.

– Esta noite estamos. Mas e amanhã?

– Não achei que você estivesse muito preocupado com o amanhã. É uma das coisas de que gosto em você.

– O amanhã costumava parecer muito distante. De repente ficou perto.

A verdade era que ela não tinha ideia do que estavam fazendo nem do que fariam. Pensara muito em como seria tê-lo. Nem um pouco no que poderia fazer quando o tivesse. Era como aquela caixa enigmática que um emissário de Catália trouxera como presente para seu avô. Ela demorara quatro dias para abri-la e, quando conseguiu, havia outra caixa dentro.

Apesar do calor de Raith, ela estremeceu e sussurrou no ouvido machucado dele:

– Acha que Yilling vem esta noite?

– Ele não está com pressa. Acho que vai esperar o amanhecer.

Ela pensou no sangue pingando da ponta da espada de Yilling no escuro e se pressionou com mais força contra as costas de Raith.

– O rei Uthil está morto – murmurou.

Ele tinha parecido um homem forjado em ferro, indestrutível. Porém, ela o vira deitado pálido e frio diante do Trono de Bail.

– A Morte espera todos nós – disse Raith. – Só é preciso uma pedrinha desgarrada, e nenhuma habilidade, nenhum nome, nenhuma fama pode nos proteger dela.

Skara olhou para a porta, vendo a luz das tochas se irradiar pelas pequenas brechas. Lá fora ela precisava ser forte. Não podia mostrar medo nem dúvida. Mas ninguém pode permanecer forte o tempo todo.

– Estamos condenados – sussurrou.

Por fim, Raith rolou na direção dela, mas, na escuridão, Skara não conseguia ver mais do rosto do que tinha visto das costas. Só o brilho fraco dos olhos voltados para ela, o maxilar retesado. Ele não falou. Não negou.

Ela soltou um suspiro entrecortado.

– Perdi minha chance de pular da Torre de Gudrun.

– Admito que ela está muito mais baixa do que antes.

Skara tocou o peito dele, passou as pontas dos dedos pelos poucos pelos claros.

– Acho que eu deveria me preparar para pular de uma das outras.

Ele segurou a mão dela na sua coberta pela bandagem.

– Talvez Jenner consiga levar você para longe. Como antes.

– Para que eu possa ser aquela que sempre foge? Uma rainha sem país? Objeto de desprezo?

– Não para mim. Você deve ser a melhor coisa que já me aconteceu na vida.

Pelo pouco que Raith lhe havia contado, a vida dele tinha sido horrível.

– O que vem em segundo lugar?

Ela podia ver apenas o sorriso dele.

– Cozido de coelho, provavelmente.

– Galanteador.

O sorriso dele sumiu aos poucos.

– Talvez Jenner possa tirar nós dois daqui.

– Gudrun e o cavalariço cuidando de cabras junto de um riacho de montanha?

Ele deu de ombros outra vez.

– Sempre gostei de cabras.

– Você tem muita coisa em comum com elas. – Ela segurou a mão dele, olhou em seus olhos, tentando lhe explicar. Tentando explicar para si mesma. –

Sou uma rainha, quer me sinta como uma ou não. Não posso ser quem quero ser. Preciso comandar. Preciso defender Throvenland. O sangue de Bail corre nas minhas veias.

– É o que você vive dizendo. – Ele esfregou a cicatriz débil na palma da mão dela com o polegar. – Eu gostaria que ele continuasse aí.

– Eu também. Mas meu pai morreu defendendo este lugar. – Ela soltou a mão dele. – Não vou fugir.

– Eu sei. Mas é bom sonhar. – Ele soltou um gemido cansado enquanto começava a se sentar. – Eu deveria ir.

Ela o segurou, puxando-o para perto, ouviu-o suspirar e sentiu toda a resistência abandoná-lo. Gostava do poder que tinha sobre ele. Não era um poder de rainha. Era apenas seu.

– Não quer ficar? – sussurrou no ouvido dele.

– Não consigo pensar em uma cama de rainha melhor do que esta. – Ele virou a cabeça para encará-la. – Bom, Laithlin é uma mulher extremamente bonita... Ai!

Ela o agarrou pelo ombro e o empurrou para baixo, montando nele. Começou a beijá-lo devagar enquanto ainda tinham tempo, enquanto ainda respiravam, afastando-se um pouco depois de cada beijo, sorrindo ao senti-lo se esforçando para encontrar sua...

– Minha rainha!

Skara não poderia saltar da cama mais rapidamente se ela estivesse pegando fogo. Olhou para a porta que chacoalhava com batidas fortes do lado de fora.

– O que é? – gritou, o cotovelo se prendendo na camisola e quase rasgando-a na pressa de vestir.

– Minha rainha! – Era a voz de Jenner. – Navios se aproximam!

– Onde diabo está Raith? – perguntou Jenner rispidamente enquanto acompanhava Skara pelos corredores. A rainha levantara o capuz por causa da garoa.

“Escondido na minha cama” talvez não fosse a melhor resposta, mas um bom mentiroso enreda o máximo de verdade possível no tecido, e Skara estava virando uma mentirosa melhor a cada dia.

– Nas últimas noites, ele nem sempre esteve junto à minha porta – disse de forma casual. – Tenho a sensação de que anda procurando consolo com alguma

garota.

Jenner grunhiu.

– Acho que não posso culpá-lo.

– É. – Skara subiu correndo a escada até o topo da Torre do Mar. – Precisamos aceitar qualquer consolo que pudermos ter.

– Eram gettlandeses. – Mestre Hunnan estava junto às ameias, franzindo a testa para a noite. – Seis navios.

– Onde? – perguntou Skara, chegando ao lado dele.

Contemplou a Mãe Oceano, tentando não pensar na queda longa até as ondas.

Ao norte, viu luzes na água. Quem quer que fossem, tinham lampiões acesos, mas já vagavam para a escuridão. Ela sentiu os ombros se afrouxarem.

– Tentaram se aproximar da fortaleza, só que logo foram repelidos – rosnou Hunnan. – Estão remando de volta para o norte o mais rápido possível, com uns dez navios do Rei Supremo seguindo bem atrás, como cães à caça de uma raposa.

A esperança morreu como brasas salpicadas por gelo. Skara apoiou os punhos nas ameias e franziu a testa para o mar negro com um levíssimo brilho de luar nas ondas.

– Navios da rainha Laithlin, imagino. – Jenner cofiou a barba, pensativo. – Mas se o objetivo deles era chegar até aqui, por que estavam tão iluminados?

Skara vislumbrou uma sombra na água escura e, de repente, as brasas da esperança chamejaram mais fortes do que nunca.

– Porque eram só uma distração. Ali!

Ela passou um braço em volta dos ombros de Jenner, apontando com o outro.

Agora podia ver os remos mergulhando, um navio vindo direto e rapidamente para o porto.

– Acho que as carrancas de proa são pombos – murmurou Hunnan.

– É o *Vento Sul*! – Skara abraçou Jenner com força. – Ordene que as correntes sejam baixadas!

– Baixem as correntes! – berrou o velho marinheiro, abraçando-a com força igual. – Pai Yarvi voltou!

IV

JURAMENTO SOLAR, JURAMENTO LUNAR

Amanhecer

As dobradiças gemeram, uma fresta de luz aparecendo entre as folhas do portão, depois se alargando. O alvorecer caiu sobre os rostos duros na passagem. Nas cicatrizes de Gorm. Nas faces de Rulf e Jenner golpeadas pelo tempo. Na carranca magra de pai Yarvi. Brilhou nos cantos dos olhos de Skara, os tendões do pescoço se mexendo enquanto ela engolia em seco.

– A senhora deveria ficar aqui – disse Raith, sabendo que ela jamais concordaria.

E foi o que aconteceu.

– Se planejamos nos render, eu devo estar lá.

Raith olhou para mãe Scaer, encolhida nas sombras, com uma coisa volumosa embaixo da capa, um lustro de metal opaco surgindo enquanto ela mudava o peso do corpo de um pé para o outro.

– Não planejamos nos render – falou ele.

– Mas deve parecer que sim. E, de qualquer modo – Skara ajeitou os ombros magros sob o peso da cota de malha, estreitando os olhos por causa da claridade –, pretendo olhar nos olhos de Yilling quando ele morrer.

Raith poderia ter dito que não existiam segredos dignos de serem conhecidos no rosto de um homem agonizante, nem mesmo do pior inimigo. Apenas dor e medo. Um vislumbre da dor e do medo que vamos sentir quando chegar a nossa vez. E a vez de todo mundo chegaria logo. Mas os que o conheciam não queriam ouvir, e os que não conheciam precisavam descobrir por si mesmos. Por isso Raith ficou quieto.

Agora o portão estava escancarado, o terreno marcado por botas, coberto de destroços, ferido por flechas se estendendo, frio e vazio, com orvalho brilhando no capim. Longe, mal surgindo em meio à névoa do amanhecer, estavam as estacas afiadas que marcavam as linhas do Rei Supremo.

Jenner pigarreou.

– Temos certeza desse plano?

– É meio tarde para pensar em outro – replicou Rulf.

– Nós nos enfiamos no pântano até o pescoço – rosnou mãe Scaer com os dentes trincados, em seguida girou a cabeça e fez os ossos do pescoço estalarem. – A única saída é em frente.

– Temos certeza – afirmou pai Yarvi.

Ele não dava sinais de dúvida, as batidas do cajado ecoando nas paredes de pedra élfica enquanto seguia pela passagem. Caminhar em direção à Última Porta com magia élfica era sua única esperança de vitória. Tudo apostado num último e insano lance das runas. Os deuses sabiam que Raith nunca fora muito de rezar, mas ele murmurou uma prece rápida.

– Fique perto – murmurou por cima do ombro.

O olhar de Skara estava fixo adiante.

– Sei onde devo estar.

Enquanto saíam ao alvorecer, espalharam-se para formar uma ponta de flecha. Pai Yarvi ia na frente, de cabeça erguida. Raith, Jenner e Rulf assumiram a esquerda; Gorm, Soryorn e Hunnan, a direita. Os seis carregavam os maiores escudos que puderam encontrar, desejando que fossem maiores ainda. Skara e mãe Scaer iam atrás. Dosduvoi vinha por fim, com uma fera de proa em forma de pombo montada num mastro segura bem alto acima deles, para mostrar que iam em paz.

Mesmo que jamais tivesse existido uma mentira maior.

Koll estava parado acima do portão, franzindo a testa ao vento. Franzindo a testa para as dez figuras minúsculas que se esgueiravam pela terra de ninguém. Franzindo a testa para os poucos homens da tripulação do *Vento Sul* espalhados nas muralhas segurando as relíquias trazidas de Strokom. Franzindo a testa na direção do exército do Rei Supremo que cercava o Promontório de Bail por todos os lados, como as mandíbulas de um lobo engolindo o mundo em vias de se fechar.

Em toda parte o brilho de metal captava o alvorecer. Os estandartes dos heróis se agitavam à brisa. Os maiores guerreiros de Yutmark e Inglefold e das Terras Baixas. Os shends mais ferozes. Os mercenários mais implacáveis,

arrastados de cada canto do mundo pela promessa de saques. Todo o poder inigualável do Rei Supremo reunido por avó Wexen num único lugar e com um único objetivo. A maior horda convocada desde que os elfos fizeram guerra contra a Divindade, e decidida a destruir Koll.

Bom, não apenas Koll, mas, se as coisas dessem errado para pai Yarvi, o futuro do aprendiz não era exatamente brilhante.

Koll percebeu que estava apertando a ameia com força e se obrigou a abrir as mãos doloridas. Não sentia tanto medo desde... a última vez em que sentira tanto medo. Não fazia muito tempo, agora que parava para pensar. Houvera Strokom, e antes disso o príncipe Varoslaf, e antes disso a escalada da muralha não muito longe de onde estava agora.

– Deuses – murmurou consigo mesmo, observando aquelas dez figuras minúsculas se deterem num calombo do terreno para aguardar o inevitável. – Preciso aprender a ter coragem.

– Ou, melhor ainda – murmurou Skifr –, a evitar o perigo.

Ele olhou para a velha, sentada de pernas cruzadas, a cabeça inclinada para trás e encostada na pedra fria, o capuz de trapos puxado sobre o rosto de modo que ele só conseguia ver a boca, levemente torcida num sorriso.

– Podemos mesmo derrotar todos esses homens? – sussurrou, beliscando nervosamente uma das mãos com a outra.

Skifr desdobrou os membros compridos e se levantou, empurrando o capuz para trás.

– Todos esses? Rá! – Ela remexeu dentro do nariz com um dedo comprido, depois jogou o resultado por cima da muralha, na direção dos homens do Rei Supremo. – Quase desejo que houvesse mais.

Skifr estendeu a mão e, sempre cauteloso, como se tivesse medo de que irrompesse em chamas – porque tinha medo mesmo –, Koll lhe entregou o primeiro tambor.

– Nenhuma hoste humana pode resistir ao poder dos elfos.

Skifr bateu com o tambor na lateral da cabeça e depois o enfiou na rombuda relíquia élfica que estava carregando, encaixou-o com um estalo, girou-o com um som chacoalhado e as letras nele viraram um borrão.

– Você vai ver.

– Eu quero ver?

– Todos verão, queiram ou não.

Skifr plantou uma das botas na ameia, com o cotovelo apoiado no joelho de modo que a arma élfica apontasse para o céu cinzento. Bem no alto, pássaros circulavam devagar. Sentindo talvez que uma refeição seria servida em breve.

– Fique feliz, garoto, se souber como. – Skifr inspirou fundo pelo nariz e soprou o ar, sorrindo. – Os sinais são auspiciosos.

Em tom baixo e grave, na língua dos elfos, ela começou a cantar.

Skara os via agora e seu coração começou a bater mais depressa ainda: um grupo de guerreiros, formando mais ou menos uma ponta de flecha, saiu das fileiras do Rei Supremo e atravessou o terreno aberto em sua direção. O tempo se arrastou. Ela ansiava por sair correndo, lutar, gritar, fazer qualquer coisa que não fosse ficar parada e esperar.

Aqueles não eram guerreiros comuns. Sua fama estava à mostra para o mundo ver nas brilhantes argolas-dinheiro nos braços e nos dedos. As vitórias alardeadas por ouro nos punhos das espadas, pelo âmbar nas bordas dos escudos, pelos padrões gravados nos elmos altos.

– Belos desgraçados – rosnou Raith com os lábios comprimidos.

– Têm mais joias do que um casamento real – grunhiu Jenner.

Todos eles sorriam. Assim como tinham sorrido quando mataram as pessoas que ela amava. Como tinham sorrido quando queimaram o castelo, a cidade, o país em que ela crescera. Skara sentiu o estômago se apertar dolorosamente, o suor escorrendo por baixo do peso da cota de malha.

– Quantos são? – ouviu Gorm murmurar.

– Estou contando 25 – respondeu Rulf. – E uma ministra.

– Mãe Adwyn – resmungou Scaer. – A garota de recados de avó Wexen.

Em algum lugar atrás deles, fraco em meio à brisa, Skara ouviu um cântico.

– Sejam vinte ou vinte mil – pai Yarvi ajeitou a mão no cajado élfico –, isso vai terminar do mesmo modo.

Skara se perguntou como seria esse modo enquanto olhava Yilling avançar à frente dos Companheiros.

Fora o corte que Uthil lhe dera, era o mesmo rosto que ela vira quando seu avô morrera. O mesmo sorriso afável que ele tinha exibido ao cortar a cabeça de mãe Kyre. Os mesmos olhos mortos que haviam fitado os de Skara na escuridão

da Floresta. Ela sentiu o vômito se manifestar, cerrou os punhos, trincou o maxilar, tencionou até os glúteos enquanto Yilling parava com ar presunçoso a poucos passos de pai Yarvi.

– Que pena – disse ele. – Eu estava ansioso para entrar lá e pegar vocês.

– Nós lhe poupamos o trabalho – reagiu Skara rispidamente.

– Sem problema, rainha Skara. – Ela sentiu a respiração travar no momento em que o olhar de Yilling encontrou o seu, e ele franziu um pouco a testa, perplexo. – Espere aí, mas... nós já nos encontramos? – Ele pulou numa pequena cabriola de empolgação infantil. – Eu conheço você! A escrava no salão do rei Fynn! – Ele bateu na coxa, deliciado. – Sem dúvida você foi mais esperta do que eu naquela noite!

– E serei de novo – disse ela.

– Infelizmente esse tempo passou. – Os olhos de Yilling continuaram em movimento. – Veio lutar contra mim, Quebrador de Espadas, como Uthil fez?

Gorm balançou a cabeça, olhando os Companheiros de Yilling que mantinham as mãos frouxas nos punhos das espadas, nos cabos de machados e de lanças, todos numa ameaça confiante.

– Infelizmente esse tempo passou também – respondeu ele.

– Que pena. Eu esperava mandar para a Morte outro guerreiro famoso e acrescentar sua canção à minha, fazendo uma maior ainda. – Yilling forçou a vista por cima dos ombros, para a Mãe Sol, e deu um suspiro de vapor. – Talvez Thorn Bathu saia das sombras agora. Ela matou meu cavalo predileto num dos seus ataques-surpresa, sabe. – Ele levantou uma sobrancelha para o homem ao seu lado. Um sujeito alto com uma trombeta no cinto. – Grosseria dela, hein, Vorenhold?

Os dentes de Vorenhold surgiram brancos no meio da barba.

– Essa é a reputação dela.

– Guerreiros... – Yilling estufou as bochechas. – Obcecados com a fama. Você deve ser pai Yarvi.

– Ele é. – Os lábios arroxeados de mãe Adwyn estavam retorcidos de desprezo. – E estou surpresa ao vê-lo aqui. Tinha certeza de que você se arrastara para longe assim que a luta começou.

O ministro de Gettland deu de ombros.

– Eu me arrastei de volta.

O sangue martelava no crânio de Skara. Mãe Scaer ajeitou os ombros, algo se moveu embaixo de sua capa.

Yilling continuou sorrindo.

– Fico feliz em conhecê-lo pessoalmente. Você é um sujeito jovem, para ter causado tanta encrenca.

– O mesmo poderia ser dito sobre você – retrucou Yarvi.

O cântico estava ficando mais alto. Um dos Companheiros franzia a testa para o topo do portão.

– É verdade que, depois de matar o rei Bratta, você fez uma taça com o crânio dele? – perguntou o ministro.

– Fiz. – Yilling deu de ombros, feliz. – Mas o vinho vazava pelos buracos do nariz.

– Há uma lição aí – disse Yarvi, e Skara viu que ele segurava o cajado com tanta força que os tendões se destacavam nas costas exangues da mão. – As coisas nem sempre acontecem como esperamos.

– Uma lição que você deveria ter aprendido – reagiu rispidamente mãe Adwyn. – Não faz muito tempo que avó Wexen lhe deu outra chance, mas você bateu na mão dela.

Skara arreganhou os dentes. Não se lembrava de nenhuma chance, só de cadáveres no chão da Floresta. Só de Yaletoft queimando no horizonte negro.

– Você não tem mais nada com que barganhar – acrescentou mãe Adwyn. – Todos vocês serão levados a Skekenhouse acorrentados para enfrentar o julgamento da Divindade Única.

– O julgamento está chegando! – Skara se lembrou de seu avô caindo no buraco do fogo. Do sangue pingando da ponta da espada de Yilling. Seu coração batia tão forte que quase estrangulou sua voz. – Mas não vindo da Divindade Única. E não para nós!

O sorriso dos Companheiros estava sumindo, suas mãos iam devagar para as armas. Yilling ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Ela é bonita, mas fala demais.

Olhou na direção das muralhas da fortaleza, onde os estranhos uivos se intensificavam, altos demais para serem ignorados.

Mãe Adwyn encarou Yarvi, irritada.

– Você e a rainha Laithlin são acusados de usar magia élfica e devem responder por seus crimes!

– Devo? – Pai Yarvi soltou uma gargalhada. – Deixe-me mostrar como é a magia élfica.

Ele levantou o cajado, fazendo-o se apoiar na mão mirrada, com a ponta na direção do peito de Yilling.

O campeão do Rei Supremo tinha uma expressão entre perplexa e entediada. Levantou a mão para Yarvi, como se quisesse espanar a bazófia daquele ministro.

– Vá encontrar sua amante! – gritou Skara.

Houve um estalo forte. Algo voou do topo do cajado de Yarvi. Os dedos de Yilling sumiram e seu rosto estava sujo de sangue espirrado.

Ele deu um passo bêbado para trás, franzindo a testa. Passou a mão arruinada no peito. Skara viu um buraco pequeno em sua malha brilhante, já ficando escuro de sangue.

– Hã – grunhiu ele, as sobrancelhas erguidas em surpresa, e tombou para trás.

– Pelos deuses – disse alguém.

Uma espada sibilou ao ser desembainhada.

Uma borda de escudo captou a luz do sol e reluziu nos olhos de Skara.

Skara foi jogada de lado quando mãe Scaer passou por ela com uma cotovelada, tirando a capa de cima de um dos ombros.

Ouviu batidas de asas quando, em algum lugar no capim, um pássaro saltou para o céu.

Vorenhold levantou sua lança, com a parte de cima do nariz se franzindo de fúria.

– Seus traiçoeiros...

Mãe Scaer se postou entre Gorm e Soryorn enquanto eles erguiam os escudos. Os tendões do seu braço tatuado se flexionaram quando ela levou ao ombro a grande relíquia élfica.

– Não! – gritou mãe Adwyn.

Outro tipo de aço

Raith estava levantando o braço para bloquear aquela lança dourada quando o escudo do homem que a segurava foi despedaçado, a borda de ferro pendendo frouxa. O sujeito foi jogado para trás como se golpeado por um machado gigante, sua bela capa tingida de verde se incendiando e a lança quebrada voando.

Então veio o trovão.

Um ruído como a Fragmentação da Divindade, um estrondo chacoalhando na velocidade de um pica-pau bicando. A arma élfica de mãe Scaer se sacudiu em suas mãos como uma coisa viva, todo o seu corpo estremecendo com a fúria louca daquilo, seu grito virando um trinado espasmódico, lascas de metal voando da parte de cima e fogo sendo cuspido da boca.

Diante dos olhos ardidos de Raith, os Companheiros de Yilling, todos guerreiros renomados, foram esmagados numa fração de segundo como besouros numa bigorna, ceifados como trigo diante da foice. Sangue, lascas e elos de malha voavam, as armas amassadas e despedaçadas giravam, membros arruinados eram atirados para longe um do outro como palha num vendaval.

Raith ficou boquiaberto e mais estalos soaram atrás, fogo saltando da muralha da fortaleza. Ele se encolheu ao ver um clarão nas linhas do Rei Supremo, uma brotação monstruosa de fogo, estacas quebradas e terra, armaduras, homens e pedaços humanos lançados no ar. O chão se sacudiu, o próprio Pai Terra estremecendo diante do poder dos elfos que era liberado.

Agora seu machado parecia uma coisinha sem sentido e Raith o deixou cair, segurou o braço de Skara e a arrastou para baixo de seu escudo. Jenner travou o dele de um lado e Rulf do outro, formando uma paredinha débil, encolhidos de terror enquanto os ministros mandavam a Morte por cima dos campos arruinados diante do Promontório de Bail.

Houve um grande ruído surdo quando a arma saltou de novo nas mãos de Skifr, uma trilha de névoa se curvando pelo ar na direção das fileiras do Rei Supremo e tocando a terra no meio de alguns cavalos cercados. Koll ofegou quando o fogo subiu com dedos em garras, pressionou as mãos nos ouvidos para se proteger do estrondo.

Cavalos foram lançados no ar como brinquedos de uma criança mal-humorada, outros empinaram pegando fogo ou saíram correndo, arrastando carroças em chamas. Koll soltou uma espécie de gemido de horror e consternação. Não soubera o que os dispositivos élficos fariam, mas não tinha ousado supor que fosse algo assim.

Os deuses sabiam que ele não era adorava lutas, mas conseguia entender por que os bardos cantavam as batalhas. O encontro de guerreiros. Habilidade contra habilidade e coragem contra coragem. Não havia habilidade nem coragem ali. Não havia nada de nobre naquela destruição cega.

Mas Skifr não estava interessada em nobreza. Ela bateu na lateral de sua arma e o tambor caiu, rolando pelo exterior da muralha e quicando no fosso. Ela estendeu a mão.

– Mais.

Por toda parte, as relíquias élficas chacoalhavam, estocavam, emitiam sons entrecortados, golpeando a audição de Koll de modo que ele mal conseguia pensar.

– E-Eu... – gaguejou ele. – Eu...

– Pfft. – Skifr enfiou a mão na bolsa dele e pegou outro tambor. – Uma vez você disse que queria ver magia!

Ela encaixou o novo tambor na fenda fumegante onde o primeiro estivera.

– Mudei de ideia.

Não era isso que Koll fazia de melhor, afinal de contas? Contudo, com o ruído das armas que gritavam, dos homens que gritavam, dos animais que gritavam, ninguém poderia tê-lo ouvido, muito menos prestado a mínima atenção ao que dizia.

Koll piscou olhando por cima do parapeito, o nariz quase na pedra, tentando compreender o caos. Ao norte parecia haver luta. Aço reluzindo em meio à fumaça que pairava. Estandartes de ossos e pele balançando sobre uma turba agitada.

Os olhos de Koll se arregalaram mais ainda.

– Os shends se viraram contra o Rei Supremo!

– Exatamente como pai Yarvi mandou – disse Skifr.

Koll a encarou.

– Ele não me disse isso.

– Se ainda não aprendeu que pai Yarvi é um homem que fala o mínimo possível, não há quem possa ajudar você.

A leste, os homens do Rei Supremo se esforçavam para formar uma parede de escudos. Koll viu um guerreiro correndo à frente, erguendo a espada. Um ato de grande coragem, mas era uma parede feita de teias de aranha. Houve um estardalhaço entrecortado vindo do pequeno grupo de escudos em volta da fera de proa do *Vento Sul*, o pretenso herói caiu e escudos foram derrubados da fileira atrás dele como moedas reviradas.

– Isso não vai adiantar – disse Skifr, apertando a arma élfica contra o rosto.

Koll queria chorar enquanto enfiava os dedos nos ouvidos. Outra pancada seca. Outra trilha de névoa. Mais um estrondo capaz de sacudir a terra, um vasto buraco arrancado na fileira. Quantos homens desaparecidos num instante, como se nunca tivessem existido, ou lançados como as fagulhas que voavam em redemoinho da forja de Rin?

Eles se dispersaram, claro. Como homens poderiam lutar contra o poder que fragmentara a Divindade? Espadas e arcos eram inúteis. Cotas de malha e escudos eram inúteis. Coragem e fama eram inúteis. O exército invencível do Rei Supremo afluiu pela estrada e pelos campos numa confusão louca, sem se importar para onde corria, desde que fosse para longe do Promontório de Bail, pisoteando os campos e jogando longe os equipamentos, impelidos pelos shends que gritavam e pelas implacáveis armas élficas, transformados de homens com um objetivo em animais sem objetivo nenhum, em pânico.

Franzindo os olhos em meio à névoa do amanhecer, Koll viu mais movimento para além deles: cavalos disparando das árvores perto da aldeia abandonada.

– Cavaleiros – disse ele, apontando.

Skifr baixou a arma élfica e soltou uma gargalhada.

– Rá! A não ser que meu olhar para portentos me engane, é minha melhor aluna trabalhando. Thorn nunca foi de perder uma luta.

– Não é uma luta – murmurou Koll. – É uma matança.

– Thorn também nunca foi de perder uma matança.

Skifr se empertigou, as queimaduras se enrugando no pescoço enquanto ela se esticava para olhar ao redor. Por toda parte, a hoste poderosa de avó Wexen ia se dispersando como palha de trigo ao vento, os cavaleiros de Thorn se movendo entre eles, aço relampejando ao cortar os inimigos, impelindo-os pelas ruínas enegrecidas da aldeia em direção ao norte.

Skifr tirou o tambor da arma élfica e o jogou de volta para Koll, obrigando-o a fazer malabarismo com aquilo, em pânico, antes de apertá-lo desesperadamente contra o peito.

– Parece que o dia é nosso – disse ela.

Devagar, de forma débil e hesitante, como uma mariposa saindo do casulo, Skara afastou o braço frouxo de Raith e, usando a borda do escudo dele como muleta, levantou-se cambaleante.

Todos os sons pareciam estranhos. Gritos, berros, pios de pássaros. De vez em quando os sons agudos, curtos e entrecortados das armas élficas. Mas tudo isso era distante, como se acontecesse em outro tempo e outro lugar.

Mãe Scaer estava de pé, esfregando o ombro dolorido. Com uma careta de nojo, jogou no chão sua relíquia ainda soltando fumaça.

– Está ferida, minha rainha?

Era a voz de Jenner. Skara demorou um instante para perceber que ele falava com ela. Olhou idiotamente para si mesma. Sua cota de malha estava toda retorcida e ela tentou ajeitá-la, limpou lama da lateral do corpo.

– Estou suja – murmurou ela, como se isso importasse, a língua desajeitada na boca seca enquanto piscava, observando o campo de batalha. Se é que aquilo podia ser chamado de campo de batalha.

A linha de estacas estava queimada e revirada, grandes buracos cavados, terra rachada, equipamentos partidos, corpos destroçados lançados em montes fumegantes. O exército do Rei Supremo, tão terrível alguns momentos antes, se dissipara como a névoa da manhã diante da Mãe Sol.

Pai Yarvi olhou para os corpos despedaçados dos Companheiros de Yilling, para seu cajado élfico, sua arma élfica, enfiada sob um braço. Sem franzir a testa

nem sorrir. Sem chorar nem gargalhar. Uma calma treinada no rosto. Um artesão satisfeito com seu trabalho matinal.

– De pé, mãe Adwyn – disse ele.

Em meio aos cadáveres, a ministra levantou a cabeça, o cabelo ruivo grudado no couro cabeludo com sangue coagulado.

– O que você fez? – Ela encarou Yarvi com incredulidade, riscas de lágrimas no rosto sujo de lama. – O que você fez?

Yarvi enrolou a mão mirrada na capa dela e a puxou de pé.

– Exatamente aquilo de que você me acusou! – rosnou ele. – Onde está seu tribunal? Onde está o júri? Quem vai me julgar agora?

Ele sacudiu seu cajado élfico no rosto dela e a jogou embolada no meio dos corpos.

De algum modo, um deles tinha se levantado cambaleante, piscando e olhando ao redor como alguém que acordasse de um sonho. Era Vorenhold, se bem que agora Skara mal o reconhecia. Sua cota estava rasgada como o casaco de um mendigo, o escudo pendendo em lascas da borda amassada, um lado do rosto sem a orelha, totalmente ferido e sangrento, e o braço que tinha segurado uma lança desaparecido até o cotovelo.

Ele pegou desajeitadamente a trombeta no cinto, levantou-a como se fosse dar um toque, depois viu que o bocal estava quebrado.

– O que aconteceu? – murmurou.

– Sua morte.

Gorm pôs a mão no ombro dele e o empurrou delicadamente de joelhos, depois, com um giro da espada, fez sua cabeça voar.

– Onde está Yilling? – murmurou Skara, indo com passo inseguro até os corpos.

Pelos deuses, ela mal conseguia distinguir um do outro. Homens que tinham se mostrado tão orgulhosos alguns instantes antes se transformaram em tripas reviradas. Talvez ela devesse estar triunfante, mas só estava aterrorizada.

– Isto é o fim do mundo – sussurrou.

Pelo menos era o fim do mundo que ela havia conhecido. O que tinha sido forte não era mais. O que tinha sido certeza estava envolto numa névoa de dúvida.

– Cuidado, minha rainha – murmurou Raith, mas ela mal escutou, muito menos obedeceu.

Skara vira o corpo de Yilling enfiado no meio dos outros, os braços abertos, uma perna dobrada embaixo de si, a malha encharcada em sangue escuro.

Esgueirou-se mais para perto. Viu o rosto liso, o grande corte que Uthil fizera.

Chegou mais perto ainda, fascinada, temerosa. Viu o sorrisinho afável nos lábios carnudos, presente mesmo na morte.

Inclinou-se acima dele. Os mesmos olhos vazios que tinham assombrado seus sonhos desde aquela noite na Floresta. A noite em que tinha jurado vingança.

A bochecha dele estremeceu?

Skara ofegou quando os olhos de Yilling se viraram bruscamente para os seus, emitiu um som rouco de choque quando a mão dele agarrou sua cota de malha e a puxou para baixo, fazendo a orelha dela encostar no rosto dele. Skara ouvia a respiração áspera de Yilling. Mas não só a respiração. Palavras também. E palavras podem ser armas.

A mão dela estava no cabo da adaga. Ela poderia tê-la sacado. Poderia tê-lo mandado pela Última Porta com um movimento do pulso. Tinha sonhado com isso frequentemente. Mas então pensou no avô: *Seja tão generosa com seus inimigos quanto com seus amigos. Não pelo bem deles, mas pelo seu.*

Ouviu Raith rosnar, sentiu a sombra dele cair sobre os dois, estendeu a palma da mão para impedi-lo. A mão de Yilling pendeu e ela se afastou dele para ver seu rosto sujo de vermelho.

Ele apertou algo debilmente na mão de Skara, uma bolsinha de couro. Dentro, viu pedaços de papel. Pedaços como os que mãe Kyre costumava desenrolar das garras das águias de avó Wexen.

Inclinou-se sobre Yilling, sem medo. E sem ódio também. Segurou a mão dele, passou a outra pela nuca e levantou gentilmente a cabeça do inimigo.

– Diga o nome – murmurou ela, e virou o ouvido para os lábios dele. Perto o suficiente para ouvir sua respiração final. Sua palavra final.

Os mortos

Foi uma cerimônia grandiosa.

Muitos gettlandeses poderosos que não tinham ido para a guerra ficariam com raiva porque o rei Uthil fora enterrado no Promontório de Bail, negando-lhes a chance de ter sua importância notada num acontecimento que perduraria por tanto tempo na memória.

Mas Laithlin forçou as palavras entre os dentes trincados:

– A raiva deles é poeira para mim.

A morte do seu marido a tornara rainha regente, com um poder maior do que nunca e o jovem rei Druin agarrado às suas saias. Thorn Bathu pairava ao lado dela com um olhar tão maligno e vingativo que só os homens mais corajosos ousavam encará-lo ao menos por um momento. Laithlin falou, então estava decidido.

E, afinal de contas, não havia escassez de figuras famosas no funeral do Rei de Ferro.

Havia a jovem rainha Skara, de Throvenland, antes uma refugiada digna de pena, agora celebrada pela coragem, compaixão e, acima de tudo, pela sabedoria profunda, com o guarda-costas de cabelo branco franzindo a testa em silêncio atrás de sua cadeira.

Havia seu noivo, Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas e Fazedor de Órfãos, com a corrente de botões de espadas mais comprida do que nunca e sua temida ministra, mãe Scaer, carrancuda ao lado.

Havia a infame feiticeira Skifr, que tinha matado mais guerreiros num instante do que o rei Uthil em toda uma vida sangrenta, sentada com sua capa de trapos apertada em volta do corpo, examinando os presságios na terra entre as pernas cruzadas.

Havia Svidur, alta sacerdotisa dos shends, com uma plaqueta élfica verde pendurada numa tira de couro em volta do pescoço. Por acaso, pai Yarvi certa vez pedira o direito de hóspede junto à sua fogueira depois de uma tempestade, em seguida a convencera a fazer uma aliança com avó Wexen e, quando fosse adequado a ele, violá-la.

Havia o próprio sábio ministro de Gettland, claro, que trouxera armas élficas das profundezas proibidas de Strokom e as usara para destruir o exército do Rei Supremo, mudando para sempre o Mar Despedaçado.

E havia seu aprendiz, Koll, cujo casaco era fino demais para a estação, por isso estava sentado com frio e lamentando ao vento do mar, sentindo que não tinha nada que estar ali.

O navio do rei, o melhor no apinhado porto do Promontório de Bail, com 24 remos de cada lado, fora arrastado por guerreiros dignos até o local escolhido, a quilha raspando nas pedras do pátio da fortaleza. O mesmo navio em que o rei Uthil navegara pelo Mar Despedaçado em seu famoso ataque às Ilhas. O mesmo navio que tinha ficado baixo na água com o peso de escravos e saques quando ele voltara em triunfo.

No convés estava o corpo do rei, enrolado no estandarte capturado de Yilling, e se viam ricas oferendas arrumadas em volta do corpo, como Brinyolf, o Tecelão de Orações, julgava que os deuses mais apreciariam.

Rulf colocou uma única flecha ao lado do corpo e Koll viu que ele se esforçava para conter as lágrimas.

– Do nada ao nada – disse ele, rouco.

Pai Yarvi pousou a mão mirrada no braço do velho comandante.

– Mas que jornada nesse meio-tempo!

Laithlin pôs uma capa de pele preta sobre os ombros do rei morto e ajudou o filhinho a enfiar uma taça cravejada de joias em suas mãos, depois colocou uma das mãos no peito dele e ficou encarando-o, o maxilar trincado com força, até que Koll ouviu pai Yarvi se inclinar perto dela e murmurar:

– Mãe?

Ela se virou sem uma palavra e guiou os enlutados até suas cadeiras, com o vento do mar batendo no capim amassado – onde a batalha tinha sido travada ou a matança perpetrada – e fustigando-o em volta dos pés deles.

Trinta cavalos capturados foram conduzidos até o navio, com os cascos fazendo barulho na madeira, e sacrificados de modo que seu sangue lavasse o convés. Todos concordaram que a Morte levaria o rei Uthil pela Última Porta com respeito.

– Os mortos vão estremecer com a notícia da chegada dele – murmurou o Quebrador de Espadas.

Em seguida, deu uma longa fungada e Koll viu lágrimas brilhando em suas bochechas grisalhas.

– Por que está chorando? – perguntou Skara.

– A passagem de um bom inimigo pela Última Porta é uma grande tristeza, assim como a passagem de um bom amigo. Uthil foi as duas coisas para mim.

Pai Yarvi ajudou o jovem rei Druin a encostar uma tocha na acendalha encharcada de piche. Num instante o navio estava em chamas e um gemido triste foi arrancado dos guerreiros reunidos num grande semicírculo. Eles contavam histórias sobre as proezas de Uthil, entoavam canções tristes sobre sua grande sorte nas armas e falavam que uma habilidade com a espada como a sua jamais seria vista de novo.

Seu herdeiro, que ainda não tinha 3 anos, estava sentado pequenino numa cadeira enorme, os pés pendendo. A espada que Rin forjara e seu pai sempre carregara estava nua sobre os joelhos do menino. Ele sorria para a procissão de guerreiros que passavam oferecendo tristeza, lealdade e presentes para a sepultura roubados recentemente dos mortos do Rei Supremo. Dizia “olá” a todos e comia bolos dados por sua mãe até ficar com mel espalhado em volta da boca.

Pai Yarvi olhou de soslaio para ele.

– Dois anos, e enfrenta isso com mais elegância do que eu enfrentei.

– Talvez. – Laithlin desgrenhou o cabelo louro-claro de Druin. – Ele está mais empertigado, mas não fez um juramento tão bom quanto o seu.

– Ele não precisa. – Yarvi remexeu a boca, fitando o fogo. – O meu ainda prende todos nós.

Ficaram sentados, com frio e em silêncio, enquanto o Pai Lua subia e seus filhos, as estrelas, apareciam. As chamas do navio sendo queimado, os bens e o rei sendo queimados iluminavam os rostos dos milhares de pessoas em luto. Ficaram sentados até que a procissão de guerreiros terminou e o rei menino

roncava baixinho nos braços da rainha Skara. Ficaram sentados até que as chamas se reduziram a um tremular e a quilha tombou sobre as brasas em redemoinho, reluzindo no mar inquieto e fazendo os passarinhos piarem no capim.

Skara se inclinou de lado e pôs a mão delicadamente na da rainha Laithlin, e Koll a ouviu murmurar:

– Sinto muito.

– Não sinta. Ele morreu como queria, com aço na mão. O Rei de Ferro! E, no entanto... havia muito mais nele do que ferro. Eu só queria... ter estado ao lado dele no final. – Laithlin estremeceu e soltou a mão para enxugar rapidamente os olhos. – Mas sei o que as coisas valem, prima, e não se pode comprar nada com desejos.

Então a rainha regente bateu palmas e os escravos com correntes tilintando nas argolas de pescoço começaram a jogar terra sobre a pira ainda fumegante, erguendo um grande monte funerário que ficaria junto ao do pai de Skara, morto em batalha, e ao do seu bisavô Horrenhod, o Vermelho, e de reis e rainhas de Throvenland, descendentes do próprio Bail, o Construtor, recuando até as névoas da história.

Laithlin se levantou, ajeitando a grande chave do tesouro de Gettland, e falou numa voz que não traía dúvida nem tristeza:

– Reúnam os homens. Vamos navegar para Skekenhouse.

Longe, na estrada, os guerreiros capturados do Rei Supremo ainda amontoavam os mortos em piras mais pobres. Piras para uma dezena, piras para uma centena, a fumaça manchando o céu por quilômetros ao redor.

Koll tinha se tornado ministro para aprender, não para matar. Para mudar o mundo, não para fragmentá-lo.

– Quando isso termina? – murmurou.

– Quando eu realizar meu juramento. – Os olhos de pai Yarvi estavam secos enquanto ele contemplava a cinzenta Mãe Oceano. – Nem um momento antes disso.

Até chegar ao degrau de baixo, Koll ainda discutia consigo mesmo se deveria descer.

Podia ouvir as batidas do martelo de Rin. O cantarolar desafinado baixinho durante o trabalho. Houvera um tempo em que isso lhe soava como boas-vindas enquanto passava pela porta. Uma canção só para ele. Agora se sentia um intruso, ouvindo uma conversa particular entre ela e a bigorna.

Rin estava franzindo a testa, com um brilho amarelo cálido no rosto, a boca comprimida numa linha firme e a chave que usava jogada por cima do ombro, de modo que a corrente apertava o pescoço suado. Ela nunca fazia as coisas pela metade. Ele sempre havia amado isso.

– Passou a trabalhar com ouro? – perguntou Koll.

Rin levantou a cabeça e, quando o olhar dela encontrou o seu, Koll sentiu que ela roubava seu fôlego. Ele pensou em como sentia falta dela. Como queria abraçá-la. Ser abraçado por ela. Sempre havia pensado, odiando admitir, que talvez ela não fosse suficientemente bonita. Que talvez alguém mais bonita iria cair em seus braços. Agora não conseguia acreditar que já se sentira assim.

Deuses, ele era um idiota.

– A cabeça do rei Druin é menor que a do pai.

Rin ergueu o Círculo do Rei redimensionado com o alicate, então o pousou e voltou a bater nele.

– Achei que você só se interessasse por aço. – Koll tentou entrar na oficina do mesmo modo despreocupado de antes, mas cada passo era um desafio nervoso. – Espadas para reis e malhas para rainhas.

– Depois do que aquelas armas élficas fizeram, tenho a sensação de que espadas e malhas não serão mais tão populares. A gente precisa mudar. Aproveitar ao máximo o que a vida oferece. Enfrentar os infortúnios com um sorriso, não é? – Rin bufou. – É o que Brand diria.

Koll se encolheu ao ouvir o nome. Pensando que tinha frustrado Brand, logo Brand, que o havia tratado como um irmão.

– Por que veio aqui, Koll?

Koll engoliu em seco. As pessoas sempre diziam que ele tinha um dom para as palavras. Mas a verdade era que tinha um dom para as palavras que não significavam nada. Para dizer o que sentia, não tinha dom nenhum. Enfiou a mão no bolso, sentiu o peso frio da pulseira élfica dourada que pegara em Strokom. Uma oferta de paz, se ela aceitasse.

– Acho que andei pensando que... talvez... – Ele pigarreou, a boca seca feito poeira enquanto a olhava cheio de culpa. – Eu tenha feito a escolha errada.

Ele pretendera que fosse uma admissão firme. Uma confissão explícita. Saiu como um guincho de autojustificação.

Rin pareceu pouco impressionada.

– Você disse a pai Yarvi que fez a escolha errada?

Ele franziu os olhos para os pés, mas seus sapatos não tinham as respostas. Sapatos não costumam ter respostas.

– Ainda não...

Koll não conseguia reunir fôlego para dizer que faria isso se ela pedisse.

Ela não pediu.

– A última coisa que quero é incomodar você, Koll.

Ele se contraiu mais ainda. Era algo que as pessoas só diziam quando incomodar o outro era prioridade.

– Mas acho que, independentemente da escolha que você fizer – acrescentou Rin –, logo vai achar que fez a errada.

Ele gostaria de dizer que isso não era justo. Gostaria de dizer que estava tão preso entre o que pai Yarvi queria, o que Rin queria, o que Brand e sua mãe desejariam que nem sabia mais o que ele próprio queria.

Porém, tudo que conseguiu falar foi:

– É. Não sinto orgulho de mim.

– Nem eu.

Rin largou o martelo e, quando ele a encarou, ela não pareceu irritada, mas triste. Até mesmo culpada. Ele já estava achando que isso poderia significar o perdão, até que ela revelou:

– Eu me deitei com outra pessoa.

Koll demorou um momento para entender e, quando entendeu, desejou não ter entendido. Seu punho se cerrou em volta da pulseira élfica no bolso com tanto força que doeu.

– Você... Com quem?

– O que importa? Não tinha nada a ver com ele.

Koll ficou parado encarando-a, subitamente furioso. Sentiu-se emboscado. Ofendido. Sabia que não tinha direito de se sentir assim, o que só o fez se sentir pior.

– Você acha que eu quero ouvir isso?

Ela pestanejou, entre culpada e raivosa.

– Espero que você odeie ouvir.

– Foi por isso que me contou?

A raiva venceu.

– Contei porque precisava, seu escroto egoísta! – rosnou ela. – Nem tudo tem a ver com você, seus grandes talentos, suas grandes escolhas e sua grande porcaria de futuro. – Ela cutucou o próprio peito com o dedo. – *Eu* precisava de uma coisa e você optou por não estar aqui! – Ela virou as costas para ele. – Ninguém vai reclamar se você optar por não estar aqui de novo.

As batidas do martelo o perseguiram escada acima. De volta ao pátio do Promontório de Bail, à guerra e à fumaça dos homens mortos.

Cavando

As costas de Raith doíam e seu peito estava dolorido, a mão quebrada muito tempo antes e a mão recém-queimada ardiam de modos diferentes devido ao trabalho. Já havia cavado lama equivalente a dez sepulturas e não encontrou nenhum sinal de Rakki, mas continuou o trabalho.

Sempre se preocupara com o que o irmão faria sem ele. Jamais tinha pensado no que ele faria sem o irmão. Talvez nunca tivesse sido de fato o mais forte dos dois, afinal de contas.

Pá subindo, pá descendo, as pancadas calmas da lâmina no solo e o amontoar constante da terra dos dois lados. Isso o poupava de ter que pensar.

– Procurando um tesouro?

Uma figura longa estava na borda do buraco com a Mãe Sol por trás, mãos nos quadris, ouro e prata brilhando no lado não raspado da cabeça. A última pessoa que ele esperaria encontrar ali. Mas é isso que acontece com as esperanças.

– Estou cavando para encontrar o corpo do meu irmão.

– De que vale isso agora?

– Para mim vale alguma coisa.

Ele jogou terra para cima, que se espalhou nas botas de Thorn, mas ela não era de se incomodar assim.

– Você nunca vai encontrá-lo. E, mesmo se encontrar, o que vai fazer?

– Uma pira adequada e queimá-lo do modo adequado, e enterrá-lo do modo adequado.

– A rainha Skara estava pensando em enterrar Yilling do modo adequado. Ela diz que devemos ser generosos com os inimigos.

– E...?

– Eu dobrei a espada dele ao meio e a enterrei. Quanto à carcaça, cortei e deixei para os corvos. Acho isso mais generoso do que ele merecia.

Raith engoliu em seco.

– Tento não pensar no que as pessoas merecem.

– Os mortos já não precisam de ajuda, garoto. – Thorn tapou uma narina com o dedo e lançou ranho na escavação de Raith com a outra. – Tudo que você pode fazer é cobrar um preço dos vivos. Vou para Skekenhouse de manhã. Cobrar um preço do Rei Supremo pelo meu marido.

– Que preço seria esse?

– A cabeça dele será um bom começo! – rosnou ela, o cuspe voando dos lábios retorcidos.

Para ser honesto, a fúria de Thorn amedrontava um pouco Raith. Para ser honesto, empolgava-o um bocado.

Fazia com que ele se lembrasse da própria fúria. Fazia com que se lembrasse de um tempo mais simples, quando sabia quem era. Quando sabia quem eram seus inimigos e tudo que desejava era matá-los.

– Imaginei que você quisesse ir junto – disse Thorn.

– Achei que você não gostasse muito de mim.

– Acho que você é um sacaninha desgraçado. – Ela cutucou uma pedra com a ponta do pé e a fez rolar pelo buraco. – É atrás desse tipo de homem que estou.

Raith umedeceu os lábios, aquele velho fogo brotando como se Thorn fosse a pederneira soltando fagulhas e ele fosse a acendalha pronta.

Ela estava certa. Rakki estava morto e nenhuma escavação iria ajudá-lo.

Enfiou a pá com força no chão.

– Vou com você.

Skara estava mudada. Ou talvez estivesse mudando pouco a pouco e ele não tivesse notado até então.

Ela havia aberto mão da cota de malha e se parecia menos com a grande pintura de Ashenleer atrás de si. Porém, ainda tinha a adaga comprida no cinto e o bracelete com a pedra vermelha que Bail, o Construtor, já usara em batalha. Ainda tinha a espada feita por Rin, mas algum jovem vindo de uma família de agricultores com propriedades queimadas estava ajoelhado ao lado dela, no lugar de Raith.

Era uma rainha de fato, e com conselheiros sábios ao seu lado. Jenner não tinha perdido sua postura de marinheiro, mas havia cortado o cabelo ralo e aparado a barba, ganhara uma capa de pele boa e uma corrente de ouro. Owd perdera peso e conquistara bastante dignidade desde a época em que era aprendiz de mãe Scaer, exibindo uma carranca desaprovadora no rosto afinado enquanto observava Raith entrar sério na câmara de audiência, com o elmo roubado embaixo do braço.

Skara olhou para ele com o queixo erguido e os ombros empertigados, de modo que o pescoço dela parecia ter um quilômetro, muito à vontade no grande trono de Bail e parecendo tão altiva quanto Laithlin. Seria de fato a mesma garota cuja cama ele havia compartilhado algumas noites antes? Cujos dedos tinham percorrido as cicatrizes nas suas costas? Cujos sussurros tinham feito cócegas nos seus ouvidos? Agora isso parecia um sonho. Talvez tivesse sido.

Ele fez uma reverência desajeitada. Sentia-se idiota, porém o que mais poderia fazer?

– Eu, é, andei pensando...

– "Minha rainha" seria o início adequado – interrompeu mãe Owd, e Skara não fez qualquer esforço para corrigi-la.

Raith se encolheu.

– Minha rainha... recebi a oferta de um lugar na tripulação de Thorn Bathu. Para comandar o ataque a Skekenhouse.

– Você pensou em aceitar? – perguntou Jenner, erguendo as sobrancelhas fartas.

Raith se obrigou a olhar nos olhos de Skara. Como se fossem só os dois, sozinhos. Homem e mulher, em vez de matador e rainha.

– Se a senhora autorizar.

Talvez tenha havido um levíssimo vislumbre de dor no rosto dela. Talvez ele só quisesse ver isso. De qualquer modo, a voz dela permaneceu regular, sem sobressaltos, um vidro liso.

– Você é um vansterlandês. Não fez nenhum juramento a mim. Está livre para ir.

– Eu preciso – disse Raith. – Pelo meu irmão.

Seu peito doeu de tanto que esperava que ela dissesse: *Não, fique, preciso de você, amo você.*

Mas Skara apenas assentiu.

– Então agradeço seu serviço fiel.

Raith não conseguiu impedir que sua bochecha se repuxasse. Um serviço fiel fora tudo que ele prestara. O mesmo que qualquer cão.

– Sua falta será muito sentida – completou Skara.

Ele tentou encontrar no rosto dela algum sinal de que sua falta era sentida, mas o rosto era uma máscara. Olhou por cima do ombro, viu um mensageiro do príncipe de Kalyiv esperando, com o chapéu de pele apertado nas mãos ansiosas, impaciente pela audiência.

Mãe Owd estava fazendo uma carranca portentosa para Raith.

– Se não há nada mais...

Sem dúvida ela havia adivinhado alguma parte do que tinha acontecido e estava ansiosa para vê-lo pelas costas. Raith não poderia culpá-la.

Seus ombros descaíram quando se virou. Parecia que ele se enganara. Antigamente, a única coisa que o impelia era a chance de dar socos na cabeça das pessoas. Skara tinha exibido um vislumbre de algo melhor e ele trocara isso por uma vingança que nem desejava.

Jenner o alcançou na porta.

– Faça o que precisar fazer. Sempre haverá um lugar para você aqui.

Raith não tinha tanta certeza.

– Diga, velho... se você fez coisas malignas... isso o torna mau?

Jenner pestanejou.

– Eu gostaria de ter a resposta, garoto. Só sei que não há como mudar o ontem. Só podemos esperar fazer melhor amanhã.

– É, acho que sim.

Raith queria dar um abraço de despedida no velho marinheiro, mas aquela corrente de ouro o fazia parecer grandioso demais. Por isso se contentou com um sorriso desajeitado para as botas sujas da escavação e saiu sorrateiramente.

Cabeça e coração

O alvorecer estava frio e límpido, e a respiração de Skara, a respiração de Laithlin, a respiração de Druin e a respiração dos guardas, escravos e ajudantes formavam uma nuvem de vapor que subia suavemente enquanto eles olhavam pela rampa que descia até o porto.

O rei Uthil era cinzas e o rei Druin era jovem demais para a tarefa, por isso coube a pai Yarvi comandar a frota até o encontro com o Rei Supremo em Skekenhouse. O fato de representar o Pai Paz não impedia que o jovem ministro de Gettland fizesse o trabalho da Mãe Guerra naquela manhã, e tão bem quanto qualquer guerreiro.

Enquanto se mostrava brilhante sobre as altas muralhas do Promontório de Bail, a Mãe Sol lançava longas sombras de dezenas de feras de proa, enfileiradas como cabeças de cavalo num desfile, cada remador calmo e pronto. Pai Yarvi deu um aceno rígido para a rainha Laithlin, depois seu grito agudo e duro ressoou sobre o porto silencioso. E, como se aquelas centenas de homens tivessem uma única mente e um único corpo, os navios começaram a se mover.

– Parece que pai Yarvi se tornou nosso líder – disse Skara.

– A guerra tem a capacidade de revelar as pessoas. – O orgulho era nítido na voz de Laithlin enquanto ela observava os navios de Gettland deslizarem para o mar, dois a dois. – Algumas florescem e algumas fenecem. Mas eu sempre soube que Yarvi tinha determinação. A sua me surpreendeu mais.

– A minha?

– Você não se manteve firme aqui, contra os incontáveis exércitos do Rei Supremo? Você mudou muito, prima, desde a garota que foi levada aos meus aposentos cansada e com os olhos marejados.

– Todos nós mudamos – murmurou Skara.

Ela viu Thorn de pé, carrancuda, na proa de seu navio, uma bota na amurada como se não conseguisse conter a pressa de chegar a Skekenhouse. O barco havia pertencido a um Companheiro de Yilling, tinha um carneiro dourado como fera de proa, mas Thorn o chamuscara até ficar preto, de modo a combinar melhor com seu humor e – se você estivesse do lado do Rei Supremo – com sua má reputação. Os olhos de Skara se moveram, observando os tripulantes sentados em seus baús, homens perigosos, todos decididos a se vingar, até que viu uma cabeça branca bamboleando junto com o movimento do remo e se obrigou a desviar os olhos.

No dia anterior, no Salão de Bail, quisera pedir que ele ficasse. Ordenar que ele ficasse. Tinha aberto a boca com esse intuito, mas, no último momento, deixou que ele se fosse. Tinha feito com que ele partisse. Nem pudera dar um adeus de verdade. Não seria adequado.

Não sabia se isso poderia ser chamado de amor. Não era nem um pouco como os bardos cantam. Contudo, o que quer que sentisse era poderoso demais para se arriscar a tê-lo do lado de fora da porta todo dia, toda noite. Daquele jeito teria que ser forte em todos os momentos e, cedo ou tarde, iria ceder. Desse jeito só precisava ser forte uma vez.

Doía empurrá-lo para longe assim. Doía mais ver quanto o magoava. Porém, mãe Kyre sempre dissera que os sofrimentos fazem parte da vida. Tudo que você pode fazer é colocá-los nos ombros e ir em frente. Skara tinha sua terra, seu povo e seu dever a cumprir. Levá-lo para a cama fora idiotice, egoísmo, um erro imprudente, e ela não podia se dar ao luxo de cometer outro.

Jenner meneou a cabeça para Skara da plataforma de comando do *Cão Negro*. E, enquanto ela levantava o braço em resposta, um grito soou empolgado vindo das tripulações de Throvenland. Desde a vitória, os homens vinham em bandos ao Promontório de Bail ajoelhar-se diante dela e jurar lealdade e, ainda que os navios pudessem ter sido tirados do Rei Supremo, os guerreiros eram seus.

– Agora você deve ter vinte tripulações gritando seu nome – disse Laithlin.

– Vinte e duas – respondeu Skara, enquanto olhava seus navios acompanharem os gettlandeses para fora do porto.

– Não é uma força pequena.

– Quando fui até você, eu não tinha nada. Nunca vou esquecer quanto lhe devo. – Querendo fazer algum tipo de gesto, Skara chamou sua escrava. – Você deve pegar de volta a escrava que me emprestou...

– Ela desagradou a você?

Skara viu o medo nos olhos da jovem.

– Não. Não, eu só...

– Fique com ela. – Laithlin balançou a mão. – É um presente. O primeiro de muitos. Afinal de contas, logo você vai ser a Rainha Suprema de todo o Mar Despedaçado.

Skara a encarou.

– O quê?

– Se o vento soprar na sua direção, avó Wexen vai ser derrubada de seu alto poleiro na Torre do Ministério. Os sacerdotes da Divindade Única serão expulsos para o sul. O Rei Supremo vai cair. Você não parou para pensar em quem irá substituí-lo?

– Eu estava distraída tentando permanecer viva ao final de cada dia.

Laithlin bufou como se esse fosse um motivo mesquinho para ignorar os giros da roda do poder. Talvez fosse.

– O Quebrador de Espadas é o mais famoso guerreiro que resta vivo. O único rei jamais derrotado em batalha ou duelo. – Ela indicou o cais com a cabeça e Skara o viu subindo a rampa comprida na direção delas enquanto homens saíam de seu caminho como pombos dispersos. – Grom-gil-Gorm será o Rei Supremo. E você será a esposa dele.

Skara pôs a mão no estômago que borbulhava.

– Não me sinto pronta nem para ser rainha de Throvenland.

– Quem se sente pronta? Eu fui rainha aos 15 anos. Meu filho é rei aos 2.

– Está doendo – disse Druin com voz aguda, tirando o Círculo do Rei da cabeça.

– Ele já sente o peso – murmurou Laithlin, colocando o Círculo de volta delicadamente sobre o cabelo louro e fino do menino. – Eu enterrei dois maridos. Esses casamentos começaram com o que era melhor para Gettland, mas me deram meus dois filhos. E, quase sem que a gente perceba, o respeito pode se desenvolver. O gostar. Até o amor. – A voz de Laithlin pareceu embargada de repente. – Quase... sem que a gente perceba.

Skara não disse nada. Ser Rainha Suprema e usar a chave de todo o Mar Despedaçado. Não se ajoelhar para mais ninguém, nunca mais. Ter nações inteiras olhando para ela como exemplo. Uma garota que tinha acabado de fazer 18 anos e mal conseguia obrigar o próprio estômago a obedecê-la. Tentou acalmar as entranhas nervosas quando o Quebrador de Espadas parou diante delas. Vomitar nas botas do futuro marido seria um presságio ruim.

– Rainha Laithlin – disse ele, fazendo uma reverência desajeitada. – Rainha Skara... eu gostaria de trocar algumas palavras antes de partir para Skekenhouse. Nós vamos...

Ele franziu os olhos na direção dos navios amontoados, uma das mãos mexendo com o cabo das adagas que se eriçavam no cinto.

– Nos casar? – completou Skara.

Ela sempre soubera que não escolheria o próprio marido, mas de algum modo, como uma garota, tinha pensado que o príncipe perfeito seria oferecido e que sua cabeça e seu coração estariam numa concordância abençoada. Agora via como fora ingênua. Sua cabeça sabia que Gorm era um bom pretendente. Seu coração teria que se esforçar para acompanhar.

– Perdoe-me – disse ele – se as palavras de amante são... pesadas na minha boca. Sempre fui mais lutador.

– Isso não é segredo. – Era estranho como o nervosismo dele a fazia se sentir mais calma. – O que você usa não é uma corrente com chaves de damas conquistadas.

– Não, e minha esposa também não usará. – O Quebrador de Espadas ergueu uma corrente, o sol baixo brilhando em ouro e prata, reluzindo em pedras polidas. – Os botões das espadas de Yilling e seus Companheiros – disse ele enquanto a passava pela cabeça de Skara. – Você reivindicou uma vingança famosa em nome do seu avô – Gorm ajeitou a corrente sobre a capa de pele nos ombros dela – e merece usá-los com o mesmo orgulho com que eu uso os meus.

Skara pestanejou, fitando a joia que brilhava no centro da corrente, um diamante do tamanho de uma bolota de carvalho, preso numa garra de ouro. Conhecia-o muito bem. Ela o vira toda noite em seus sonhos. A pedra refletira o fogo no punho da espada de Yilling enquanto ele matava mãe Kyre e o rei Fynn.

Sentiu um tremor de nojo, quis tirar a corrente e jogá-la no mar junto com as lembranças daquela noite. Mas, para o bem ou para o mal, aquilo fazia parte dela

e Skara não podia recusar o presente. Empertigou-se e imaginou se não gostava do peso nos ombros, afinal de contas.

Para ela, a corrente murmurava uma afirmação. Skara tinha passado pelo fogo e, como o aço de melhor qualidade, havia saído mais forte.

Para os outros, soava como uma ameaça: não importa sua fama, torne essa mulher sua inimiga e você vai terminar como mais um pedaço de metal na corrente dela.

– Um presente digno de uma Rainha Suprema do Mar Despedaçado – disse ela, apertando a corrente contra o peito.

– Eu gostaria de deixar sua mente em paz, já que... talvez não seja o homem que você teria escolhido. Queria dizer que pretendo ser um bom esposo. Ceder a você em questões da moeda e da chave. Dar-lhe filhos.

Skara engoliu em seco, mas era uma coisa apropriada a dizer, e mãe Kyre jamais a teria perdoado se ela não desse uma resposta adequada.

– Do mesmo modo, pretendo ser uma boa esposa para você. Ceder em questões do arado e da espada. Dar-lhe filhas.

O rosto escarpado de Gorm se abriu num sorriso estranho.

– Espero que sim. – Em seguida, olhou para Druin, que o encarava lá de baixo. – Pessoas pequenas aos nossos pés, a quem possamos dar o futuro. Parece uma coisa boa.

Skara tentou não deixar que seus pensamentos transparecessem. Tentou abrir um sorriso vitorioso, voluntarioso.

– Vamos encontrar nosso caminho juntos, de mãos dadas.

Ela estendeu a mão para ele.

Parecia minúscula, branca e lisa na manzorra cheia de cicatrizes de Gorm. Parecia a mão de uma criança. Mas seu aperto era o mais firme. Parecia que a dele tremia.

– Não tenho dúvida de que você será um esposo tão bom quanto é guerreiro – afirmou ela, pondo a outra mão embaixo da dele, para firmá-la.

– Juntos seremos formidáveis como a Mãe Oceano e o Pai Terra. – Ele se animou enquanto passava para um terreno mais firme. – E vou começar trazendo para você a cabeça do Rei Supremo como presente de casamento!

Skara se encolheu.

– Eu preferiria a paz.

– A paz vem quando matamos todos os inimigos, minha rainha.

Gorm recolheu a mão, fez outra reverência e partiu para seu navio.

– Aquela corrente em volta do pescoço dele deveria ter lhe ensinado uma coisa... – murmurou Laithlin. – Sempre há mais inimigos.

O campo de batalha do ministro

– Você acha que tem tanto tempo... – disse Skifr, fitando as chamas. – Tantos prêmios corajosos adiante, tantas colheitas a fazer. Ouça minhas palavras, meu pombinho: antes que você perceba, seu glorioso futuro virou um bocado de histórias velhas e cansadas, e não há nada adiante a não ser o pó.

Koll estufou as bochechas. A luz do fogo no rosto de Skifr o fez se lembrar da luz da forja no rosto de Rin e arrastou para sua mente o sofrido último encontro dos dois. Dificilmente duas mulheres poderiam ser tão diferentes, mas, quando estamos tristes, tudo traz de volta uma lembrança triste.

– Vou tomar um chá – falou ele, tentando em vão parecer animado enquanto tirava a panela do fogo. – Talvez as coisas não pareçam tão sombrias depois...

– Tome a vida com as duas mãos! – retrucou Skifr com rispidez, fazendo Koll pular e quase virar a panela no colo. – Regozije-se com o que tem. Poder, riqueza, fama são fantasmas! São como a brisa, impossíveis de segurar. Não existe destino grandioso. Todo caminho leva à Última Porta. Aproveite as fagulhas que uma pessoa provoca na outra. – Ela se encolheu na capa de trapos. – Elas são a única luz nas trevas do tempo.

Koll pôs a panela de volta, fazendo o chá se derramar e sibilar nas chamas.

– Vou tomar um chá, está bem?

Deixou Skifr sozinha com suas trevas e levou as dele para fora da ruína, para a encosta, olhando na direção de Skekenhouse, lar do Rei Supremo.

A Torre do Ministério se erguia no centro, pedra élfica e vidro élfico perfeitos, subindo e subindo, depois lascada pela Fragmentação da Divindade, uma crosta de paredes, torres, cúpulas e telhados feitos pelo homem cobrindo a ferida como uma casca feia. Pontes circulavam as torrinhas mais altas. Pombos, talvez, como os que eram cuidados por Koll, trazendo mensagens em pânico de

ministros distantes. Ou águias mandadas com as últimas ordens desesperadas de avó Wexen.

O enorme templo novo do Rei Supremo à Divindade Única parecia atarracado à sombra da torre élfica, uma coisa feiosa apesar de todo o esforço, ainda com uma crosta de andaimes depois de dez anos de construção, metade dos caibros nus como as costelas de um cadáver morto muito tempo antes. Ele o construíra para mostrar que os homens também podiam fazer grandes obras. Tudo que tinha provado era como seus melhores esforços eram débeis diante das relíquias dos elfos.

Telhados se espalhavam ao redor da torre e do templo em todas as direções, um labirinto de ruas estreitas entre construções de pedra, de madeira e de barro. Do lado de fora ficavam as famosas muralhas élficas. Quilômetros delas. Desmoronadas em alguns lugares, sustentadas por bastiões construídos pelo homem e apinhadas de ameias feitas por humanos. Mas ainda fortes. Muito fortes.

– Precisamos entrar – rosnou Thorn, com a pulseira élfica reluzindo vermelha enquanto ela olhava carrancuda para a cidade como um lobo diante de um galinheiro.

Koll não ficaria surpreso se a visse babando como um lobo, tamanha era a sede de vingança.

– Sem dúvida – disse mãe Scaer, com os olhos estreitados até as fendas habituais. – A questão é: como?

– Ainda temos as armas élficas. Acho que podemos quebrar a concha de avó Wexen e, depois, tirá-la dos escombros.

– Mesmo com as armas élficas, demorará um tempo para passar pela muralha – observou pai Yarvi. – Quem sabe que maldades avó Wexen pode aprontar nesse meio-tempo?

– Poderíamos disparar flechas incendiárias por cima da muralha – sugeriu Rulf, dando um tapinha em seu arco de chifre preto. – Para isso as armas dos homens servem, e logo teríamos um belo incêndio.

– Agora esta é minha cidade – disse pai Yarvi. – Não quero vê-la queimada até os alicerces.

– *Sua* cidade? – zombou mãe Scaer.

– Claro. – Yarvi afastou o olhar de Skekenhouse e o virou calmamente para ela. – Eu serei avô do Ministério, afinal de contas.

Scaer deu uma bufada incrédula.

– Será?

– Se Vansterland vai ficar com o trono do Rei Supremo e Throvenland com a chave da Rainha Suprema, parece justo que Gettland fique com a Torre do Ministério.

Mãe Scaer estreitou os olhos mais ainda, presa em terreno desconfortável entre a suspeita diante da ideia da ascensão de Yarvi e a ambição ao pensar em Gorm no trono.

– Deveríamos fazer uma assembleia para decidir isso.

– Será que pessoas sábias como nós precisam mesmo discutir o óbvio? Será que devemos fazer uma assembleia para estabelecer que a Mãe Sol vai seguir o Pai Lua pelo céu?

– Só os idiotas discutem sobre o que não têm – murmurou Koll.

Ele parecia ser o único ministro que tentava aplainar o caminho para o Pai Paz, e nem tinha feito seu juramento.

Rulf enfiou os polegares no velho cinturão da espada.

– Durante semanas eles ficaram presos do lado de fora das nossas muralhas élficas. Agora estamos presos do lado de fora das muralhas deles.

– Yilling cometeu o erro de tentar escalar por cima ou cavar por baixo – disse Yarvi.

– O que ele deveria ter feito? – perguntou Thorn rispidamente.

Koll já sabia a resposta, mesmo que não gostasse muito dela:

– Ter usado da conversa para atravessá-las.

– Exatamente. – Pai Yarvi pegou seu cajado e começou a descer a colina. – Os guerreiros podem ficar aqui. Agora vocês estão no campo de batalha do ministro.

– Desde que a vingança possa ser encontrada lá! – rosnou Thorn às suas costas.

Yarvi se virou arreganhando os dentes.

– Ah, haverá vingança suficiente para todo mundo, Thorn Bathu. Eu jurei.

Diante dos portões de Skekenhouse, a estrada estava remexida até virar um atoleiro chapinhante, cheio de lixo pisoteado, barracas rasgadas, móveis quebrados e animais mortos. As posses de pessoas que tinham tentado se aglomerar em Skekenhouse em busca de segurança. Ou talvez dos que haviam tentado sair de lá em busca de segurança. Tolice, de qualquer modo. Quando a Mãe Guerra abre as asas, não existe lugar seguro.

Koll sentiu como se tivesse uma pedra na garganta. Não sentira tanto medo nem ao se aproximar de Strokom. Ficava se esgueirando mais para perto de Rulf e seu escudo, encolhendo-se à medida que a muralha élfica se erguia acima deles, com os longos estandartes do Rei Supremo e sua Divindade Única pendendo das ameias, manchados pelo clima.

– Não foi você que escalou o Promontório de Bail sozinho em tempo ruim? – grunhiu o comandante pelo canto da boca.

– É, e na ocasião fiquei adequadamente aterrorizado também.

– Os loucos e os idiotas não sentem medo. Os heróis temem e, mesmo assim, enfrentam o perigo.

– Será que eu poderia não ser nenhum dos três e voltar para casa? – murmurou Koll.

– Não há volta – disse rispidamente mãe Scaer por cima do ombro, ajeitando a relíquia élfica embaixo da capa.

– Não tenha medo, amigo. – Dosduvoi levantou mais alto o mastro que carregava, com a fera de proa do *Vento Sul* presa no topo. – Temos o pombo de um ministro para manter as flechas longe.

– Uma bela peça de escultura – comentou Koll, encolhendo-se ao ver movimento nas ameias –, mas um pouquinho pequena para bloquear flechas.

– O propósito do pombo de um ministro – sibilou pai Yarvi – é impedir que as flechas sejam disparadas. Agora fique quieto.

– Parem aí! – gritou uma voz aguda, e o grupo parou ruidosamente. – Trinta arcos estão apontados para vocês!

Pai Yarvi estufou o peito como se o oferecesse como um bom lar para flechas, mas Koll notou que ele mantinha o cajado de metal élfico seguro na mão boa.

– Guardem as armas! – Sua voz não poderia ser mais firme nem se ele estivesse no topo da muralha. – Somos ministros e viemos falar em nome do Pai

Paz!

– Vocês têm homens armados também!

– Vamos falar pela Mãe Guerra se for preciso, e em vozes de trovão. – Pai Yarvi sinalizou para os homens armados espalhados nos campos lamacentos em volta da cidade. – Os guerreiros de Gettland e Throvenland cercam suas muralhas. O próprio Quebrador de Espadas se aproxima pelo mar. E atrás de nós, na colina, a feiticeira Skifr observa. Ela, cuja magia derrotou o exército do Rei Supremo. Ela espera minha palavra. Se vocês concordarem com os termos, poderão ter paz. – Yarvi deixou os braços baixarem. – Se não concordarem, podem ter o que Yilling teve.

Quando a voz chegou, todo o tom de desafio tinha se esvaído:

– Você é pai Yarvi.

– Sou, e tenho comigo mãe Scaer, de Vansterland.

– Meu nome é Utnir. Fui eleito para falar pelo povo de Skekenhouse.

– Meus cumprimentos, Utnir. Espero que nós dois possamos salvar algumas vidas. Onde está avó Wexen?

– Ela se trancou na Torre do Ministério.

– E o Rei Supremo?

– Não é visto desde que chegaram as notícias da derrota no Promontório de Bail.

– Toda vitória é a derrota de alguém – murmurou Koll.

– Assim como todo herói é o vilão de alguém – disse Rulf.

– Seus líderes abandonaram vocês! – gritou mãe Scaer.

– É melhor vocês os abandonarem – falou pai Yarvi – antes que eles arrastem toda Skekenhouse pela Última Porta junto com eles.

Outra pausa, talvez o murmúrio de vozes na muralha acima, e uma brisa fria agitou os longos estandartes de encontro à pedra élfica.

– Há um boato de que você fez aliança com os shends – soou a voz de Utnir.

– Fiz, sim. Sou um velho amigo da suma sacerdotisa deles, Svidur. Se vocês resistirem a nós, entregarei a cidade a Svidur e, quando ela cair, seus cidadãos serão trucidados ou escravizados.

– Nós não temos papel na guerra! Não somos inimigos de vocês!

– Provem que são nossos amigos, então, e representem seu papel na paz.

– Soubemos que você falou belas palavras diante de Yilling. Por que deveríamos confiar em você?

– Yilling era um cão louco que adorava a Morte. Assassinou o rei Fynn e a ministra dele. Queimou mulheres e crianças em Thorlby. Pelo fim dele, não derramo lágrimas nem guardo arrependimentos. – Pai Yarvi levantou sua mão mirrada, com a voz firme e o rosto exposto. – Mas sou um ministro e defendo o Pai Paz. Se vocês quiserem seguir os passos dele, vão me encontrar ao seu lado. Abram os portões para nós e faço um juramento solar e um juramento lunar de que farei todo o possível para salvaguardar a vida e as propriedades do povo de Skekenhouse.

Depois de todo o sangue derramado, Koll ficou orgulhoso ao ver seu mestre transformando o punho em uma mão aberta. Mais vozes sussurraram acima, mas finalmente Utnir pareceu satisfeito. Ou pelo menos ciente de que não tinha escolha.

– Muito bem! Vamos entregar as chaves da cidade nas mãos dos seus homens!

– A história agradecerá a vocês! – gritou pai Yarvi.

Koll percebeu que estivera prendendo o fôlego e o soltou num suspiro que estufou suas bochechas. Mãe Scaer emitiu um grunhido e fechou a capa. Dosduvoi se inclinou para Koll, sorrindo.

– Eu disse que o pombo manteria as flechas longe.

– Acho que hoje as palavras de pai Yarvi é que foram nosso escudo – respondeu ele.

O próprio ministro estava abraçando Rulf.

– Junte seus homens de melhor comportamento e assuma o controle do portão.

– Não me restam muitos – disse Rulf. – Alguns que estavam no *Vento Sul* conosco ficaram doentes.

– Os que remaram até Strokom? – murmurou Koll.

Pai Yarvi o ignorou:

– Use os que você tem e faça com que os defensores estejam desarmados. Quero boa disciplina e bom tratamento para todos.

– Sim, pai Yarvi – falou o velho comandante, virando-se para chamar alguns homens com a mão grande.

– Depois entregue a cidade aos shends.

Rulf se virou para ele, com os olhos arregalados.

– Tem certeza?

– Eles exigem vingança pelos ataques do Rei Supremo. Eu dei a Svidur a palavra de que ela poderia ter a cidade primeiro. Mas deixe que Thorn Bathu e Grom-gil-Gorm também tenham seus pedaços. Esse é o menor mal.

– O senhor fez um juramento – murmurou Koll enquanto Rulf se afastava para dar as ordens, balançando a cabeça careca.

– Jurei fazer tudo que pudesse. Não posso fazer nada.

– Mas aquelas pessoas...

Yarvi segurou a camisa de Koll com a mão mirrada.

– Aquelas pessoas reclamaram quando Yaletoft foi queimada? – rosnou ele. – Ou Thorlby? Quando o rei Fynn foi morto? Ou Brand? Não. Elas aplaudiram Yilling. Agora que paguem o preço. – Ele alisou gentilmente a camisa de Koll enquanto o soltava. – Lembre-se: o poder implica ter um ombro sempre nas sombras.

O fim da fila

Pai Yarvi tinha dito que não haveria incêndios, mas algo estava queimando em algum lugar.

A fumaça era uma névoa fraca que transformava o dia nas ruas de Skekenhouse num crepúsculo amarronzado. Arranhava a garganta de Raith. Tornava cada respiração um esforço. Formas se moviam na penumbra. Figuras correndo. Os saqueadores ou os saqueados.

Era estranho como os cheiros podem trazer as lembranças com tanta clareza. O fedor de queimado levou Raith de volta àquela aldeia na fronteira entre Vansterland e Gettland. Halleby, era esse o nome? A que eles tinham incendiado por nada, onde Raith afogou um homem num cocho para porcos. Na ocasião, pareceu uma coisa ótima a fazer. Depois ele alardeou isso e Grom-gil-Gorm gargalhou com seus guerreiros e o chamou de sacaninha desgraçado, e sorriu por ter um cão tão maligno em sua coleira.

Agora a boca de Raith estava azeda de medo, o coração martelando, a cabeça doendo e a palma da mão pegajosa no cabo do machado. Levou um susto com um estrondo em algum lugar, um grito longo, mais parecendo de um animal do que de um homem, e girou forçando a vista na penumbra.

Talvez devesse agradecer à Mãe Guerra por estar com os vencedores. Era o que costumava dizer ao irmão, não era, quando Rakki balançava a cabeça, fitando as cinzas? Mas se existia um lado certo, era difícil imaginar que o grupo de guerreiros de Thorn Bathu estivesse nele.

Raith havia se juntado a uma turba malévola, de olhos brilhantes como raposas, furtiva como lobos, os corpos desleixados mas as armas tratadas com um carinho reluzente. A maioria era de gettlandeses, mas Thorn recebia bem qualquer um que tivesse contas a cobrar e nenhum escrúpulo quanto ao modo. Raith nem sabia o nome da maioria deles. Não significavam nada uns para os

outros, só estavam unidos pelo ódio. Homens que tinham perdido parentes ou amigos. Homens que tinham se perdido e a quem não restava nada a não ser tomar dos outros o que lhes fora tomado.

Alguns arrastavam pessoas para fora das casas enquanto outros as invadiam com estardalhaço, estraçalhando baús, retalhando colchões e revirando móveis, supostamente para encontrar tesouros escondidos, mas na verdade só pelo júbilo de destruir. As vítimas não lutavam mais do que ovelhas levadas para o cercado do matadouro. Antigamente Raith ficaria surpreso por elas não lutarem. Ficaria enojado. Agora entendia bem demais. Ele mesmo não tinha mais ânimo para lutar.

As pessoas não são apenas covardes ou heróis. São as duas coisas e nenhuma das duas, dependendo da situação. Dependendo de quem esteja com elas, de contra quem elas estejam. Dependendo da vida que tiveram. Da morte que esperam.

Estavam enfileiradas de joelhos na rua. Algumas empurradas para baixo. Algumas jogadas no chão. A maioria simplesmente entrava no fim da fila por vontade própria e se ajoelhava, humilde. Um tapa ou um soco quando era necessário, para se moverem, mas, fora isso, nenhuma violência. Afinal de contas, um escravo espancado vale menos do que um saudável e, se eles não valessem o suficiente para serem vendidos, por que desperdiçar esse esforço?

Raith fechou os olhos. Deuses, estava cansado. Tão cansado que mal conseguia ficar de pé. Pensou no rosto do irmão, pensou no de Skara, porém não conseguia vê-los com clareza. O único rosto que conseguia ver era o daquela mulher observando sua fazenda em chamas, chamando pelos filhos, a voz embargada e meio louca. Sentiu as lágrimas pinicando sob as pálpebras e deixou os olhos se abrirem.

Um vansterlandês com uma argola de prata no nariz arrastava uma mulher pela axila, gargalhando, mas o riso era entrecortado e forçado, como se ele tentasse se convencer de que havia algo engraçado naquilo.

Thorn não parecia rir. Os músculos se mexendo na lateral da cabeça, as cicatrizes lívidas nas bochechas pálidas, os tendões se destacando nítidos e implacáveis no braço com que segurava o machado.

– Mal vale a pena levar a maioria desses – disse um guerreiro, um grande gettlandês com queixo torto, empurrando um velho de joelhos para o fim da fila.

– Então o que fazemos com eles? – perguntou outro.

A voz de Thorn saiu chapada e despreocupada:

– Estou pensando em matá-los.

Uma das mulheres começou a soluçar uma oração e alguém a fez se calar com um tapa.

Ali estava o sonho. Saquear uma cidade grande. Pegar o que você quisesse. Caminhar presunçoso como um ser superior pelas ruas onde haviam zombado de você em tempos de paz. Governar com supremacia só porque você tinha uma arma e era maldoso a ponto de usá-la.

Os olhos de Raith estavam úmidos. Era a fumaça, ou talvez estivesse chorando. Pensou naquela fazenda pegando fogo. Sentiu-se esmagado, tão enterrado quanto o irmão, mal conseguindo respirar. Parecia que tudo que valia a pena ser salvo nele tinha morrido junto com Rakki ou tinha sido deixado para trás com Skara.

Segurou a tira de couro do elmo, puxou-o e o jogou no chão com um ruído oco. Observou-o rolar pelas pedras. Coçou com força o cabelo achatado e mal sentiu.

Olhou de lado para aquela fila de pessoas ajoelhadas na estrada. Viu um menino cerrar o punho com força, apertar um punhado de terra da sarjeta. Viu uma lágrima dependurada no nariz de uma mulher. Ouviu o velho no final chiando de medo a cada respiração.

As botas de Thorn faziam barulho esmagando o cascalho enquanto ela ia até ele.

Ela demorou. Juntando coragem, talvez. Apreciando o momento, talvez. Deixando metade do machado deslizar pela mão até segurá-lo pela extremidade polida.

O velho se encolheu quando Thorn parou atrás dele, movendo os pés no chão como um lenhador ao lado do cepo.

Ela ajeitou os ombros, pigarreou, virou a cabeça e cuspiu.

Levantou o machado.

Raith soltou o ar num suspiro trêmulo, postou-se entre Thorn e o velho e ficou parado encarando-a.

Não disse nenhuma palavra. Não sabia se conseguiria falar, de tão áspera que estava sua garganta, tamanha a força das batidas do coração. Só ficou parado.

Silêncio.

O guerreiro de queixo torto deu um passo na direção dele.

– Tire o rabo daí, idiota, antes que eu...

Sem afastar o olhar de Raith, Thorn levantou um dedo comprido e disse:

– Shhh.

Foi só isso, mas bastou para o grandalhão parar. Ela encarou Raith, os olhos afundados na sombra, os cantos deles captando o brilho vermelho e furioso daquela pulseira élfica.

– Fora do meu caminho.

– Não posso. – Raith soltou o escudo do braço e o deixou cair. Jogou o próprio machado com estrépito em cima. – Isso não é vingança. É apenas assassinato.

O rosto cheio de cicatrizes de Thorn se contraiu e ele ouviu a fúria na voz dela. Dava para ver os ombros dela quase se sacudindo junto.

– Não vou pedir de novo, garoto.

Raith estendeu os braços na direção dela, as mãos espalmadas. Podia sentir as lágrimas no rosto e não se importou.

– Se você está disposta a matar, pode começar comigo. Eu mereço mais do que eles.

Fechou os olhos e esperou. Não era idiota a ponto de achar que isso compensava uma centésima parte do que já havia feito. Só não conseguia mais ficar parado olhando.

Houve um som esmagado e uma dor incandescente em seu rosto.

Tropeçou por cima de alguma coisa e sua cabeça bateu com força em uma pedra.

O mundo girou. Ele sentiu um gosto salgado.

Ficou imóvel um instante, imaginando se seu sangue estaria vazando por toda a rua. Imaginando se estava se importando.

Mas ainda respirava, apesar de soprar bolhas por uma narina a cada fungada. Levou a mão desajeitadamente ao nariz. Parecia ter o dobro do tamanho de antes. Estava quebrado, sem dúvida, pela sensação enjoativa quando ele o tocava. Grunhiu rolando de lado, apoiando-se num cotovelo.

Rostos duros, rostos cheios de cicatrizes, nadando em volta, olhando para baixo. O velho continuava ajoelhado, os lábios se movendo numa oração

silenciosa. Thorn ainda estava junto dele, com o machado na mão, a pulseira élfica ardendo vermelha como carvão quente. Pela mancha de sangue na testa dela, Raith deduziu que ela lhe dera uma cabeçada.

– Uff – grunhiu ele.

Foi necessário um esforço infernal para rolar, com o sangue caindo do nariz nas costas das mãos. Apoiou-se num joelho e bamboleou, estendeu um braço para se firmar, mas não caiu. A tontura estava sumindo e ele se levantou cambaleante, mas no final conseguiu. Postou-se de novo entre Thorn e o velho.

– Cá estamos.

Ele lambeu os dentes e cuspiu sangue, depois abriu os braços, fechou os olhos de novo e ficou oscilando.

– Maldição – ouviu Thorn sussurrar.

– Ele está maluco? – perguntou outra pessoa.

– Apenas mate-o e acabe logo com isso – rosnou o do queixo torto.

Outra pausa. Uma pausa que pareceu durar para sempre e Raith se encolheu fechando os olhos com força. Cada respiração trêmula provocava um guincho esquisito no nariz quebrado, mas ele não conseguia evitar.

Ouviu um som raspado baixo e entreabriu um olho. Thorn tinha enfiado o machado na alça do cinto e estava parada com as mãos nos quadris. Ele piscou idiotamente para ela.

Então não estava morto.

– O que vamos fazer? – perguntou rispidamente o da argola no nariz.

– Deixem eles irem – respondeu Thorn.

– É isso? – O guerreiro de queixo torto espalhou cuspe enquanto rosnava as palavras. – Por que eles devem ficar livres? Eles deixaram minha mulher ficar livre, deixaram?

Thorn virou a cabeça para encará-lo.

– Mais uma palavra e você é que vai estar ajoelhado. Deixe eles irem.

Ela puxou o velho pela gola da camisa e o empurrou, cambaleante, na direção das casas.

Raith deixou os braços penderem lentamente, o rosto transformado num grande latejamento.

Sentiu algo bater no rosto. Olhou e viu que o grandalhão tinha cuspido nele.

– Seu desgraçado. Você é que deveria morrer.

Raith assentiu cansado enquanto limpava o cuspe.
– É, provavelmente. Mas não por causa disso.

As lágrimas do Pai Paz

Pai Yarvi caminhava à frente deles, com as batidas do cajado élfico que havia matado Yilling ecoando pelo corredor. Ia tão depressa que Koll precisava correr um passo ou outro para acompanhá-lo, a capa de trapos de Skifr estalando em volta da arma élfica que ela segurava ao lado do corpo, os equipamentos de Rulf e seus guerreiros chacoalhando. Mãe Adwyn ia tropeçando em seguida, a crista de cabelos ruivos transformada num esfregão sem forma, uma das mãos tentando afrouxar um pouco a corda em volta do pescoço ferido.

O corredor era ladeado por armas amassadas e sujas de ferrugem, dos exércitos derrotados por Reis Supremos das últimas centenas de anos. Mas naquele dia não haveria vitória para o Rei Supremo. De trás das janelas estreitas, Koll podia ouvir o saque de Skekenhouse. Podia sentir o cheiro de queimado. Podia sentir o medo, contagioso como a peste.

Baixou a cabeça, tentando não imaginar o que acontecia lá fora. Tentando não imaginar o que poderia acontecer ali, quando pai Yarvi enfim ficasse cara a cara com avó Wexen.

– E se ela fugiu? – perguntou Skifr rispidamente.

– Ela está aqui – disse Yarvi. – Avó Wexen não é do tipo que foge.

Uma porta dupla alta, de madeira escura, ficava no fim do corredor, esculpida com cenas da vida de Bail, o Construtor. Como ele havia conquistado Throvenland. Como conquistara Yutmark. Como escalara uma colina de inimigos mortos para conquistar todo o Mar Despedaçado. Em outro dia, Koll teria admirado a arte, se é que não a conquista, só que agora ninguém estava com humor para trabalhos em madeira.

Uns dez guardas bloqueavam o caminho, homens com cota de malha, carrancas e lanças apontadas.

– Saiam da frente – ordenou pai Yarvi, com Rulf e seus guerreiros se espalhando por toda a largura do corredor. – Diga a eles, mãe Adwyn.

– Deixem que eles passem, eu imploro! – Adwyn falava como se as palavras doessem mais do que a corda, mas ainda assim falava. – A cidade caiu. Sangue derramado agora é sangue desperdiçado.

Koll esperava que eles ouvissem. Mas sabemos como são as esperanças.

– Não posso. – O capitão dos guardas era um guerreiro cuja fama não era pequena, seu escudo cravejado de prata pintado com a águia da Primeira dos Ministros. – Avó Wexen ordenou que estas portas permaneçam lacradas e eu fiz um juramento.

– Juramentos... – murmurou Koll. – Não passam de encrenca.

Skifr o empurrou de lado enquanto passava, levantando a relíquia élfica contra o ombro.

– Viole seu juramento ou encontre a Morte.

– Por favor!

Mãe Adwyn tentou se enfiar na frente de Skifr, mas o guerreiro que segurava sua corda a arrastou para trás.

O capitão levantou o escudo e olhou orgulhoso por cima da borda.

– Não tenho medo de você, bruxa! Eu...

A arma de Skifr soltou um ruído agudo e curto, o som alto como um trovão no espaço estreito. Metade do escudo do capitão se despedaçou, seu braço voou num jorro de sangue e derrubou o homem ao lado. Ele foi lançado contra a porta, ricocheteou e caiu de cara no chão. Uma perna se sacudiu um pouco e ficou imóvel, o sangue se espalhando no cadáver que soltava fumaça, sangue esparramado nos belos relevos da porta. Um pedacinho de metal caiu, quicou, seguiu tilintando até um canto.

– Mais alguém quer permanecer leal a avó Wexen? – perguntou Yarvi.

Como se tivessem combinado, os guardas jogaram suas armas no chão.

– Deus misericordioso – sussurrou mãe Adwyn enquanto Rulf passava agilmente sobre o líder morto dos soldados, segurava as maçanetas de ferro e as puxava em vão.

– Trancada – rosnou ele.

Skifr levantou de novo sua relíquia élfica.

– Eu tenho a chave.

Rulf se jogou no chão. Koll pressionou os ouvidos enquanto a arma cuspia fogo, arrancando pedaços do lindo trabalho em madeira no ponto em que as duas folhas da porta se encontravam. Lascas voaram, aguilhoando. Antes que os ecos se dissipassem, Skifr avançou, ergueu o pé e chutou as portas estragadas, que se abriram com um tremor.

Até mesmo para um homem que tinha visto as maravilhas de Strokom, o Salão dos Sussurros era estonteante, pedra élfica e vidro élfico subindo até bem longe, uma sacada em forma de anel a uma altura equivalente a cinco homens, outra a uma altura igual, acima da primeira. Tudo era iluminado por uma claridade tremeluzente intensa, porque no centro da vastidão do piso redondo ardia uma fogueira enorme. Uma pira de livros, papéis e rolos de pergaminho alta como o monte funerário de um rei, o calor das chamas que rugiam sugando o suor da testa de Koll.

Estátuas dos seis Deuses Altos se erguiam altas com chamas reluzindo nos olhos de granadas, e mais alta ainda se via uma estátua nova da Divindade Única, nem homem nem mulher, fitando a destruição com indiferença tranquila. Figuras menores se destacavam contra as chamas. Eram irmãs do Ministério vestidas de cinza, algumas olhando horrorizadas para a porta, outras ainda alimentando freneticamente o fogo, papéis meio queimados flutuando até o alto no espaço cheio de ecos, caindo lentos como folhas no outono.

– Façam com que parem! – berrou Yarvi, a voz esganiçada acima do rugido das chamas. – Ponham argolas nelas! Acorrentem-nas! Mais tarde vamos escolher quem poupar e quem culpar!

Os guerreiros de Rulf já afluíam pela porta, com as cotas de malha, as lâminas e os olhos ávidos brilhando com as cores do fogo. Uma garota de cabeça raspada foi arrastada chutando, com sangue nos dentes à mostra. Era uma aprendiz, como Koll, apenas fazendo o que lhe fora ordenado, e ele esfregou as velhas marcas de esfoladura onde muito tempo antes ficava sua argola de escravo.

Algumas pessoas poderiam achar estranho que um homem que havia sofrido como escravo pudesse escravizar as outras sem hesitar, mas Koll entendia: todos ensinamos as lições que nos ensinaram, afinal de contas.

– Onde está avó Wexen? – rosnou Skifr, com cuspe voando dos lábios queimados.

– Lá em cima! – gritou uma ministra encolhida. – Na segunda sacada!

Não restava lealdade em Skekenhouse, apenas fogo e caos.

Atravessaram o piso amplo até uma passagem estreita, com cinzas caindo em volta como neve preta. Subiram uma escada em caracol, cada vez mais alto, a respiração ecoando e as sombras dançando no escuro. Passaram por uma porta e saíram por outra, para a luz espalhafatosa.

Uma velha estava junto ao corrimão de metal élfico, usando um manto que se arrastava no chão, o cabelo branco cortado curto, uma grande pilha de livros ao lado, as lombadas marcadas em ouro e engastadas com pedras preciosas. Ela pegou um punhado deles e jogou por cima da amurada – anos de trabalho, décadas de lições, séculos de aprendizado indo para as chamas. Mas é assim quando a Mãe Guerra abre as asas: destroça num momento de júbilo o que seu marido choroso, o Pai Paz, demora vidas inteiras para tecer.

– Avó Wexen! – gritou Yarvi.

Ela se imobilizou, os ombros encolhidos, depois se virou lentamente.

A mulher que governara o Mar Despedaçado, traçara o destino de incontáveis milhares de pessoas, fizera guerreiros estremecerem e usara reis como marionetes não era nem um pouco o que Koll esperava. Não era uma vilã dando risadas malévolas. Nenhum mal gigantesco. Só um rosto maternal, redondo e muito enrugado. Parecendo sábio. Parecendo amistoso. Sem marcas espalhafatosas de status. Apenas com uma corrente fina em volta do pescoço e, presos nela, papéis escritos: éditos, julgamentos, dívidas a serem cobradas e ordens a serem obedecidas.

Ela sorriu. Não aparentando nem um pouco a presa desesperada enfim encurralada. A expressão de uma mentora cujo aluno desgarrado tinha atendido aos seus chamados.

– Pai Yarvi. – Sua voz era profunda, calma e tranquila. – Bem-vindo a Skekenhouse.

– Queimando livros? – Yarvi foi lentamente em direção à antiga mentora. – Achei que o dever de um ministro era preservar o conhecimento.

Avó Wexen estalou suavemente a língua. A decepção da mestra sábia diante da tolice rude do aluno.

– Você me fazer sermão sobre o dever de um ministro! – Ela deixou a última braçada de livros cair por cima da sacada. – Você não vai se beneficiar do

conhecimento que reuni.

– Não preciso dele. – Yarvi levantou seu cajado élfico. – Tenho isto.

– Os elfos tinham isso, e veja o que foi feito deles.

– Aprendi com o exemplo deles. Para não mencionar o seu.

– Acho que não aprendeu nada.

– Esqueça o aprendizado – rosnou Skifr. – Você vai sangrar pelo sangue dos meus filhos que derramou, pelo sangue dos filhos dos meus filhos que você derramou. – Ela ergueu a arma élfica. – Meu único pesar é que você nunca vai poder sangrar o suficiente.

Avó Wexen nem se encolheu diante da Morte.

– Engana-se se acha que o sangue dos seus filhos está nas minhas mãos, bruxa. Ouvi dizer que você foi vista em Kalyiv e fiquei feliz porque você tinha ido embora do Mar Despedaçado, e mais do que contente porque não voltaria nunca.

– Você é feita de mentiras, ministra – rosnou Skifr, com o suor brilhando na testa franzida. – Você mandou ladrões e assassinos para me matar!

Avó Wexen deu um suspiro pesaroso.

– Isso diz a ladra e assassina que lambe os pés do príncipe das mentiras. – Ela passou o olhar por Koll, Skifr e, finalmente, Yarvi. – Desde o momento em que beijou meu rosto depois do teste, eu soube que você era uma víbora. Deveria tê-lo esmagado naquela hora, mas optei pela misericórdia.

– Misericórdia? – Yarvi soltou uma gargalhada. – Você esperava fazer com que eu mordesse por você, e não contra.

– Talvez. – Avó Wexen olhou, enojada, a arma élfica que Skifr segurava nos braços. – Mas nunca imaginei que você acabaria fazendo *isso*. Violar as leis mais profundas do Ministério? Arriscar o mundo em troca das suas ambições?

– Você conhece o ditado: Que o Pai Paz derrame lágrimas por causa dos métodos. A Mãe Guerra sorri com os resultados.

– Eu conheço o ditado, mas o lugar dele é na boca dos assassinos, e não dos ministros. Você é *veneno.*

– Não vamos fingir que só um de nós está nas sombras. – Os olhos de pai Yarvi brilharam, refletindo o fogo, enquanto ele avançava. – Eu sou o veneno que você misturou nas suas tramas. O veneno que você preparou quando

ordenou que meu pai e meu irmão fossem mortos. O veneno que você jamais supôs que beberia.

Os ombros de avó Wexen se afrouxaram.

– Não deixo de ter arrependimentos. É só isso que o poder deixa para nós, no fim. Mas a arrogância de Laithlin, cedo ou tarde, teria nos arrastado para o abraço da Mãe Guerra. Tentei nos guiar para longe das pedras. Tentei escolher o menor mal e o bem maior. Mas você exigiu o caos.

A Primeira dos Ministros arrancou um papel da corrente em volta do pescoço e o jogou na direção de Yarvi, de modo que ele flutuou, caindo entre os dois.

– Eu o amaldiçoo, traidor. – Ela levantou a mão e, tatuados em sua palma, Koll viu círculos concêntricos feitos de letras minúsculas. – Eu o amaldiçoo em nome da Divindade Única e dos muitos. – Sua voz ressoou, ecoando no espaço altíssimo do Salão dos Sussurros. – Todos que você ama irão traí-lo! Tudo que você fizer vai apodrecer! Tudo que você construir vai cair!

Pai Yarvi apenas deu de ombros.

– Nada vale menos do que as maldições dos derrotados. Se você tivesse estado no terreno proibido de Strokom, entenderia. Tudo cai.

Ele deu um passo súbito adiante e empurrou avó Wexen com sua mão mirrada.

Os olhos dela se arregalaram de choque. Talvez, por mais sábios que sejamos, por mais que a Última Porta se escancare, a travessia da soleira sempre seja uma surpresa.

Ela deu um guincho sem sentido enquanto tombava por cima do corrimão. Houve um estrondo ecoante e um longo berro de horror.

Koll avançou cauteloso, engolindo em seco ao olhar por cima da sacada. A fogueira ainda ardia lá embaixo, a fumaça subindo, o calor tremeluzente parecendo um peso que comprimia seu rosto. A todo-poderosa Primeira dos Ministros estava caída bem ao lado, o corpo retorcido parecendo pequeno visto tão de cima. Tudo cai. Mãe Adwyn se ajoelhou lentamente ao lado dela, a mão pressionando a boca manchada de roxo.

– Então eu cumpri com meu juramento.

Pai Yarvi franziu a testa, olhando a mão mirrada, como se mal pudesse acreditar no que ela havia feito.

– Sim. – Skifr largou a arma élfica na sacada com estrépito. – Nós dois tivemos a vingança. Qual é a sensação?

– Eu esperava mais.

– A vingança é um modo de nos agarrarmos ao que perdemos. – Skifr se encostou na parede, deslizou para baixo até estar sentada com as pernas cruzadas. – É uma cunha enfiada na Última Porta e, através da fresta, podemos vislumbrar os rostos dos mortos. Lutando pela vingança com todo o ser, violamos cada regra para tê-la, mas, quando a agarramos, não há nada ali. Apenas sofrimento.

– Precisamos encontrar alguma coisa nova para buscar. – Pai Yarvi pousou a mão mirrada no corrimão e se debruçou. – Mãe Adwyn!

A ministra de cabelo ruivo se levantou devagar, olhando na direção deles, as lágrimas nas bochechas brilhando à luz da fogueira.

– Mande águias para os ministros de Yutmark e das Terras Baixas! – gritou Yarvi. – Mande águias para os ministros de Inglefold e das Ilhas. Mande águias para cada ministro que se ajoelhou diante de avó Wexen.

Mãe Adwyn pestanejou na direção do cadáver de sua senhora, depois olhou para cima. Enxugou as lágrimas nas costas da mão e, pelo que pareceu a Koll, ajustou-se facilmente à nova realidade. Que opção ela teria? Que opção qualquer um deles teria?

– Com que mensagem? – perguntou ela, fazendo uma curta reverência rígida.

– Que agora se ajoelhem diante de avô Yarvi.

O matador

Os mortos estavam amontoados diante da porta. Sacerdotes da Divindade Única, supôs Raith, a julgar pelos mantos com o sol de sete raios bordado, cada qual com a cabeça rachada. Sangue escorria por baixo dos corpos, formando riscas escuras pelos degraus de mármore branco, tornado rosa pela garoa que caía.

Talvez tivessem esperado misericórdia. Sabia-se que o Quebrador de Espadas preferia tomar escravos a fazer cadáveres. Por que matar o que poderia vender, afinal de contas? Mas, aparentemente, Gorm estava com humor para destruição nesse dia.

Raith fungou pelo nariz quebrado. As lascas de madeira faziam barulho sob seus pés enquanto ele passava pela porta despedaçada e entrava no grande templo do Rei Supremo.

O telhado estava pela metade, caibros nus se destacando contra o céu branco, a chuva tamborilando num piso de mosaico semiacabado. Havia bancos compridos, talvez onde os fiéis se sentavam para rezar, mas agora não existiam fiéis ali, apenas os guerreiros de Vansterland, bebendo, rindo e destruindo.

Um deles estava sentado num banco com as botas sobre outro, uma tapeçaria dourada em volta dos ombros como uma capa, o rosto inclinado para trás, a boca aberta e a língua esticada para pegar a chuva. Raith passou por ele, entre colunas altas e esguias como troncos de árvores, o pescoço doendo de olhar para o belo trabalho de cantaria acima.

Havia um corpo na mesa no meio da enorme câmara, enrolado num manto vermelho e dourado que se espalhava pelo chão, uma espada cravejada de joias presa nas mãos envelhecidas até parecer garras brancas. Soryorn estava ao lado dele, franzindo a testa.

– Ele é pequeno... – comentou o porta-estandarte, que parecia ter perdido o estandarte em algum lugar. – Para um Rei Supremo.

– Esse é ele? – murmurou Raith, olhando incrédulo para aquele rosto murcho. – O maior dos homens, entre deuses e reis?

Mais parecia um velho mercador de escravos do que o governante do Mar Despedaçado.

– Está morto há dias.

Soryorn arrancou a espada do Rei Supremo, deixando uma das mãos pender para fora da mesa. Colocou a arma no chão e pegou um cinzel, pretendendo arrancar o botão que tinha uma pedra preciosa engastada. Então fez uma pausa.

– Você tem um martelo?

– Não tenho nada – respondeu Raith, e falava a sério.

As paredes altas na outra extremidade do salão tinham sido pintadas de rosa, azul e ouro, cenas de mulheres aladas que ele nem conseguia começar a entender, trabalho de horas, dias e semanas. Os guerreiros de Gorm riam enquanto treinavam a mira atirando machados, despedaçando o reboco, espalhando-o pelo chão. Homens com quem Raith havia rido observando fazendas queimarem perto da fronteira. Agora mal olhavam para ele.

No fundo do templo via-se uma plataforma de mármore e, sobre ela, um grande bloco de pedra preta. Grom-gil-Gorm estava de pé com os punhos sobre ela, franzindo a testa para uma janela alta preenchida por lascas de vidro colorido que formavam uma cena, uma figura com o sol atrás, entregando algo a um homem barbudo.

– Lindo – murmurou Raith, admirando o modo como a Mãe Sol atravessava o vidro e lançava cores estranhas no piso, no bloco de pedra e nas velas, na taça de ouro, na jarra de vinho que estavam em cima dele.

Gorm olhou de soslaio.

– Eu me lembro de quando as únicas coisa bonitas para você eram o sangue e a glória.

Raith não podia negar.

– Acho que as pessoas podem mudar, meu rei.

– Raramente para melhor. O que aconteceu com seu rosto?

– Falei a coisa errada para uma mulher.

– O argumento dela foi impressionante.

– É. – Raith se encolheu ao encostar um dedo no nariz que latejava. – Thorn Bathu é uma tremenda debatedora.

– Rá! Você não pode dizer que não foi alertado com relação a ela.

– Acho que tendo a ser imprudente, meu rei.

– O limite entre a ousadia e a tolice é difícil de ser encontrado, mesmo para os sábios.

Gorm brincou pensativamente com um dos botões de espada em volta do pescoço e Raith imaginou quem seria o morto cuja espada aquela peça havia equilibrado.

– Estive pensando nessa janela, mas não consigo imaginar que história ela conta.

– O Rei Supremo recebendo o trono dessa tal Divindade Única, imagino.

– Está certo! – Gorm estalou os dedos. – Mas é tudo uma bela mentira. Uma vez me encontrei com o homem que esculpiu esse trono, e ele não era um deus, mas um escravo de Sagenmark com um bafo medonho. Nunca achei que fosse um belo artefato e minha opinião não mudou. É elaborado demais. Acho que vou mandar fazer um novo.

Raith levantou as sobrancelhas.

– Um novo, meu rei?

– Logo serei entronizado no Salão dos Sussurros como Rei Supremo de todo o Mar Despedaçado. – Gorm espiou de lado, a boca comprimida num sorrisinho presunçoso. – Nenhum homem jamais foi favorecido com inimigos maiores do que eu. Os três irmãos, Uthrik, Odem e Uthil. A inteligente rainha Laithlin. Yilling, o Brilhante. Avó Wexen. O próprio Rei Supremo. Prevaleci sobre todos. Por força, esperteza e sorte nas armas. Pelo favor da Mãe Guerra e pela traição de pai Yarvi.

– O grande guerreiro é aquele que ainda respira quando os corvos se refestelam. O grande rei é aquele que observa as carcaças de seus inimigos queimarem.

Como essas palavras pareciam ocas a Raith agora, mas Gorm sorriu ao ouvi-las. Os homens sempre sorriem ao ouvir suas lições serem repetidas.

– Sim, Raith, sim! Seu irmão podia falar mais, porém você sempre foi o inteligente. O único que entendia de verdade! Como você disse, Skara será invejada como rainha e vai administrar bem meu tesouro e me dar filhos fortes, falar belas palavras que me trarão navios do outro lado do mar. Por acaso você estava certo em não matá-la.

Os nós dos dedos de Raith doeram enquanto ele cerrava o punho.

– O senhor acha, meu rei?

Sua voz quase desapareceu de tão rouca, de tão nauseado que estava pelo ciúme, pela injustiça, mas Gorm achou que era uma gratidão lacrimosa.

– Acho e... perdoo você. – O Quebrador de Espadas sorriu como se seu perdão fosse o melhor presente que um homem poderia receber, e certamente melhor do que Raith merecia. – Mãe Scaer gosta de constância. Mas eu quero homens à minha volta, não escravos que não questionem. Um serviçal leal às vezes protege o senhor das próprias decisões impensadas.

– Os deuses de fato o favoreceram, meu rei, e lhe deram mais do que qualquer homem poderia desejar.

Mais do que qualquer homem poderia merecer. Sobretudo um homem daqueles. Raith fitou aquele rosto sorridente, com cicatrizes de uma centena de lutas, iluminado nas cores espalhafatosas da janela. O rosto do homem que ele havia admirado tanto. O rosto do homem que o havia tornado quem ele era.

Um matador.

Raith pegou a taça de ouro no altar.

– Deixe-me servir um brinde à sua vitória!

Inclinou a jarra fazendo-a transbordar, o vinho escuro batendo vermelho como manchas de sangue na plataforma de mármore. Tomou o gole que o enchedor de taça toma para garantir que o vinho é seguro para lábios melhores do que os seus.

Houve um estrondo enorme atrás deles, insultos berrados, e Gorm se virou por tempo suficiente para Raith enfiar dois dedos na bolsa e sentir o vidro frio entre eles.

O cadáver magro do Rei Supremo tinha sido derrubado da mesa funerária para o chão enquanto dois guerreiros de Gorm lutavam por sua mortalha vermelha, o tecido fino se rasgando ao brigarem como cães por um osso.

– Há uma canção nisso, acho – murmurou Gorm, fitando o corpo nu do homem que governara o Mar Despedaçado, caído com pouca dignidade em seu piso inacabado. – Mas haverá muitas canções entoadas sobre este dia.

– Canções sobre a queda de cidades e a morte de reis – disse Raith.

Ele se ajoelhou, oferecendo a taça dourada para seu senhor. Assim como costumava fazer depois de cada duelo e cada batalha. Depois de cada vitória.

Depois de cada fazenda incendiada. Depois de cada assassinato mesquinho.

– Um brinde ao novo Rei Supremo! – exclamou. – Bebido na taça dos antigos!

– Senti sua falta, Raith.

Gorm sorriu ao estender a mão para a taça, assim como Skara tinha feito quando estava provando a cota de malha, mas dessa vez as mãos de Raith permaneceram firmes.

– Fui pouco generoso, e vemos o que acontece com um rei pouco generoso. Você retornará a mim e carregará minha espada de novo, e minha taça também.

Grom-gil-Gorm levou a bebida aos lábios.

Raith respirou fundo e soltou um suspiro.

– É o que sempre quis.

– Argh. – O Quebrador de Espadas franziu o nariz. – Este vinho tem um gosto horrível.

– Tudo aqui tem um gosto horrível.

– É bem verdade. – Gorm estreitou os olhos para Raith por cima da borda da taça enquanto tomava outro gole. – Você mudou um bocado. Seu tempo ao lado da minha futura rainha lhe ensinou muita percepção e paciência.

– A rainha Skara me fez ver as coisas de modo diferente, meu rei. Eu deveria dizer a ela que vou abandonar seu serviço para retornar ao meu lugar de direito. Isso seria o adequado.

– O adequado? Quase posso dizer que você está domesticado! – Gorm esvaziou a taça e a jogou sobre o altar, enxugando as gotas que ficaram na barba. – Vá até a rainha, então. Ela já deve ter desembarcado. Vamos nos casar de manhã, afinal de contas. Acho que ela vai ficar triste em perder seu cão predileto. – O Quebrador de Espadas afagou a cabeça de Raith. – Mas eu ficarei feliz em ter o meu de volta.

Raith fez uma reverência profunda.

– Nem de longe tão feliz quanto o cão estará, meu rei.

Em seguida, virou-se e desceu da plataforma com um pouco de seu antigo passo presunçoso, meneando a cabeça para Soryorn, que se aproximava pelo outro lado com o botão da espada do Rei Supremo.

Raith ouviu o porta-estandarte perguntar:

– Devemos queimar este lugar, meu rei?

– Por que queimar o que podemos usar? – respondeu Gorm. – Alguns golpes de cinzel vão transformar essas estátuas miseráveis na Mãe Guerra, e num instante teremos erguido um portentoso templo dedicado a ela! Um presente justo, porque ela deu ao seu filho predileto todo o Mar Despedaçado...

Raith saiu sorrindo na noite. Pela primeira vez não tinha arrependimentos.

O dia mais feliz

Skara se olhou no espelho.

Lembrava-se de ter feito a mesma coisa quando chegara a Thorlby, aparentemente cem anos antes, depois de fugir das ruínas queimadas do salão de seu avô. Na ocasião, mal reconhecera a garota de aparência frágil. Não tinha certeza se conhecia melhor a mulher de rosto duro que estava ali agora. Uma mulher com um desafio orgulhoso no olhar, uma expressão implacável na boca e uma adaga com pedras preciosas no cinto, que ela parecia mais do que disposta a usar.

Girou o bracelete que Bail, o Construtor, havia usado, com a pedra vermelha brilhando. Lembrava-se do avô lhe dando o presente, pensou em como ele estaria orgulhoso ao vê-la agora. Visualizou seu sorriso sorridente, depois se encolheu ao pensar no corpo dele caindo no buraco do fogo. Precisou conter a náusea familiar. Fechou os olhos e tentou acalmar o coração que batia forte.

Tinha dito a si mesma que, quando visse Yilling morto, estaria livre. Sentiu a escrava ajeitando gentilmente a corrente de botões de espadas em volta do pescoço, a corrente onde a chave da Rainha Suprema estaria pendurada em breve, e sentiu o peso frio dela nos ombros nus, o peso de coisas feitas e escolhas feitas.

Em vez de banir os fantasmas de mãe Kyre e do rei Fynn, ela havia acrescentado os fantasmas de Yilling e seus Companheiros. Em vez de se libertar do toque frio dos dedos dele nas sombras da Floresta, tinha se acorrentado mais ainda ao aperto de morte dos punhos dele nos campos diante do Promontório de Bail.

Mãe Owd estava certa. Quanto mais fugimos do passado, mais rápido ele nos alcança. Tudo que podemos fazer é dar meia-volta e encará-lo. Abraçá-lo. Tentar encontrar o futuro mais forte por causa dele.

Houve uma batida forte à porta e Skara soltou uma respiração longa e profunda e abriu os olhos.

– Entre.

Jenner ocuparia o lugar de seu pai na cerimônia, o que parecia adequado, já que agora ele era o mais próximo de uma família que ela possuía. Sentiu a náusea de novo ao ver o tecido sagrado sobre o ombro dele, que seria enrolado na sua mão e na de Gorm para uni-los por toda a vida.

O velho navegador veio para o seu lado, com as feições desgastadas parecendo duplamente desgastadas no espelho, e balançou devagar a cabeça.

– A senhora parece mesmo uma Rainha Suprema. Como se sente?

– Como se fosse vomitar.

– Ouvi dizer que é assim que uma jovem deve se sentir no dia do casamento.

– Está tudo pronto?

Se ela estivera esperando que uma grande enchente tivesse varrido os convidados para o mar, ficou desapontada.

– Você nunca viu nada igual! A rainha Laithlin trouxe quilômetros de tapeçarias brancas e o Salão dos Sussurros está todo enfeitado com guirlandas de flores de outono e atapetada com folhas de outono. A estátua da Divindade Única perdeu a cabeça e logo vai perder o corpo, e os Deuses Altos estão de volta ao lugar de direito. Pode dizer o que quiser sobre avô Yarvi, mas ele é um homem que faz as coisas.

Skara estufou as bochechas.

– Avô Yarvi agora.

– Muita gente subiu de nível ultimamente.

– Subiu por uma montanha de cadáveres. – Ela ajeitou a corrente de botões de espadas no pescoço, com o diamante de Yilling lampejando na clavícula. – E ninguém subiu mais alto do que eu.

Jenner não estava escutando.

– Vieram pessoas de todo o Mar Despedaçado. De Gettland, Throvenland e Vansterland. De Inglefold, das Terras Baixas e das Ilhas. Shends, banyas, e só os deuses sabem de onde alguns vêm, porque eu não sei. Até vi alguns emissários de Catália, que tinham vindo falar com o Rei Supremo e descobriram que há um novo desde que partiram.

– Como está o ânimo?

– Ainda há muitas feridas abertas e sempre há os que tendem à amargura, mas a maioria das pessoas está feliz porque a Mãe Guerra dobrou as asas e o Pai Paz sorri de novo. Muitos desprezam Gorm, muitos outros desconfiam de Yarvi, mas o amor pela senhora é grande.

– Por mim?

– Sua fama se espalhou! A rainha guerreira que lutou por sua terra quando não havia mais ninguém! A mulher que derrubou Yilling, mas o socorreu na hora da morte. Majestade e misericórdia combinados, foi o que ouvi. Ashenleer de volta.

Skara piscou para si mesma no espelho. Não se lembrava de socorrer Yilling. Só daquela bolsinha com papéis. Soltou um arroto ácido, apertou a barriga com a mão e se perguntou se Ashenleer sofria com temores no estômago.

– A verdade e as canções raramente se sentam juntas, não é? – murmurou.

– Nem sequer no mesmo salão, mas não é para dizer a verdade que os bardos são contratados. – Houve uma pausa e Jenner olhou para ela por baixo das sobrancelhas. – Tem certeza de que quer fazer isso?

Ela estava muito, muito longe de qualquer certeza, mas não precisava das dúvidas dele em cima das suas.

– Eu fiz um acordo. Não posso recuar, mesmo se quisesse.

– Mas quer? Talvez existam homens piores do que o Quebrador de Espadas, mas acho que a conheço, minha rainha. Se pudesse escolher alguém, duvido que ele seria o marido que a senhora escolheria...

Skara engoliu em seco. A garota que ela fora antes que as chamas tomassem o salão de seu avô poderia ter ansiado por uma escolha diferente. A garota que havia comprimido o corpo contra Raith no escuro também. Só que ela não era mais uma garota.

Ergueu o queixo e fitou seu conselheiro com os olhos estreitados. Obrigou-se a parecer segura.

– Então você não me conhece tão bem quanto acha, Jenner. Grom-gil-Gorm será coroado Rei Supremo hoje. Ele é o guerreiro mais famoso do Mar Despedaçado. Uma aliança entre Vansterland e Throvenland irá nos tornar fortes e tornará nosso povo forte, e nunca mais homens levarão fogo a Yaletoft no meio da noite! – Ela percebeu que estava gritando e se obrigou a baixar a voz.

Obrigou o coração a silenciar e falou com a cabeça: – Gorm é o marido que eu escolheria. O marido que eu escolhi.

Jenner olhou para as próprias botas.

– Nunca pretendi duvidar da senhora...

– Sei o que você quer dizer. – Skara pôs a mão delicadamente no ombro de Jenner, e o olhar dele subiu até o dela, um pouco úmido. – Você ficou ao meu lado quando ninguém mais ficou e sei que ainda está do meu lado. Rezo para que sempre esteja. Mas este é o meu dever. Não vou dar as costas a ele.

Não podia. Por mais que doesse.

Jenner deu aquele sorriso banguela que Skara tinha passado a amar, o rosto desgastado se enchendo de rugas de felicidade.

– Então vamos casar a senhora.

Os dois se viraram quando a porta se abriu com estrondo. Mãe Owd estava parada olhando, arfante, o manto novo comprido demais e meio embolado aos pés, com uma película de suor na testa pálida. Não era preciso ter uma mente grandiosa para ver que ela trazia notícias pesadas.

– Desembuche – disse Skara rispidamente, a náusea pinicando o fundo da garganta.

– Minha rainha... – Mãe Owd engoliu em seco, os olhos redondos no rosto redondo. – Grom-gil-Gorm está morto.

Mudando o mundo

– Eu sei que foi você! – rosnou mãe Scaer, a fúria preenchendo o Salão dos Sussurros até o topo, ecoando de volta de modo tão violento que Koll encolheu os ombros. – Ou aquela sua cadela...

– Se está falando da rainha Skara, ela não é uma cadela nem é minha. – O sorriso de avô Yarvi permanecia tão incólume diante da fúria de Scaer quanto a pedra élfica diante de flechas. – Se sabe que sou responsável, deveria estar apresentando provas, mas não tem nenhuma porque não tive nada a ver com isso.

Scaer abriu a boca, mas Yarvi falou primeiro:

– Estamos falando de Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas e Fazedor de Órfãos! Ele costumava alardear que nenhum homem tinha mais inimigos! Cada botão de espada naquela corrente que ele usava era a dívida de alguém que precisava ser cobrada.

– E, afinal de contas... – Koll espalmou as mãos e tentou parecer o mais sério possível. – Às vezes... as pessoas simplesmente *morrem.*

Mãe Scaer virou o olhar gélido para ele.

– Ah, homens morrerão por causa disso, prometo!

Os guardas de Yarvi se remexeram, infelizes, os rosto escondidos por trás de placas faciais douradas, mas as armas élficas exibidas ostensivamente. Os homens que tinham remado no *Vento Sul* até Strokom haviam adoecido. Três já tinham morrido. Parecia que, sem os feijões mágicos de Skifr, as ruínas eram tão perigosas quanto as histórias diziam. Por enquanto não haveria mais relíquias trazidas de lá, mas o que não faltava eram homens dispostos a carregar as que avô Yarvi possuía. No momento em que as pegavam, afinal de contas, tornavam-se mais fortes do que qualquer guerreiro de todas as canções.

– Você realmente não tem nada melhor a fazer, mãe Scaer, do que lançar ameaças vazias contra o meu aprendiz? – Avô Yarvi deu de ombros, despreocupado. – Gorm morreu sem herdeiro. Vansterland pode afundar no caos enquanto cada guerreiro tenta provar que é o mais forte. Você deve manter a ordem e garantir que seja encontrado um novo rei sem derramar muito sangue.

– Ah, eu vou encontrar um novo rei. – Ela olhou furiosa para Yarvi e rosnou: – Então vou escavar a verdade e haverá um preço a pagar. – Ela apontou para as estátuas dos Deuses Altos com um dedo em forma de garra. – Os deuses veem tudo! O julgamento deles está sempre esperando!

A testa de Yarvi se franziu.

– Pela minha experiência, eles demoram para fazer isso. Escave a verdade que quiser, mas por enquanto não haverá Rei Supremo. Tudo que o último nos trouxe foi sangue, e o Mar Despedaçado precisa de tempo para se curar. – Ele pôs a mão mirrada, relutante, no peito. – Por enquanto o poder estará com o Ministério e o Pai Paz terá o seu dia.

Mãe Scaer soltou um sibilo enojado.

– Nem mesmo avó Wexen tentou se colocar tão alto.

– Isso é para o bem maior, não para o meu.

– É o que dizem todos os tiranos!

– Se despreza tanto os meus métodos, talvez devesse entregar essa arma élfica que você carrega. Ou será que ela não é um mal tão grande quanto você temia a princípio?

– Às vezes precisamos usar o mal contra o mal. – Scaer olhou para os guardas de Yarvi e levantou a relíquia que ela carregava embaixo da capa. – Se você ensinou uma lição ao mundo, foi essa.

A carranca de Yarvi endureceu.

– Você deveria demonstrar o respeito adequado, mãe Scaer. Pelo cargo de avô do Ministério, se não pelo homem que o ocupa.

– Aqui está todo o respeito que eu tenho por você. – Ela cuspiu no chão aos pés dele. – Esta não é a última notícia que você terá de mim.

Seus passos ressoaram no grande espaço acima enquanto ela saía do Salão dos Sussurros.

– Que pena. – Yarvi limpou o cuspe calmamente com o sapato. – E sempre fomos tão bons amigos... – Ele se virou para Koll com um sorriso de canto de

boca. – Os inimigos são o preço do sucesso, não é?

– Foi o que me disseram, pai Yarvi... – Koll se corrigiu às pressas: – Isto é, *avô* Yarvi.

– Isso. Caminhe comigo.

Apesar de a Mãe Sol estar alta e brilhante, houvera chuva naquela manhã e as pedras cinzentas de Skekenhouse estavam salpicadas de poças. Todos os incêndios tinham sido apagados, mas ainda havia um leve cheiro de queimado. A matança fora interrompida, porém a violência ainda pairava no ar. Os gritos dos mercadores chegavam abafados, os olhos das pessoas estavam baixos. Até o latido distante de um cachorro parecia meio temeroso. A Mãe Guerra podia ter dobrado as asas, mas o Pai Paz estava longe de se acomodar em seu tear.

Uma multidão de suplicantes se reunira à longa sombra da Torre do Ministério. Pessoas vinham implorar que algum prisioneiro fosse solto ou que alguma indulgência fosse concedida. Ajoelhavam-se no chão molhado, encolhendo-se enquanto avô Yarvi passava implacável e gritando agradecimentos a ele por ter salvado a cidade dos shends.

Ninguém mencionava que ele é que tinha oferecido a cidade aos shends, para começo de conversa. Pelo menos não na cara dele.

– As pessoas costumavam menear a cabeça para o senhor – murmurou Koll. – Curvar-se, se quisessem realmente alguma coisa. Agora se ajoelham.

– É adequado que se ajoelhem diante do avô do Ministério – murmurou ele, reconhecendo os esforços mais servis com um aceno generoso da mão mirrada.

– É, mas se ajoelham para ele ou para as armas élficas que seus guardas carregam?

– O que importa é que se ajoelhem.

– Medo e respeito são de fato a mesma coisa?

– Claro que não – disse Yarvi, caminhando em frente enquanto mais de seus muitos guardas afastavam a multidão. – O respeito logo é soprado para longe numa tempestade. O medo tem raízes mais profundas.

Grupos de escravos se arrastavam entre as ruínas, lutando sob os chicotes dos que seguravam as correntes, trabalhando para restaurar a cidade ao que fora antes do saque. Alguns, Koll tinha certeza, eram pessoas que haviam sido alçadas ao favor de avó Wexen. Agora descobriam que, quanto mais alto se sobe, maior a queda.

Isso fez Koll se perguntar se tinham mudado tanto o mundo apesar de todo aquele derramamento de sangue. Outras pessoas usavam as argolas no pescoço, talvez, e outras pessoas seguravam as correntes, mas a vida ainda era a vida. As mesmas perguntas. As mesmas respostas.

– Você está num silêncio incomum – comentou avô Yarvi enquanto iam na direção do cais.

– Às vezes trabalhamos duro por uma coisa, mas, quando chega, nem sabemos o que fazer com ela.

– No final a vitória raramente parece uma vitória. – Yarvi o olhou de soslaio e pareceu, como sempre, que podia enxergar direto os pensamentos de Koll. – Mas é só isso?

– Há uma coisa que anda... bom... me *incomodando*. – Na verdade estava abrindo um buraco na mente de Koll desde o dia em que acontecera.

– Você nunca foi de guardar suas preocupações para si mesmo.

Koll girou o pescoço e sentiu o chacoalhar tranquilizador dos pesos embaixo da camisa.

– Minha mãe sempre me disse que a sinceridade era o melhor escudo de um homem.

– Belo conselho, como os da sua mãe sempre foram. Seja sincero, então.

– Avó Wexen... – Ele limpou uma unha. – Disse que não mandou os homens que queimaram a família de Skifr.

Yarvi encarou Koll. Parecia estar espiando de uma grande altura desde que tinha se tornado avô do Ministério.

– É mentira. Como a mentira sobre haver um traidor dentro da nossa aliança. Avó Wexen sabia quando semear a discórdia entre os inimigos. Agora ela faz isso do outro lado da Última Porta.

– Talvez... – Koll comprimiu as pontas dos indicadores juntas, de modo que ficaram de um branco manchado. Cada palavra era um esforço. – O senhor sempre me disse para perguntar quem se beneficia.

Avô Yarvi parou subitamente e Koll ouviu os guardas se detendo. Podia ver as sombras deles se estendendo em sua direção nas pedras do calçamento. As sombras das armas élficas que carregavam.

– E quem se beneficia?

– O senhor – respondeu Koll, rouco, sem afastar o olhar dos dedos, e acrescentou rapidamente. – Ou nós. Gettland. Todos nós. Sem o incêndio, Skifr não viria para o norte. Sem Skifr, não haveria jornada até Strokom. Sem a jornada a Strokom, não haveria armas élficas. Sem as armas élficas, não haveria vitória no Promontório de Bail. Sem uma vitória no Promontório de Bail...

O peso da mão ruim de avô Yarvi em seu ombro interrompeu Koll.

– O futuro é uma terra envolta em névoa. Você acha mesmo que eu poderia ter planejado tudo isso?

– Talvez...

– Então você me lisonjeia e me insulta ao mesmo tempo. Eu sempre disse que o poder implica ter um ombro nas sombras. Mas não os dois, Koll. Skifr é nossa amiga. Você acha mesmo que eu poderia mandar homens para matá-la? Para queimar seus filhos?

Olhando em seus olhos claros, Koll se perguntou se haveria alguma coisa que o Primeiro dos Ministros não faria. Contudo, não tinha mais provas do que mãe Scaer, e menos chance ainda de obter satisfação. Forçou-se a abrir um sorriso rápido e balançou a cabeça.

– Claro que não. Isso só... me incomodou, apenas isso.

Avô Yarvi se virou.

– Bom, você não pode se incomodar tão facilmente se tomar o meu lugar como ministro de Gettland.

Ele jogou isso para o aprendiz como um treinador poderia jogar um osso para um cão, e Koll partiu atrás dele como um cachorrinho ansioso.

– Eu? – Ele se apressou para alcançá-lo, a voz ficando aguda como a de uma menininha. – Ministro de Gettland?

– Você tem a mesma idade que eu tinha quando assumi o cajado de mãe Gundring. Sei que você não acredita totalmente em si mesmo, mas eu acredito em você. Já é hora de você fazer o teste e o juramento e se tornar ministro. Você vai se sentar ao lado do Trono Negro e ser pai Koll, e seu direito de nascença serão as plantas, os livros e as palavras suaves.

Tudo que ele quisera: respeito, autoridade e seus talentos sendo aproveitados. Pai Koll. O melhor homem que ele poderia ser. Então por que esse pensamento o enchia de pavor?

O cais estava apinhado de pessoas barganhando, discutindo e ameaçando em seis línguas que Koll conhecia e pelo menos seis que não conhecia. Navios se emaranhavam nos molhes, embolando-se uns com os outros enquanto iam e vinham, remos se chocando e raspando.

Muitos saíam de Skekenhouse em meio à escuridão da desconfiança que se seguira à morte de Gorm. Os shends já haviam partido com seu saque, resmungando porque só tinham conseguido uma parte do que fora prometido. Os throvenlandeses iam para casa reconstruir suas fazendas destruídas, seu país destruído. Sem a corrente da fama de Gorm unindo-os, os vansterlandeses já se dividiam em facções, correndo para salvaguardar o que era seu ou começar a tomar o que era de outro antes que o inverno agarrasse o norte.

– Muita gente indo embora – disse Koll.

– É verdade. – Avô Yarvi deu um suspiro satisfeito enquanto observava o burburinho. – Mas há pessoas chegando também.

Havia mercadoras de Gettland com os olhos aguçados, serviçais da Rainha Dourada que tinham vindo cobrar taxas de cada navio que passasse pelo estreito. Havia zelosos tecelões de orações decididos a expulsar a Divindade Única e entoando as canções dos muitos em cada esquina de Skekenhouse. E todo dia chegavam mais guerreiros sem terras, contratados por avô Yarvi em todo o Mar Despedaçado, com a águia branca do Ministério recém-pintada nos escudos.

– Estão trazendo um bocado de espadas – murmurou Koll.

– Estão mesmo. Devemos manter o Pai Paz sorrindo por um tempo.

– Desde quando o Pai Paz sorri para espadas?

– Apenas meia guerra é travada com espadas, Koll, mas apenas meia paz é obtida com arados. – Yarvi pousou a mão mirrada no punho da espada curva que ainda usava. – Uma espada nas mãos certas pode ser uma ferramenta justa.

Koll olhou um grupo de guerreiros carrancudos passar, as armas carregadas com o mesmo orgulho de uma esposa recente usando a chave.

– Quem decide quais são as mãos certas?

– Nós decidiremos. Nós devemos. É o dever dos poderosos pôr de lado ideias infantis e escolher o mal menor. Caso contrário, o mundo desliza para o caos. Você não está mais com dúvidas, certo, Koll?

– Dúvidas? – Deuses, ele era feito delas. – Não, não, não. Não. – Koll pigarreou. – Talvez. Sei quanto devo ao senhor. Apenas... não quero decepcioná-

lo.

– Preciso de você ao meu lado, Koll. Prometi ao seu pai que libertaria você, e libertei. Prometi à sua mãe que cuidaria de você, e cuidei. – Sua voz ficou mais suave: – Também tenho minhas dúvidas e você... me ajuda a escolher o certo. – Havia ali uma fraqueza que Koll não tinha visto antes e jamais tinha esperado ouvir. Um desespero, quase. – Rulf voltou para Thorlby, para ficar com a mulher. Preciso de alguém em quem eu possa confiar. Alguém que me lembre de que posso fazer o bem. Não só o bem maior, mas... *o bem*. Por favor. Me ajude a me manter na luz.

– Ainda tenho tanto a aprender... – disse Koll futilmente, porém, por mais que se retorcesse, não conseguia se libertar.

– Você vai aprender fazendo. Como eu fiz. Como todo homem deve fazer. – Yarvi estalou os dedos. – Vamos deixar o teste de lado.

Koll piscou, surpreso.

– Deixar de lado?

– Sou avô do Ministério, quem irá me contestar? Pode fazer seu juramento agora. Pode se ajoelhar aqui, Koll, o escultor, e se levantar como pai Koll, ministro de Gettland!

Ele não poderia ter se visualizado se ajoelhando no cais, mas sempre soubera que esse momento chegaria. Tinha sonhado com ele, alardeado, decorado ansiosamente as palavras.

Oscilou devagar, ajoelhando-se. Koll, o escultor, com umidade encharcando as calças. Avô Yarvi se erguia acima dele, sorrindo. Não era preciso ameaçar. Os guardas sem rosto ainda espreitando ao lado faziam isso por ele.

Koll só precisava dizer as palavras para ser ministro. Não só irmão Koll, mas pai Koll. Estar ao lado de reis e mudar o mundo. Ser o melhor homem que podia ser, como sua mãe sempre quisera. Nunca ser um forasteiro. Nunca ser fraco. Não ter esposa nem família além do Ministério. Deixar a luz e ter um ombro sempre nas sombras. Pelo menos um.

Só precisava dizer as palavras e se levantar.

Um voto

Havia um pátio cheio de mato crescido no centro da casa que Skara tomara para si. Estava sufocado de ervas e esganado por hera, mas alguém devia ter cuidado dele outrora, porque flores tardias ainda brotavam num tumulto de cheiro doce contra o muro ensolarado.

Ainda que as folhas estivessem caindo e o ano esfriando, Skara gostava de se sentar ali, num banco de pedra com manchas de líquen. Fazia-a se lembrar do jardim murado atrás da Floresta, onde mãe Kyre lhe ensinara os nomes das ervas. Só que não havia ervas. E mãe Kyre estava morta.

– A atmosfera em Skekenhouse está...

– Venenosa – completou mãe Owd.

Como sempre, a ministra escolhia uma palavra adequada. Os cidadãos estavam enfiados em ressentimentos e medo. Os restos dos membros da aliança pareciam querer esganar uns aos outros. Os guerreiros de avô Yarvi estavam por toda parte, usavam o pombo branco do Pai Paz nas capas, mas as ferramentas da Mãe Guerra permaneciam sempre perto dos dedos nervosos.

– É hora de partirmos para Throvenland – disse Skara. – Temos muito que fazer lá.

– Os navios já estão sendo preparados, minha rainha – avisou Jenner. – Eu ia oferecer um remo a Raith...

Skara ergueu os olhos bruscamente.

– Ele pediu?

– Ele não é do tipo que pede. Mas ouvi dizer que a relação com Thorn Bathu não funcionou muito bem para ele, e ele não pode mais carregar a espada de Gorm.

– Raith fez sua escolha – retrucou Skara rispidamente, a voz falhando. – Ele não pode ir conosco.

Jenner pestanejou.

– Mas... ele lutou pela senhora nos estreitos. Salvou minha vida no Promontório de Bail. Eu disse que sempre teríamos um lugar para ele...

– Não deveria ter dito. Não é minha obrigação cumprir com as suas promessas.

Doeu nela ver como ele parecia magoado.

– Claro, minha rainha – murmurou Jenner e entrou rigidamente na casa, deixando Skara sozinha com a ministra.

O vento frio fazia redemoinhos, com folhas perseguindo umas às outras pelas pedras antigas. Um pássaro piou em algum lugar na hera seca. Mãe Owd pigarreou.

– Minha rainha, devo perguntar: seu sangue está vindo regularmente?

Skara sentiu o coração martelar de súbito, o rosto ardendo, e olhou para o chão.

– Minha rainha?

– Não.

– E... será que pode ser... por isso que está relutando em dar um remo ao carregador de espada do rei Gorm?

Jenner podia estar perplexo, mas era óbvio que mãe Owd tinha adivinhado a verdade. O problema de uma conselheira astuta é que elas veem através de suas mentiras tão facilmente quanto o inimigo.

– O nome dele é Raith – murmurou Skara. – Você pode usar o nome dele, pelo menos.

– Aquele que Germina a Semente abençoou a senhora – disse baixinho a ministra.

– Ele me amaldiçoou. – Mas Skara sabia que não poderia culpar a mais ninguém. – Quando duvidamos se vamos sobreviver ao dia de amanhã, pensamos pouco no depois de amanhã.

– Não é possível fazermos a coisa sensata todas as vezes, minha rainha. O que a senhora quer fazer?

Skara pousou o rosto nas mãos.

– Que os deuses me ajudem, não tenho ideia.

Mãe Owd se ajoelhou à sua frente.

– A senhora poderia ter a criança. Até poderíamos mantê-la em segredo. Mas há riscos. Riscos à senhora e à sua posição.

Skara a encarou.

– Ou...?

– A senhora pode fazer com que o sangue venha. Existem modos.

A língua de Skara ficou pegajosa enquanto ela falava:

– Existem riscos?

– Alguns. – Mãe Owd a encarou, tranquila. – Mas julgo que são menores.

Skara pôs a palma da mão na barriga. Ela não parecia diferente. Não sentia mais enjoo do que o usual. Nenhum sinal de algo crescendo. Quando pensou naquilo indo embora, não sentiu nada além de alívio, e um traço de culpa incômoda porque não sentia nada mais.

Contudo, estava ficando treinada em armazenar arrependimentos.

– Quero que isso vá embora – sussurrou.

Mãe Owd segurou gentilmente as mãos dela.

– Quando voltarmos a Throvenland, farei os preparativos. Não pense mais nisso. A senhora já tem preocupações suficientes. Deixe que eu carregue esta.

Skara precisou conter as lágrimas. Tinha enfrentado ameaças, a fúria e até a morte com olhos secos, mas um pouquinho de gentileza lhe dava vontade de chorar.

– Obrigada – sussurrou.

– Que cena tocante!

Mãe Owd se levantou rapidamente, girando enquanto avô Yarvi entrava no pequeno jardim.

Ele ainda usava a mesma capa simples. A mesma espada velha. Ainda carregava o cajado de metal élfico, mas agora o objeto transmitia uma mensagem muito diferente desde que tinha matado Yilling. Porém, levava em volta do pescoço a corrente usada por avó Wexen, com uma profusão de papéis farfalhantes já enfiada. E seu rosto mudara. Havia um brilho amargo no olhar que Skara não vira antes. Talvez ele tivesse colocado uma máscara implacável desde que se mudara para a Torre do Ministério. Ou talvez, por não ser mais necessária, tinha deixado cair a máscara de suavidade.

Com muita frequência, quando derrubamos uma coisa odiosa, em vez de quebrá-la e começar do zero, nós nos colocamos no lugar dela.

– Até meu coraçãozinho cansado e feito de pedra se aquece ao ver uma intimidade tão grande entre governante e ministra. – Yarvi deu um sorriso nada caloroso. – A senhora é uma mulher que inspira lealdade, rainha Skara.

– Não existe magia nisso.

Ela se levantou alisando cuidadosamente a frente do vestido, suavizando cuidadosamente o rosto, sem revelar nada, como mãe Kyre havia ensinado. Tinha a sensação de que precisaria de todas as lições de mãe Kyre, e mais ainda, nos instantes seguintes.

– Tento tratar as pessoas como gostaria de ser tratada. Os poderosos não podem ser apenas implacáveis, avô Yarvi. Devem ser generosos também. Devem ter alguma misericórdia.

O Primeiro dos Ministros sorriu como se estivesse diante da inocência de uma criança.

– Sentimentos encantadores, minha rainha. Soube que vai partir logo para Throvenland. Antes preciso falar com a senhora.

– Votos de bom tempo na viagem, honrado avô Yarvi? – Mãe Owd cruzou os braços enquanto o encarava. – Ou questões de Estado?

– Questões que seria melhor discutir em particular. Deixe-nos.

Owd lançou um olhar interrogativo de lado, mas Skara assentiu de leve. Algumas coisas precisavam ser enfrentadas sozinha.

– Vou estar logo ali dentro – disse mãe Owd ao passar pela porta. – Se precisar de mim para *qualquer coisa.*

– Não vamos precisar! – Os olhos claros do Primeiro dos Ministros se viraram para Skara, frios como neve recém-caída. A expressão de um homem que sabe que venceu antes mesmo do início do jogo. – Como você envenenou Grom-gil-Gorm?

Skara levantou as sobrancelhas.

– Por que eu faria isso? Ele me servia muito mais deste lado da Última Porta. Quem ganhou mais com a morte dele foi você.

– Nem todas as tramas são minhas. Mas admito que os dados rolaram bem para mim.

– Um homem de sorte é mais perigoso do que um homem astuto, avô Yarvi.

– Trema, então, quando vir as duas coisas juntas! – Ele sorriu de novo, mas havia algo ávido no sorriso, que fazia cada pelo das costas dela se eriçar. – É

verdade que as coisas mudaram desde que negociamos pela última vez, em meio aos montes funerários no Promontório de Bail. Estão muito... *mais simples*. Não precisamos mais falar de alianças, compromissos, votos.

Você só pode dominar os temores enfrentando-os, costumava dizer seu avô. *Esconda-se e eles a dominam*. Skara tentou se empertigar com orgulho, como ele havia feito ao enfrentar a Morte.

– Uthil e Gorm passaram pela Última Porta – disse ela. – Só existe um voto, e ele é...

– Meu! – rosnou Yarvi, arregalando os olhos. – Não posso expressar como é revigorante conversar com alguém que enxerga direto o âmago das coisas, por isso não vou insultá-la hesitando. Você vai se casar com o rei Druin.

Skara estivera preparada para muitas coisas, mas não conseguiu conter um som ofegante, sufocado.

– O rei Druin tem 3 anos.

– Então você vai descobrir que ele é um marido muito menos exigente do que o Quebrador de Espadas seria. O mundo mudou, minha rainha. E parece-me que Throvenland – Yarvi levantou a mão mirrada e a girou repetidamente no ar – serve a poucos objetivos. – De algum modo ele conseguiu estalar aquele dedo único e atarracado. – De agora em diante, o reino fará parte de Gettland, mas acho melhor que minha mãe continue a usar a chave do Tesouro.

– E eu? – Skara lutou para manter a voz calma diante das pancadas do coração.

– Minha rainha, você fica linda independentemente do que usar.

Avô Yarvi se virou para a porta.

– Não.

Skara não conseguia acreditar na certeza absoluta com que falava. Uma calma estranha havia baixado sobre ela. A calma que Bail, o Construtor, sentia antes de uma batalha, talvez. Ela podia não ser guerreira, porém esse era o seu campo de batalha, e estava pronta para lutar.

– Não? – Yarvi se virou com o sorriso sumindo. – Eu vim lhe dizer como as coisas seriam, não pedir uma opinião, mas talvez tenha superestimado sua...

– Não – repetiu ela. As palavras seriam suas armas. – Meu pai morreu por Throvenland. Meu avô morreu por Throvenland. Eu abri mão de tudo para lutar

por Throvenland. Enquanto eu viver, não verei meu país despedaçado como uma carcaça entre lobos.

O Primeiro dos Ministros deu um passo na direção dela, o rosto magro tenso de raiva.

– Não pretenda me desafiar, sua coisa largada cheia de vômito! – rosnou ele, golpeando o peito com a mão mirrada. – Você não faz ideia do que eu sacrifiquei, do que eu sofri! Não faz ideia dos fogos em que fui forjado! Não tem o ouro, os homens nem as espadas...

– Apenas meia guerra é travada com espadas.

Mãe Kyre sempre dizia *um sorriso não custa nada*, por isso Skara exibiu o sorriso mais doce que pôde enquanto pegava o pedaço de papel às costas, dobrado entre dois dedos, e o estendia.

– Um presente para você, avô Yarvi. De Yilling, o Brilhante.

Talvez não existisse nenhum homem no Mar Despedaçado mais esperto do que ele, porém Skara tinha aprendido a decifrar rostos e captou o tremor no olho. Soube que o sussurro final de Yilling no campo de batalha era verdadeiro.

– Que sou uma coisa largada cheia de vômito eu confesso – disse ela enquanto Yarvi pegava o papel. – Dizem que guardo meus medos no estômago. Mas também ganhei um pouco de têmpera nos últimos meses. Reconhece a letra?

Ele levantou os olhos com o maxilar trincado. Ela prosseguiu:

– Achei que reconheceria. Agora parece ter sido uma grande previdência por parte de mãe Kyre me ensinar a ler.

O rosto dele se retorceu de novo.

– Não é nem um pouco adequado espalhar o segredo das letras para fora do Ministério.

– Ah, mãe Kyre podia ser muito pouco adequada quando o futuro de Throvenland estava em risco. – Então ela endureceu a voz. Precisava mostrar força. – E eu também posso.

Avô Yarvi amassou o papel na mão trêmula, contudo Skara apenas abriu um sorriso ainda mais largo.

– Guarde esse aí – falou ela. – Yilling me deu uma bolsa cheia. Há sete pessoas em quem confio espalhadas por Throvenland, cada uma com um. Você jamais saberá quem são. Jamais saberá onde estão. Mas, se eu sofrer algum

acidente, tropeçar uma noite e cair pela Última Porta como aconteceu com meu antigo futuro marido, mensagens serão enviadas e a história será contada em todos os litorais do Mar Despedaçado... – Ela se inclinou para perto e murmurou: – Que pai Yarvi era o traidor da nossa aliança.

– Ninguém vai acreditar – replicou ele, mas seu rosto empalideceu.

– Uma mensagem chegará a mestre Hunnan e aos guerreiros de Gettland dizendo que foi você que traiu o amado rei Uthil.

– Não tenho medo de Hunnan – insistiu ele, mas sua mão tremia no cajado.

– Uma mensagem chegará à sua mãe, a Rainha Dourada de Gettland, contando que o próprio filho vendeu sua cidade aos inimigos dela.

– Minha mãe jamais se virará contra mim – afirmou ele, mas com os olhos reluzindo.

– Uma mensagem chegará a Thorn Bathu, cujo marido, Brand, foi morto no ataque que você provocou. – A voz de Skara estava fria, lenta e implacável como a maré. – Porém, talvez ela seja mais capaz de perdoar do que parece. Você a conhece muito mais do que eu.

Assim como um graveto se dobrando cada vez mais acaba se partindo de uma vez, avô Yarvi soltou uma espécie de som ofegante e a força pareceu abandonar de súbito suas pernas. Ele cambaleou para trás, tropeçou no banco de pedra e tombou pesadamente nele, o cajado élfico fazendo barulho ao cair de sua mão boa, enquanto ele a estendia para se firmar. Yarvi fitava Skara, os olhos brilhando arregalados. Olhando através dela, como se fitasse os fantasmas mais além.

– Eu pensei... que poderia influenciar Yilling – sussurrou Yarvi. – Pensei que podia atraí-lo com pequenos segredos e fisgá-lo com uma grande mentira. Mas foi ele que me fisgou no estreito.

Uma lágrima escorreu de um dos seus olhos úmidos, seguindo pela bochecha frouxa.

– A aliança estava hesitando. A decisão do rei Uthil estava se esvaindo. Minha mãe via mais lucro na paz. Eu não podia confiar em Gorm e em Scaer. – Ele cerrou a mão esquerda formando um punho torto. – Mas tinha feito um juramento. Um juramento solar e um juramento lunar. Me vingar dos assassinos do meu pai. Não podia ter paz.

Yarvi piscou idiotamente, as lágrimas rolando pelo rosto pálido, e Skara percebeu, talvez pela primeira vez, como ele era jovem. Tinha apenas alguns anos a mais do que ela.

– Por isso falei para Yilling atacar Thorlby – sussurrou. – Para criar um ultraje do qual não haveria volta. Falei quando e como. Não queria que Brand morresse. Os deuses sabem que não, mas... – Ele engoliu em seco, a respiração estalando na garganta, os ombros encolhidos e a cabeça pendendo como se o peso do que tinha feito o esmagasse. – Uma centena de decisões tomadas, e toda vez é o bem maior, o menor mal. Mil passos dados, e cada um precisava ser dado. – Ele fitou o cajado élfico no chão e sua boca se retorceu com nojo. – Como eles puderam me trazer até aqui?

Skara não sentiu ódio, só piedade. Estava enfiada até o pescoço nos próprios arrependimentos, sabia que não poderia lhe dar um castigo pior do que ele próprio se daria. Não podia lhe dar castigo nenhum. Precisava demais dele.

Ajoelhou-se diante de Yarvi, com a corrente de botões de espadas chacoalhando junto ao peito, e segurou o rosto dele manchado de lágrimas. Agora precisava mostrar compaixão. Generosidade. Misericórdia.

– Escute. – Skara balançou a cabeça dele, fazendo os olhos vítreos se voltarem para os seus. – Nada está perdido. Nada está quebrado. Eu entendo. Conheço o peso do poder e não julgo você. Mas precisamos estar juntos nisso.

– Como um escravo acorrentado à dona? – murmurou ele.

– Como aliados atados entre si. – Ela enxugou as lágrimas dele com as pontas dos polegares. Agora precisava mostrar inteligência e fazer um acordo do qual a própria Rainha Dourada se orgulharia. – Serei rainha de Throvenland não só no nome, mas de fato. Não vou me ajoelhar diante de ninguém e terei todo o apoio do Ministério. Vou tomar as próprias decisões para o meu povo. Vou escolher meu próprio marido quando quiser. Os estreitos pertencem tanto a Throvenland quanto a Yutmark. Metade das taxas que sua mãe está cobrando dos navios que passam por ele deve ir para o meu Tesouro.

– Ela não vai...

Skara balançou o rosto dele outra vez, com força.

– Uma palavra certa corta toda uma corda feita de nãos, você sabe disso. Throvenland sofreu o pior da guerra. Preciso de ouro para reconstruir o que Yilling queimou. Prata para comprar meus guerreiros e meus aliados. Então você

será avô do Ministério e seus segredos estarão tão seguros nas minhas mãos quanto nas suas. – Ela se inclinou, pegou o cajado dele no chão e o estendeu. – Você é um ministro, mas defendeu a Mãe Guerra. Tivemos sangue demais. Alguém deve defender o Pai Paz.

Ele segurou o metal élfico, a boca se retorcendo com escárnio.

– Então vamos dançar de mãos dadas em direção ao seu futuro brilhante e manter o equilíbrio do Mar Despedaçado entre nós.

– Em vez disso, poderíamos nos destruir mutuamente, mas por quê? Se avó Wexen me ensinou uma lição, foi que você é um inimigo ruim de se ter. Eu preferiria ser sua amiga. – Skara se levantou, olhando para baixo. – Talvez você precise de um amigo. Eu sei que vou precisar.

Os olhos claros do Primeiro dos Ministros estavam secos de novo.

– Parece que não tenho opção, não é?

– Não posso expressar como é revigorante conversar com alguém que enxerga diretamente o âmago das coisas. – Ela espanou algumas folhas do vestido, pensando em como seu avô ficaria orgulhoso. – Só há um voto, avô Yarvi. E é meu.

Novos brotos

Raith ouviu risos. A risada plena, selvagem de Skara, e o som o fez sorrir.

Espiou do portal que pingava e a viu caminhando, a capa fina adejando, o capuz colocado para protegê-la da garoa, mãe Owd ao lado, guardas e escravos em volta, um séquito adequado à rainha que ela era. Esperou até estarem passando antes de avançar, empurrando para trás o cabelo molhado.

– Minha rainha.

Ele pretendera que a voz soasse tranquila. Saiu parecendo um balido carente.

A cabeça dela girou e Raith sentiu o mesmo choque ofegante de quando tinha visto aquele rosto pela primeira vez, só que mais forte do que nunca e que, em pouco tempo, ganhara um toque azedo. Ela não abriu nenhum sorriso deliciado de reconhecimento nem mesmo uma expressão de culpa assombrada, apenas uma careta dolorida. Como se ele a fizesse se lembrar de algo que ela preferiria esquecer.

– Um momento – disse Skara a mãe Owd, que franzia a testa para Raith como se ele fosse um monte funerário cheio de cadáveres da peste.

A rainha se afastou dos serviçais, olhando para os dois lados da rua molhada.

– Não posso falar com você assim.

– Talvez mais tarde...

– Não. Nunca.

Uma vez ela dissera que as palavras podiam cortar mais fundo do que as lâminas, e ele tinha rido, mas é que *jamais* havia sofrido com uma adaga dessas.

– Sinto muito, Raith. Não posso ter você perto de mim.

Ele sentiu como se a barriga estivesse sendo rasgada e o sangue se derramasse pela rua.

– Não seria adequado, não é? – disse Raith, rouco.

– Dane-se o que é “adequado”! – sibilou ela. – Não seria *certo*. Não para a minha terra. Não para o meu povo.

A voz dele era um sussurro desesperado:

– E para a senhora?

Ela se encolheu. Tristeza. Ou talvez apenas culpa.

– Para mim também não. – Ela se inclinou para perto, olhando por baixo das sobrancelhas, mas suas palavras saíram duras como ferro e, por mais que ele estivesse ansioso para se enganar, não deixavam espaço para dúvidas: – É melhor pensarmos no tempo que passamos juntos como um sonho. Um sonho agradável. Mas é hora de acordar.

Ele gostaria de dizer algo inteligente. Algo nobre. Algo rancoroso. Alguma coisa, de qualquer modo. Mas a fala jamais fora o seu campo de batalha. Raith não fazia ideia de como atar tudo isso em algumas palavras. Assim, num silêncio desamparado, observou-a se virar. Num silêncio desamparado, observou-a se afastar. De volta aos seus escravos, seus guardas e sua ministra desaprovadora.

Agora ele via a realidade. Deveria saber o tempo todo. Ela havia gostado de seu calor no inverno, mas agora o verão tinha chegado e ela o descartava como uma capa velha. E ele não poderia culpá-la. Aquilo não era certo para ninguém além dele. Teria se sentido sortudo pelo que tivera se isso não o deixasse tão ferido, dolorido e sem ideia de como poderia se sentir de outro modo.

Talvez devesse ter feito alguma cena vingativa. Talvez devesse ter se afastado com ar superior, como se tivesse uma centena de mulheres melhores implorando por suas atenções. Mas o fato lamentável era que a amava demais para agir assim. Amava-a demais para fazer qualquer coisa além de ficar de pé, cuidando da mão dolorida e do nariz quebrado, olhando-a faminto como um cachorro deixado do lado de fora no frio. Esperando que ela parasse. Esperando que ela mudasse de ideia. Esperando que ela ao menos olhasse de volta.

Mas ela não olhou.

– O que aconteceu entre vocês dois?

Raith se virou e viu Jenner ao lado.

– E não diga que não foi nada, garoto – acrescentou o marinheiro.

– Nada, velho. – Raith tentou sorrir, mas não conseguiu. – Obrigado.

– Pelo quê?

– Por me dar uma chance de ser melhor. Mais do que eu mereço, admito.

Ele curvou os ombros e foi andando pela chuva.

Raith estava parado na rua do lado oposto à oficina, observando a luz se irradiar em volta dos postigos, ouvindo a música da bigorna lá dentro, imaginando se era Rin que usava o martelo.

Parecia que, onde quer que ela fosse, logo encontrava um lugar seu. Mas, afinal de contas, ela era uma boa pessoa de se ter por perto. Uma pessoa que sabia o que queria e estava disposta a trabalhar por isso. Alguém que fazia coisas a partir do nada, consertava coisas quebradas. Era exatamente o que Raith não era.

Ele sabia que não tinha direito de pedir nada, mas ela lhe dera algum conforto depois da morte do seu irmão. Os deuses sabiam que ele precisava de algum conforto. Não sabia onde mais procurar.

Soltou uma fungadela desesperada, limpou o ranho com o braço coberto de bandagem e atravessou a rua até a porta. Ergueu a mão para bater.

– O que o traz aqui?

Era o garoto do ministro, Koll, com um sorriso torto no rosto enquanto surgia da luz que ia se dissipando. Um sorriso torto que, por um momento estranho, fez Raith se lembrar do irmão. Ele ainda tinha um jeito meio nervoso, mas também havia outra coisa. Como alguém que tivesse feito as pazes consigo mesmo. Raith desejou saber como.

Pensou rápido.

– Bom... andei pensando em encomendar uma espada nova. É aqui que aquela espadeira está trabalhando, não é?

– O nome dela é Rin e, sim, é aqui que ela está trabalhando. – Koll inclinou um ouvido em direção à porta, sorriu como se ouvisse uma canção doce do outro lado. – Ninguém faz espadas melhores do que Rin. Ninguém em lugar nenhum.

– E você? – perguntou Raith. – Não parece o tipo que gosta de espadas.

– Não. – Koll deu um sorriso mais largo ainda. – Eu ia perguntar se ela quer casar comigo.

As sobrancelhas de Raith se arquearam.

– Hein?

– Deveria ter feito isso há muito tempo, mas nunca fui muito bom em escolher. Fiz um monte de escolhas erradas. Hesitei um bocado. Fui egoísta. Fui

fraco. Não queria machucar ninguém e acabei machucando todo mundo. – Ele respirou fundo. – Mas a Morte espera por todos nós. Viver é fazer o melhor com o que encontramos pelo caminho. Um homem que não esteja contente com o que tem, bom, provavelmente não vai ficar contente com o que não tem.

– Sábias palavras.

– São, sim. Por isso vou implorar o perdão dela, de joelhos se for preciso... Como a conheço bem, provavelmente é o que terei que fazer. Depois vou pedir que ela use minha chave e espero muito que ela diga sim.

– Achei que você ia ser ministro.

Koll esticou o pescoço para a frente, coçando a nuca com força.

– Durante muito tempo também achei, mas existe um monte de maneiras de se mudar o mundo, imagino. Minha mãe dizia... para eu ser o melhor homem que pudesse. – De repente os olhos de Koll estavam úmidos e ele riu e puxou uma tira de couro em volta do pescoço, provocando um barulho de algo embaixo da camisa. – Foi uma vergonha demorar tanto tempo para entender o que ela queria dizer. Mas no fim consegui. Espero que não seja tarde demais. Vai entrar, então?

Raith franziu a testa olhando para a janela e pigarreou.

– Não. – Antigamente ele sentia apenas desprezo por aquele rapaz. Agora descobriu que o invejava. – Acho que sua missão vem antes da minha.

– Não vai me dar outra cabeçada, então?

Raith indicou o nariz quebrado.

– Nem de longe estou tão ansioso como antes para dar cabeçadas. Boa sorte. – Deu um tapa no ombro de Koll enquanto passava. – Volto amanhã.

Mas sabia que não voltaria.

Era fim de tarde e as sombras se alongavam no cais enquanto a Mãe Sol mergulhava por cima de Skekenhouse. As últimas luzes cintilavam no vidro na mão de Raith. Era o frasco que a Mãe Scaer lhe dera, agora vazio. Tinha sido previsto que nenhum homem mataria Grom-gil-Gorm, mas algumas gotas numa taça de vinho fizeram o serviço. Koll estava certo: a Morte espera por todos nós.

Raith respirou fundo, cerrou o punho e se retraiu ao sentir a dor antiga nos dedos quebrados. Seria de pensar que a dor diminuiria com o tempo, mas quanto

mais você a sente, pior ela é. Jenner também estava certo: nada se cura por completo.

Ele tinha sido portador da espada de um rei e guarda-costas de uma rainha, tinha sido o primeiro guerreiro a ir para a batalha e remador numa tripulação de heróis. Agora não sabia direito o que era. Nem sabia direito o que desejava ser.

Tudo que sabia era lutar. Pensara que a Mãe Guerra lhe traria glória, uma pilha reluzente de argolas-dinheiro e a irmandade da parede de escudos. Contudo, ela havia levado seu irmão e lhe dera apenas ferimentos. Pousou a mãos nas costelas doloridas, coçou as bandagens sujas no braço queimado, franziu o nariz quebrado e sentiu a dor entorpecida se espalhar pelo rosto. Era isso que a luta lhe dava, senão a morte. Faminto, dolorido e sozinho com um monte de arrependimentos.

– As coisas não saíram do jeito que você queria, hein?

Thorn o observava, as mãos apoiadas nos quadris, a glória laranja da Mãe Sol se pondo às costas, de modo que tudo que ele conseguia ver era sua silhueta negra.

– Como você sabia? – perguntou Raith.

– O que quer que seja, você não parece um homem para quem daria certo.

Raith deu um suspiro, que veio do seu âmago.

– Veio zombar de mim ou me matar? Não importa o que seja, nem vou me incomodar em impedir.

– Por acaso, nem uma coisa nem outra.

Thorn sentou-se lentamente, com as pernas compridas pendendo do cais, ao lado dele. Ficou em silêncio por um tempo, o rosto sério cheio de cicatrizes. Uma brisa soprou e Raith olhou duas folhas secas se perseguindo pelo cais. Por fim ela falou de novo:

– A vida não é fácil para pessoas como nós, não é?

– Não parece ser.

– Os que são tocados pela Mãe Guerra... – Ela fitou o horizonte reluzente. – Não sabemos o que fazer quando o Pai Paz tem sua vez. Nós, que lutamos a vida inteira, quando ficamos sem inimigos...

– Lutamos contra nós mesmos – completou Raith.

– A rainha Laithlin me ofereceu o antigo posto de Escudo Escolhido.

– Bom para você.

– Não posso aceitar.

– Não?

– Se eu ficar por aqui, tudo que vou ver é o que perdi. – Ela olhou para o nada, com um meio sorriso triste. – Brand não iria querer que eu ficasse presa. Aquele homem não tinha ciúme. Iria querer novos brotos nas cinzas. – Ela deu um tapa nas pedras ao lado. – Por isso avô Yarvi me deu o *Vento Sul*.

– Belo presente.

– Não pense que avô Yarvi vai navegar tão cedo. Estou pensando em levar o navio de volta pelo Divino e o Renegado, até a Primeira Cidade e mais além, talvez. Se eu partir nos próximos dias, acho que posso ficar à frente do gelo. Por isso estou reunindo uma tripulação. Consegui meu velho amigo Fror como comandante, meu velho amigo Dosduvoi para cuidar dos víveres, minha velha amiga Skifr para determinar o curso.

– Para uma mulher tão pouco amistosa, você é abençoada com amigos. – Raith contemplou o brilho dourado na água enquanto a Mãe Sol afundava atrás deles. – Você vai embora e deixar esta criatura lamentável aqui no cais, hein? Desejo sorte.

– Não acredito muito na sorte. – Thorn deu uma longa fungada e cuspiu na água. Mas não foi embora. – Outro dia, aprendi uma coisa que vale a pena saber.

– Que o meu nariz se quebra tão fácil quanto o de qualquer pessoa?

– Que às vezes é preciso dizer não para mim. – Ela o olhou de soslaio. – Isso significa que preciso ter por perto uma pessoa com coragem para me dizer não. Não existem muitas dessas por aí.

Raith levantou as sobrancelhas.

– Existem menos do que existiam.

– Sempre posso ter utilidade para um sacaninha desgraçado, e tenho um remo de trás livre. – Thorn se levantou e lhe ofereceu a mão. – Você vem?

Raith piscou, surpreso.

– Você quer que eu entre para a tripulação de uma pessoa que sempre odiei, uma pessoa que quase me matou há alguns dias, quer que eu navegue meio mundo para longe de tudo que conheço ou quis, com a promessa de nada além de trabalho duro e tempo ruim?

– É, é isso. – Ela deu um sorriso torto. – Por quê? Recebeu ofertas melhores?

Raith abriu a mão e olhou o frasco vazio. Depois virou a palma e o deixou cair na água.

– Na verdade, não.

Segurou a mão de Thorn e a deixou puxá-lo de pé.

A construção

– Pronto! – gritou Koll, virando a palma da mão aberta na direção do condutor, para fazer parar a dúzia de bois que faziam força, com a grande corrente rangendo e estremecendo.

Houve um som raspado e, depois, um estalo portentoso quando a base da enorme empena caiu nos suportes esculpidos em pedra.

– Ponham as estacas! – gritou Rin.

Grupos de carpinteiros que pouco tempo antes tinham sido guerreiros e, não muito tempo antes, agricultores, começaram a martelar pilares no chão, retesando uma teia de cordas que impediria a grande trave de cair.

Skara olhou para cima, o pescoço doendo porque a peça era muito alta. Ela se erguia acima dos degraus arruinados, de mármore de cores diferentes onde outrora mãe Kyre recebia os visitantes em Yaletoft. Exatamente onde antes ficava a grande empena do salão de seu avô. A que ela vira cair na noite da chegada de Yilling. Teria sido apenas alguns meses antes? Pareciam mais de cem anos. Parecia que outra jovem testemunhara aquilo num mundo diferente e que Skara tinha apenas ouvido contarem a história.

Jenner exibiu seu sorriso banguela, olhando tudo.

– Fica exatamente onde era o antigo salão.

– Só que é mais alto, mais amplo e muito mais gracioso – disse Skara.

Cada um dos dois pilares e das duas traves tinha sido feito com um tronco de pinheiro reto, trazido flutuando rio abaixo desde as colinas altas acima de Throvenland, onde as árvores eram mais velhas e mais altas, descascado belamente até aparecer a madeira clara.

– É um lindo trabalho. – Skara pôs a mão enluvada no ombro de Rin. – Juro que eu não poderia encontrar uma ferreira e um carpinteiro melhores em todo o Mar Despedaçado.

Rin deu um sorriso por cima do ombro.

– É um fato bem conhecido, minha rainha. A senhora tem sorte porque estávamos cansados de fazer espadas.

– E, além disso, são tão modestos! – murmurou mãe Owd.

Rin ajeitou o avental.

– A modéstia é para quem não tem o que alardear.

– Segurem aí! – gritou Koll para os condutores, segurando a corrente comprida que prendia as cangas ao topo do suporte e gingando por baixo dela.

Rin foi na direção dele.

– Aonde diabo você vai, seu idiota?

– Para cima! – gritou ele, e subiu pela corrente com as pernas cruzadas nela, ágil e intrépido como um esquilo.

E logo estava lá no alto, balançando-se na brisa.

Rin segurou a cabeça com as duas mãos, o cabelo espetado entre os dedos, as duas chaves que usava chacoalhando juntas no peito.

– Desça daí antes que você se mate!

– Esta é uma corrente excelente! – gritou Koll, subindo cada vez mais alto. – Você deveria se orgulhar!

– Maldição! – berrou Rin, quase pulando no ar para sacudir o punho, depois lançando um olhar de rogo para Skara. – Não pode ordenar que ele desça, minha rainha?

– Poderia. – Skara o olhou subir no ponto mais alto da coluna, onde as duas traves enormes se cruzavam, lembrando-se das palavras de mãe Kyre nesse mesmo lugar. – Mas o segredo de manter a autoridade é só dar ordens que sabemos que serão obedecidas.

– Todas as juntas parecem boas! – Koll bateu feliz no ponto de encontro perfeito dos dois caibros. – Todos os seus novos parafusos estão segurando, Rin!

– Eu vou aparafusar seus pés no chão quando você voltar aqui para baixo!

– Então como vou esculpir as traves do telhado? – gritou ele, passando os dedos na madeira clara. – O que a senhora deseja, minha rainha? Dragões?

– Cães pretos! – gritou Skara, pondo a mão no ombro de Jenner. – Como a fera de proa do navio que me levou para a segurança, me carregou por uma tempestade e me trouxe para casa de novo!

Jenner pôs a mão em cima da mão dela e deu um tapinha, enquanto um grupo de tecelões de orações se reunia ao pé da coluna e entoava súplicas Àquela que Molda a Madeira, Àquele que Abriga e Àquela que Ergue as Pedras, para que o salão jamais caísse.

Koll segurou uma das cordas penduradas e deslizou para baixo.

– Cães pretos, então!

– Por que não me casei com a porcaria de um agricultor? – murmurou Rin, coçando a cabeça.

Koll saltou pelos últimos metros e foi andando lentamente até elas.

– Porque não arranjou um que a aceitasse?

– Quantas dessas vamos precisar? – perguntou mãe Owd, fitando a coluna altíssima.

– Quinze vão formar o esqueleto – respondeu Koll, olhando e desenhando as traves no ar com movimentos bruscos dos dedos.

Só os deuses sabiam como ele conseguia aquilo, mas deu alguma ideia de como ficaria a construção terminada, as traves enormes acima, o vasto espaço que elas abarcariam, e Skara se pegou sorrindo ao visualizar a penumbra cálida dentro do salão, os ecos das vozes dos bardos, o cabelo oleado das mulheres e as fivelas polidas das capas dos homens cintilando à luz do grande buraco do fogo, como no tempo de seu avô.

Mãe Owd deu um assobio baixo, avaliando o vazio acima.

– Poderemos ficar um bom tempo aqui.

– A Floresta levou 28 anos para ser construída – disse Skara.

– Espero terminar *um pouquinho* mais depressa, minha rainha. – Koll deu um suspiro soltando vapor enquanto olhava orgulhoso para o trabalho feito até então. – Mas nada que valha a pena construir é construído depressa.

– A Mãe Guerra golpeia feito o relâmpago – falou mãe Owd. – O Pai Paz cresce como uma árvore e precisa do mesmo cuidado.

– Yaletoft cresce mais como cogumelos. – Jenner olhou dos degraus para a cidade. – Acordamos um dia depois das chuvas e eles estão lá.

Era verdade: a cidade nova brotava das cinzas da antiga, as estruturas de boas casas novas surgindo ao longo das ruas largas e retas que mãe Owd tinha traçado entre o local do salão e o mar, com as serras, os martelos e os gritos dos pedreiros parecendo um coro constante desde o alvorecer até o anoitecer.

Mais pessoas chegavam a cada dia. Algumas que haviam morado em Yaletoft e fugido do incêndio, mas também gettlandeses, yutmarkeses, inglings e terra-baixenses. Gente de todo o Mar Despedaçado querendo um recomeço e ouvindo dizer que a rainha Skara tinha prata honesta para pagar por trabalho honesto.

– Parte do que Yilling queimou nunca poderá ser substituído – murmurou mãe Owd.

– Então devemos nos lembrar disso com carinho e ansiar por novas glórias. É difícil perder alguma coisa. – Skara se virou de novo para a coluna alta. – Mas isso dá a chance de fazer algo melhor.

Koll estava explicando seus planos com grandes floreios enquanto Rin olhava, os braços cruzados e uma sobrancelha cética levantada.

– Espero levantar e travar cinco colunas antes que o inverno chegue. O resto vai ter que esperar até a primavera. Mas antes vou precisar subir nas montanhas e escolher as árvores certas. – Ele coçou a nuca com inocência, esgueirando-se na direção dela. – Será que a minha mulher vai comigo, para me manter aquecido quando a neve chegar?

– A neve chega à altura de três homens lá em cima! Vamos ficar presos até a primavera.

– Exatamente – disse ele, segurando a pulseira élfica dourada que ela usava no pulso e descruzando seus braços com delicadeza.

– Você é maluco.

– Só estou tentando ser o melhor homem que posso ser. – Koll segurou a corrente da esposa e se enfiou agilmente por dentro, de modo que ela estivesse em volta dos dois pescoços. – Só estou tentando me manter na luz.

Ela riu enquanto ele a abraçava com força, oscilando de um pé para o outro. Logo estavam se beijando de forma desavergonhada, olhos fechados, a mão dele embolada no cabelo dela, a mão dela embaixo do queixo dele, os maxilares trabalhando. Era um beijo que não só podia ser visto, mas também ouvido à distância de alguns passos, e vários trabalhadores que esperavam jogaram as ferramentas no chão e foram andando, balançando a cabeça.

Mãe Owd revirou os olhos.

– É o único ponto negativo dessa ferreira e desse carpinteiro.

– Todos temos nossas fraquezas.

Skara estava feliz por eles, mas se entristecia ao fitá-los. Virou-se, olhou para o mar e descobriu que pensava em Raith.

Àquela altura, se o *Vento Sul* tivesse sido mais rápido do que o gelo no Divino, ele deveria estar remando pelo longo Renegado. Skara esperava que Raith estivesse feliz, mas ele sempre lhe parecera uma pessoa para quem a felicidade não vinha facilmente. Os dois sempre tiveram isso em comum, ainda que pouca coisa a mais. Ela pensou no rosto dele, a testa franzida e a boca comprimida com força, como costumava ser. Pensou no calor dele ao seu lado. Imaginou se ele pensava nela. Imaginou se...

– Chegou uma águia de avô Yarvi – avisou mãe Owd.

Skara estremeceu. Não tinha tempo para desperdiçar com fantasias.

– Boas notícias?

– Os vansterlandeses têm um novo rei. Mãe Scaer organizou um julgamento por combate e um homem derrubou todos os outros guerreiros. O nome dele é Yurn-gil-Aríete.

Jenner coçou o cabelo ralo.

– Para mim não significa nada.

– É chefe tribal do norte extremo, onde a neve nunca derrete, e eles o chamam de Aríete porque quebra homens com a cabeça.

Skara estufou as bochechas.

– Encantador.

– Ele se declarou o maior guerreiro que o Mar Despedaçado já viu e se oferece para matar qualquer um que o desafie.

– Tenho 18 anos e já estou farta das ostentações dos guerreiros.

– Dizem que ele mistura sangue com a cerveja e está fazendo um cordão com os ossos dos dedos dos inimigos.

Jenner deu uma piscadela para Skara.

– Parece um ótimo candidato a marido, minha rainha.

Ela bufou.

– Mande um pássaro dizendo que Jenner ficaria feliz em usar a chave dele.

– O casamento é a última coisa que está na mente desse homem – replicou mãe Owd, cruzando os braços com força. – Avô Yarvi teme que ele já esteja planejando ataques à fronteira de Gettland.

Jenner balançou a cabeça, enojado.

– Será que os vansterlandeses já estão de novo ávidos por batalha? Não sentem medo da magia élfica?

– Até mesmo um arco só tem certa quantidade de flechas – disse Owd. – Parece que as armas élficas só podem matar certa quantidade de vezes. E, com a bruxa Skifr indo para o sul, Strokom está proibida de novo.

Jenner pôs o rosto nas mãos calejadas e gemeu.

– Parece que o mundo não mudou tanto quanto tínhamos pensado.

– Nas cinzas de cada guerra, as sementes da próxima se enraízam – murmurou Skara. Ela sentia o velho nervosismo subindo pela garganta, apertou a barriga com uma das mãos e tentou contê-lo. – Mande um pássaro para mãe Scaer com nossos cumprimentos e um para a rainha Laithlin com nossas simpatias.

– E depois? – perguntou mãe Owd.

– Observar com atenção, falar baixo, sorrir com doçura, reunir nossos amigos, rezar fervorosamente ao Pai Paz pedindo calma. E manter as espadas à mão.

– Ordens que servem para qualquer situação.

– Também deve ser sensato reconstruir a muralha do Promontório de Bail – comentou Jenner. – E mais forte do que nunca.

– Minha rainha! – Um menino vinha correndo do cais, as botas chapinhando na lama meio congelada. – Há três navios chegando! As velas têm o cavalo branco de Kalyiv!

– Emissários do duque Varoslaf – disse Jenner. – Quer recebê-los no cais?

Skara pensou na mensagem que essa atitude transmitiria.

– Não devemos parecer muito ansiosos. Ponha uma cadeira aqui, embaixo da empena. Será adequado que eles venham até mim.

Mãe Owd sorriu.

– Sempre devemos pensar no que é adequado.

– Devemos. E depois, quando necessário, devemos ignorar.

– Vou esculpir um trono melhor para a senhora assim que puder, minha rainha. – Koll ajeitou uma das cadeiras rústicas em que os carpinteiros se sentavam quando comiam. – Mas por enquanto esta cadeira deve servir.

Ele espanou um pouco de sujeira do assento com a lateral da mão.

Era uma peça simples e antiga, um pouco bamba, com a madeira enegrecida pelo fogo em alguns lugares.

– Não é o trono que faz a rainha – afirmou mãe Owd –, mas a rainha que faz o trono.

– Ela deve ter passado pela noite em que Yilling veio – murmurou Jenner – e sobrevivido.

– É. – Skara sorriu, acariciando o braço da cadeira. – O mesmo aconteceu com Throvenland. E comigo.

Sentou-se virada para o mar, com mãe Owd à sua esquerda e Jenner à sua direita. O peito estufado, os ombros empertigados, o queixo erguido, como mãe Kyre tinha ensinado. Era estranho como o que parecera tão incômodo antes pudesse ser tão natural agora.

– Alerte aos emissários que meu salão ainda tem um pouco de corrente de vento – disse Skara –, mas que a rainha de Throvenland está pronta para recebê-los.

Agradecimentos

Como sempre, agradeço a quatro pessoas:

Bren Abercrombie,
cujos olhos estão doloridos de tanto ler isto.
Nick Abercrombie,
cujos ouvidos estão doloridos de tanto ouvir sobre isto.
Rob Abercrombie,
cujos dedos estão doloridos de tanto virar páginas.
Lou Abercrombie,
cujos braços estão doloridos de tanto me segurar.

E então, como nenhum homem é uma ilha, e este aqui em especial, meus agradecimentos sinceros:

Por plantar a semente desta ideia: Nick Lake.
Por garantir que o broto crescesse até virar uma árvore: Robert Kirby.
Por garantir que a árvore desse frutos: Jane Johnson.

Em seguida, porque a metáfora do fruto já deu o que tinha que dar, a todos que ajudaram a fazer, publicar, posicionar, divulgar, ilustrar, traduzir e, acima de tudo, vender meus livros onde quer que estejam ao redor do mundo, mas em particular a: Natasha Bardon, Emma Coode, Ben North, Jaime Frost, Tricia Narwani, Jonathan Lyons e Ginger Clark.

Aos artistas que, de algum modo, enfrentaram a impossível tarefa de fazer com que eu pareça classudo: Nicolette e Terence Caven, Mike Bryan e Dominic Forbes.

Pelo entusiasmo sem fim e pelo apoio em todos os climas: Gillian Redfearn.

E a todos os escritores cujos caminhos se cruzaram com o meu na internet, no bar ou, em alguns casos, na página impressa, e que deram auxílio, conselhos, risadas e muitas ideias que valiam a pena roubar.

Vocês sabem quem são...

Sobre o autor



Joe Abercrombie nasceu em Lancaster, na Inglaterra, no último dia de 1974, e atualmente mora em Bath com a esposa e os filhos. Em 2008, Joe foi finalista do prêmio John W. Campbell na categoria Autor Revelação. Em 2014, *Meio rei* ganhou o prêmio Locus e ficou entre as 5 melhores obras de fantasia do ano escolhidas pelo jornal *The Washington Post* e entre os 10 melhores livros para jovens da revista *Time*. Vencedor do Alex Awards, da American Library Association, e finalista do Locus, *Meio mundo* foi eleito um dos melhores livros de fantasia de 2015 pelo site BuzzFeed. A Arqueiro também publicou os três volumes da série de estreia de Abercrombie, A Primeira Lei: *O poder da espada*, *Antes da forca* e *O duelo dos reis*.

www.joeabercrombie.com

Outros livros da série



Meio Rei

Filho caçula do rei Uthrik, Yarvi nasceu com a mão deformada e sempre foi considerado fraco pela família. Num mundo em que as leis são ditadas por pessoas de braço forte e coração frio, ser incapaz de brandir uma espada ou portar um escudo é o pior defeito de um homem.

Mas o que falta a Yarvi em força física lhe sobra em inteligência. Por isso ele estuda para ser ministro e, pelo resto da vida, curar e aconselhar. Ou pelo menos era o que ele pensava.

Certa noite, o jovem recebe a notícia de que o pai e o irmão mais velho foram assassinados e não lhe resta escolha a não ser assumir o trono. De uma hora para outra, ele precisa endurecer para vingar as duas mortes. E logo sua jornada o lança numa saga de crueldade e amargura, traição e cinismo, em que as decisões de Yarvi determinarão o destino do reino e de todo o povo.



Meio Mundo

Thorn Bathu não é uma garota comum. Mesmo tendo sido criada numa sociedade machista, ela vive para lutar e treina arduamente há anos. Porém, após uma fatalidade, ela é declarada assassina pelo mesmo mestre de armas que deveria prepará-la para as batalhas.

Para fugir à sentença de morte, Thorn se vê obrigada a participar de um esquema do ardiloso pai Yarvi, ministro de Gettland. Ao lado dela se encontra Brand, um guerreiro que odeia matar, mas encara a jornada como uma chance de sustentar a irmã e conquistar o respeito de seu povo.

A missão dos dois é cruzar meio mundo a bordo de um navio e buscar aliados contra o Rei Supremo, que pretende subjugar todo o Mar Despedaçado. É uma viagem desafiadora, em que Brand precisa provar seu valor e Thorn fará o necessário para honrar a memória do pai e se tornar uma verdadeira guerreira.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos
Parte I – Palavras são armas
- A queda
- Sem paz
- Nunca sangrento o bastante
- Em segurança
- Por nós dois
- Mãos talentosas
- Amigos como esses
- O sangue de Bail
- Chances
- Como vencer
- O primeiro a entrar
- O matador
- Minha terra

Parte II – Nós somos a espada
- Amor jovem
- Rainha de nada
- Poder
- As opiniões dos porcos
- Cinzas
- Assistindo
- O matador
- Vitória
- O preço

Parte III – Nós somos o escudo
- Monstros
- Mentiras
- Ministros demais
- Lealdade
- Acordos
- Escolhas
- O exemplo de Gudrun
- Os milhares
- A cidade proibida

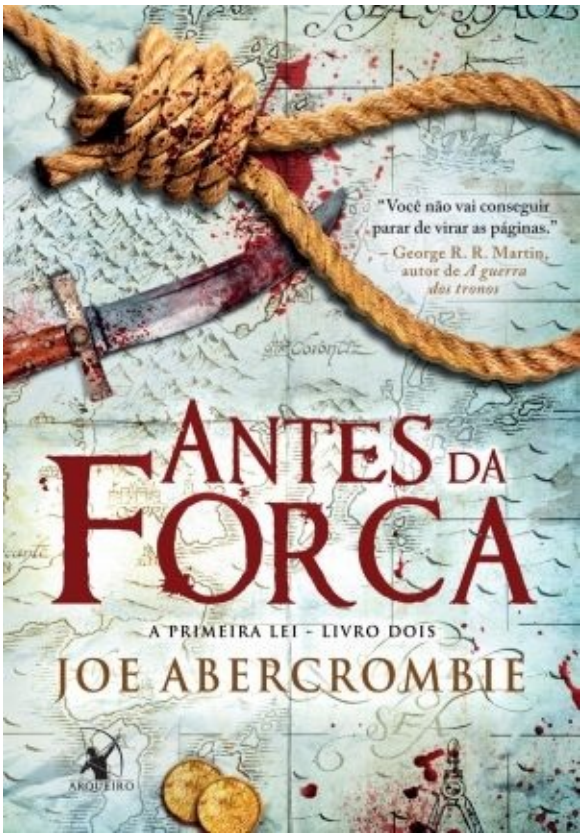
- Ferimentos
- Brotou uma consciência
- Pó
- As entranhas do Pai Terra
- Trabalho corajoso
- Nada de amante
- Relíquias
- O matador
- Sonhos

Parte IV – Juramento solar, juramento lunar

- Amanhecer
- Outro tipo de aço
- Os mortos
- Cavando
- Cabeça e coração
- O campo de batalha do ministro
- O fim da fila
- As lágrimas do Pai Paz
- O matador
- O dia mais feliz
- Mudando o mundo
- Um voto
- Novos brotos
- A construção

Agradecimentos
Sobre o autor
Outros livros da série
Informações sobre a Arqueiro

Para baixar mais livros como esse, acesse: e-Livros.xyz


"Você não vai conseguir parar de virar as páginas."
– George R. R. Martin, autor de A guerra dos tronos
ANTES DA FORCA
A PRIMEIRA LEI - LIVRO DOIS
JOE ABERCROMBIE
ARQUEIRO

Antes da forca

Abercrombie, Joe
9788580412888
496 páginas

Compre agora e leia

"Você não vai conseguir parar de virar as páginas." – George R. R. Martin, autor de A guerra dos tronos Nesta ardilosa sequência de O poder da espada, o futuro da União está em três frentes de batalha – e nenhuma delas parece nem perto da vitória. Sand dan Glokta se tornou o todo-poderoso de Dagoska e tem de impedir que ela seja tomada pelos inimigos – tarefa difícil em uma cidade com muralhas decadentes e escassez de soldados. Além disso, o ex-torturador também precisa desvendar uma conspiração no conselho governante e salvar a própria pele. Enquanto isso, nas terras congeladas de Angland, o coronel West tem pela frente uma complicada missão: proteger o príncipe herdeiro no campo de batalha e evitar que a inexperiência e a arrogância dele levem todos para a morte. Ao mesmo tempo, Bayaz, o Primeiro dos Magos, lidera uma expedição que cruzará o continente até a borda do Mundo. Passando por terras amaldiçoadas e esquecidas no passado, ele precisa encontrar a Semente – uma relíquia do Tempo Antigo que poderia pôr um fim à guerra, ao exército de comedores que se multiplica no Sul e aos bandos de shankas que atacam no Norte. Nesta trama inteligente e de personagens complexos, antigos segredos são revelados, batalhas sangrentas são travadas, inimigos mortais são perdoados – mas não antes de estarem na forca.

Compre agora e leia


"A melhor fantasia épica de 2011." – George R. R. Martin, autor de A guerra dos tronos
Patrick Rothfuss
O NOME DO VENTO
A Crônica do Matador do Rei: Primeiro Dia
ARQUEIRO

O nome do vento

Rothfuss, Patrick

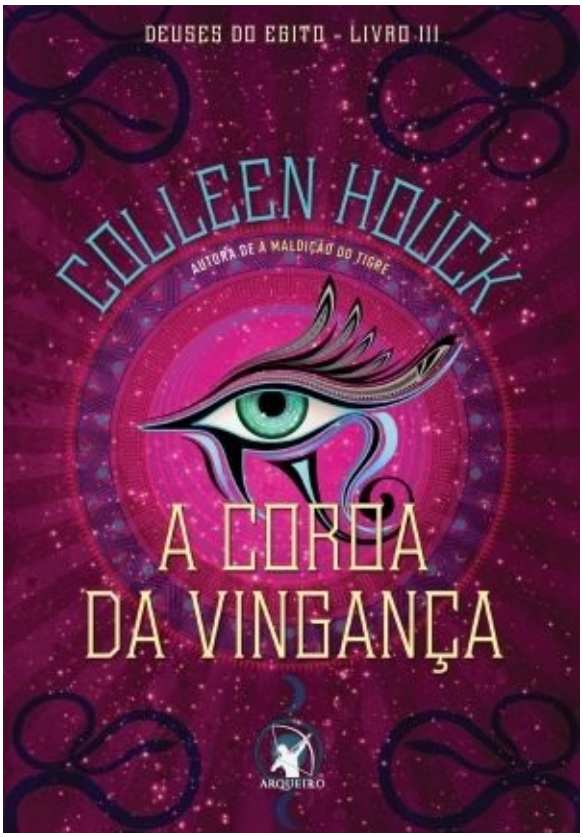
9788580410631

656 páginas

Compre agora e leia

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso. Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, O nome do vento acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família no passado. Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade. Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame. Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança. Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna O nome do vento uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do The New York Times – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.

Compre agora e leia


DEUSES DO EGITO - LIVRO III
COLLEEN HOUCK
AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE
A CORDA DA VINGANÇA
ARQUEIRO

A coroa da vingança

Houck, Colleen

9788580417883

416 páginas

Compre agora e leia

"Uma história envolvente de devoção e sacrifício, cheia de humor e perigosas incursões em mundos estranhos." – VOYA"Com diálogos ágeis e elementos da mitologia egípcia, esta aventura romântica agrada em cheio aos fãs de Rick Riordan e da outra série da autora, A maldição do tigre." – BooklistEm A coroa da vingança, Colleen Houck nos presenteia com um desfecho tão surpreendente e inspirado quanto o elaborado universo mitológico que criou.Meses após sua pacata vida como herdeira milionária sofrer uma reviravolta e ela embarcar numa vertiginosa jornada pelo Egito, Lilliana Young está praticamente de volta à estaca zero. Suas lembranças das aventuras egípcias e, especialmente, de Amon, o príncipe do sol, foram apagadas, e só resta a Lily atribuir os vestígios de estranhos acontecimentos a um sonho exótico. A não ser por um detalhe: duas estranhas vozes em sua mente, que pertencem a uma leoa e uma fada, a convencem de que ela não é mais a mesma e que seu corpo está se preparando para se transformar em outro ser.Enquanto tenta dar sentido a tudo isso, Lily descobre que as forças do mal almejam destruir muito mais que sua sanidade mental – o que está em jogo é o futuro da humanidade. Seth, o obscuro deus do caos, está prestes a se libertar da prisão onde se encontra confinado há milhares de anos, decidido a destruir o mundo e todos os deuses. Para enfrentá-lo de uma vez por todas, Lily se une a Amon e seus dois irmãos nesta terceira e última aventura da série Deuses do Egito.

Compre agora e leia


Os Bridgertons – 8
Julia Quinn
A Caminho do Altar

A caminho do altar

Quinn, Julia

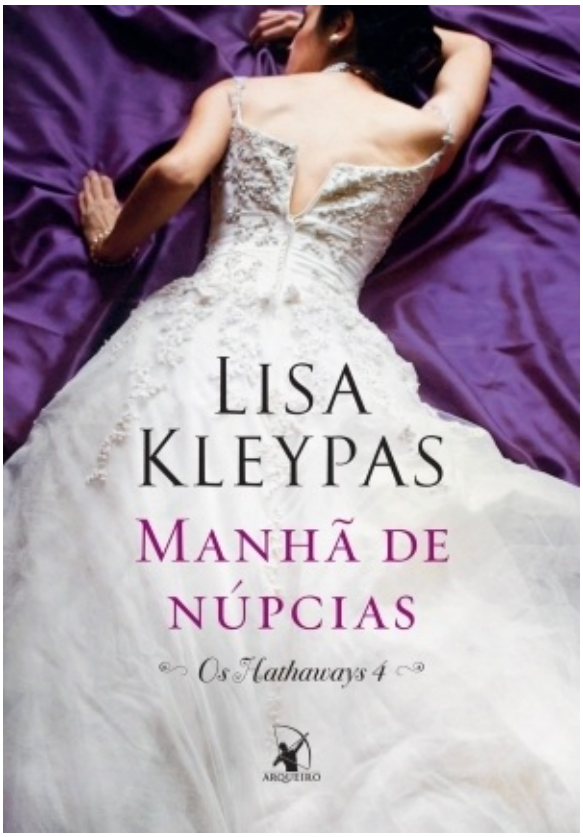
9788580415742

320 páginas

Compre agora e leia

Ao contrário da maioria de seus amigos, Gregory Bridgerton sempre acreditou no amor. Não podia ser diferente: seus pais se adoravam e seus sete irmãos se casaram apaixonados. Por isso, o jovem tem certeza de que também encontrará a mulher que foi feita para ele e que a reconhecerá assim que a vir. E é exatamente isso que acontece. O problema é que Hermione Watson está encantada por outro homem e não lhe dá a menor atenção. Para sorte de Gregory, porém, Lucinda Abernathy considera o pretendente da melhor amiga um péssimo partido e se oferece para ajudar o romântico Bridgerton a conquistá-la. Mas tudo começa a mudar quando quem se apaixona por ele é Lucy, que já foi prometida pelo tio a um homem que mal conhece. Agora, será que Gregory perceberá a tempo que ela, com seu humor inteligente e seu sorriso luminoso, é a mulher ideal para ele? A caminho do altar, oitavo livro da série Os Bridgertons, é uma história sobre encontros, desencontros e esperança no amor. De forma leve e revigorante, Julia Quinn nos mostra que tudo o que imaginamos sobre paixão à primeira vista é verdade – só precisamos saber onde buscá-la.

Compre agora e leia


LISA
KLEYPAS
MANHÃ DE
NÚPCIAS
Os Hathaways 4
ARQUEIRO

Manhã de Núpcias

Kleypas, Lisa
9788580412901
272 páginas

Compre agora e leia

"O estilo natural de Lisa Kleypas cria mais um apimentado romance de época, instigante do início ao fim." – Publishers Weekly Quando herdou o título de lorde Ramsay, Leo Hathaway e sua família passavam por um dos momentos mais difíceis de sua vida. Mas agora as coisas vão bem. Três de suas quatro irmãs já estão casadas, uma preocupação que Leo nunca teve consigo mesmo. Solteiro inveterado, ele tem uma certeza na vida: nunca se casará. Mas então a família recebe uma carta que pode pôr tudo isso em risco: se Leo não arrumar uma esposa e gerar um herdeiro dentro de um ano, ele perderá o título e a propriedade onde todos vivem. Solteira e sem pretendentes, a governanta Catherine Marks talvez seja a única salvação da família que a acolheu com tanto carinho. O único problema é que Leo não compartilha do mesmo afeto que suas irmãs têm pela moça. Para ele, Catherine é uma megerazinha cheia de opinião que fala demais. Apesar de irritá-lo e quase o levar à loucura, ela é a primeira – e única – mulher com quem ele considera se casar. Catherine, por sua vez, tem uma opinião igualmente negativa a respeito do patrão. Além disso, ela esconde alguns segredos do passado e um deles pode destruir a vida que tão cuidadosamente construiu para si. Agora Leo e Catherine precisam um do outro, mas para vencer as dificuldades e consertar as coisas eles terão que superar as turras e as diferenças, num romance intenso e sensual que só Lisa Kleypas poderia ter escrito.

Compre agora e leia